



Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social



ROZIANE DA SILVA JORDÃO

PLEZI, MWEN SE AYISYEN:

**Trajetórias de migração qualificada, Projetos Artísticos e Protagonismos
Culturais de Haitianos no Brasil**



MANAUS, AMAZONAS

2022

ROZIANE DA SILVA JORDÃO

PLEZI, MWEN SE AYISYEN:

**Trajetórias de migração qualificada, Projetos Artísticos e Protagonismos
Culturais de Haitianos no Brasil**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas como parte dos
requisitos necessários para obtenção do título de
Doutora em Antropologia Social.

Orientador: Dr. Sidney Antônio da Silva
Co-orientadora: Dra. Marília Lima Pimentel
Cotinguiba

MANAUS, AMAZONAS

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

J82p Jordão, Roziane da Silva
Plezi, mwen se ayisyen : trajetórias de migração qualificada,
projetos artísticos e protagonismos culturais de haitianos no Brasil /
Roziane da Silva Jordão . 2022
254 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sidney Antonio da Silva
Coorientadora: Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal
do Amazonas.

1. Imigração haitiana. 2. Protagonismos culturais. 3. Trajetórias de
migração qualificada. 4. Transmigração. I. Silva, Sidney Antonio da.
II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

PLEZI, MWEN SE AYISYEN:

**Trajetórias de migração qualificada, Projetos Artísticos e Protagonismos
Culturais de Haitianos no Brasil**

Roziane da Silva Jordão

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Manaus, Amazonas, 10 de março de 2022.

Aprovada por:



Dr. Sidney Antônio da Silva
Orientador e Presidente da Banca de Defesa

Dr. Sandro Martins de Almeida
Santos PPGAS-UFAM

Dr. Geraldo Castro Cotinguiba
Membro avaliador externo / IFRO

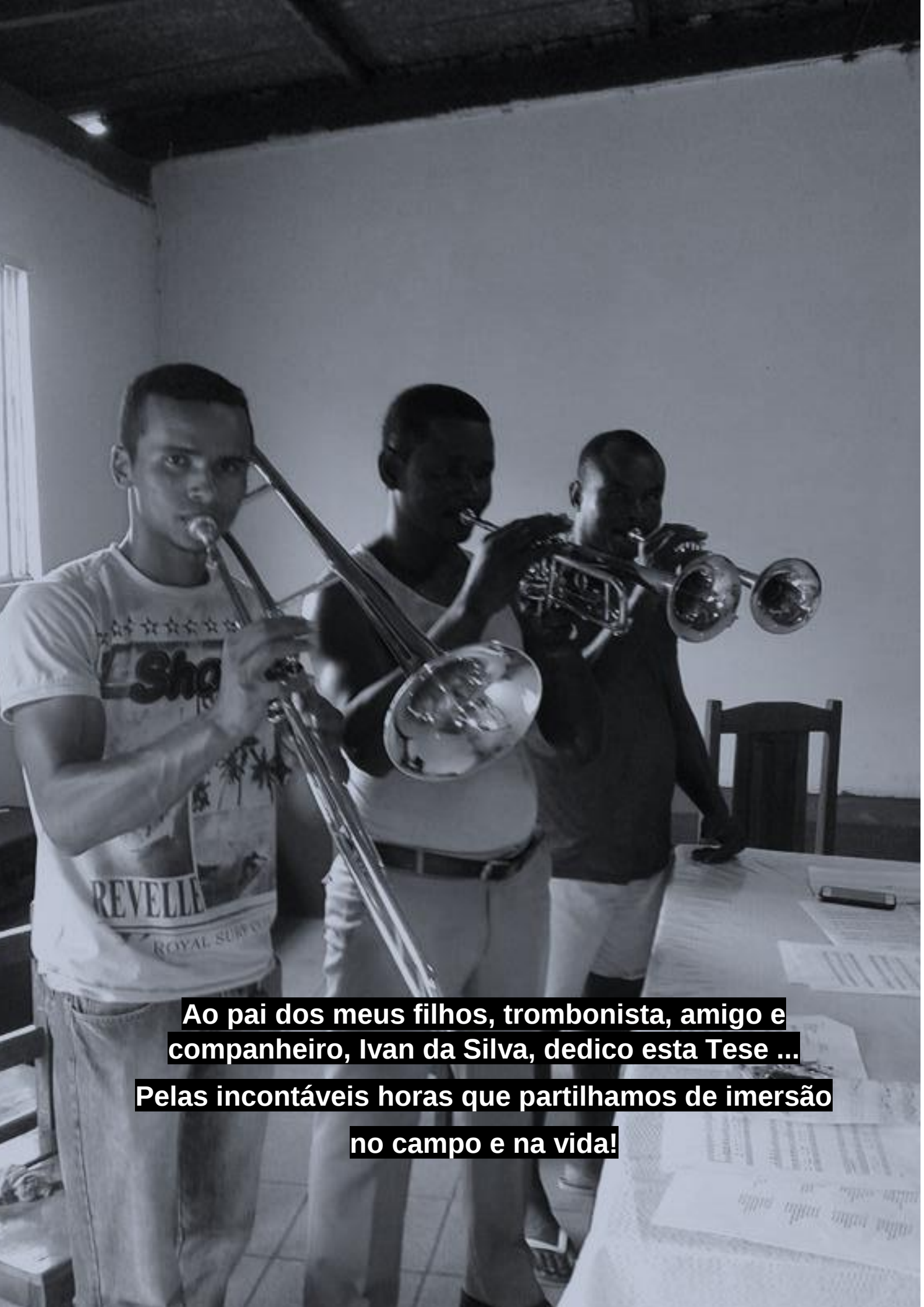
Dra. Deise Lucy Oliveira Montardo
PPGAS- UFAM

Dr. Handerson Joseph
Membro avaliador externo/ UFRGS

Proclamados os resultados, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu Flávia Melo da Cunha, Coordenadora do PPGAS/UFAM, lavrei a ata de defesa, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. **Os membros da banca examinadora, que foi realizada por videoconferência, autorizam o/a presidente, Sidney Antonio da Silva, a assinar em seus nomes.**



Prof.^a Dr.^a Flávia Melo da Cunha
Coordenadora PPGAS/UFAM
Portaria GR 577/2021



**Ao pai dos meus filhos, trombonista, amigo e
companheiro, Ivan da Silva, dedico esta Tese ...**

**Pelas incontáveis horas que partilhamos de imersão
no campo e na vida!**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES por financiar esta pesquisa a partir da Bolsa de Demanda Social a mim concedida, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, ao meu orientador Sidney Antônio da Silva e a minha co-orientadora Marília Lima Pimentel Cotinguiba por acreditarem no meu projeto de Tese. Além de agradecer aos membros da banca examinadora, agradeço também a cada um dos interlocutores haitianos desta Tese, sem eles, este estudo não existiria. Além do que, agradeço à Mélanie Montinard e ao Charlot Jn Charles pela parceria e pela disponibilidade em traduzir o resumo desta Tese para a língua francesa e para o *Kréyol*.

Ser grata, além de uma virtude, é também saber reconhecer privilégios, favores, apoio, ajuda recebida tanto material e física quanto moral, emocional e espiritual. Agradeço a todos quantos contribuíram para que eu chegasse até aqui. Eu consegui escrever uma Tese! É incrível.... Para quem veio de onde¹ eu vim, parece mentira.

Agradeço a Deus, porque, desde que nasci, Ele me foi apresentado como o amparo preciso e infalível para as horas incertas. Durante a escritura deste trabalho, no meio de uma pandemia mundial de vírus mortal, o mundo literalmente sendo dizimado e eu escrevendo, escrevendo sem parar, para não perder os prazos. Precisei incontáveis vezes me sentir amparada e foi a fé inabalável em dias melhores que me manteve de pé para viver este momento, o momento de ver minha Tese sendo aprovada. Estou tão feliz! Nenhum advérbio de intensidade existente na língua portuguesa é capaz de traduzir como me sinto ao concluir esse ciclo.

Agradeço aos meus pais pelos sacrifícios que fizeram para que eu continuasse na escola, mesmo quando já estava grandinha e poderia parar os estudos para ajudar com o trabalho cotidiano que mantinha as despesas da casa. “Estude, minha menina, estude por você e pelas suas avós que nunca tiveram a oportunidade de sentar num banco de escola”.

¹¹ Estudante de escola pública desde a pré-escola até o doutorado, preta, pobre e mãe de dois filhos; ribeirinha, filha de um casal de agricultores. Quase todos os marcadores sociais da diferença e da exclusão pesavam sobre minha trajetória. Estou aqui. Foi difícil, mas não foi impossível.

Vó Tininha (*in Memorian*), sua neta é doutora! Valeu cada pé de arroz que a sra. plantou para criar meu pai, cada roupa suja que a sra. lavou às margens dos igarapés da Bahia, do Mato Grosso e de Rondônia. Vó Elena (*in Memorian*), a Sra. assinava com muita dificuldade o próprio nome... Minha querida, sua neta hoje acabou de escrever uma Tese de Doutorado!

Agradeço a cada um dos meus familiares e amigos que me apoiaram durante a passagem pelo doutorado. Estive literalmente no fundo do poço durante esse período (meu companheiro cava poço Amazônia nas horas vagas para complementar a renda familiar) e foi no fundo do poço, junto com ele, que aprendi a adquirir resiliência e força para resistir, para sobreviver.

E por falar entre parênteses em companheiro, agradeço ao meu amado esposo, Ivan da Silva, por todo o apoio recebido durante a realização desta pesquisa, pelas incontáveis vezes que dirigiu por mim nas ruas movimentadas da Grande Manaus para me levar até meus interlocutores, pelas mamadeiras e fraldas que preparou e trocou por nossos bebezinhos enquanto eu estive envolvida com trajetórias de migração; é por essas e tantas outras ações de companheirismo e amor que esta Tese foi a ele dedicada.

Enfim, sou grata a todos os meus professores e professoras da educação básica ao nível superior de ensino, pelos ensinamentos compartilhados e pelos exemplos dados. Não mencionarei nomes para não correr o risco de esquecer algum deles, uma vez que todos foram igualmente necessários e importantes para minha formação intelectual.

Imagem 1: Álbum Alix Georges -Musicamente, Vol. 1



Fonte: imagem de divulgação artística.

Ayisyen kite Lakay é o título de uma das músicas de Alix Georges. A letra original foi escrita em crioulo haitiano, língua materna do músico, cantor e compositor. E, posteriormente, foi traduzida para o português pelo próprio artista. Por estar diretamente relacionada com as ideias desenvolvidas nesta tese e por se tratar de uma expressiva canção, escolhi-a como epígrafe.

“AYISYEN KITE LAKAY”²

Ayisyen kite Lakay/ Pou yal chache travay/ Yal nan nenpòt peyi Pou yal chache lavi/ Ayisyen kite Lakay/ Pou yal chache travay/ Yo rive o Brezil pou yal chache lavi/ Se gason ak fanm vanyan/ De 15 a 60 ans / Ki chaje konesans/ ki chaje ak talan / Genyen ki enhenyè, gen nan yo ki doktè/ Genyen ki enfimyè , Genyen k analfabèt/ Ooohhh Peyi a fin ale.../ Genyen ki vin etidye, epi you tou rete Paske as yap cheche se yon avni asire/ Gen nan yo , menm jan avém ta vie tounem pou chanje lakay/ Genyen m pa ka tounem paske lakay pa ofri anyen /Ooohhh Peyi a fin ale.../ Gen nan yo ki fristre yo desepsyone yo di yo pat konnem se konsa Brezil te ye/ Gen nan yo ki santi rèv yo reyalize Paske rèv yo se te viv nan peyi etranje/ Ooohhh Peyi a fin ale....

Ayisyen kite Lakay/ Pou yal chache travay/ Yal nan nenpòt peyi Pou yal chache lavi/ Ayisyen kite Lakay/ Pou yal chache travay/ Yo rive o Brezil pou yal chache lavi.

“FUGA DE CÉREBROS”³

⁴Os haitianos deixam a casa em busca de trabalho/ vão em qualquer país em busca da vida/os haitianos deixam a casa em busca de trabalho/chegaram ao Brasil em busca da vida/ são homens e mulheres de fibras/de 15 a 60 anos/cheios de conhecimento cheios de talento/ Alguns são engenheiros, alguns são doutores/ Alguns são enfermeiros, alguns são analfabetos/ Oh! O país se foi/ Alguns vieram para estudar acabaram ficando porque o que buscam é um futuro certo/ Alguns, assim como eu, gostaria de voltar para mudar o país/ não podem voltar porque o país não oferece nada/ Oh! O país se foi/alguns são frustrados, decepcionados não sabiam que o Brasil era assim/ alguns são felizes os sonhos deles são realizados porque os sonhos deles era viver em um país estrangeiro/ Oh! O país se foi...Os haitianos deixam a casa em busca de trabalho/ vão em qualquer país em busca da vida/ os haitianos deixam a casa em busca de trabalho/ chegaram ao Brasil em busca da vida.

² Link para acessar o clipe produzido pelo cantor Alix Georges, disponível em: <https://youtu.be/GfrNSqDvDKI> ou [Alix Georges Musicamente, Vol. 1](#) , acesso em 21/05/2019.

³ Aqui e nas demais ocorrências ao longo do texto (p. 27 e 44), a expressão “Fuga de cérebros” está posta apenas como título autoral da Letra escrita e traduzida pelo artista, não sendo nosso objetivo entrar nessa via de interlocução. Mais adiante, neste texto (p.44), há uma contextualização para o referido conceito.

⁴ Tradução do próprio artista. Embora as versões em Krèyol e em Português possam apresentar algumas inconcordâncias gramaticais e/ou de tradução literal, optamos por manter a tradução tal qual foi realizada pelo autor.

RESUMO

A presente Tese focaliza um perfil de transmigrantes haitianos que exercem protagonismos culturais no Brasil. Embora não delimite uma regra fixa para os tipos de protagonismos, este estudo recai, direcionado pelo próprio campo etnográfico, nas trajetórias de vida e de mobilidade de artistas plásticos, cantores, compositores, poetas e estudantes. Diante disso, objetivamos analisar trajetórias de imigrantes haitianos que se fazem representar como artistas ou que exercem protagonismos culturais no Brasil, sendo também nossos objetivos, mais específicos, dialogar sobre a criação artístico-cultural desses imigrantes, bem como verificar os desafios enfrentados nas ações de protagonismos culturais durante o processo de inserção desses imigrantes nos mais variados espaços sociais brasileiros; e embora não tenha sido cogitado como objetivo específico na elaboração do projeto de Tese, a inserção no mercado de trabalho vem à tona na medida em que nossos interlocutores imigrantes apresentam as narrativas sobre suas trajetórias. Para tanto, empreendemos uma etnografia interpretativa e utilizamos como método adicional, entre outras modalidades, a coleta de dados no ciberespaço. Teoricamente, trabalhamos nossos dados na perspectiva da transmigração (SCHILLER; BASCH & BLANC, 2019); importamos a noção de trajetórias de Bourdieu (2006) em diálogo com as teorias que consideram também a agentividade do indivíduo migrante (MA MUNG, 2009) mesmo estando esse imigrante condicionado às macroestruturas políticas (SAYAD, 2000); entre outras teorias, tais como o pós-colonialismo (BHABHA, 1998). Nossos principais resultados dão conta de que a imigração haitiana para o Brasil é heterogênea e multifacetada, no sentido de que abrange variados perfis que integra um processo mais amplo da mobilidade de haitianos e haitianas para os diversos países do mundo e; a partir das trajetórias acessadas em campo, damos conta de que os próprios haitianos criam e dão manutenção às redes de integração e solidariedade que poderão ser acessadas por eles mesmos para maximizar ganhos e diminuir as perdas durante o processo; bem como, enfatizamos que as projeções individuais dos nossos interlocutores repercutem como resultados coletivos.

Palavras-chave: Imigração haitiana. Transmigração. Protagonismos Culturais.

REZIME

Tèz sa a konsantre sou pwofil transmigran ayisyen yo ki jwe wòl protagonis kiltirèl nan peyi Brezil. Men li pa defini yon règ fiks pou tout tip protagonis yo, travay sa a se yon etid etnografik, ki relate pakou lavi e mobilite atis plastik, chantè, konpozitè, powèt ak etidyan ayisyen yo. Nan sans sa a, objektif nou se analize pakou imigran ayisyen yo ki reprezante kòm atis oubyen ki jwe wòl protagonis kiltirèl nan peyi Brezil, nan fason sa a, nou genyen kòm objektif patikilye, dyaloge sou kreyasyon artistik kiltirèl de imigran sa yo, epi tou verifye defi yo rankontre nan pwosesis entegrasyon yo nan diferan espas sosyal brezilyen yo kòm protagonis kiltirèl ayisyen; menm si nan elaborasyon projè Tèz la, entegrasyon nan mache travay brezilyen an pat prezan kòm objektif espesifik, men entegrasyon nan mache travay la vini sèlman parèt pandan ke entèlokitè imigran yo prezante nan dyalog yo sou pakou yo. Pou rezon sa, nou itilize etnografi entèpretatif, e nou itilize kòm metòd adisyonèl, ant lòt modalite, kolekte done nan espas kominikasyon an. Terorikman, nou trete done nou yo nan pèspektif transmigrasyon (SCHILLER; BASCH & BLANC, 2019); se enpòtan pou nou pakou selon Bourdieu (2006) nan dyalog ak terori ki considere tou kapasite ke imigran genyen pou deside sou lavi li (MA MUNG, 2009) menmsi imigrante sa a delimite parapò a macroestrikti politik yo (SAYAD, 2000); pami lòt terori, tankou pòs-kolonyalis (BHABHA, 1998). Prensipal rezilta nou yo montre ke imigrasyon ayisyèn nan peyi Brezil se yon imigrasyon eterojèn e ki gen plizyè aspè, nan sans sa a, li gen ladan li plizyè pwofil ki enteraji nan yon sèk pi laj nan mobilite ayisyen ak ayisyèn nan plizyè peyi nan mond lan e; a pati de enfòmasyon nou jwenn pandan rechèch la, nou rive konprann ke ayiyen yo kreye e bay sipò ak rezo de entegrasyon ak solidarite ki kapab ede yo jwenn enfòmasyon pou yo fè siksè ak diminye pèt (pwoblèm) diran pwosesis la, konsa tou, nou mete aksan ke projeksyon endividyèl de chak moun ajè sou rezilta kolektif yo.

Mo kle: Imigrasyon ayisyèn. Transmigrasyon. Protagonis Kiltirèl yo.

RÉSUMÉ

La présente thèse s'attarde sur le profil des transmigrants haïtiens qui exercent des protagonismes culturels au Brésil. Bien qu'elle ne délimite pas une règle fixe pour les types de protagonismes, cette étude s'intéresse, à partir du propre terrain ethnographique lui-même, aux trajectoires de vie et de mobilité des artistes plasticiens, chanteurs, compositeurs, poètes et étudiants. Ainsi, nous prétendons analyser les trajectoires des immigrants haïtiens qui se présentent comme artistes ou qui jouent un rôle de protagoniste culturel au Brésil. Quant à nos objectifs plus spécifiques, nous proposons une discussion non seulement autour de la création artistique et culturelle de ces immigrants, mais également autour des défis rencontrés dans les actions de protagonismes culturels au cours du processus d'insertion de ces immigrants au sein de divers espaces sociaux brésiliens. Bien qu'elle n'ait pas été considérée initialement comme un objectif spécifique dans la préparation du projet de thèse, l'insertion sur le marché du travail est mise en avant dans la mesure où nos interlocuteurs immigrants présentent les récits de leurs trajectoires. À cette fin, nous avons entrepris une ethnographie interprétative et utilisons comme méthode complémentaire, entre autres modalités, la collecte de données sur internet. Sur le plan théorique, nous proposons un travail de nos données dans la perspective de la transmigration (SCHILLER ; BASCH & BLANC, 2019) et reprenons la notion de trajectoires selon Bourdieu (2006) en dialogue avec des théories qui considèrent également l'agentivité de l'individu migrant (MA MUNG, 2009) même si cet immigrant est conditionné à des macro-structures politiques (SAYAD, 2000), parmi d'autres théories, comme le postcolonialisme (BHABHA, 1998). Nos principaux résultats montrent que l'immigration haïtienne au Brésil est hétérogène et multiforme, en ce sens qu'elle englobe divers profils qui intègrent un cycle plus large de mobilité des Haïtiennes et des Haïtiens vers divers pays du monde entier. À partir des trajectoires recueillies sur le terrain, nous nous rendons compte que les Haïtiens eux-mêmes créent et alimentent des réseaux d'intégration et de solidarité auxquels ils peuvent accéder pour maximiser les gains et réduire les pertes au cours du processus. Ainsi, nous soulignons que les projections individuelles de nos interlocuteurs ont des répercussions en tant que résultats collectifs.

Mots-clés: Immigration haïtienne. Transmigration. Protagonismes culturels.

ABSTRACT

This Thesis focuses on a profile of Haitian transmigrants who play cultural roles in Brazil. Although it does not define a fixed rule for the types of protagonists, this study falls, guided by the ethnographic field itself, in the life and mobility trajectories of plastic artists, singers, composers, poets and students. Therefore, we aim to analyze the trajectories of Haitian immigrants who are represented as artists or who exercise cultural prominence in Brazil. Our more specific objectives are also to dialogue about the artistic-cultural creation of these immigrants, as well as to verify the challenges faced in the actions of cultural protagonisms during the process of insertion of these immigrants in the most varied Brazilian social spaces; and although it was not considered as a specific objective in the elaboration of the thesis project, the insertion in the labor market comes to light as our immigrant interlocutors present the narratives about their trajectories. For that, we undertook an interpretive ethnography and used as an additional method, among other modalities, data collection in cyberspace. Theoretically, we worked with our data from the perspective of transmigration (SCHILLER; BASCH & BLANC, 2019); we import the notion of trajectories by Bourdieu (2006) in dialogue with theories that also consider the agentivity of the migrant individual (MA MUNG, 2009) even though this immigrant is conditioned to political macrostructures (SAYAD, 2000); among other theories, such as post-colonialism (BHABHA, 1998). Our main results show that Haitian immigration to Brazil is heterogeneous and multifaceted, in the sense that it encompasses different profiles that integrate a broader process of mobility of Haitians and Haitians to different countries in the world and; based on the trajectories accessed in the field, we realize that the Haitians themselves create and maintain networks of integration and solidarity that can be accessed by themselves to maximize gains and reduce losses during the process; as well as, we emphasize that the individual projections of our interlocutors have repercussions as collective results.

Keywords: Haitian immigration. Transmigration. Cultural Protagonisms.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Álbum Alix Georges -Musicamente, Vol. 1	27
Imagem 2 : Primeiros encontros etnográficos	47
Imagem 3: Pinturas autorais inspiradas nos interlocutores que encontrei em campo	48
Imagem 4: Foto da página com excerto da partitura de La Dessaliniènne	50
Imagem 5: Execução sinfônica e canto do Hino Nacional Haitiano	51
Imagem 6: Releituras de telas do artista plástico Dady Simon. Tinta guache sob papel	52
Imagem 7: Pintura autoral inspirada nos interlocutores.	53
Imagem 8: Compotas de Confiture	54
Imagem 9: Foto com a autora desta Tese e quatro interlocutoras da pesquisa.	58
Imagem 10: Anúncio de divulgação da bebida haitiana Kremas	59
Imagem 11: verso de fotografia impressa com dedicatória de Adner Saint.....	61
Imagem 12: Encontro com os músicos haitianos Roger Gustelia e Lavaud Gustelia	71
Imagem 13: Principais resultados obtidos na ferramenta de pesquisa do Facebook	74
Imagem 14: Excertos dos diálogos com alguns dos interlocutores.....	75
Imagem 15: Felder recebendo prêmio internacional Iberoamericano.	78
Imagem 16: Felder recebendo prêmio internacional Iberoamericanoll.	79
Imagem 17: Foto da capa do Livro Haiti por si	81
Imagem 18: Foto de Marc Donald Jean Baptiste apresentando trabalho científico	86
Imagem 19: resumo do currículo Lattes informado pela autora Nadege Jacques.	87
Imagem 20: Franck Seguy concedendo entrevista.....	88
Imagem 21: Charlot Jn Charles	90
Imagem 22: Foto de identificação e resumo do currículo Lattes de Renel Prospere	91
Imagem 23: Handerson Joseph participando como membro avaliador convidado	92
Imagem 24: Eu e Gaspar Octeus, em 2016, participando juntos numa amostra científica... ..	94
Imagem 25: localização do Haiti no globo terrestre	95
Imagem 26: Foto de obra de arte. Óleo sobre tela, autoria do artista plástico Dady Simon.....	104
Imagem 27: Exposição de tambores no museu do Bureau.....	107
Imagem 28: Comentário feito por Diegrand, direcionado a responder minha dúvida	112
Imagem 29: Johnny Le Majeste, o autor do poema “Ayibobo”	114
Imagem 30: Comentário do internauta imigrante haitiano	117
Imagem 31: Capa do Grupo Público “Artistas Haitianos no Brasil”	132
Imagem 32: das Informações sobre o Grupo Público “Artistas Haitianos no Brasil”	132
Imagem 33: Página virtual “Dady Simon- Artista Haitiano”	134
Imagem 34: Página virtual “Eli Alceo Artista Plástico”	135
Imagem 35: Haitianos comunicando sobre os precedentes históricos da Bandeira Haitiana. No plano de fundo, obras de um artista plástico haitiano	138

Imagem 36: página inicial de divulgação e campanha política contendo informações sobre o candidato a vereador de Porto Alegre, Alix Georges	165
Imagem 37: Texto informado pela autora no Currículo Lattes de Rebecca Bernard	169
Imagem 38: Registro da participação de Rebecca Bernard no seminário Brasil e Haiti	170
Imagem 39: “Os Pensadores Haitianos em Porto Velho. Clube dos Correios. Em Porto Velho RO”	174
Imagem 40: “Haïti, a querida mãe do caribe, espera a chegada de uma nova geração! ”..	176
Imagem 41: Arte de divulgação do Projeto “Village Marie”	177
Imagem 42: Dedicatória manuscrita do Livro de Jac-Ssnone Alerte para Roziane Jordão	180
Imagem 43: Primeira casa do Village Marie. O antes e depois	185
Imagem 44: Garçon Behman. “Estou aqui e vou ficar”	187
Imagem 45: A autora em seu escritório num momento de escrita antropológica. No plano de fundo, canto superior direito, recortes e colagens autorais inspiradas nas obras do artista plástico haitiano Dady Simon	217
Imagem 46: Receita do confiture.	221
Imagem 47: Partilha de confiture com o Dr. Handerson Joseph	222
Imagem 48: O Tchaka haitiano	227

ÍNDICE DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

Tabela 1: “A Cronologia histórica do Haiti”	97
Tabela 2: “Fases marcantes da migração haitiana”	101
Tabela 3: Preparando Pikliz	220
Tabela 4: Bannan pèze ou bannan fri, em dez passos.....	223
Tabela 5: Kremas.....	225
Gráfico 1: Procedimentos adotados para coleta de dados no ciberespaço.....	76
Gráfico 2: Dados sobre ocorrência de discriminação racial.....	150
Quadro 1: comparativo de tradução literal do crioulo haitiano para o português	45
Quadro 2: Princípios da Etnografia Virtual (EV)	69
Quadro 3: Dados sobre ocorrência de discriminação racial.....	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
SEÇÃO 1:	43
FRONTEIRAS ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO CAMPO COM OS IMIGRANTES HAITIANOS	43
1.1 <i>INSIGHTS</i> E HIPÓTESES DESTA ETNOGRAFIA.....	44
1.2 CAMPO ETNOGRÁFICO: ENTRE PARTITURAS, PANELAS E PINCÉIS.....	47
1.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ANTROPOLÓGICOS PARA A ETNOGRAFIA .	62
1.3.1 O ciberespaço como rota possível	65
1.3.2 Procedimentos práticos metodológicos	73
SEÇÃO 2:	81
<i>AYITI NAN PEYI ISIT/ O HAITI ESTÁ AQUI</i>	81
2.1 HAITI POR SI: SEMINÁRIO INTELECTUAL HAITIANO NO BRASIL	83
2.1.1 <i>AYISYEN KITE LAKAY</i> : Haiti, país de emigração	95
2.2 O HAITI DOS HAITIS	104
SEÇÃO 3:	121
BONJOU, PLEZI, MWEN SE AYISYEN!.....	121
3.1 ALGUNS PONTOS TEÓRICOS SOBRE A IDEIA DE TRAJETÓRIAS	122
3.1.1 Trajetos e trajetórias	128
3.2 MAPEAMENTO DOS PERCURSOS MIGRATÓRIOS A PARTIR DA IDEIA DE TRAJETÓRIAS	140
3.3 PROTAGONISMOS ARTÍSTICOS CULTURAIS COMO INSERÇÃO SOCIAL E PROJETO MIGRATÓRIO	147
3.3.1 “Me diz uma coisa: qual a pessoa negra, pobre e imigrante que não sofre racismo? ”	148
3.3.1.1 Interpretação teórica e analítica sobre raça e racismo	152

3.3.2 “Quando eu cheguei aqui/ pra mim falar/ pra mim ligar eu não sei pra quem”	160
3.3.3 “Eu gosto do Brasil, Brasil gosta de mim”: inserção social na música de Alix Georges.....	162
3.3.4 Relato etnográfico sobre a Trajetória de Rebecca Bernard	166
3.4 REDES DE INTEGRAÇÃO E SOCIABILIDADE PARA INSERÇÃO NO BRASIL	171
 SEÇÃO 4:	 176
“(RE)CONSTRUINDO UM SONHO”	176
5.1 ENGAJAMENTO SOCIAL E (RE)TORNO NO LIVRO AUTOBIOGRÁFICO DE JACSSONE ALERTE	179
5.2 “(NÃO) SOU DAQUI E (NEM) VIM PRA FICAR”:	187
 BRASIL, DESTINO, LAR OU PASSAGEM?	 194
CONSIDERAÇÕES FINAIS A TÍTULO DE CONCLUSÃO DA TESE	194
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 200
 APÊNDICES	 208
APÊNDICE 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	208
APÊNDICE 2: Questionário Semiestruturado para coleta de dados.....	210
APÊNDICE 3: Excertos do diário de campo.....	216
APÊNDICE 4: Receitas da culinária haitiana acessadas em campo	220
 ANEXOS.....	 228
ANEXO A:.....	228
ENTREVISTA COM ALIX GEORGES	228
Entrevista com Alix Georges.....	228
ANEXO B:.....	245
A ARTE DO RECOMEÇO.....	245
Imigrante vende quadros em Florianópolis para ajudar a família no Haiti	245
Anexo C:.....	249
HAITIANO RETOMA SONHO DE SER CANTOR E LANÇA CLIPE COM MÚSICA EM PORTUGUÊS EM JOINVILLE	249
Anexo D:.....	253
GUIPSON PIERRE NO THE VOICE BRASIL	253
HAITIANO DEIXA O PROGRAMA E REVELA QUE FINALMENTE TEVE A APROVAÇÃO DO PAI PARA CANTAR	254

INTRODUÇÃO.

A imigração internacional de haitianos para o Brasil é um tema para o qual eu estive olhando na última década (2010- 2020) e sobre o qual já escrevi um Trabalho de Conclusão de Curso⁵ de graduação, uma Dissertação de Mestrado⁶, esta Tese de Doutorado e alguns artigos.

Primeiro, começamos a ver a imigração de haitianos para o Brasil sob a ótica pós- terremoto de 2010. Depois, outras possibilidades de entendimento sobre o fenômeno surgem e inquietam. Quando estamos falando da imigração internacional haitiana, não estamos apenas em um problema da física onde toda ação gera uma reação. Embora o abalo sísmico de 2010 seja a causa de muitas consequências, dentre elas o aumento significativo de imigrantes haitianos no Brasil, ele não é o divisor de águas definitivo desse processo. Haja vista, os imigrantes que já estavam fora do Haiti mesmo antes de 2010.

Nesta Tese, estamos de acordo com Handerson Joseph (2015) para o qual os fatores mobilizadores da imigração internacional haitiana para os diversos países do mundo são diversos, quais sejam, motivações econômicas, políticas, educacionais, culturais, estratégias geográficas e, sobretudo, sociais. Assim, a grande tragédia de 2010 explorada, ao máximo possível a partir da função emotiva da linguagem, pela mídia televisiva, é apenas um dos sustentáculos do grande leque de fatores que mobilizam a imigração haitiana ao longo dos anos.

Dada a emergência da entrada, permanência e saída de pessoas de nacionalidade haitiana no Brasil na última década (2010-2020), diversos pesquisadores e pesquisadoras, com os quais dialogaremos ao longo da Tese,

⁵Trabalho sob orientação da profa. Maria da Graça Martins, intitulado “Narrativas Orais Populares dos Imigrantes Haitianos Residentes em Porto Velho: depoimentos poéticos que sobrevivem aos escombros” foi desenvolvido a partir do objetivo principal de verificar a importância histórica e cultural da preservação e transmissão dos contos populares para os imigrantes haitianos residentes em Porto Velho (JORDÃO, 2015).

⁶ O estudo mencionado realizou-se entre 2015 e 2017 e teve como objetivo principal verificar o processo de inserção social relativa de mulheres imigrantes haitianas na capital de Rondônia. Dissertação de Mestrado, sob orientação da profa. Marília Lima Pimentel Cotinguiba, intitulada “A Mulher Haitiana em Porto Velho, Rondônia: imigração e gênero (JORDÃO, 2017).

(Cotinguiba, 2014; 2018, Guimarães, 2017, Handerson, 2015; Silva, 2012; 2017, entre outros) mostraram disposição para analisar e compreender os processos imbricados ao fenômeno da imigração internacional haitiana. Os trabalhos resultantes dessas análises fornecem subsídios para a compreensão de que a imigração haitiana para o Brasil é multifacetada e integra um processo mais amplo de imigração de haitianos e haitianas para os diversos países do mundo.

Para além das pesquisas científicas, a mídia jornalística também esteve sensível aos diversos momentos da imigração haitiana para o Brasil desde 2010 até o presente. Em parte, por sua característica imediatista e em parte por filiação política discursiva dos canais de comunicação, a cobertura jornalística de acontecimentos cujos imigrantes haitianos são protagonistas é permeada de estigmas e preconceitos velados.

Os pesquisadores/as Del Vecchio de Lima; Rosendo; Ávila (2006), analisando as publicações do jornal Gazeta do Povo em Curitiba, sobre a imigração dos haitianos no primeiro semestre de 2014, perceberam que a ênfase dada pelas matérias analisadas focaliza o imigrante haitiano “muito menos como ser cultural, portador de identidade e em busca de cidadania em seus percursos de deslocamento em novos territórios, e muito mais como sujeito apenas econômico”. Essa lógica puramente economicista da imigração haitiana para o Brasil é recorrente nas matérias jornalísticas o que contribui para reforçar estigmas e estereótipos, como é o caso do mito já há muito tempo refutado e ultrapassado de que os haitianos estariam ocupando as vagas de trabalho disponíveis e, por este motivo, haveria desemprego entre os brasileiros.

Cogo (2014, p. 29) também critica os disparates discursivos veiculados sobre os imigrantes haitianos. De acordo com a autora, o tom alarmista adotado por parte da cobertura midiática evidencia “chegada massiva”, “invasão”, “descontrole por parte das autoridades” e “ilegalidade por parte dos imigrantes”. Nesse contexto, é parte integrante do imaginário coletivo o preconceito, reforçado pela mídia televisiva, do imigrante haitiano ilegal, desqualificado e sem recursos materiais básicos de sobrevivência.

Ao analisar a presença de haitianos nas fronteiras do Amazonas, Silva (2015, p.127), assim como os autores supracitados, constata esse posicionamento anti-imigrante veiculado nas mídias. De acordo com o

antropólogo, essa postura revela que “a retórica da “invasão” veiculada pela mídia local e nacional é a tentativa de se construir um estigma contra um determinado grupo de imigrantes para responsabilizá-los das mazelas já existentes na sociedade local”.

Essa figura imagética, amplamente divulgada nos canais televisivos de comunicação, e que habita no senso comum não condiz com as trajetórias de vidas que analisamos nesta Tese. Os nossos interlocutores são protagonistas de uma série de eventos de qualificação, tais como graduação e pós-graduação, práticas artísticas e ações culturais.

Ao elaborar uma etnografia sobre invisibilidades e protagonismos de imigrantes no Brasil, Zelaya (2017), verifica que nos eventos de discussão da sociedade civil, audiências para elaboração de políticas públicas, comitês, congressos, entre outros, é central a construção dos imigrantes haitianos e senegaleses como vítimas, tanto da pobreza como das catástrofes geográficas. Nos eventos analisados pela autora, os imigrantes para serem reconhecidos como merecedores de atenção da rede de serviços públicos eram construídos/ percebidos como “vítimas”.

Se por um lado, a categoria “imigrante” assumia diferentes significados para as pessoas envolvidas naqueles atos, por outro lado, no contexto das demandas por regularização de documentação e outros direitos de cidadania, a associação com a noção de vítima era mais que frequente. Nesse sentido, o que me chamou a atenção foi que, diferentemente de outros contextos no qual o imigrante era valorizado em função do aporte que representava para o desenvolvimento do país, naqueles cenários, o reconhecimento como imigrante era alcançado em base na demonstração de algum tipo de sofrimento (ZELAYA, 2017, p. 115).

Zelaya (2017) reconhece que, mesmo tratando e percebendo o imigrante como “vítima”, a sociedade civil impulsiona o Estado para a implementação de direitos e promoção da igualdade, bem como promove uma ajuda humanitária voltada para a solidariedade como suporte de justiça social. A autora, entretanto, aprofunda em sua tese, uma linha de reflexão que entende “a articulação e o entrecruzamento da implementação de direitos com o humanitarismo contemporâneo”.

Diante desse cenário, entre os imigrantes que são vistos, tratados e percebidos como “vítimas” de diversas catástrofes e desigualdades sociais, surge o protagonismo de alguns imigrantes haitianos que, participantes de uma série de privilégios com relação aos demais e contrariando à lógica da uniformidade que os massifica, destacam-se a partir de realizações pessoais e coletivas. O destaque recebido por esses imigrantes ganha ênfase no sentido de que eles destoam da homogeneidade que está imbricada no imaginário da sociedade civil sobre a categoria “haitianos”.

Nessa mesma direção, a antropóloga Natalia Gavazzo (2016) analisando práticas artístico-culturais de jovens bolivianos e paraguaios na Argentina, percebeu que os imigrantes, ao exercerem seus protagonismos, ressignificam de forma intensa as fronteiras culturais e identitárias a partir de ações que contribuem para a promoção de mudanças significativas nas diversas formas de desigualdades dos contextos em que estão em processo de inserção.

Zelaya (2017, p. 197) chama atenção para o fato de que a condição de vulnerabilidade socioeconômica e os protagonismos dos imigrantes não são dois pólos excludentes, no sentido de que, mesmo em situação de vulnerabilidade, os imigrantes podem ser protagonistas de ações que contribuem para o sucesso de seus projetos pessoais e coletivos.

Já Silva (2017), ao analisar essa imigração haitiana, focaliza o olhar para o papel expressivo das redes de acolhimento no processo de mobilidade dos imigrantes. Levando em consideração a escassez de políticas públicas que visam o acolhimento e a inserção sociocultural dos haitianos no Brasil, o antropólogo considera a hipótese de que as redes de acolhimento, tanto as redes de acolhimento institucionalizado quanto as redes informais que são constituídas pelos próprios imigrantes (redes para as quais olhamos mais atentamente ao longo da Tese), são agentes facilitadores fundamentais nesse processo de entrada, permanência e saída dos imigrantes no país.

Os geógrafos Jesus & Goetttert (2017) também consideram que as redes de apoio, que eles optam por grafar de redes de solidariedade, são fundamentais no processo de inserção dos imigrantes haitianos no Brasil e a localização geográfica das redes podem, inclusive, funcionar como atrativo para influenciar

no destino dos imigrantes que estão chegando ao Brasil. De acordo com os autores (2017, p. 13035),

Parentes, amigos ou conhecidos que conseguem emprego, facilitam, de alguma maneira, a chegada dos demais, seja enviando dinheiro, informações ou dividindo o aluguel na cidade de destino. Este fato nos ajuda a compreender que a escolha do local de destino nem sempre se dá estritamente por fatores econômicos, mas também pelo papel das redes de relações sociais que são tecidas no processo migratório. Às vezes, um local pode não oferecer os melhores salários ou oportunidades de emprego mais abundantes, mas a rede de solidariedade pode funcionar como um ponto mais atrativo a favor da permanência do migrante.

Outro dado importante levantado por Silva (2017) é a constatação de que 43%, dentre os 279 haitianos e haitianas entrevistados em 2015, disseram ter utilizado seus próprios recursos para viabilizar a vinda para o Brasil e outros 44% receberam ajuda da rede familiar para custear as despesas de deslocamento. Essas informações, levantadas na tentativa de esboçar um perfil de imigração haitiana, permitem constatar que estamos diante de trajetórias migratórias de pessoas que seja por recursos próprios ou via rede de apoio familiar, custearam suas próprias despesas de deslocamento, mesmo que para isso fosse preciso apostar todas as suas economias.

Nesse contexto, estamos diante de um duplo nível de percepção sobre os deslocamentos haitianos, a saber o nível econômico e o familiar que são duas dimensões de grande relevância para os estudos migratórios. Evidenciamos ainda um dos principais argumentos desta Tese, qual seja, os agenciamentos e protagonismos dos imigrantes em suas trajetórias. Nessa via de interlocução, é plausível pôr em xeque o mito preconceituoso de que são apenas os haitianos mais pobres que viajam para fugir da pobreza do país natal. Nesta Tese, nossos resultados apontam para o entendimento de que os imigrantes do Haiti são pessoas que já faziam parte de redes migratórias, via âmbito familiar, ou tiveram acesso a elas a partir de recursos econômicos para mobilizá-las.

Outros dados adicionais, coletados em campo por ocasião da elaboração desta Tese, revelam os nossos interlocutores como pessoas que trazem na bagagem não apenas as memórias dos infortúnios oriundos das catástrofes sofridas no Haiti, mas também, além dos objetivos e dos sonhos, conhecimentos

técnicos, habilidades artísticas, projetos culturais e potencialidades. Magalhães (2017, pp. 20-21), chama atenção para o fato de que

Milhares de haitianos, desde 2010, têm migrado a nosso país – e nos feito ver o que a história teimava em ocultar. Eles desossam, temperam e embalam a carne que comemos. Constroem os prédios em que habitamos e trabalhamos. Organizam nas prateleiras as mercadorias que compramos. Perfilam os trilhos dos trens e metrô em que andamos. Limpam nossas cidades. (...) E, sobretudo, sofrem nosso silêncio; **sofrem nossa incapacidade de vê-los tal como são: não apenas médicos, engenheiros, enfermeiros, professores, mas, sobretudo, seres humanos com uma história que os torna únicos. A cifra que queria apenas braços recebe também cultura, arte e resistência** (grifo nosso).

Para Magalhães (2017, p. 34), “tais sujeitos sociais, ao migrarem, também formam por seu turno uma modalidade específica de migração internacional (...) a migração qualificada”. Entre outras coisas, nos processos de inserção laboral dos haitianos no Brasil, o mercado de trabalho cujos imigrantes acessam não condiz com suas respectivas qualificações profissionais. Nesse sentido, o autor (p.84) abstrai que “a imigração, mais que reduzir, eleva a divisão social do trabalho e, por consequência, a produtividade do trabalho”. De acordo com o demógrafo, “como o migrante em si já é, frequentemente, invisibilizado, invisibilizado é também seu efeito sobre a expansão da atividade econômica na sociedade de destino”.

Embora, pela grande quantidade de material disponível, seja inexequível o diálogo com a totalidade do aporte precursor de trabalhos já realizados sobre imigração haitiana no Brasil, esta Tese nasce a partir de uma relação que se pretende dialógica com as pesquisas supracitadas e outras tantas com as quais mantemos aproximação e distanciamento ao longo do texto.

Nesse ínterim, o presente trabalho focaliza o estudo da mobilidade haitiana a partir das trajetórias e protagonismos artístico-culturais dos imigrantes haitianos que residem ou residiam no Brasil quando tivemos contato e que se fazem representar, entre outras coisas, como artistas e/ou intelectuais. Não estamos interessados em um recorte temporal fixo e engessado, assim como não delimitamos estados e regiões do Brasil para realizar a pesquisa. Partindo da Amazônia (que é onde estamos localizados), fomos mobilizando nossas redes sociais e de pesquisa a fim de encontrar os perfis de nosso interesse. Isso

porque percebemos que esses imigrantes que exercem protagonismos culturais não podem ser delimitados geograficamente, estão em busca de realizações pessoais que reflitam no coletivo e constantemente buscam formas de invenção e reinvenção de suas trajetórias no tempo e no espaço.

Luisa Farah Schwartzman & Simon Schwartzman (2015) no artigo *Migrations des personnes hautement qualifiées au Brésil. De l'isolement à l'insertion internationale?*, que tem se tornado referência para os estudos de migração qualificado no/para o Brasil, propõem reflexões sobre até que ponto os migrantes qualificados ou em processo de qualificação podem estar contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país, tanto o desenvolvimento por meio do envio de remessas e por meio da participação no Brasil e em negócios estrangeiros relacionados ao mercado de trabalho internacional, como também a forma como a circulação transnacional de pessoas opera no setor de educação. É de interesse dos autores pensar sobre que papel a migração internacional - para fins educacionais e de trabalho - provavelmente terá no desenvolvimento econômico e social brasileiro, bem como apresentam algumas considerações sobre diferentes políticas que poderiam ser implementadas para que o fenômeno fosse melhor gerenciado social e politicamente (SCHWARTZMAN, SCHWARTZMAN, 2015).

Mais adiante, neste texto (ver tópicos 2.1.1 e 3.1), voltamos a falar sobre as remessas que circulam por intermédio dos imigrantes e suas famílias. Consideramos relevante levantar aqui a observação de que as remessas mencionadas não são apenas bens e serviços econômicos, mas também remessas culturais, tais como os conhecimento e saberes adquiridos que são acionados no interior dessas redes de compartilhamento.

De acordo com os autores acima mencionados, “os formuladores de políticas e os cientistas sociais em países em desenvolvimento sempre foram preocupados com a “fuga de cérebros”⁷, ou seja, a condição em que um país perde após a formação, pessoas, que vão para o exterior em busca de melhores

⁷ Embora seja adotado pelos autores dessa citação, o conceito “Fuga de cérebros” e “circulação de cérebros” não dá conta da discussão que empreendemos aqui, conforme elucidamos mais a frente (p. 44).

oportunidades⁸". Isso, tendo em vista a suposição de que permanecendo no país após realizar suas formações superiores, os imigrantes qualificados contribuiriam para a economia de sua nação. Todavia, mais recentemente, os cientistas sociais, antropólogos e agentes do governo têm optado por tratar esse fenômeno como "circulação de cérebros", conforme se constata em Schwartzman & Schwartzman (2015, pp.3-4), abaixo citados:

At the same time, policymakers and academics have recently replaced the idea of "brain drain" with "brain circulation", arguing that international flows of talent can also bring benefits to the sending countries beyond the usual cash remittances. The quintessential example is Indian software developers, who go to Silicon Valley for many years, acquire knowledge, skills and contacts there, and create a vibrant software industry in India (especially Bangalore), which grows while maintaining its transnational connections to the industry in California. High-skilled migrants' role (both those who return, and those who stay abroad) is to serve as bridges in these networks, thanks to their mobility, their transnational social connections, and their understanding of two or more national contexts (Saxenian 2002). Like high-skilled return migrants, high-skilled foreign immigrants can put their skills to good use in the receiving country, bringing resources to invest in creating businesses linking people and companies in the host country with people and companies in their countries of origin, and sharing knowledge through formal teaching or informal means.

Estamos de acordo com o exposto no sentido de que, como mencionam Schwartzman & Schwartzman (2015), os contingentes internacionais de talentos podem trazer muitos benefícios de capital social para os países remetentes e não somente as remessas de dinheiro. Isso, se levarmos em consideração as pontes e interconexões que são realizadas pelos imigrantes qualificados ou em processo de qualificação entre os países de origem, trânsito, destino e/ou retorno, graças à mobilidade desses atores sociais.

Conforme elucidam os autores (2015, pp. 3-4), "os imigrantes estrangeiros altamente qualificados podem colocar suas habilidades para um bom uso no país receptor". Conforme já mencionamos, a partir da conexão entre "pessoas e

⁸ Tradução nossa, texto original em inglês: "Policymakers and social scientists in developing countries have often been concerned about "brain drain", that is, the condition in which a country loses its educated people, who go abroad in search for better opportunities".

empresas no país anfitrião com pessoas e empresas em seus países de origem e partilha de conhecimentos através do ensino formal ou de meios informais”.

Os dados que analisamos na última seção desta Tese exemplificam a discussão acima realizada a partir da trajetória de Jac-Ssone Alerte que, tendo realizado graduação e pós-graduação em Engenharia Social no Brasil, agora transita entre Brasil e Haiti criando pontes interlocutórias e de cooperação financeira entre os dois países para realização do seu projeto social de reconstrução da *Village Marie*.

Por outro lado, como pontuam Friedberg (2000); Iredale (2001); Parreñas (2000) e Friedberg (2000) *apud* Schwartzman & Schwartzman (2015):

This positive role of brain circulation is not the whole story. Although highly skilled immigrants often send remittances, their departure often implies a loss to the country of origin that invests in their education and cannot reap the benefits of their professional skills. Also, when skilled workers leave, they often do not work in the occupations for which they have been trained, because of social, language and professional barriers, having to work in low-paid and low skills activities. The case of Filipino high-skilled immigrant women who become domestic workers abroad illustrate this well. In this situation, they do not have access to the networks and resources in the new country they could use to connect their country of origin to global circulation of capital, knowledge and ideas. A similar analysis can be done regarding high-skilled returnees or foreigners who move to developing countries. If conditions are not there, they cannot really use their skills, connections and resources for the benefit of the receiving country. Instead, they may remain under-employed or disconnected from the local economy.

A saber, os autores pontuam que, embora altamente qualificados (em nível superior de graduação ou pós-graduação), os imigrantes, tendo estabelecido no país a que se destina, costumam enviar remessas⁹, mas, a partida desses profissionais implica uma perda para o país de onde eles vêm, pois, esse país investe em sua formação e não pode colher os frutos de sua atuação após a qualificação profissional. E não apenas isso, mas também existem os problemas relacionados às barreiras sociais, linguísticas e profissionais que agem como forças coercitivas impulsionando o imigrante para o trabalho em atividades de baixa remuneração e baixa qualificação. Desse

⁹ Conforme já pontuado anteriormente, falamos aqui de remessas tanto de dinheiro físico quanto de bens e serviços culturais e de saberes diversos.

modo, conforme mencionam os autores, os imigrantes qualificados não têm acesso às redes e recursos almejados que eles poderiam usar para conectar seu país de origem à circulação global de capital, conhecimento e ideias.

Também é pertinente pensar que a maioria dos debates sobre "circulação de cérebros" focaliza as pessoas educadas nos mercados de trabalho transnacionais, mas deixam escapar o papel que a educação, via instituições como as universidades e institutos de educação superior, tem nesse processo (SCHWARTZMAN & SCHWARTZMAN, 2015).

No nosso campo específico de análise sobre a imigração internacional haitiana percebemos que nossos interlocutores praticam uma imigração tanto qualificada (porque a maioria¹⁰ deles chegou ao Brasil portando diplomas de nível superior de ensino) quanto para qualificação, se levarmos em conta os pós-graduandos em nível de mestrado e doutorado que este estudo focaliza.

Nessa mesma via, entre nossos interlocutores há representantes da imigração de talentos artísticos que, de acordo com Solimano (2008, tradução de Domeniconi, 2021) estariam classificados como talentos nos setores culturais. O autor elenca, de modo geral, três categorias na análise da mobilidade internacional de talentos, a saber,

1. **Talento diretamente produtivo:** Inclui a mobilidade de empreendedores, de engenheiros e de outros talentos técnicos, inovadores de tecnologia e criadores de negócios. São pessoas envolvidas diretamente em atividades que levam à produção real de bens e serviços;
2. **Talento acadêmico:** Engloba a mobilidade de cientistas, de acadêmicos e de estudantes internacionais. São indivíduos que geralmente trabalham ou estudam em universidades, centros de pesquisa e centros de estudos e se dedicam à produção e/ou à aquisição de conhecimento científico e acadêmico, e
3. **Talentos nos setores sociais e culturais:** Abarca a mobilidade de médicos e de enfermeiros no setor de saúde. esse talento está envolvido diretamente na prestação de serviços sociais críticos, como saúde. por sua vez, os "trabalhadores culturais"-como escritores, pintores, músicos, etc.- estão engajados em atividades criativas artísticas e culturais, que te valor de prazer estético e desenvolvimento pessoal. São pessoas que escrevem livros, produzem filmes, pinturas, artesanato e

¹⁰ Estamos nos referindo aos dados qualitativos da nossa pesquisa, para o perfil específico de imigrantes haitianos focalizados nesta Tese. É importante constar que essa informação não corresponde, em termos mais abrangentes e quantitativos, à maioria dos imigrantes haitianos no Brasil.

outros bens culturais (SOLIMANO, 2008, p.4, tradução de DOMENICONI, 2021).

Aproveitando o ensejo desse debate sobre imigração qualificada, papel das universidades na imigração de pessoal qualificado e para qualificação, bem como a classificação de talentos diretamente produtivos, acadêmicos e talentos nos setores sociais e culturais; inserimos nossos interlocutores nessa inscrição mais teórica. Mesmo a despeito de todo racismo institucional operante, declarado ou velado, bem como das múltiplas formas de preconceitos disseminados contra os haitianos que foram constatadas nas trajetórias que analisamos, criando barreiras significativas para a inserção efetiva desses talentos culturais e acadêmicos.

Assim, numa busca ativa por imigrantes que exerciam protagonismos culturais ou outras formas de agências, tais como aqueles imigrantes que estão estudantes de graduação e pós-graduação e que realizam pesquisas e projetos sociais voltados para o Haiti, acabamos encontrando trajetórias singulares que se complementam e se conectam umas às outras através dos desafios enfrentados sob diferentes perspectivas.

Em tempo, nesta Tese as mulheres haitianas não¹¹ aparecem de forma tão expressiva tanto quanto apareceram na Dissertação que escrevi e isso não significa que absolutamente não haja mulheres haitianas artistas que exerçam papéis de protagonismos culturais e demias agenciamentos no Brasil. E, muito embora, não seja central nesta Tese a temática específica da imigração de mulheres haitianas, o diálogo com/sobre o trabalho científico de Nadege Jacques que realizamos na segunda seção, bem como os relatos etnográficos da trajetória de Rebecca Bernard constantes na seção 3, são amostras substanciais de que as mulheres haitianas também são parte do perfil de imigrantes contornados por este estudo.

Entre muitas outras coisas marcadas e direcionadas pelo próprio campo, temos consciência de que para falar com maior propriedade analítica sobre as trajetórias de mulheres haitianas em um contexto de imigração internacional do

¹¹ Uma vez que já escrevi uma Dissertação voltada para as trajetórias de mulheres imigrantes (JORDÃO, 2017), optamos por analisar nesta Tese trajetórias gerais sem focalizar o campo específico das relações sociais de gênero.

Haiti para os diversos países do mundo, precisaríamos colocar em funcionamento as teorias sobre relações sociais de gênero que é um campo bastante profícuo para as análises de trajetórias de mulheres e isso demandaria um esforço e tempo maior do que aquele que dispomos para realização do trabalho.

As mulheres cujas trajetórias de mobilidade analisamos na Dissertação são sujeitos que vêm de uma inscrição histórica e social fortemente marcada por ideologias sociais de gênero e raça. No Brasil, elas se deparam com contextos também marcados por processos sociais e ideológicos em andamento. Embora de maneira, às vezes, muito sutis, as haitianas em Porto Velho são envoltas por barreiras provocadas pela atitude das pessoas e das instituições de poder, atitudes que se configuram, seja pela não aceitação declarada, ou pela não aceitação velada nos processos seletivos de entrevistas para emprego, nas filas de espera em bancos, estabelecimentos comerciais, hospitais públicos e demais pontos de sociabilidade (JORDÃO, 2017, p. 102).

Maschio (2018, p. 43) afirma sentir “dúvidas inquietantes sobre a sub-representação das mulheres nesse universo” um tema que o autor reconhece importante, mas que excede o âmbito do trabalho que foi realizado por ele, a saber, um estudo etnomusicológico do musical de artistas imigrantes haitianos no estado do Rio Grande do Sul que incluiu trabalho netnográfico em redes sociais e de comunicação e cujo objetivo foi:

analisar na produção e atuação musical de artistas imigrantes haitianos as dimensões e fluxos transnacionais, as questões de cosmopolitismo inerentes à condição diaspórica de haitianos enquanto imigrantes negros no Brasil, a manutenção e reposicionamento de identidades socioculturais assim como tensões ligadas à religião e a processos de construção de alteridade racial (p.34).

Embora reconheça a existência de mulheres haitianas artistas no contexto da imigração internacional para o Brasil, Maschio considera ainda que, no que se refere a sua inserção na pesquisa de campo, os artistas imigrantes haitianos, como agrupação social, “trata-se de um grupo exclusivamente masculino, com idades entre os 20 e 40 anos”.

Nesse contexto que delimitamos até aqui, surge a problemática inicial a partir da qual construímos esta tese, a saber, “qual o perfil desses imigrantes

haitianos que se fazem representar como artistas no Brasil? Eles/elas alcançaram seus objetivos no que diz respeito às expectativas construídas? ”.

Para além da problemática central, outras questões surgiram adjacentes às primeiras e também serviram de inquietações para direcionar nossa atuação no campo de pesquisas, dentre essas questões, ressaltamos as seguintes, quais as possibilidades e não possibilidades de significação, para além dos dicionários, de ser um artista imigrante do Haiti no Brasil? Neste contexto, o Brasil seria um momento nas trajetórias desses imigrantes, tendo em vista uma possível volta para o Haiti? Que projetos individuais eles têm no Brasil? Como esses projetos imaginados individuais se relacionam com o interesse coletivo do Haiti?

E por falar em problemática, como se não bastassem todas as nossas inquietudes pessoais e teóricas frente ao nosso objeto de estudo, nos últimos meses do período destinado para a coleta de dados, fomos todos impactados pela pandemia mundial de Coronavírus. Diante disso, as questões se multiplicaram de tal maneira que uma pausa drástica no desenvolvimento da Tese se fez necessária. E foi nesse momento de pausa, ocasionada sobretudo pelas recomendações da OMS- Organização Mundial de Saúde- de manter o distanciamento social, que começamos a ajustar o foco das lentes para olhar nossa proposta inicial e perceber que algumas reflexões adicionais se faziam urgentes e necessárias.

Desse momento de muita reflexão e reajustes na proposta inicial, nasceram quatro textos muito importantes para o desenrolar desta Tese, a saber um artigo¹² e três capítulos¹³ de livros que publicamos sobre os impactos da

¹² JORDÃO, Roziane da Silva; SILVA, Sidney Antônio da. *Coronavírus e interdição da mobilidade em tempos de crise: impactos da Covid-19 para os projetos migratórios de haitianos no Brasil*. Cadernos de Campo (São Paulo, online) | vol.29, (suplemento), p.75-84. USP, 2020.

¹³COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; JORDÃO, Roziane da Silva; FURTADO, Maquiezia Suzane. *A pandemia da covid-19 e os desafios e perspectivas para a mobilidade de haitianos e venezuelanos em Rondônia*. In: Estudos transdisciplinares em regiões de fronteira: migração, violência e direitos humanos em tempos de pandemia/Francilene dos Santos Rodrigues... [et al.]. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2020.

_____; COTINGUIBA, Geraldo Castro; JORDÃO, Roziane da Silva. Imigrantes internacionais no estado de Rondônia e a *pandemia da covid-19*. In: impactos da Pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil. Rosana Baeninger [et al.]. – Campinas, SP: NEPO, Unicamp, 2020.

_____; COTINGUIBA, Geraldo Castro; FREIRE, Aurinete Souza Brasil; JORDÃO, Roziane da Silva. A ponte como o não-lugar de passagem para haitianos e venezuelanos: interdição da

doença Covid-19 para os projetos migratórios dos nossos interlocutores. Nesses textos, cada um com um enfoque diferenciado, porém seguindo o mesmo fio temático condutor, além de dialogar sobre a interdição da mobilidade durante a pandemia provocada pelo coronavírus, pautamos as análises nas amostras que retiramos da pesquisa cujos dados deram origem a esta Tese.

Diante disso, consideramos que houveram descontinuidades e rupturas significativas nas trajetórias migratórias individuais dos haitianos e essas descontinuidades reverberam também nos projetos coletivos. Todavia, a própria pesquisa nos indica um caminho de retomada dos projetos pelos nossos interlocutores pós-isolamento social. Esse caminho nos parece, analiticamente, o mais viável, todavia, dados os prazos para conclusão da pesquisa e defesa desta Tese, bem como a iminência dos acontecimentos e impactos gerados pela pandemia, consideramos a possibilidade de continuar pesquisando e acompanhando as publicações de outros pesquisadores sobre a temática mesmo após a defesa desta Tese para dar seguimento ao estudo em momento posterior. Haja vista que as questões suscitadas pelo pós-pandemia escapam dos limites e alcances deste estudo num recorte temporal.

Nesse ínterim, ocasionado pelas rupturas e descontinuidades que estão em curso na pandemia, a ideia da morte física assume uma nova roupagem social revestida de senso comum que beira à banalização. No sentido de que a forma massiva como as mortes ocasionadas pelo contágio por coronavírus são notificadas para os telespectadores contribui para que sejam colocadas em funcionamento diversas formações discursivas sobre a banalização dos rituais de vida e de morte.

À vista disso, e considerando ainda o quanto as trajetórias migratórias dos nossos interlocutores já foram atravessadas por momentos outros de colapso e tensão coletiva, tais como o terremoto de 2010, o Furacão *Mathew* em

2017 e, mais recentemente, o novo terremoto em 2018, objetivamos realizar uma descrição densa sobre os ritos de vida e morte haitianos a partir do mesmo olhar etnográfico antropológico que adotamos ao longo deste trabalho. As descrições dos ritos de vida e de morte da cultura haitiana constavam integralmente na Tese que foi apresentada à banca examinadora final e, por sugestões desta, optamos por separar da Tese e escrevê-las em um artigo em separado a fim de mantermos, neste texto, o foco inicial de captação e análise das trajetórias de vida e de mobilidade dos imigrantes haitianos protagonistas.

Por hora, fica aqui evidenciado que o cenário pandêmico não passou despercebido ao nosso olhar e as questões aqui abordadas são atravessadas na e pela pandemia mundial destes tempos sombrios. Assim, malgrado, não estivesse inicialmente interessada em teorizar sobre a morte, fui afetada pelo fato de estar escrevendo esta Tese em meio ao curso da maior pandemia viral deste século, a pandemia mundial de coronavírus, que já ocasionou, grosso modo, a morte de mais de dois milhões de pessoas, ao redor do mundo e meio milhão de pessoas no Brasil, desde o final de 2019 até o presente¹⁴.

A morte não parecia visível quando construímos o projeto inicial desta pesquisa e, talvez por isso, a dificuldade tenha sido maior nesse processo de amarrar o tema na tessitura das ideias que aparecem na Tese agora. Para além da pandemia, do vírus e das perdas decorrentes dele, a morte está presente nas chamadas causas naturais, acidentes de trânsito e outras, conforme pontua Roque (2020), na Dissertação intitulada *A morte e seus trânsitos*, numa análise sobre as várias formas como a morte é percebida no seio de cada cultura.

De antemão, registro também o fato aterrorizante de conviver em campo com notícias chocantes sobre a morte impulsionada pelo discurso de ódio contra os haitianos no Brasil. Essa problemática não é essencial frente ao nosso objeto de análise, mas se tornou parte dele quando, no dia 14 de agosto de 2020, o corpo de um dos meus interlocutores, o engenheiro civil Guerlinx Doriscard, de

¹⁴ Chamamos atenção para o fato de que os dados sobre o número de óbitos mencionados neste parágrafo são meramente ilustrativos do momento em que eu escrevia este tópico (aproximadamente em janeiro de 2021). Desde então, o cenário apresenta constantes atualizações, numa velocidade que escapa aos domínios de uma compreensão saudável. No sentido de que prefiro não tomar proximidade frequente com a atualização do quantitativo de mortos dizimados pelo coronavírus a fim de preservar o resto de sanidade de que disponho para finalizar esta Tese.

29 anos, foi encontrado queimado próximo a uma horta na região de Americana (SP), onde ele residia. Muitas outras mortes similares a essa, já ocorreram no Brasil e faz parte do grande volume de inquéritos e averiguações policiais.

Guerlinx Doriscard era meu interlocutor desde 2019, tínhamos conseguido mapear vários pontos importantes da trajetória dele, foi protagonista de uma série de eventos de superação e resiliência, dentre outras coisas, antes de se formar em engenharia civil, ele vendia água nos semáforos para arrecadar dinheiro e se manter na faculdade, enfim. Vê-lo estampado nas notícias, tão brutalmente assassinado, é uma das questões mais fortes que me afetou no campo. Depois do acontecimento, comecei a manter os olhos abertos para notícias como essa e vi que, infeliz e lamentavelmente, não são raras, ocorrem com certa frequência.

Nitidamente, não temos o objetivo de aprofundar as questões em torno da morte na perspectiva da cultura haitiana, para tanto precisaríamos de uma tese inteira, a ideia de morte, aqui eufemizada pela expressão trajetória interrompida, ganha, sob esse aspecto, um olhar antropológico que tem a pretensão analítica de ver qual é a sua importância no contexto cultural haitiano, incluindo a celebração e a passagem como rituais sacros.

Somos forçados ao costume de ver retratados corpos negros haitianos, registrados em momentos aleatórios de caos, tais como o terremoto de 2010, o Furacão Mathew em 2017, o novo terremoto em 2018 e até mesmo as próprias reportagens sobre a morte do meu interlocutor Guerlinx Doriscard.

Nesse ínterim, o luto haitiano chega até o Brasil amontoado na televisão como se os corpos fossem desprovidos de sua socialidade e, sobretudo, de sua humanidade, sem cultura e sem história, por assim dizer. Aparentemente, os rituais que descrevo de forma densa (com a ajuda do meu interlocutor Charlot Jn Charles), no artigo anteriormente mencionado, não têm qualquer relação com as mortes haitianas noticiadas na televisão e nos blogs brasileiros. Como é possível desvincular um sujeito de sua própria cultura? Ambos, mortes haitianas noticiadas pela mídia televisiva e rituais sacros culturais haitianos, parecem estar cada vez mais desconectados e distanciados ao olhar dos telespectadores sob a ótica do senso comum, impulsionado pelo discurso de caos que paira sobre o Haiti.

Há muitas maneiras de responder a contento as perguntas que temos frente ao nosso objeto de estudo. A Antropologia nos indica a etnografia como estratégia de pesquisa, a partir da qual, desenhamos nosso caminho de investigação. Por ser a imigração um fenômeno que perpassa os tempos e lugares, podemos contar com um rol de teorias que versam sobre o tema. As teorias da transmigração ou teorias da migração transnacional, embora apresentem limites de alcance dentro das novas configurações do fenômeno da imigração, têm nos ajudado a pensar as análises que propomos nesta Tese.

O próprio conceito pré-estabelecido de imigrante parece uma incógnita. Até que ponto essas pessoas que estão circulando de um país para o outro continuam vistas como imigrantes? Mesmo já inseridas ou em processo de inserção no local de destino ou de trânsito continuamos (por força habitual) a olhar teoricamente para essas pessoas como imigrantes e isso implica na repetição congênita das mesmas questões que a categoria imigrante suscita, a saber, causas da imigração, local de origem e de destino, trânsito, políticas de acolhida, acesso à cidadania, ente outros.

Como resposta aos processos migratórios, no cenário político atual, cogita-se construir muros e reforçar as fronteiras, mas esses muros e essas fronteiras são rígidos apenas para determinados perfis de imigrantes, aquele imigrante indesejado, associado ao caos, à miséria, a pouca escolaridade, marcado por estigmas e estereótipos e cuja cor da pele o distingue de longe.

Nesse contexto, Jean Baptiste (2012) elucida que há uma tentativa de homogeneização do perfil de imigrantes haitianos baseada no senso comum de que todos os imigrantes que vieram do Haiti têm as mesmas características físicas e consequentemente o mesmo perfil, as mesmas necessidades e aspirações.

Nesta Tese, ao olhar para os imigrantes haitianos que já vieram do Haiti portando seus diplomas de nível superior, olhar para aqueles que estão cursando ou já cursaram nível superior de ensino no Brasil, bem como para aqueles que são cantores, compositores, músicos, poetas, pintores artísticos, assim como para os professores Mestres e Doutores haitianos atuando no Brasil; não o fazemos sob a ótica economicista. Embora este seja um exercício difícil, não é

nossa intenção de pesquisa “santificar” ou “abençoar” a migração qualificada de haitianos unicamente como uma forma rentável para o Brasil enquanto nação.

O perfil que construímos nesse trabalho, cujo parágrafo anterior aponta uma tentativa de delimitação, seria, caso decorrentes de outras nacionalidades e “isentos” dos marcadores sociais da diferença que sopesam sobre os haitianos, um perfil de imigrantes cultuados, sobretudo, os artistas. Todavia, os nossos interlocutores estão nas margens do senso comum entre o campo liminar do indesejado e do cultuado, conforme se constata nas trajetórias aqui captadas.

Assim como observa Sayad (2000), em seus estudos sobre a inconsistência de status dos imigrantes, o mesmo se verifica com os imigrantes haitianos mencionados nos parágrafos anteriores. Para além da crise econômica, os imigrantes indesejados pela sociedade não se inserem em seus postos de formação porque há uma barreira social historicamente construída em torno deles. A nossa discussão está pautada apontando para esta direção.

Concordamos com os apontamentos de Lilia Schwartz (2019) de que o mito do brasileiro como um ser tolerante, aberto ao diálogo e pacífico, na verdade, oculta a face real do autoritarismo e do preconceito entranhado na sociedade brasileira como uma herança perversa da escravidão e das lógicas de dominação do sistema colonial. Os relatos que acessamos de ocorrência de racismo contra nossos interlocutores indicam que, para além da insuficiência de políticas públicas, os desafios enfrentados são também de ordem criminosa, desde o racismo aberto escancarado que culmina em agressões físicas até aquele racismo institucional, silencioso e velado.

Assim, além de procurar respostas para nossas questões iniciais, fomos norteados pelo **objetivo principal** de analisar trajetórias de imigrantes haitianos que se fazem representar como artistas ou que exercem protagonismos culturais no Brasil. São também nossos **objetivos, mais específicos**, dialogar sobre a criação artístico-cultural desses imigrantes, bem como verificar os desafios enfrentados nas ações de protagonismos culturais durante o processo de inserção desses imigrantes nos mais variados espaços sociais brasileiros.

Embora não tenha sido cogitado como objetivo específico na elaboração do projeto de Tese, a inserção no mercado de trabalho vem à tona na medida

em que nossos interlocutores imigrantes apresentam as narrativas sobre suas trajetórias. A partir do momento em que a inserção no mercado de trabalho é relevante para nossos interlocutores, a análise dos desafios e perspectivas dessa inserção, ou não-inserção, laboral também começa a fazer sentido para nosso caminho de investigação.

Para tanto, empreendemos uma pesquisa de campo do tipo exploratória, bem como consulta bibliográfica ao material disponível sobre a temática. Quando se trata de realizar uma etnografia, o desafio é grande e as técnicas possíveis não se limitam ao uso de questionários e rodas de conversas. Não pretendo entrar aqui na discussão já antiga sobre o que é etnografia¹⁵ e o que não é etnografia. Isso porque tanto a etnografia concebida como método quanto a etnografia tomada como uma descrição densa é relevante para este trabalho.

Nossa intenção inicial fora operar com as técnicas de observação participante em campo tal como propõe Kluckhohn (2018) para o qual a observação participante é uma “coparticipação consciente e sistemática nas atividades comuns de um grupo de pessoas e, se necessário, nos seus interesses, sentimentos e emoções” com o propósito de obter dados sobre as relações sociais que se estabelecem no grupo através de contatos diretos, em situações específicas.

Para a coleta de dados desta Tese, assim como para a abordagem etnográfica em campo, mobilizamos as redes de relacionamentos construídas durante as recentes pesquisas (JORDÃO, 2015; 2017) que desenvolvi junto à comunidade de imigrantes haitianos.

Além de fazer uma Tese **sobre** os haitianos residentes no Brasil, estou realizando uma Tese **com** os haitianos e isso demanda dialogismo, empatia, alteridade e respeito ao lugar de fala de cada um dos interlocutores. A título de exemplo sobre o produto desse processo de “fazer com” menciono aqui a terceira seção desta Tese que foi escrita com referências bibliográficas produzidas cientificamente pelos próprios imigrantes interlocutores.

Por ocasião dos trabalhos anteriores (TCC e Dissertação de Mestrado), estabeleci contato com muitos imigrantes que vieram do Haiti, tanto como

¹⁵ Sobre isso ver PEIRANO “A favor da etnografia” e GEERTZ “A interpretação das culturas”.

pesquisadora quanto como por intermédio da minha participação como professora voluntária no Projeto de Extensão do nosso Grupo de Pesquisa. O contato inicial não fora totalmente interrompido, mesmo após a finalização dos trabalhos supramencionados, continuei a falar com esses imigrantes via redes sociais, principalmente a partir do *WhatsApp* e do *Facebook* o que me permite, ao menos parcialmente, participar do círculo de relacionamentos que esses imigrantes integram no ciberespaço.

A medida em que fui adicionando os imigrantes haitianos às minhas redes sociais, percebi que havia alguns deles que exerciam ativismo na internet, compartilhando informações recentes sobre imigração para os seus compatriotas, socializando os trabalhos artísticos e divulgando outros protagonismos culturais.

Inicialmente, a pesquisa no ciberespaço fora meramente informal e sem métodos específicos, apenas como usuária ativa das redes sociais. Dada a constatação empírica de que na internet, em especial no *Facebook* e no *WhatsApp*, haviam muitos grupos¹⁶ e perfis virtuais de artistas haitianos residentes no Brasil, comecei a mapeá-los e fazer levantamentos dos perfis que se autodenominavam como “artistas”. Para tanto, acessei como suporte teórico metodológico os trabalhos de Amaral (1998), Pierre Lévy (1999), Castells (1999), Escobar (2016), Segata e Rifiotis (2016), entre outros no campo da etnografia. Há uma descrição metodológica detalhada mais adiante neste texto.

Esta Tese está vinculada aos Grupos de Estudos GEMA¹⁷ e MIMCAB¹⁸. Inicialmente, aproveitamos o andamento do Projeto de extensão¹⁹ *Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho*, criado em julho de 2011, que reúne uma quantidade

¹⁶ Ver no quadro teórico- metodológico, o tópico “O ciberespaço como universo possível.”

¹⁷ GEMA- Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia- coordenado pelo Dr. Sidney Antônio da Silva, orientador desta Tese.

¹⁸ MIMCAB- Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira- coordenado pelos professores Marília Lima Pimentel Cotinguiba, co-orientadora desta tese, e Geraldo Castro Cotinguiba;

¹⁹ Coordenado pela Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba e vinculado ao Laboratório de Estudos da Oralidade – LEO, ao Grupo de Estudos Migração, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB e ao Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia. O referido projeto conta ainda com a parceria da Pastoral do Migrante e da Secretaria Estadual de Assistência Social – SEAS de Porto Velho.

considerável de imigrantes cujos perfis interessam a essa pesquisa. Haja vista que parte das trajetórias que analisamos neste trabalho são de imigrantes que foram meus interlocutores desde 2014 e, por este motivo, a relação pesquisadora-interlocutor, já solidificada com o tempo, permite a partilha de detalhes sobre as trajetórias dos imigrantes que dantes não eram acessíveis.

Entendemos como relevantes para alcançar os nossos objetivos construídos, a compreensão dos conceitos de mobilidade humana, transmigração, trajetórias de mobilidade, projetos migratórios, agência, entre outros conceitos clássicos e consolidados pelos estudiosos contemporâneos das migrações internacionais haitianas, conceitos sobre os quais iremos refletir mais especificamente na terceira seção desta Tese.

Neste estudo, as análises baseiam-se em Abdelmalek Sayad (2000) na perspectiva de uma Antropologia total do ato de migrar, bem como importamos a noção de trajetórias de Bourdieu (2006) traçando um paralelo com as ideias de Ma Mung (2009) para a capacidade de agência dos indivíduos imigrantes a despeito da macroestrutura política e social. Também, como já foi mencionado anteriormente, consideramos relevantes para o entendimento do fenômeno migratório haitiano o transnacionalismo na perspectiva de Schiller; Basch; Blanc-Szanton, (1992) e Schiller; Fouron (2000) como uma categoria analítica para entender a migração internacional, tendo em vista que os haitianos, mesmo fixando residência e trabalho no Brasil, mantêm laços estritos e interdependentes com o Haiti. Entre outras referências.

Assim como consideramos também relevantes os estudos pós-colonialistas que tratam a questão da cor da pele e da nacionalidade como fatores importantes da opressão que se verifica na relação colonizador x colonizado. Dentre os autores pós-coloniais com os quais dialogamos, está Bhabha e Kabengele Munanga.

Destarte, o texto está organizado em cinco seções e, embora seccionado, há um fio condutor que norteia nossas análises a partir das narrativas que ouvimos de nossos interlocutores. Estivemos focados em intercalar relatos e descrições etnográficas com análises teóricas em toda a tessitura desta Tese e, por isso mesmo, não há uma seção específica para narrativas e outra para

discutir teorias. Optamos por manter um certo grau de dialogismo em todos os tópicos de maneira a tornar a escrita mais fluida.

A **primeira seção** está voltada para os detalhes metodológicos da pesquisa, assim como os caminhos e descaminhos que foram acessados para chegar até nossos interlocutores.

Na **segunda seção**, convidamos autores haitianos que tiveram suas formações (ou parte dela) acadêmicas no Brasil para dialogar teoricamente conosco sobre o Haiti. Além desse diálogo mais teórico, seccionamos alguns tópicos para as narrativas poéticas e plurais sobre o Haiti.

Na **terceira seção**, ajustamos o nosso olhar para focalizar trechos das trajetórias dos nossos interlocutores desde o momento da partida do Haiti até os primeiros desafios que enfrentaram após a chegada ao Brasil. Nessa parte do texto, reconstruímos os trajetos percorridos numa tentativa mais ou menos consciente de mapear as redes de integração e sociabilidade que foram acionadas pelos haitianos nesse percurso. Essa seção é também direcionada para falar com mais profundidade sobre as ações protagonistas desenvolvidas pelos nossos interlocutores, os agenciamentos, enfrentamentos e as múltiplas formas de resistências por eles desempenhadas. Resistências e enfrentamentos aqui colocados como formas adotadas para não sucumbir às dificuldades encontradas. Nessa parte do texto, separamos alguns tópicos para falar sobre as letras das canções autorais dos nossos interlocutores, é nesse momento do trabalho que encontramos apoio e suporte nos estudos sobre antropologia da música.

A propósito do que mencionamos anteriormente (pp. 33-34) sobre as rupturas e descontinuidades que estão em curso na pandemia, a ideia da morte física com uma nova roupagem social revestida de senso comum que beira à banalização, e considerando ainda o quanto as trajetórias migratórias dos nossos interlocutores já foram atravessadas por momentos outros de colapso e tensão coletiva, dedicamos a **quarta seção** para a realização de uma análise pormenorizada do projeto social desenvolvido por Alerte (2018) engenheiro de nacionalidade haitiana e formação acadêmica brasileira cuja trajetória reúne eventos de superação de barreiras físicas e emocionais de cunho particular que foram superadas unindo projeto individual aos interesses coletivos.

E por fim, nas considerações finais da Tese, testamos nossa hipótese de que o Brasil se configura como um momento relevante na trajetória dos imigrantes, nem definitivo nem projetado como temporário, um momento vivido com as imprevisões e improvisações do tempo presente.

SEÇÃO 1:

FRONTEIRAS ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO CAMPO COM OS IMIGRANTES HAITIANOS

Para construir uma Tese, são necessários dias, meses e anos de empreendimentos, alguns bem-sucedidos, outros nem tanto. Mais do que o produto final, o processo de construção e desconstrução das ideias contidas neste trabalho é essencial. Assim como os imigrantes que dialogam conosco ao longo do texto seguem rotas que os levam ao destino almejado, também esta pesquisa percorreu alguns caminhos e descaminhos.

Decidi que seria antropóloga no dia da defesa do meu Trabalho de Conclusão no Curso de Letras Português. Os motivos que me levaram a essa decisão, para além de pessoais, são também teóricos e metodológicos. Eu me propusera no trabalho mencionado a elaborar uma etnografia sobre *Depoimentos poéticos que sobrevivem aos escombros: poesias e contos populares dos haitianos residentes em Porto Velho*. Naquela época, com o aparato teórico e técnico que recebi durante a graduação em Letras, de acordo com o meu próprio julgamento, consegui chegar perto de elaborar uma etnografia. Uma das pessoas que compunha a banca de avaliação não estava de acordo sobre ser o que apresentei uma etnografia e, muito embora aprovado o trabalho, as críticas direcionadas à metodologia chegaram até mim como um desafio que eu acabava de abraçar.

Já licenciada, ingressei no Mestrado em Letras e dei continuidade à tarefa de elaborar uma etnografia, dessa vez, com maior êxito. Na banca de avaliação desta Dissertação, entre os demais avaliadores, contamos com o parecer de um antropólogo. E todos ali concordaram que o trabalho se tratava de uma etnografia sobre a inserção social de mulheres haitianas na capital de Rondônia.

Ainda assim, projetei buscar na disciplina de Antropologia maiores informações sobre o trabalho do etnógrafo. Essa busca me direcionou até o PPGAS da UFAM e, desde os primeiros créditos do doutorado em Antropologia Social, nascia então a etnógrafa emergente que já existia em mim.

Ao longo desta seção 2, objetivamos familiarizar os leitores com as estratégias antropológicas que foram adotadas para inserção no campo de pesquisa etnográfica junto aos nossos interlocutores imigrantes haitianos.

Damos a esta seção o nome de *Fronteiras entre teoria e prática no campo com os imigrantes haitianos* porque aqui estão relatadas as abordagens práticas que foram direcionadas no campo pelas leituras teóricas realizadas ao longo do processo de formação. É no campo onde testamos a funcionalidade das teorias, e é também no próprio campo que um(a) antropólogo(a) descobre suas potencialidades e limitações frente à etnografia.

Conforme elucidaremos mais adiante (1.3), na construção de uma etnografia, é necessária uma dosagem equilibrada entre ciência e empirismo, conhecimento erudito e conhecimento popular, ambos se complementam e um sem o outro não é suficiente. Por conseguinte, nos tópicos subsequentes, estão elencadas as hipóteses desta Tese, alguns eventos empíricos que forneceram insights para a elaboração dos objetivos e problemática, bem como uma descrição minuciosa da inserção em campo; já o tópico 1.3 e seus subtópicos foi reservado para o aporte teórico metodológico que norteia nossas ações práticas.

1.1 INSIGHTS E HIPÓTESES DESTA ETNOGRAFIA

Conforme consta na epígrafe deste trabalho, *Ayisyen kite Lakay* é o título de uma das músicas de Alix Georges. A letra original foi escrita em crioulo haitiano, língua materna do músico, cantor e compositor. E, posteriormente, foi traduzida para o português pelo próprio artista.

O projeto inicial de pesquisa que deu origem a esta Tese acabava de ser aprovado na seleção para o doutorado do PPGAS/UFAM quando vi pela primeira vez o clipe da música *Fuga de cérebros*. Inicialmente, a proposta da pesquisa estava direcionada apenas para a inserção de imigrantes haitianos nas universidades públicas de ensino superior brasileiras, após ouvir a música várias vezes procurando compreender cada palavra, tive um momento de *insight* a partir do qual comecei a pensar outros caminhos possíveis para esta Tese.

Ao ouvir a música original e comparar com a tradução feita pelo artista, percebi que o título em crioulo não corresponde a uma tradução literal do título que recebeu a versão em português. Vejamos:

Quadro 1: comparativo de tradução literal do crioulo haitiano para o português

AYISYEN	→	haitianos
KITE	→	deixar, ir embora, abandonar
LAKAY	→	casa, lugar de residência, moradia

Fonte: elaboração própria.

Se o artista procurasse uma tradução literal para a versão em português, o título seria algo próximo de “haitianos deixam a sua casa” ou “haitianos abandonam suas moradias”. Passado algum tempo desde que ouvi a música, consegui contato com Alix Georges e ele explica de forma bastante prática, confirmando minha interpretação técnica, de que a expressão que ele utilizara na tradução autoral para a língua portuguesa, “Fuga de cérebros”, funciona como uma metáfora para a imigração qualificada de haitianos para o Brasil. Em tempo, ressaltamos que o título traduzido é de autoria do artista e não o tomamos aqui como uma expressão conceitual analítica, haja vista as múltiplas problemáticas e ambiguidades teóricas que o conceito evoca.

Para além de utilizar sua arte apenas como motivo de explorar o belo, o sonoro, o agradável aos sentidos, Alix Georges explora na canção supracitada o potencial da arte como representação crítica social onde o eu-lírico da canção mescla-se com as experiências reais do próprio compositor.

Para compor a letra, Georges utilizou dados empíricos obtidos na trajetória pessoal dele para levantar um perfil específico de imigrantes, aqueles que ele descreve na canção, a saber, “são homens e mulheres de fibras/ de 15 a 60 anos/ cheios de conhecimento cheios de talento/ Alguns são engenheiros, alguns são doutores/ Alguns são enfermeiros, alguns são analfabetos”.

O perfil de haitianos levantado pelo cantor destoa daquele imaginário construído em torno do imigrante pós-terremoto, aquele imigrante que a mídia desenha com proporções catastróficas. Sem mencionar na canção aqueles que estão “fugindo” das catástrofes, Alix Georges opta por falar sobre aqueles que vêm com outros propósitos “em busca de trabalho/ chegaram ao Brasil em busca da vida/ (...) Alguns vieram para estudar acabaram ficando porque o que buscam é um futuro certo”. Está claro que o imigrante que essa canção²⁰ focaliza não é o mesmo imigrante haitiano captado pelas lentes e câmeras fotográficas da maioria dos jornalistas no Brasil.

O diálogo com Alix Georges e com os demais interlocutores desta Tese, as minhas anotações anteriores, as pesquisas da Graduação e do Mestrado, tudo, me aponta uma direção, a saber, buscar as trajetórias de vida e de mobilidade dos imigrantes como fontes para compreender os processos articulados ao fenômeno da imigração internacional haitiana para o Brasil. Bem como, buscar compreender se de fato o Brasil se configura, neste contexto, como um momento de trânsito nas trajetórias dos imigrantes com os quais dialogamos.

Mas, como acessar os relatos dessas trajetórias que são tão cruciais para o alcance da Tese que proponho? Afinal, ninguém, em sã consciência encontra uma pessoa na rua (ou na internet) por acaso e sai contando todos os detalhes pormenorizados sobre sua vida pessoal, seus planos e projetos presentes e futuros, enfim. Para acessar essas narrativas, foi preciso conquistar uma credencial simbólica a partir de uma postura ética, baseada, sobretudo, na alteridade.

No próximo subitem, constam descrição sobre as linguagens, situações e posturas adotadas para adquirir dados confiáveis. Confiáveis no sentido de que são resultantes de um diálogo entre pessoas que se confiam mutuamente.

²⁰ Ver letra completa na epígrafe desta Tese.

1.2 CAMPO ETNOGRÁFICO: ENTRE PARTITURAS, PANEIAS E PINCÉIS

Imagem 2 : Primeiros encontros etnográficos com Gustelia, que é nosso interlocutor desde 2015



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Na imagem acima, ilustramos uma das primeiras trocas culturais que efetivamos com os irmãos Lavaud Gustelia e Roger Gustelia que são nossos interlocutores desde 2015. O registro marca o início de uma longa troca que perdura até o momento. A utilização da música foi acionada nesses encontros com o intuito de estabelecer uma maior relação de proximidade com nossos interlocutores, uma vez que nesse início tanto eu não tinha domínio do crioulo haitiano quanto os imigrantes, recém-chegados ao Brasil, não falavam o português com fluência.

Embora não estejamos diretamente filiados ao campo dos estudos etnomusicológicos, ao longo desta Tese, música adquire uma consistência relevante como dado etnográfico, porque é acionada pelos nossos interlocutores e o fazer musical deles acaba se tornando relevante também para as ideias desenvolvidas aqui.

Assim, nós a tomamos como “sistema cultural” pensado a partir das ideias de Blacking (2007) e a nossa abordagem frente a esses dados tem sido a abordagem antropológica de perceber “diferentes percepções que as pessoas

têm da música e da experiência musical, por exemplo, nas diferentes maneiras pelas quais as pessoas produzem sentido dos símbolos tidos como musicais”. Essa postura acontece numa percepção nítida de que músicas são fatos sociais e a análise das composições e das performances musicais que empreendemos leva em conta, portanto, tanto o trabalho dos críticos/teoria quanto o dos próprios artistas criadores das composições.

Era uma noite qualquer em abril de 2016, quando, como de costume, entrei para lecionar na sala de aula do nosso projeto voluntário de ensino de português para imigrantes. A aula era sobre conjugação verbal, escolhi os verbos “tocar” e “cantar” para iniciar as conjugações nos mais variados tempos e modos admitidos pela gramática. Como a maioria dos imigrantes não conhecia a tradução dos verbos, desenhei na lousa (com mal traçadas linhas) um trompete para ilustrar o verbo tocar instrumentos musicais e uma mulher com um microfone na mão para ilustrar o verbo cantar.

Imagem 3: Pinturas autorais inspiradas nos interlocutores que encontrei em campo. Tinta sob tecido



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Descobri naquela noite que eu tinha em minha sala de aula vários músicos, fluentes em linguagem teórica musical e uma musicista com canto afinadíssimo, por sinal. Solfejei em notas musicais um trecho da canção *La Dessaliniènne* e, parecia um coro, meus alunos me acompanharam em alto e bom som. Foi emocionante! O meu olhar sobre aquelas pessoas mudou muito. A partir de então podíamos utilizar a linguagem musical para fazer conexões com a gramática da língua portuguesa.

Ao perceber minha admiração, Jean se aproximou da lousa com um livro que trouxera do Haiti, com folhas amareladas, aparência antiga, porém bem conservado. Nele estavam grafadas as partituras dos hinos oficiais haitianos, bem como um resumo histórico da independência haitiana, das lutas e conquistas do povo. Pedi para fazer uma foto da página, depois dei uma volta pela sala e observei que mesmo aqueles que não tinham o material, haviam pesquisado na internet e estavam com páginas do Google abertas na letra e partitura do Hino.

Imagem 4: Foto da página com excerto da partitura de *La Dessalinienne* elaborada por N. Geffrad.

LA DESSALINIENNE

Paroles de J. Lhérisson Musique de N. Geffrad

All. mod.

I

Pour le Pays,
Pour les Ancêtres,
Marchons unis,
Dans nos rangs, point de traîtres!
Du sol, soyons seuls maîtres.
Marchons unis
Pour le Pays,
Pour les Ancêtres.

II

Pour les Aïeux,
Pour la Patrie,
Bêchons, joyeux;
Quand le champ fructifie,
L'âme se fortifie.
Bêchons, joyeux
Pour les Aïeux,
Pour la Patrie

III

Pour le Pays
Et pour nos Pères,
Formons des fils,
Libres, forts et prospères,
Toujours nous serons Frères,
Formons des fils
Pour le Pays
Et pour nos Pères.

IV

Pour les Aïeux,
Pour la Patrie,
O Dieu des Preux!
Sous ta garde infinie,
Prends nos droits, notre vie,
O Dieu des Preux,
Pour les Aïeux,
Pour la Patrie.

V

Pour le Drapeau,
Pour la Patrie,
Mourir est beau!
Notre passé nous crie :

"Ayez l'âme aguerrie".
Mourir est beau
Pour le Drapeau,
Pour la Patrie!

11

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Daquela aula nasceu a ideia de executarmos o *La Dessalinienne* numa oficina cultural que estava acontecendo na Universidade Federal de Rondônia a partir do Projeto *Festival Cultural*. A referida canção é muito potente para o Haiti,

pois a letra retrata os ideais patrióticos e é escolhida oficialmente como o Hino Nacional Haitiano. Entre os alunos, haviam também artistas plásticos que organizaram uma pequena exposição temática para a oficina.

Imagem 5: Execução sinfônica e canto do Hino Nacional Haitiano



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A oficina aconteceria em Porto Velho, capital do estado de Rondônia, as pessoas que assistiriam não conheciam a letra e nem a melodia. Organizamos dois ou três ensaios antes de apresentar ao público a canção. Rosemond, Philippe e Valner elaboraram uma verdadeira aula sobre a independência haitiana. Os demais tocaram e cantaram o hino. Foi um acontecimento memorável, cujas trocas culturais ocorridas influenciaram bastante no surgimento desta Tese. A pesquisadora que há em mim saiu dali ávida por saber mais sobre as trajetórias daqueles imigrantes.

E foi nessa busca ativa por experiências e trocas culturais com meus interlocutores que coloquei também em funcionamento o uso da linguagem das

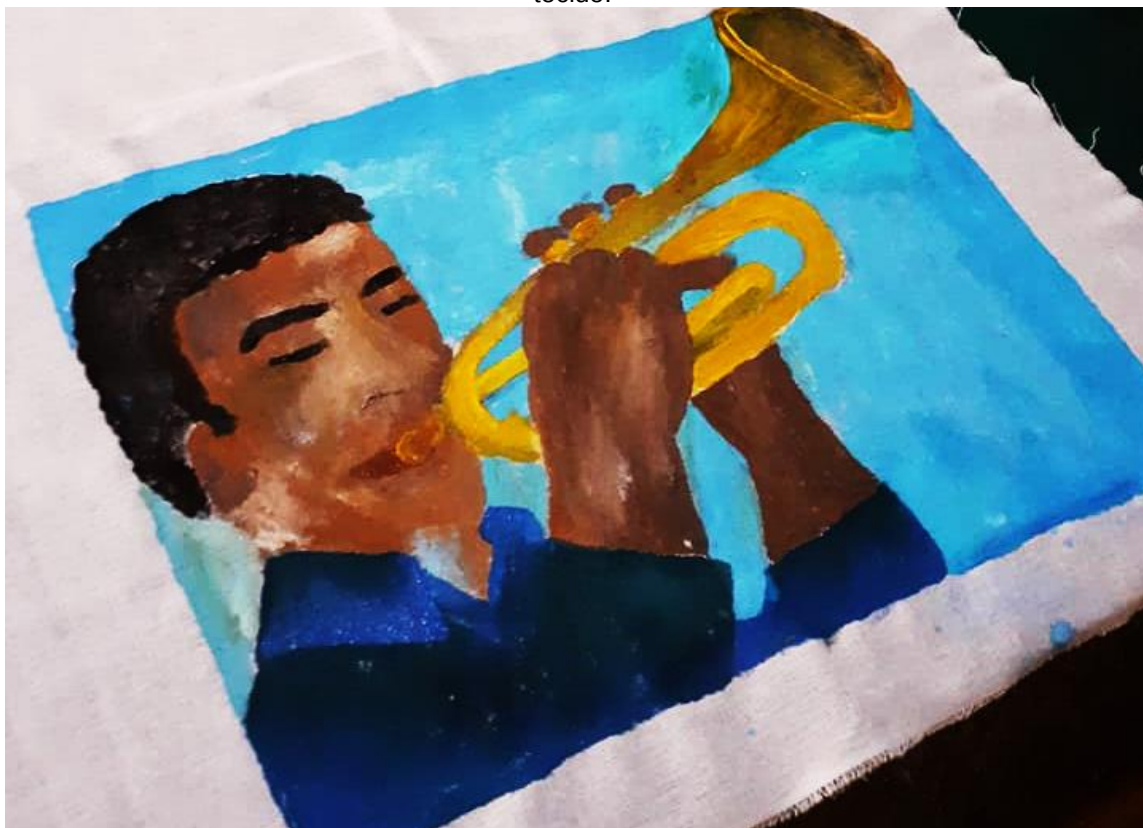
cores. As imagens acima representadas ilustram registros dessas tentativas de criar canais de conexões a partir da paleta de cores com os artistas plásticos haitianos que tive a oportunidade de conhecer. Uma vez que eu me aproximava dos objetos artísticos produzidos por eles, mais aberta para tecer considerações analíticas eu me sentia.

Imagem 6: Releituras de telas do artista plástico Dady Simon. Tinta guache sob papel de autoria própria.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Imagem 7: Pintura autoral inspirada nos interlocutores que encontrei em campo. Tinta sob tecido.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Além da linguagem musical e da pintura artística, outra “linguagem” que acionei para conectar-me com meus interlocutores, sobretudo com as mulheres imigrantes, foi a linguagem dos sabores, da gastronomia, da culinária. Percebi (JORDÃO, 2015; 2017) que o saber sobre os sabores e a cozinha haitiana, embora fosse dominado pela maioria dos imigrantes, poderia ser mais facilmente acessado a partir de um diálogo com as mulheres do grupo. Essa percepção aconteceu de forma mais ou menos consciente, as próprias interações em campo foram me direcionando para isso.

Imagem 8: Compotas de Confiture preparadas em minha cozinha em parceria com duas haitianas



Fonte: arquivo pessoal da autora.

De acordo com minhas interlocutoras, o doce ilustrado na imagem acima é algo preparado para ser degustado em pequenas quantidades em ocasiões especiais. Uma das formas de consumi-lo é usando como geleia para acompanhar biscoitos e pães. No Apêndice 4 desta Tese, disponibilizo a receita, bem como alguns registros visuais do processo de preparação dessa sobremesa haitiana.

Em 2017, eu estava às voltas com os preparativos para a defesa da Dissertação de Mestrado quando uma das minhas interlocutoras da pesquisa mandou mensagem no celular perguntando como seria a “festa” de apresentação do trabalho e se elas seriam convidadas. Não me lembro ao certo quais palavras respondi, estava surpresa. Estamos acostumados com a ideia de banca de defesa em Universidades como algo sisudo, tenso, sério demais para ser uma festa. Eu estava pensando no máximo em uns dois ou três merecidos drinks no final da noite com o meu companheiro após a leitura da ata, porém a mensagem recebida ficou reverberando em minhas ideias.

Ela tinha razão, depois de estarmos dois anos em campo, partilhando de muitas atividades cansativas como as reuniões que organizamos para coleta de dados, o momento que culminava no fechamento de ciclo, na passagem, merecia sim uma festa, uma comemoração com as pessoas mais importantes do trabalho, a saber, as próprias interlocutoras da pesquisa.

Convidei todas para uma reunião e discutimos os detalhes da “festa de encerramento” que seria a defesa propriamente dita. Acordamos que parte dos pratos que serviram de diálogo durante a pesquisa seriam servidos também para degustação ao final da defesa. Pela facilidade de encontrar os ingredientes na nossa região, selecionamos como cardápio, a *Bannan pèze*, o *Fritay* e o *Pikliz*, cujas informações sobre ingredientes e modo de preparo seguem nas tabelas constantes no Apêndice 4 desta Tese.

Comer e morar (ainda que de passagem) são hábitos humanos universais. As comemorações, embora apresentem facetas diversas com relação ao motivo, cardápio e ritos, têm a congruência da comensalidade. Neste tópico, nos interessa partir dessa premissa universal para chegar ao particular dos pratos típicos da culinária haitiana que foram acessados durante a pesquisa etnográfica e, do outro lado da mesa, perfazemos o caminho de partir do prato originário do Haiti, preparado e degustado em campo aqui no Brasil para alcançar outras abstrações interpretativas como, por exemplo, a substituição de um ingrediente que só é encontrado no Haiti por outras opções disponíveis aqui no Brasil; fato que por si mesmo demonstra a forma como as pessoas, as comidas e as coisas nesse movimento de trânsito se resignificam, ganhando novas formas e sentidos.

Transitando por esse buffet, estamos atentos ao *mote* apresentado por Geertz (2008), na perspectiva de que “fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas”, de antemão policiamos o olhar antropológico com a ciência de que qualquer generalidade que o antropólogo (nesta tese, antropóloga) consegue alcançar, “surge da delicadeza de suas distinções, não da amplidão das suas abstrações”.

Embora a proposta da Tese não esteja diretamente relacionada à gastronomia e à culinária haitiana, o meu olhar de etnógrafa focaliza a alimentação e os pratos típicos haitianos que foram trazidos por eles como uma

bagagem culinária cultural que, cada vez mais, é assimilada pela cultura local, principalmente a partir dos restaurantes de comidas típicas haitianas fundados por micro-empresendedores imigrantes no Brasil. Nesse sentido, o alimento dos interlocutores se constitui como uma importante via de diálogo em campo.

No Apêndice 4, apresento o passo-a-passo necessário para a preparação do *pikliz*, uma salada importante no Haiti e presente na alimentação da totalidade dos meus interlocutores, sobretudo nos eventos festivos, como é o caso de dois casamentos haitianos que tive o privilégio de prestigiar.

É constitutivo e constituinte da pesquisa, cujos dados estão aqui apresentados, o fato de ter sido aceita pelo grupo não só nas salas reservadas para o visitante desconhecido, mas também em vários momentos de comensalidade. E, além disso, acessar as receitas dos pratos e ser atentamente observada enquanto degustava as refeições sabendo que a minha reação era esperada com certa ansiedade até, principalmente pelas pessoas que haviam preparado a refeição.

Assim, sobre a festa de defesa da Dissertação, o fato é que realizar um momento de comensalidade com pratos típicos haitianos na culminância daquela etapa da pesquisa foi deveras muito importante para a manutenção dos laços construídos entre etnógrafa e interlocutores. Os momentos necessários para organizar o evento, selecionar quais pratos seriam servidos, qual música seria tocada pelos músicos ao final da defesa do trabalho, o ensaio da partitura escolhida e até mesmo a preparação dos pratos foram essenciais para passar mais tempo em companhia dos interlocutores e, somando todo o resto, empreender diálogos sob as trajetórias coletivas daquele grupo.

Embora nesses momentos de imersão socializada em campo no seio das famílias haitianas que residem em Porto Velho não tenha sido oportuno coletar narrativas de trajetórias mais individuais, porque as pessoas não demonstram voluntariedade para falar sobre si mesmas e eventos particulares quando estão em grupo. Nesses contextos, pelo que apreendi, as narrativas são mais despretensiosas, cômicas, ilárias, mas também sutis para que (querendo e munido da teoria necessária) se perceba as lógicas coletivas do grupo.

Descobri no campo etnográfico que uma antropóloga não necessariamente pesquisa o tema específico de seu interesse. É como o próprio percurso realizado pelos meus interlocutores, antes de chegar ao destino, é imprescindível percorrer rotas e passar por pontos desconhecidos. Muito notadamente estivesse motivada a coletar trajetórias de mobilidade e narrativas sobre eventos de protagonismos culturais, não poderia chegar de supetão abordando pessoas para que estas me contassem, sem motivo ou razão aparente, os detalhes de suas trajetórias.

Com efeito, após partilhar imersões variadas em campo, desenvolvi a percepção lógica de que o assunto do diálogo precisa ser de interesse de todos os interlocutores envolvidos na situação de comunicação. Não era possível forçar as pessoas a falarem sobre temas do meu interesse, o caminho era circundável, antes era preciso ver e ouvir para só depois de vários meses estar autorizada a falar e direcionar o diálogo para temas do interesse desta Tese e acessar as trajetórias mais individuais dos interlocutores.

As compotas de *confiture* preparadas por haitianas interlocutoras da pesquisa foram partilhadas como dádivas a cada um dos membros avaliadores após o encerramento da defesa da Dissertação, bem como depois de realizada a leitura da ata, conforme consta na ilustração que disponibilizamos no Apêndice 4.

Para além dos saberes sobre pratos típicos e culinária, os haitianos, sobretudo as mulheres do grupo, partilharam comigo estratégias de sobrevivência adquiridas por elas em meio aos trajetos migratórios percorridos.

Imagem 9: Foto com a autora desta Tese e quatro interlocutoras da pesquisa com seus filhos.



Fonte: imagem capturada pelas lentes da jornalista do Instituto Federal de Rondônia, Rosália Silva.

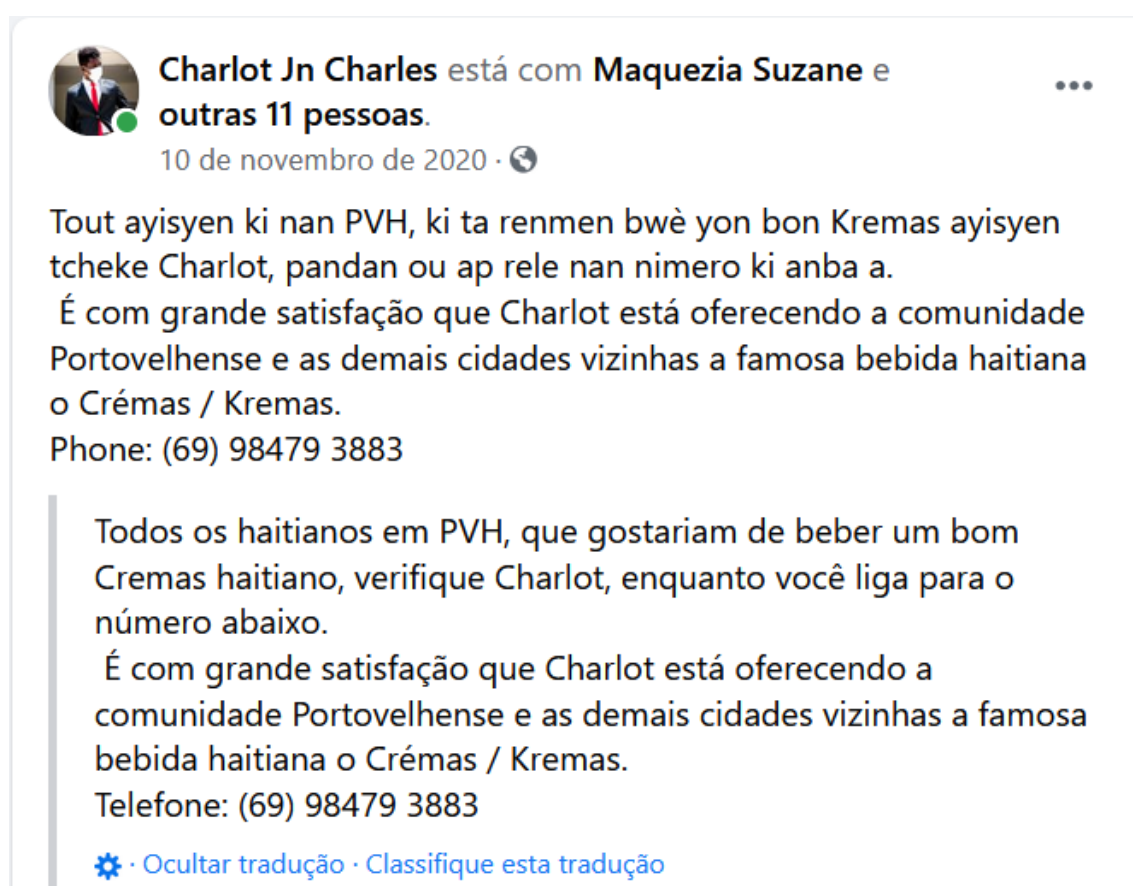
O grupo de mulheres haitianas que migraram em direção ao estado de Rondônia, Brasil, é fortemente atravessado por deslocamentos em momentos anteriores. Assim, grande parte das mulheres que chegam até Porto Velho já integraram outros processos migratórios. E mesmo aquelas que nunca haviam saído do Haiti já tinham experiência com projetos migratórios envolvendo a mobilidade de outras pessoas da família (JORDÃO, 2017).

Durante a preparação da festividade de defesa da Dissertação, foi levantada a possibilidade de ser servida a bebida *Krèmas* porque é uma bebida reservada para ocasiões especiais e festivas. Após descobrir que a base desta bebida era alcólica e considerando que o evento seria no auditório da

universidade, logo após a passagem pela banca, descartamos a possibilidade de servir *Krèmas*, mas a curiosidade de provar a bebida permaneceu.

Passados três anos, estando já imersa na escritura desta Tese, comentei com o Charlot Jn Charles (que é um dos interlocutores primários deste trabalho) que eu estava sem inspiração para a escrita. “Então, Doutora, você precisa beber uns litros de *cremasse*! A inspiração volta, eu posso garantir”. Naquele momento, revisitando a memória da pesquisa em curso, me lembrei da sugestão de *Krèmas* para a festividade. Assenti que seria uma boa oportunidade para conhecer a bebida. Ademais, Charlot estava preparando a bebida por um preço acessível.

Imagem 10: Anúncio de divulgação da bebida haitiana *Kremas*



Fonte: print screen de postagem pública no Facebook

Conforme verifiquei em campo e após provar o *Kremas*, constatei que é uma bebida de base alcoólica, composta por aguardente, sendo muito famosa

entre os haitianos e presente em eventos e festas realizados por eles. A sensação gustativa é leitosa e adocicada, com um leve toque de canela.

Ademais, realizar esta Tese despertou também sentimentos afetivos em mim, principalmente de amizade. Teoricamente denomino as pessoas que contribuíram com os dados para a minha pesquisa como interlocutores, mas vários deles permanecerão como amigos, não apenas amigos da rede social *Facebook*, mas também amigos para a vida. E esse sentimento de amizade é correspondido e demonstrado pelos imigrantes com os quais convivi por um maior período de tempo em campo. A título de exemplo, Charles (2020) escreveu em sua página de agradecimentos da Dissertação:

“Agradeço aos amigos e amigas, principalmente aqueles que me deram a mão e ofereceram seus ombros para que eu pudesse colocar todas as minhas tristezas e angústias. Quando me sinto muito longe da casa, família e minha pátria vocês me fazem sentir “em casa e no meu lugar” com o seu calor humano (...) Roziane Jordão (grifo nosso) (...) e tantas outras amigas e amigos que não cabem neste pedaço de papel que sempre me motivam perto ou longe”.

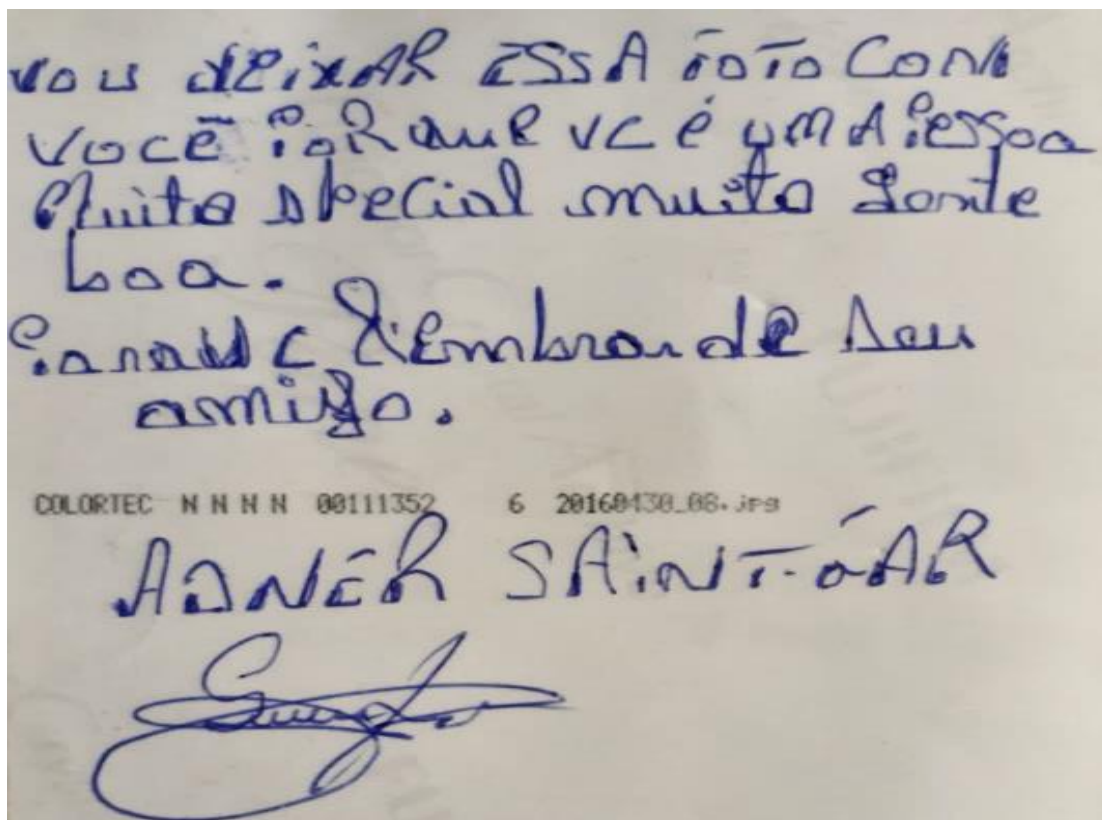
Ser citada em agradecimentos como esse, me faz pensar que se não consegui no campo exercer alteridade e empatia em sua plenitude, pelo menos cheguei o mais próximo possível do que eu poderia chegar.

Dentre as várias experiências afetivas que tive em campo, descrevo também o momento de partida de Adner Saint para outro estado do Brasil. Ele residia em Porto Velho e foi interlocutor desde a coleta de dados para o TCC, passando pela Dissertação até chegar a esta Tese, estabelecemos várias trocas culturais, participamos de eventos, arrisquei com ele uma tentativa frustrada de aprender a dançar o gênero musical *Konpa*²¹, enfim. Numa tarde de domingo, Adner me ligou dizendo que estava de partida para outro estado a fim de trabalhar numa empresa de grande porte que estava contratando. Adner me perguntou se eu e meu esposo poderíamos ir deixá-lo no aeroporto, ele queria me ver antes de ir. Deixou comigo uma foto cuja dedicatória no verso (imagem abaixo) ilustra sentimentos de amizade:

²¹ O konpa ou konpa dirèk é um gênero de música popular emblemático do Haiti, habitualmente descrito na literatura etnomusicológica como criação do saxofonista Nemours Jean-Baptiste em 1957, ao alterar a célula rítmica do merengue (MASCHIO, 2018).

*“Vou deixar essa foto com você porque você é uma pessoa muito especial, muito gente boa.
Para você lembrar do seu amigo Adner Saint”.*

Imagem 11: verso de fotografia impressa com dedicatória de Adner Saint.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Ademais, aprendi com meus interlocutores que há várias rotas possíveis para chegar ao mesmo destino. Todos os interlocutores primários²² desta pesquisa saíram do Haiti e estavam no Brasil quando conversaram comigo, mas nem todos eles seguiram o mesmo trajeto para chegar aqui.

Aprendi também que se o destino inicial não for satisfatório, pode-se sempre mudar a rota de direção. E procurei aplicar esse aprendizado em minhas

²² A expressão “Interlocutores primários” aqui utilizada no sentido de que os haitianos que migraram do Haiti e estão no Brasil são os principais integrantes do diálogo que empreendemos. No entanto, não são os únicos. Há os interlocutores secundários, como por exemplo, haitianos que não residem mais no Brasil e os terciários, tais como pessoas que não são imigrantes, mas que participam indiretamente do fenômeno migratório internacional do Haiti.

análises, testando teorias, adaptando as metodologias de acordo com as especificidades de cada diálogo, intercalando métodos, enfim.

1.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ANTROPOLÓGICOS PARA A ETNOGRAFIA

O problema metodológico que a natureza microscópica da etnografia apresenta é tanto real como crítico. Mas ele não será resolvido observando uma localidade remota como o mundo numa chávena ou como o equivalente sociólogo de uma câmara de nuvens (GEERTZ, 2008, p. 17).

Quais as possibilidades de estudos que temos para a temática apresentada dentro da Antropologia? De acordo com Roy Wagner (2010, p. 27), “a antropologia estuda o fenômeno do homem (*sic*) - a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos”; isso numa perspectiva que não é apenas individual, como também está sensível aos processos e elementos que relacionam e são relacionados ao todo do qual o homem faz parte. De acordo com o autor, os antropólogos utilizam a palavra cultura para nomear esse fenômeno. “Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casos particulares do homem, quando visto sob uma determinada perspectiva”.

Wagner (2010, p. 27) considera ainda que o conceito de cultura é tão corriqueiramente ligado ao pensamento antropológico que, de acordo com ele, “acaso o desejássemos, poderíamos definir um antropólogo como alguém que usa a palavra "cultura" habitualmente”.

Dentre os muitos teóricos que o curso de doutoramento no PPGAS me propiciou contato através das leituras obrigatórias, percebi que Clifford Geertz (2008) apresenta um caminho de interpretação das culturas que é capaz de restabelecer o meu elo de formação inicial em Letras Português com a Antropologia. O autor defende um conceito de cultura essencialmente semiótico. “Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

A cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É

justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008).

Partindo do pressuposto de que a cultura, como um texto, é passível de interpretação, Geertz chama atenção para o fato de que a etnografia não é apenas uma questão de metodologia como, por exemplo, as estratégias de estabelecer relações, transcrever textos, selecionar informantes, mapear campos, levantar genealogias, manter um diário, enfim. O que define a etnografia, para o autor (2008, p. 04) “é o tipo de esforço intelectual que ela representa”. Dentre as ações do etnógrafo, está o ato de escrever e descrever um grupo de pessoas, essa descrição etnográfica é feita de maneira que seja possível interpretar o fluxo do discurso social.

Assim, mesmo sendo esta Tese o resultado de uma pesquisa exploratória cuja maior parte dos dados foi coletada diretamente com os interlocutores haitianos, estamos conscientes de que aquilo que estamos chamando de nossos dados é, como elucida Geertz (2008, p. 07), “realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem”.

O grande desafio deste trabalho é que consigamos em nossas análises interpretativas chegar o mais próximo possível da lógica dos nossos interlocutores haitianos. Para tanto, adotamos aqui as três etapas de apreensão dos fenômenos sociais elucidadas por Roberto Cardoso de Oliveira (2000), quais sejam, olhar, ouvir e escrever. Em maior ou menor medida, todas as leituras teóricas que tive acesso no curso de doutoramento em Antropologia Social além de direcionar a escrita, funcionaram metaforicamente em campo como lentes para o exercício de olhar e aparelhos auditivos no processo de ouvir.

Mariza Peirano (1992) considera que a pesquisa de campo é central na antropologia, não só como mera técnica, mas, sobretudo, como exercício de alteridade. Muito embora, o contato com os interlocutores da pesquisa tenha sido um exercício genuíno de alteridade, saio desse processo com a certeza de que não é uma tarefa totalmente exequível do ponto de vista da prática o ato de ouvir o outro sem nenhum pano de fundo preconcebido. Ainda de acordo com Peirano

(1992, p.4), “a antropologia tem como projeto formular uma ideia de humanidade construída pelas diferenças”.

Embora Geertz (2000) e Wagner (2010) compreendam cultura de forma diversa, sucessivamente colocadas aqui em termos básicos como “interpretação” e como “invenção”, ambos dialogam na mesma via de interlocução nas afirmações que seguem. A saber, Geertz (2000, p. 10) entende que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade (...) isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade”; enquanto Wagner (2010, p. 28) compreende que a antropologia estuda “o homem em termos que são ao mesmo tempo tão amplos e tão básicos, buscando entender por meio da noção de cultura tanto sua singularidade quanto sua diversidade”. Nesse sentido, “o antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo”.

Aqueles que idealizam a pesquisa de campo pintam a alteridade como uma palavra mágica capaz de resolver todos os problemas da xenofobia. Quando na prática, ao ouvir o outro estamos, na verdade, tentando encontrar nesse “Outro” elementos que o aproximam da visão que temos sobre nós mesmos. Tudo que distancia disso causa estranhamento e é a partir do estranhamento que, enquanto etnógrafos antropólogos, acionamos a alteridade.

Estamos de acordo com Cardoso de Oliveira (2000, p. 23) quando ele diz que “não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador”. Para o autor, quando os etnógrafos utilizam as pessoas como “informantes” não cria condições de efetivo diálogo e estabelece com os pesquisados uma relação que não é dialógica. Enfim, como solução para o impasse, Cardoso de Oliveira (p. 23) sugere que transformemos esse informante em “interlocutor” e só então “uma nova modalidade de relacionamento pode - e deve - ter lugar”. Para que a comunicação de fato aconteça, cabe ao etnógrafo “criar um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir e ser igualmente ouvido”.

Acolhi a sugestão do autor desde os primeiros contatos que estabeleci com os haitianos, não só porque concordo com ele no sentido de que a relação entre os campos semânticos (pesquisador x pesquisado) deve ser dialógica,

como também porque durante a minha formação em Letras acessei teóricos, tais como Mikhail Bakhtin (1981) para o qual o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem.

Dentre os muitos desafios dessa pesquisa, o exercício proposto por Cardoso de Oliveira (2000, p. 23) com relação à linguagem ganha grandes proporções porque eu e os meus interlocutores viemos de diferentes línguas maternas. Durante todo o meu percurso em campo, estive dedicada não apenas em interpretar as trajetórias de vida e de mobilidade dos meus interlocutores à luz da Antropologia, como também em aprender, ao menos basicamente, o crioulo haitiano.

O esforço empreendido para compreender a estrutura da língua materna dos haitianos é compensado no sentido de criar condições favoráveis para que as trocas linguísticas e culturais sejam estabelecidas de forma dialógica. Concordo mais uma vez com Geertz (2008, p. 10) quando ele diz que “não estamos procurando tornar-nos nativos ou copiá-los”. Ao buscar meios para, se não falar pelo menos compreender a língua dos imigrantes “o que procuro, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles/o que é muito mais difícil”.

1.3.1 O ciberespaço como rota possível

Conforme já mencionado, percebemos que nas páginas e perfis do Facebook e em grupos abertos ou nos grupos restritos de WhatsApp, bem como no YouTube e no Instagram, há vários perfis virtuais de imigrantes haitianos que se autodenominam como “Artistas”. Nesse ciberespaço, é uma prática recorrente a publicação de informações pessoais sobre metas alcançadas, momentos de desafios intensos e expectativas de superação. Pierre Lévy define o ambiente virtual da internet como “ciberespaço” ou “rede”. De acordo com o autor (1999, pp. 16-17),

Ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

De acordo com Castells (1999, p. 247), a Internet oferece “uma das mais consideráveis demandas latentes na sociedade: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma”. Essa livre expressão interativa acontece numa relação social e técnica, ou sociotécnica, envolvendo seres humanos e as tecnologias virtuais.

Entre os pesquisadores brasileiros contemporâneos da imigração haitiana, Cogo (2015) já iniciou trabalhos nesse sentido demonstrando interesse em analisar o surgimento de iniciativas de apropriações e usos da internet por parte dos novos grupos migratórios. Ao realizar uma reflexão sobre como os imigrantes “constituem espaços de interação para “falar de si”, de suas experiências migratórias e de seus processos de cidadania”, a autora percebe que os usos da internet via redes sociais pelos imigrantes possibilitam uma mobilização de redes de sociabilidade, bem como apoio para o planejamento dos projetos migratórios, e maior engajamento para “o enfrentamento das políticas migratórias brasileiras e a recriação multiterritorial da experiência da diáspora”.

Nos estudos antropológicos, esse ciberespaço também foi acolhido como campo de pesquisa das relações sociais. Procurando um diálogo com a teoria do ator-rede de Michel Callon e Bruno Latour, Arturo Escobar em seu “Welcome to Cyberia”, entre outras coisas, sugere contextos para a articulação do que ele chama de uma “antropologia da cibercultura”, bem como desenvolve a ideia de que no ciberespaço pessoas, artefatos tecnológicos e outros seres são cruzados e coproduzidos com e pelas tecnologias digitais. Esse entendimento torna possível pensar em categorias de análise que considerem a ciência e a tecnologia como empreendimentos formatados por processos socioeconômicos e políticos (ESCOBAR, 2016).

Boellstorff et al, 2012, escreveram o manual *Ethnography and virtual Worlds: A Handbook of Method* que trata literalmente sobre o método da etnografia em contextos virtuais. Para os autores,

To frame our discussion, we describe virtual worlds as possessing the following characteristics. First, they are places and have a sense of worldness. They are not just spatial representations but offer an object-rich environment that participants can traverse and with which they can interact.

Second, virtual worlds are multi-user in nature; they exist as shared social environments with synchronous communication and interaction. While participants may engage in solitary activities within them, virtual worlds thrive through co-inhabitation with others. Third, they are persistent: they continue to exist in some form even as participants log off. They can thus change while any one participant is absent, based on the platform itself or the activities of other participants. Fourth, virtual worlds allow participants to embody themselves, usually as avatars (even if “textual avatars,” as in text-only virtual worlds such as MUDs), such that they can explore and participate in the virtual world.

Apenas para ressaltar, Boellstorff et al (2012) descrevem alguns pontos importantes sobre as características dos espaços virtuais, a primeira delas é que esses espaços apresentam sensação de “mundanidade”, no sentido de que eles não são apenas representações espaciais, mas oferecem um objeto, qual seja, um ambiente rico em interações sociais; em segundo lugar, os mundos virtuais são multiusuários por natureza; eles existem como ambientes sociais compartilhados com comunicação e interação síncronas. Embora os participantes possam se envolver em atividades solitárias dentro deles, mundos virtuais prosperam por meio da coabitação com outras pessoas; uma terceira observação é que esses ambientes virtuais continuam a existir de alguma forma, mesmo quando os participantes estão *offline*.

Os autores consideram ainda que os etnógrafos possuem uma paleta metodológica extremamente ampla e nosso trabalho pode incluir tudo, desde entrevistas individuais e em grupo, à pesquisas quantitativas e análise de mídia, para citar apenas algumas abordagens comuns. No entanto, um método acima de todos os outros é fundamental para a pesquisa etnográfica. Este método de acordo com eles, é a observação participante, “a pedra angular da etnografia”. A observação participante é a colocação incorporada do eu pesquisador em um local de campo pouco importante se esse local é físico ou virtual (BOELLSTORFF et al, 2012).

No Brasil, os estudos da cibercultura foram acolhidos pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber²³). Na área de Antropologia o Grupo de Pesquisa em Antropologia do Ciberespaço (GrupCiber),

²³<www.abciber.org>

criado em 1996, é, de acordo com Escobar e Rifiotis (2016, p. 10) “um pioneiro da antropologia no campo da cibercultura no Brasil”.

Embora muito abundante em informações sobre redes de sociabilidades, nem todas as informações necessárias para o trabalho do etnógrafo podem ser acessadas consultando apenas os perfis virtuais da internet. Existem as fronteiras entre o público e o privado, os limites entre o que os imigrantes revelam nos ambientes virtuais e o que eles ocultam.

Dada a emergência da pandemia mundial de coronavírus, diversos etnógrafos tiveram suas pesquisas de campo interditadas, nesse contexto, as próprias universidades que oferecem cursos de Antropologias têm se organizado para um movimento de diálogo e conhecimento sobre as possibilidades de realização de etnografias nos ambientes e plataformas virtuais. Dessa empreitada, ressignificam-se as velhas questões antropológicas “Etnografia NA aldeia, ou etnografia DA aldeia”? No contexto atual, resta ter foco e posicionamentos para articular os vários estudos possíveis na internet, com a consciência etnográfica de saber se o que é estamos fazendo é “etnografia NA internet” ou “etnografia DA internet”, ambas possíveis e relevantes.

Desse movimento citado no início do parágrafo anterior, nasceu o minicurso *Introdução à Etnografia Online*, promovido pelo Laboratório de Metodologia do Instituto de Relações Internacionais/PUC-Rio em 2020.2. O Minicurso foi ministrado através da plataforma Zoom pela Dra. Letícia Cesarino (UFSC) nos dias 19, 21 e 23 de outubro e as reflexões ali pautadas serviram de grande relevância para nortear a continuidade da coleta de dados desta Tese.

Para além de dominar as técnicas e métodos tradicionais da Antropologia, tais como método comparativo e afins, o etnógrafo que opta por utilizar a internet como ambiente possível para coleta de dados, precisa entender também sobre plataformas, *websites* e outros ambientes virtuais como campo etnográfico, assim como articular observação participante com outras técnicas de pesquisa qualitativa, e talvez o maior de todos os desafios seja o de delimitar, coletar, organizar e registrar o material encontrado *online*.

Amaral (1998), uma das antropólogas que aderiram a etnografia virtual, constata (p.21) que “o trabalho do antropólogo não pode prescindir das

entrevistas e o maior número possível de informações “vivas”. Mesmo se estas informações vêm de pessoas digitando textos num computador, é preciso saber o que elas sentem a respeito dos fatos que estão envolvidas”.

Guimarães (2017, p. 383) também utiliza o ciberespaço para catalogar e captar os dados para sua tese com temática voltada para o racismo no contextoda imigração haitiana para o Brasil. De acordo com a autora

A escolha pela internet e pelo ciberespaço como local de pesquisa não foi por acaso. Ela se deu por entendermos que a vida em rede e as conexões que se estabelecem permitidas pelos acessos aos portais digitais e redes sociais apontam para um campo profícuo de investigação. Fios distantes e elos entre pessoas se enunciam e demonstram novos comportamentos, ainda que estes —novos modos de viver – em conexão -repitam e evoquem ideias antigas.

Para fins de concluir nossas reflexões teóricas sobre a coleta de dados no ciberespaço (“etnografia na/da internet” / “etnografia virtual”) apresentamos o quadro abaixo com algumas das principais características desse método qualitativo que foi utilizado por nós como complemento para atuação em campo.

Quadro 2: Princípios da Etnografia Virtual (EV)

1. O compromisso com o campo de trabalho, bem como a presença, ainda que não seja física, do etnógrafo são as bases do campo de estudo da EV, que funciona como um módulo que problematiza o uso da internet, cujo campo investigado não é sensível, mas adquire sensibilidade em seu uso. Assim, são os usos que se faz da rede que significam e estes são interpretados e reinterpretados;
2. A internet é um meio de comunicação interativo e simultâneo, por isso é visto como cultura e artefato cultural. É essa capacidade interacional que permite ao etnógrafo fazer EV, posto que o ciberespacio não é um lugar fora da vida real, embora não se faça contato face a face a interação é presente e permite que haja um alto grau deinterpretabilidade;
3. A EV está ligada ao concreto e a múltiplos espaços de uma só vez e permite, portanto, estudar a conformação desse espaço, por meio das interações mediadas, e representa uma nova perspectiva etnográfica fluída, dinâmica e móvel;
4. A EV pede que seja revista a noção de campo de estudo, posto que se centra em fluxos e se organiza por meio de conexões e substitui, portanto, os locais e limites fixos;
5. Os limites da investigação são colocados no decorrer do processo, não são préestabelecidos. O desafio consiste em estabelecer os limites entre configuração e conexões, especialmente entre ‘virtual’ e ‘real’, por isso saber onde parar e até onde se deseja ir é importante e exige um etnógrafo experiente;

6. A EV acontece num espaço de intervalo tanto para quem investiga como para quem é investigado, porque ambos convivem com várias atividades fora do tempo e espaço da pesquisa, assim imergir no contexto é algo que se alcança intermitentemente;
7. Na EV, a noção tradicional de informante tem de ser deixada para trás, porque sua localização, ou cultura ou vê-lo em sua totalidade é algo impossível de alcançar, por isso, a EV é parcial; portanto, as descrições são baseadas naquilo que se considera de importância estratégica para a análise e não são representações fiéis dadas por realidades objetivas;
8. A EV requer um intenso mergulho do etnógrafo na interação mediada, esse envolvimento atribui uma nova dimensão à exploração do contexto e a tecnologia é parte do trabalho etnográfico;
9. As tecnologias interacionais permitem que os informantes estejam presentes ainda que ausentes. Do mesmo modo, o etnógrafo pode estar presente ou ausente de seus informantes, pois a tecnologia permite que as relações entre eles podem se sustentar a partir de divisões espaciais e temporais. A formação do objeto etnográfico é possibilitada pela EV, o virtual e por meio do virtual;
10. A EV não é virtual no sentido que carece de corpo físico. A EV se adapta ao propósito, prático e real, de explorar as relações nas interações mediadas, embora não sejam coisas reais em termos puristas, é sim, uma etnografia que se adapta às condições que encontra. Não havendo, portanto, regras perfeitas para seu uso, mas sim adaptáveis. O que mantém a EV viva é sua adaptação e permanente autointerrogação.

Fonte: Hine (2004, p.80-82) Tradução e adaptação de Guimarães (2017, pp. 51,52).

Assim, o ciberespaço, embora não substitua o contato presencial no processo de coleta de dados etnográficos para esta pesquisa, foi um ambiente propício para que acessássemos as informações primárias sobre os imigrantes haitianos e a partir de então pudéssemos contatá-los presencialmente ou via chats online de bate papo, assim como foi relevante também para que não interrompêssemos a coleta de dados mesmo no curso da pandemia viral que enfrentamos no período de campo desta pesquisa. Conquanto não seja autossuficiente como ferramenta de pesquisa, o ciberespaço propiciou muitas trocas de informações que foram essenciais para a elaboração deste trabalho.

Imagem 12: Encontro com os músicos haitianos Roger Gustelia e Lavaud Gustelia para um almoço comemorativo.



Fonte: Print screen de uma postagem pública realizada no meu Perfil pessoal do Facebook

Nesse ciberespaço, as trocas de informações, de acordo com Lévy (1999, pp. 12-13),

Implica o reconhecimento do outro, a aceitação e ajuda mútua, a cooperação, a associação, a negociação, para além das diferenças de pontos de vista e de interesses. As telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta à outra do mundo as possibilidades de contato amigável, de transações contratuais, de transmissões de saber, de trocas de conhecimentos, de descoberta pacífica das diferenças.

O autor elucida ainda que “o fino enredamento dos humanos de todos os horizontes em um único e imenso tecido aberto e interativo gera uma situação absolutamente inédita e portadora de esperança”. Conquanto seja um espaço para possibilidades de contato amigável a partir da formação de redes de cooperação e de informação que contribuem para a descoberta pacífica das diferenças, o ciberespaço é também para os imigrantes uma extensão do que vivenciam no cotidiano; mesmo virtualmente a xenofobia vestida de patriotismo vez ou outra mostra sua face escancarada.

Apesar de não estarmos olhando diretamente para os discursos que estão em funcionamento nos comentários feitos por brasileiros nas postagens dos imigrantes, foi impossível ignorar a emergência das vozes racistas e xenofóbicas contra os nossos interlocutores no ciberespaço da rede social Facebook.

Conquanto sejam caras ao nosso olhar, as questões e problemáticas envolvendo racismos e preconceitos encontram-se pautadas com detalhamento mais específico em um dos tópicos que seguem (3.3.1.1). Este trabalho é uma voz que ecoa entre muitas outras vozes já iniciadas. Aqui, nesse ponto específico, pretendemos estabelecer uma relação dialógica com a Tese da autora Guimarães (2017) e tecer nossas análises a partir dos resultados que já foram alcançados nesse caminho de análises sobre o racismo no contexto da imigração haitiana para o Brasil.

Guimarães (2017) mostra e escancara em sua Tese a complexa e ambígua sociedade brasileira, trabalhando com o corpus das manifestações do -eu (brasileiro) sobre o -outro (haitiano). A partir dessas manifestações em confronto e conflito, a autora reflete sobre como se apresentam no Brasil as

condições de existência dos imigrantes haitianos que, de acordo com a autora e estamos em total conformidade com ela, “carregam consigo marcas triplas discriminatórias: de classe, vistos como pobres; de raça/cor, por serem negros e de origem, oriundos de um país marginalizado, o Haiti”.

1.3.2 Procedimentos práticos metodológicos

Conforme anunciamos nos tópicos anteriores, esta Tese se pretende numa relação dialógica com interlocutores haitianos imigrantes e artistas que integram o ciberespaço; e apresenta objetivos bem delimitados, quais sejam analisar trajetórias migratórias de haitianos e dialogar sobre a criação artístico-cultural desses imigrantes, bem como verificar os desafios enfrentados no processo de inserção desses imigrantes nos mais variados espaços sociais brasileiros.

Para tanto, optamos por realizar uma etnografia e trabalharmos os dados coletados em campo de forma qualitativa. Como os nossos interlocutores residem em diferentes cidades e estados do Brasil, nos valem das tecnologias do ciberespaço para estender a coleta de dados para além dos limites impostos pela distância de localização geográfica. Essa “aventura” etnográfica no ciberespaço foi norteada e direcionada pelos estudos da ciberantropologia, conforme mencionamos no tópico anterior.

Adotamos o seguinte procedimento prático metodológico:

1. Primeiro passo: acesso a uma conta no Facebook, cujo perfil foi alimentado rotineiramente ao longo da pesquisa;
2. Segundo passo: utilização da ferramenta de pesquisa do aplicativo Facebook para fins de localizar os perfis de imigrantes haitianos que se autodenominam como artistas e que integram o ciberespaço;

Imagem 13: Principais resultados obtidos na ferramenta de pesquisa do Facebook para a busca “haitianos no Brasil”



Fonte: print screen da ferramenta de busca no Facebook em 04/06/2019 às 01h40min.

3. Terceiro passo: envio de solicitações de amizades para os perfis de haitianos cujas informações tornadas públicas diziam serem artistas, ou pós-graduandos, mestres, doutores e assim por diante, segundo os critérios da pesquisa;

4. Quarto passo: troca de mensagens pelo chat de conversas do Facebook, Messenger;
5. Quinto passo: encontro presencial para confirmar a existência real do interlocutor e firmar (ou não) um acordo de pesquisa;

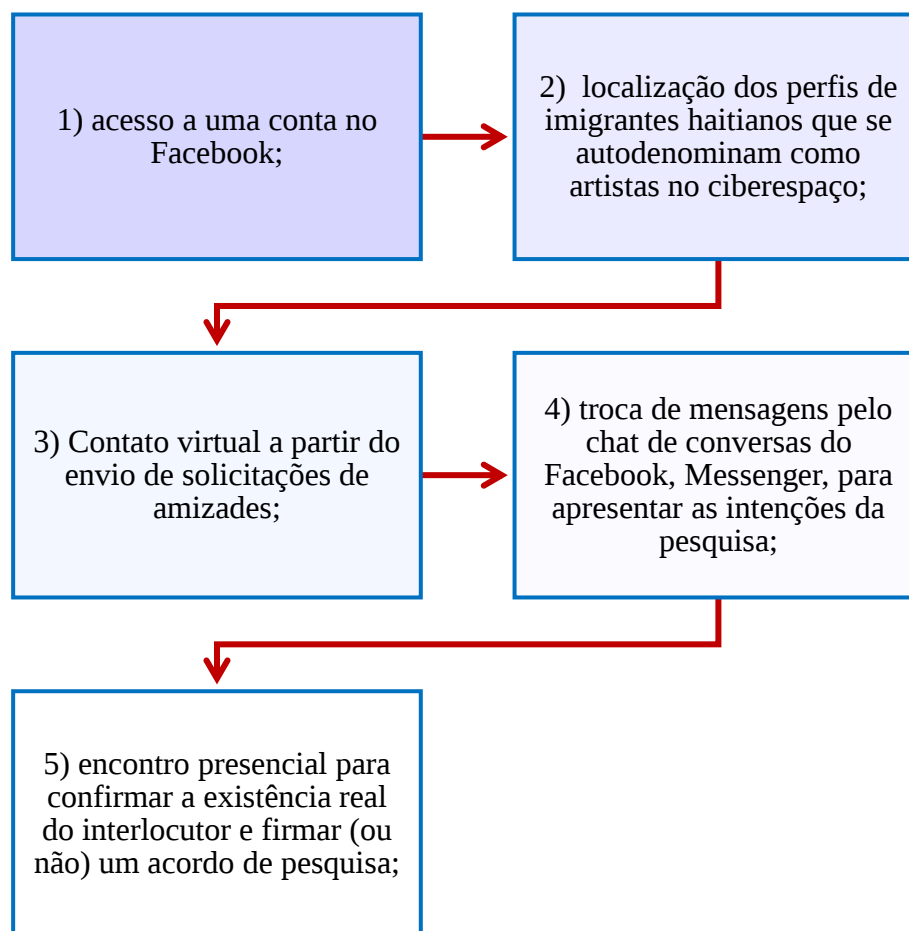
Imagem 14: Excertos dos diálogos com alguns dos interlocutores



Fonte: Print screen de diálogos via Facebook, imagem editada pela autora.

Descrevemos, nesse passo a passo, cinco procedimentos práticos metodológicos que foram essenciais durante o processo de coleta de dados prévios para a presente etnografia. A seguir exemplificamos esquematicamente os procedimentos adotados:

Gráfico 1: passo-a passo dos procedimentos adotados para coleta de dados no ciberespaço



Fonte: elaboração própria.

Entretanto, não necessariamente procedemos apenas na ordem apresentada acima. Com alguns dos interlocutores, entramos em contato primeiro presencialmente e a partir de então adicionamos ao rol de “amigos” virtuais; já outros estavam presentes em algum evento onde apresentei trabalhos com a temática da migração haitiana e posteriormente enviaram-me solicitação de amizade; e, por fim, há também aqueles com os quais entramos em contato a partir do Projeto de Extensão realizado pelo Grupo de Pesquisa MIMCAB.

É preciso considerar que uma relação virtual de comunicação nem sempre acontece em tempo real como as conversações “cara-a-cara”, mesmo que as duas pessoas estejam *online* simultaneamente. Em nossa pesquisa, nos deparamos com situações de comunicação onde a mensagem de contato inicial

que fora depositada no Messenger, mesmo visualizada, só fora respondida meses depois quando o interlocutor enfim sentiu confiança em enviar suas informações pelo *chat*. A relação dialógica que se estabelece no ciberespaço, prescinde do contato presencial prévio. Para tanto, outras vias de proximidade são acessadas, tais como, compartilhamento de fotos e demais informações pessoais e as trocas de *likes* e comentários.

Muitas das informações com as quais trabalhamos nas análises das trajetórias foram acessadas a partir apenas da observação atenta das mensagens trocadas entre os próprios imigrantes em uma postagem aberta ao público, por exemplo. Ademais, a plataforma virtual da rede social *Facebook* permite a publicação de *lives* que são basicamente o compartilhamento de vídeos em tempo real. Percebemos que os imigrantes utilizam bastante essa ferramenta em seus perfis virtuais para se comunicarem com familiares e amigos que estão em outras cidades. Uma observação importante é a língua utilizada nessas postagens, em crioulo para se comunicar com seus pares (família e amigos haitianos) e em português, inglês ou até mesmo o francês para divulgarem suas produções artísticas para o público em geral.

Outros dados de natureza relevante para nossas análises são as entrevistas que os imigrantes artistas concederam aos canais televisivos de comunicação, os dados que coletamos via formulários do *Google* durante a pandemia, e as matérias que os repórteres escreveram ou gravaram sobre eles. Os próprios imigrantes compartilham os *links* dessas entrevistas repetidas vezes, como nos casos observados, em vários grupos e também nos seus próprios perfis virtuais possibilitando à etnógrafa ver, ouvir e entender que se trata de uma estratégia de autopromoção para uma maior divulgação dos trabalhos artísticos.

Imagem 15: Felder recebendo prêmio internacional Iberoamericano.



Fonte: Print screen de postagem compartilhada ao público na rede social Facebook.

Nas imagens acima e abaixo deste parágrafo apresentamos algumas amostras dos dados que nos permitiram tecer as considerações contidas no parágrafo anterior. King Felder, haitiano, entre outras coisas, cantor e compositor, compartilhou no dia 11 de fevereiro de 2020, modo público, em seu perfil no Facebook o *Prêmio Internacional Iberoamericano* que recebera por sua

atuação como cantor. Reportagens, e postagens como essa contendo divulgação de prêmios e títulos recebidos por imigrantes que exercem protagonismos culturais no Brasil são muito comuns na internet, sobretudo no ambiente virtual do *Facebook*.

Imagem 16: Felder recebendo prêmio internacional Iberoamericanoll.



Fonte: Print screen de postagem compartilhada ao público na rede social Facebook.

As notícias e reportagens originadas a partir desses acontecimentos figuraram por bastante tempo entre os itens compartilhados pelos imigrantes

haitianos da minha rede de contatos. O que nos permite reforçar nossas hipóteses iniciais de que as realizações individuais dos imigrantes que exercem protagonismos artísticos-culturais reverberam também como importantes conquistas coletivas para os demais imigrantes.

Uma vez que a nossa Tese visa perfis específicos, contextual e relacional de imigrantes, não poderíamos abranger a coleta de dados a todos os perfis de imigrantes como fora nas pesquisas que realizamos anteriores a esta. Para tanto, precisamos assumir alguns riscos que são oriundos de toda forma de seleção. Nessa busca, o uso de algumas ferramentas foi essencial, por exemplo, após estabelecer o acordo de pesquisa e ter acesso ao nome completo dos interlocutores, fizemos uso da plataforma *Lattes* para acessar o currículo com as informações acadêmicas e profissionais dos imigrantes. A partir das informações contidas no currículo *Lattes* dos nossos interlocutores, fora possível acessarmos os títulos das produções deles (livros, artigos, tese, dissertações e etc.). Na medida do possível, procuramos realizar a leitura, pelo menos, da produção principal dos imigrantes. Com isso, adquiri os livros de autoria deles, baixei PDFs de artigos e/ou teses e dissertações escritas por eles e até comprei quadros artísticos que estavam sendo exibidos em exposições organizadas pelos imigrantes.

Essas informações buscadas sobre a produção cultural dos nossos interlocutores nos ajudaram a perceber que os temas preferidos de inspiração das produções acadêmicas e/ou artísticas dos imigrantes estão relacionados direta e indiretamente com o Haiti, país natal.

SEÇÃO 2:

AYITI NAN PEYI ISIT/ O HAITI ESTÁ AQUI

Imagem 17: Foto da capa do Livro *Haiti por si; a reconquista da independência roubada*, organizado por Adriana Santiago



Fonte: Imagem de divulgação da obra

A imagem após o título desta seção é alusiva à obra *Haiti por si* organizada pela jornalista brasileira Adriana Santiago com diversas matérias jornalísticas que mostram o Haiti numa visão panorâmica capturada em parcerias estabelecidas no próprio Haiti.

De acordo com a organizadora, **“mais do que uma tarefa árdua, seria uma irresponsabilidade e uma incoerência se não fizéssemos um livro sobre o Haiti com os haitianos”** (grifo nosso).

Quando fazíamos pesquisas, só víamos miséria, dor e ações de ajuda humanitária. Perguntávamos onde estavam os haitianos. Assim, resolvemos fazer um projeto com textos e fotos que chamasse a atenção dos haitianos e da comunidade internacional para que percebessem as reais possibilidades de autogestão do povo daquele país (SANTIAGO, 2013, p.11).

As inquietações expressadas pela jornalista também foram uma das minhas primeiras angústias quando iniciei a empreitada de pesquisar sobre o Haiti. Nesse contexto de reportagens imediatistas e sensacionalistas que superabundam nas mídias brasileiras sobre o Haiti, o sério projeto executado por Adriana Santiago (2013) foi muito feliz no sentido de fornecer dados mais próximos da realidade cultural do Haiti sob a ótica do próprio Haiti.

A expressão *Ayiti nan peyi isit* (o Haiti está aqui) está sendo empregada nesta Tese metonimicamente ao tomarmos a parte, haitianos, pelo todo, Haiti. Em sentido literal queremos expressar que, como os haitianos estão aqui, o próprio Haiti também está; não aquele Haiti geográfico, mas “*O Haiti dos Haitis*²⁴”. Essa própria Tese é uma evidência muito forte de que o Haiti está aqui.

No decorrer desta seção, projetamos trazer as evidências que coletamos em campo sobre presença do Haiti no Brasil, a começar pelo campo das ideias, reunimos teses e dissertações escritas em língua portuguesa por mestres e doutores haitianos formados em universidades brasileiras e cujas temáticas das pesquisas têm um ponto de congruência, o Haiti em sua pluralidade. Como resultado desse encontro de ideias, escrevemos o subítên “(...) Haiti, país de emigração”, resgatando pontos históricos importantes sobre o país haitiano em sua constituição como nação (in)dependente e, sobretudo, como país eminentemente imigratório.

Dando continuidade ao empreendimento de trabalhar com as evidências de que o Haiti está aqui, fechamos esta seção com o tópico “O Haiti dos haitis”

²⁴ A referida expressão é um verso do poema de Joseph Handerson que consta integralmente no tópico 2.2 desta Tese.

que, mais do que etnográfico, é também uma antologia poética sobre o Haiti partindo de poesias compostas por nossos interlocutores poetas.

2.1 HAITI POR SI: SEMINÁRIO INTELECTUAL HAITIANO NO BRASIL

Existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria é necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente. Diz-se que o lugar do crítico acadêmico é inevitavelmente dentro dos arquivos eurocêntricos de um ocidente imperialista ao neocolonial (BHABHA, 1998, p. 43).

O autor cuja citação abre este tópico problematiza os limites e alcances daqueles “domínios olímpicos do que é erroneamente rotulado como teoria pura”. Estamos de acordo com Bhabha (1998) no sentido de que essa pressuposição é prejudicial e autodestrutiva, principalmente para aqueles sujeitos que não se enquadram nos padrões elitizados e privilegiados socialmente tais como são os interlocutores da nossa pesquisa.

Temáticas como a abordada nesta Tese não constam nos “arquivos eurocêntricos de um ocidente imperialista ao neocolonial”, esses sujeitos, esses temas, são, de acordo com Bhabha “tidos como eternamente isolados”. Como digressão, o autor lança a interrogativa “será preciso sempre polarizar para polemizar?” E sabemos que na academia, sobretudo no campo da Antropologia Social, as abordagens teóricas são em sua maioria importadas do ocidente e vão de um extremo ao outro, reforçando as polarizações de que trata Bhabha (1998) em *O Local da Cultura*.

Tal configuração eurocentrada dos estudos e debates teóricos provocam episódios como o experienciado por Glick Schiller, a saber, em um jantar estavam reunidos vários especialistas em desenvolvimento internacional, dentre eles um transmigrante haitiano autoridade na área de cosmologia, eles debatiam sobre o grau em que as terras no campo no Haiti eram cultivadas por invasores. Esses especialistas não consultaram o único haitiano à mesa, eles não perguntaram e por si mesmos imaginaram que ele não estaria a par das questões sobre posse da Terra. O que eles não consideraram, de acordo com Schiller; Basch & Blanc (2019, p. 353) foi que “o erudito haitiano e seu irmão possuíam terras no Haiti e

que os dois irmãos haviam negociado a relação de trabalho com os invasores que moravam em suas terras”. Nessa mesa, a pessoa que poderia falar com mais propriedade sobre o assunto era o próprio haitiano, uma vez que a fala dele partiria do nível da experiência, enquanto os teóricos faziam conjecturas mais abstratas.

O antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot (1990), em seu célebre artigo *The odd and the ordinary: Haiti, the Caribbean and the world*²⁵ tensiona a ideia de que o Haiti é singular. Essa abordagem sobre a peculiaridade histórica e cultural do Haiti tem ganhando a simpatia da maioria do haitianistas contemporâneos. Trouillot adverte que há uma ficção muito prejudicial do ponto de vista analítico na abordagem centrada nesse excepcionalismo haitiano.

No que tange à história de lutas e conquistas haitianas, por ter se tornado a primeira nação não-branca independente, é mais do que justificável a distinção e singularidade denotada ao Haiti. Entretanto, essa distinção é prejudicial quando aliena e isola a nação haitiana colocando-a nas teses e teorias na mesma ilha de sua localização geográfica. Touillot (1990, p. 01) denuncia a existência de “pautas ocultas – intelectuais e políticas – anteriores a essa insistência, e que essas pautas, no lugar de apresentarem um interesse genuíno pelas particularidades da história do Haiti, sustentam o excepcionalismo haitiano”.

O autor enfatiza que a atenção recai sobre o Haiti como único, aberrante, destoante e até exótico justamente para destituir daquela nação qualquer humanidade aparente, qualquer via de comparação inteligível com as demais culturas humanas. Essas pautas que Touillot (1990) chama de “hidden agendas” conspiram entre si, tanto na academia, quanto nos demais organismos políticos internacionais, no sentido de que “quanto mais o Haiti parecer estranho, mais fácil será esquecer que ele representa o mais longo experimento neocolonial da história do Ocidente (p.5)”.

Outra crítica de Touillont ao excepcionalismo haitiano, com a qual estamos de acordo, é a denúncia de que ao invés de situarmos o Haiti em uma perspectiva comparativa, nós ocidentais o isolamos e isso funciona como uma

²⁵ “O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo”.

espécie de “escudo contra a integração do Haiti a um mundo dominado pelo cristianismo, pelo capitalismo e pela branquitude. ”

Há continuidades muito menos petulantes que compõem essa trajetória espetacular. A maioria dos haitianos vivem vidas bastante comuns. Eles comem o que é para eles – e para muitas outras pessoas – uma comida bastante comum. Eles morrem mortes bastante comuns de acidentes bastante comuns, de torturas bastante comuns, de doenças suficientemente comuns. Acidentes tão comuns que poderiam ser prevenidos. Torturas tão comuns que a imprensa internacional sequer as menciona. Doenças tão comuns que são facilmente tratadas em qualquer outro lugar do mundo (TROUILLOT, 1990).

Nesse contexto, o autor pondera a necessidade de os haitianistas começarem a ler não apenas Bellegarde e Price-Mars que são os exemplares intelectuais de toda a linhagem mais recorridos nesse campo, mas também debruçar real interesse em seus precursores, que constituem os clássicos do pensamento social haitiano do século dezenove.

Dito de forma direta, precisamos abandonar a ficção, herdada da literatura racista oitocentista, de que o Haiti é único – se por único nos referimos a algo que escapa às análises e comparações. O Haiti não é estranho. É a ficção do excepcionalismo haitiano que é estranha (1990, p. 07).

Diante disso, a proposta deste trabalho nos direciona ao trajeto por pontes interlocutórias entre os dois extremos, se pretendendo numa linguagem de entremeios no sentido de buscar os autores consolidados dentro da atual conjuntura antropológica no Brasil, tais como aqueles que mobilizamos no tópico 1.3 (sem os quais a universidade possivelmente refutaria esta Tese); mas também interagir e dialogar com autores locais, que partem de pontos práticos para o campo analítico e não o contrário, como é o caso daquelas proposições tidas genericamente como universais, mas que escapam das particularidades e especificidades do campo.

Assim, neste tópico do texto, projetamos uma mesa redonda teórico-discursiva. Nossos convidados especiais para compor a mesa são pesquisadores contemporâneos, de nacionalidade haitiana, que, além de nossos interlocutores na Tese, residem/residiam no Brasil e têm parte de suas formações acadêmicas realizadas em universidades brasileiras. Ao longo da seção assumirei a função de mediadora do debate, assumindo uma postura

dialógica no sentido de ir intercalando as falas e traçando vias possíveis de conexão. Deixo as perguntas em aberto e indico as referências dos trabalhos para que possam ser consultados na íntegra no caso de eu falhar nessa tentativa de panorama.

Nas linhas que seguem, apresentamos nossos autores convidados a partir de informações que foram coletadas em campo no decorrer da pesquisa através do currículo *Lattes*, bem como por intermédio de matérias jornalísticas, páginas de divulgação institucionais universitárias, e demais informações fornecidas pelos próprios autores em diálogos informais no campo.

MARC DONALD JEAN BAPTISTE

Imagem 18: Foto de Marc Donald Jean Baptiste apresentando trabalho científico, no plano de fundo a plateia



Fonte: Agência UEL de notícias.

Marc Donald Jean Baptiste²⁶ possui graduação em Serviço Social pela *Universite D'Etat D'Haiti* (2012). Tem experiência na área de Serviço Social, com

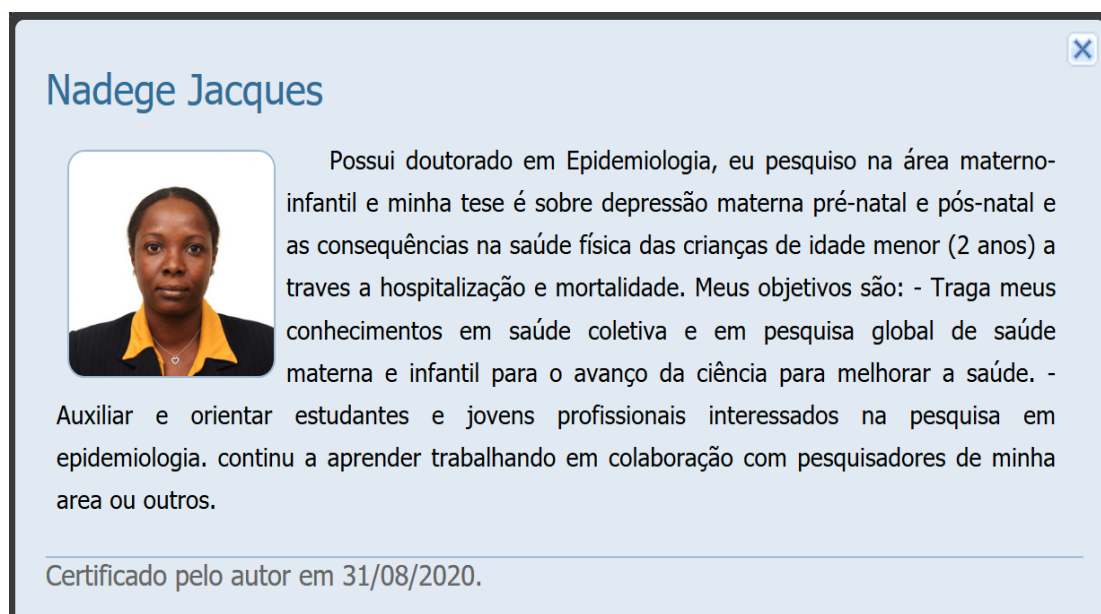
²⁶ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/8729770311248128>

ênfase nas políticas sociais, atuando principalmente no seguinte tema: Território, reterritorialização, migração haitiana. Concluiu Mestrado em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É também especialista em Antropologia: Diferença, Desigualdade e Poder pela universidade Estadual de Londrina e atualmente está doutorando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da mesma Universidade.

Marc Donald Jean Baptiste chegou ao Brasil em março de 2016 e, de acordo com o Departamento de Serviço Social (CESA) da UEL, Jean Baptiste foi o primeiro estudante do Haiti a participar do Programa. Sob orientação do professor Dr. Wagner Roberto do Amaral, a Dissertação defendida por Marc Donald, intitulada *O Haiti está aqui: uma análise da compreensão dos imigrantes haitianos sobre a política social no Brasil*, é uma pesquisa de natureza qualitativa, composta por amostra de imigrantes haitianos residentes no Parque Residencial Ana Rosa e no Jardim Santo Amaro, ambos localizados no município de Cambé.

NADÈGE JACQUES

Imagem 19: resumo do currículo Lattes informado pela autora Nadege Jacques.



Fonte: Print screen da Plataforma *Lattes*/ Cnpq

Nadege Jacques²⁷ concluiu em 2020 o Doutorado em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas, com Tese intitulada *Depressão materna: impacto sobre a hospitalização em crianças de até dois anos de idade e mortalidade em crianças menores de um ano, na coorte de 2015 de Pelotas*, sob orientação da professora Mariângela Freitas Silveira. Nadege também é Mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Rio Grande do Sul, com Dissertação intitulada *Equidade de gênero nos serviços de saúde no Haiti*, sob orientação da professora Stela Nazareth Meneghel. Entre outras coisas, Nadege realizou também aperfeiçoamento em Curso Avançado em Epidemiologia para Serviços de Saúde (2014) pela UFRS. A graduação de Nadege Jacques foi realizada ainda no Haiti em 2003, curso Ciências da Saúde pela *Ecole Nationale D'infirmiere de Port-Au-Prince*.

FRANCK SEGUY

Imagem 20: Franck Seguy concedendo entrevista.



Fonte: Geledés

²⁷ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2464116261875443>

Franck Seguy²⁸ é formado em Educação pelo Centre de *Formation pour l'École Fondamentale de Port-au-Prince* (2002) e também possui bacharelado em sociologia pela *Université d'État d'Haïti* (2006). Atuou durante quatro anos (2002-2006) como jornalista e trabalha desde 2006 na Faculdade de Ciências Humanas da *Université d'État d'Haïti* como secretário técnico da Unidade de extensão universitária. Escreveu vários artigos sobre a formação social haitiana.

No Brasil, Seguy concluiu em 2014 o Doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, com Tese intitulada *A catástrofe de janeiro de 2010, a "Internacional Comunitária" e a recolonização do Haiti*. Sob orientação do professor Ricardo Luiz Coltro Antunes; Franck Seguy realizou também, no ano de 2009, um Mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, com Dissertação intitulada *Globalização neoliberal e Lutas populares no Haiti: Crítica à modernidade, sociedade civil e movimentos sociais no Estado de crise social haitiano*, sob orientação da professora Maria de Fátima Gomes de Lucena.

²⁸ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2783531029098001>

CHARLOT JN CHARLES

Imagem 21: Charlot Jn Charles vestido com camiseta e num cenário alusivo às cores do Brasil.



Fonte: Fotografia Denilson de Lima para o arquivo pessoal de Charlot.

Charlot Jn Charles²⁹ é Mestre em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR, com Dissertação intitulada *O Haitiano e a procura do lugar na diáspora para a Amazônia: língua, religião e representações* defendida em 2020 sob a orientação do professor Josué da Costa Silva. Especialista em Educação Ambiental e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Rondônia, FCR (2015), entre outras coisas, Charlot é Membro do Corpo Editorial da Revista Presença Geográfica – RPGeo- da Universidade Federal de Rondônia; Pesquisador, membro e professor de francês e espanhol do GEPCULTURA-UNIR e está doutorando em Geografia pela mesma instituição.

²⁹ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2747905120044836>

RENEL PROSPERE³⁰

Por sua vez, quem poderia acreditar na possibilidade de um jogador de futebol, depois seminarista, acabaria se apaixonando pela antagônica filosofia? Frequentei este curso até final de 2007 na UCPel, logo depois iniciei a pós-graduação (PROSPERE, 2012, p. 12).

Imagem 22: Foto de identificação e resumo do currículo Lattes de Renel Prospere



Renel Prospere

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI. Desenvolveu atividades de docência e pesquisa no Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação, Mestrado em Educação, da URI- Câmpus de Frederico Westphalen. Doutor e Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA da FURG. Mestre e Especialista em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação FaE da UFPel. Bacharel e Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da UCPel. É Pesquisador do Programa Stricto Sensu em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade do Centro Universitário FACVEST - (UNIFACVEST). É Pesquisador da Rede Iberoamericana de pesquisa em políticas e processos de educação superior e é Coordenador do Grupo de Estudos Educação e Internacionalização da mesma Rede. Foi Professor-Tutor no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Pelotas-UFPel, onde desempenhou a atividade de Orientação e Correção de Planejamento de Estágio. Na Anhanguera Educacional/Faculdade de Pelotas-RS foi professor convidado do Curso de Pós-Graduação/Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior, onde lecionou a Disciplina de Desenvolvimento e Autonomia e Processo de Aprendizagem do Adulto. Tem experiência docente e pesquisa em Ciências Humanas, com ênfase Filosofia, Filosofia africana e história africana, Educação e Educação Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Ética, Políticas Públicas e Educação, Metodologias Educacionais, Pedagogia da América Latina e Caribe, Educação Ambiental, Filosofia e Filosofia africana.

Fonte: Plataforma Lattes/ Cnpq.

Renel Prospere realizou em 2018 um Pós-Doutorado pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Brasil; é Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG, com Tese intitulada *As mobilizações comunitárias locais como alavanca no reflorestamento do/no Haiti: uma proposta de educação ambiental*, defendida em 2015 sob a orientação do professor Alfredo Guillermo Martin. Além do doutorado, Prospere realizou também dois Mestrados, um deles em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG, com Dissertação intitulada *A Educação Ambiental em Tempos de Crise: Desafios e Propostas após a*

³⁰ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0831072773934822>

Catástrofe Haitiana, defendida em 2011 sob orientação do professor Alfredo Guillermo Martin; o segundo Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, com Dissertação intitulada *Frantz Fanon e os Movimentos Sociais: Com os Olhos Voltados para o Haiti*, defendida em 2012 sob a orientação da professora Neiva Afonso Oliveira. Renel Prospere também é Especialista em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL; graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas, UCPEL, com TCC intitulado *Haiti o Berço da Negritude: uma análise antropológica* sob orientação do professor Osmar Miguel Scheafer.

HANDERSON JOSEPH

Imagem 23: Handerson Joseph participando como membro avaliador convidado na Banca de Defesa da minha Dissertação de Mestrado



Fonte: imagem capturada pelas lentes da jornalista do Instituto Federal de Rondônia, Rosália Silva.

Handerson Joseph³¹ é Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com Doutorado

³¹ Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4682801116239614>

Sanduíche pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) e pela *École Normale Supérieure* (ENS) em Paris. É Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá. Professor Permanente do *Programme Master en Anthropologie Sociale* pela *Université d'État d'Haiti*. Professor Colaborador do *Programme de Master en Sociétés et Interculturalités* pela *Université de Guyane* (Guiana Francesa/França). Entre outras coisas, Handerson Joseph também fundou o Programa de Apoio a Migrantes e Refugiados (PAMER) e foi coordenador da Pós-Graduação e Pesquisa do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros /UNIFAP (2015-2018).

Além dos convidados apresentados acima para esta “mesa redonda” teórica sobre “o Haiti por si” que empreenderemos nesta seção, a maioria deles falando no campo das ciências humanas que é a área com a qual temos maior afinidade interlocutória; há atualmente no Brasil muitos outros imigrantes haitianos que estão cursando ou já cursaram pós-graduação e intercâmbio nas universidades federais brasileiras. Dentre eles, Jean Baptiste Joseph que é Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco e atualmente está cursando o Doutorado na mesma Universidade; Gaspar Octeus³² (imagem abaixo), Mestre em Desenvolvimento regional pela UNIFAP com o qual tive a oportunidade de apresentar trabalho científico no mesmo evento e que, recentemente, entrou em contato comigo (via rede social) para informar que está cursando doutorado no Canadá; bem como JacsSone Alerte, Dieugrand Philippe, Valner Dieudus, Veronica Exantus e outros tantos que estão cursando nível superior de ensino no Brasil e encontramos durante a nossa pesquisa de campo.

³² Gaspard tem uma trajetória bem distinta dos demais interlocutores desta seção, é importante situar que ele chegou para cursar o mestrado, pelo um programa específico da Organização dos Estados Americanos, OEA, e retornar ao país de origem após a conclusão do Mestrado era uma das exigências do acordo.

Imagem 24: Eu e Gaspar Octeus, em 2016, participando juntos numa amostra científica sobre imigração organizada pela UNIFAP



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Esse universo de pesquisadores haitianos no Brasil, constitui um campo muito específico de migração para qualificação e ainda é pouco explorado como pesquisas antropológicas, demográficas, etnográficas, políticas, enfim. Esperamos que esta Tese possa servir também como indício possível para despertar mais olhares sobre esse perfil migratório do Haiti para o Brasil.

2.1.1 AYISYEN KITE LAKAY³³: Haiti, país de emigração

Imagem 25: localização do Haiti no globo terrestre



Fonte: Blog³⁴ “Imago História”

A dinâmica migratória sempre esteve presente no processo de formação histórica, social e econômica do Haiti enquanto nação (in)dependente. Nesse contexto, a emigração surge inicialmente como forma de resistência e é resultante de variadas disputas internas protagonizadas pelas elites de negros e mulatos. “Para nós, os determinantes fundamentais da saída haitiana são econômicos e políticos” afirma Jean Baptiste (2018, p. 108). De acordo com ele, “analisar a migração haitiana como uma das expressões da questão social

³³ HAITIANOS DEIXAM SUAS CASAS

³⁴ <https://imagohistoria.blogspot.com/2011/07/revolucao-haitiana.html>

haitiana é optar por entender as relações econômicas desiguais estabelecidas no país e compreender as manifestações do capitalismo no Haiti. ”

Assim considerando, “o fenômeno de saída massiva de trabalhadores no país pela emigração, produzida num longo processo histórico, passa a ser reconhecido em nossas reflexões como uma das expressões da questão social haitiana”, afirma Jean Baptiste. E destaca ainda que a questão social não é e nem pode ser olhada como universal, pois ela “nasce das contradições históricas que existem nas sociedades capitalistas, bem como das necessidades históricas relacionadas em cada país”. Nesse sentido, seria um equívoco tomar, por exemplo, a formulação europeia e latino-americana da questão social para introduzi-la analiticamente nas reflexões sobre migração do/no Haiti, que tem sua própria história (JEAN BAPTISTE, 2018, p.109).

Diante dessa conjuntura, Jean Baptiste critica as análises teóricas da migração internacional haitiana que não mencionam as motivações práticas da “questão social haitiana” que, para o autor, é fundamental. Renel Prospere (2011, p.25) também considera crucial revisitar aspectos anteriores para a compreensão da conjuntura de migração atual do Haiti. De acordo com o autor, “para entender o contexto no qual se encontra esse país, é fundamental fazer uma retrospectiva histórica. Assim poderemos encontrar fundamentos elucidativos dessa situação”.

Nesse sentido, Seguy (2009), ao realizar um esboço sobre as lutas populares haitianas na segunda metade do século XIX, reflete, entre outras coisas, sobre a questão social do Haiti. O autor chama atenção para o fato de que, como metade da população haitiana vive no campo, “não tem como entender essa sociedade nem superar a questão social deixando de lado as questões agrárias”. Para tanto, o autor considera que essas análises precisam ser contextualizadas com o “peso dos elementos estrangeiros”. De acordo com ele (p.116), “sem considerar o peso dos elementos estrangeiros, qualquer abordagem da sociedade haitiana seria necessariamente parcial”.

Nessa via de interlocução sobre o peso dos elementos estrangeiros na constituição do Haiti como nação (in) dependente, Jn Charles (2020) dedica em sua Dissertação um tópico inteiro para contextualizar a independência do Haiti em sua relação com as forças externas do mundo imperialista. De acordo com o

autor (p. 44), “o Haiti desde muito tempo viveu e ainda vive grandes momentos de crises políticas, ocupações e ditaduras marcadas pelo intervencionismo militar norte-americano em toda região do país”.

A esse respeito, Jean Baptiste (2018, p. 58), em concordância com as afirmações já mencionadas de Seguy (2009), afirma que “o que sucede na sociedade haitiana até a ocupação dos Estados Unidos, em 1915, foi um processo de produção semicolonial e semifeudal à base da produção de café e algodão”.

Assim, recapitulando a proposta inicial deste tópico que seria apresentar uma visão panorâmica do Haiti como país de emigração a partir dos trabalhos científicos realizados pelos pesquisadores haitianos contemporâneos supramencionados; e considerando ainda que todos eles compreendem como relevantes os acontecimentos históricos para a abordagem analítica desses reflexos na atual situação migratória do país; apresento a seguir um esquema que foi utilizado por Prospere (2011) numa tentativa de síntese dos precedentes históricos sociais do Haiti.

Tabela 1: “A Cronologia histórica do Haiti”

ANO	ACONTECIMENTOS	CONSEQUÊNCIAS
1492	Desembarque de Cristóvão Colombo na pequena ilha caribenha	Início da mercantilização da Ilha.
1492-1503	Perseguição à população nativa – indígenas (Arawak, Tainos) pelos colonos	Dizimização e escravização, através do trabalho nas minas.
1520	Os primeiros escravos africanos são levados para o Haiti	Início da escravização dos negros na Ilha, por falta de mão de obra.
1629	Piratas franceses e ucaneiros fazem dali a sua base na ilha da Tortue (Tortuga) que encontra na parte noroeste do país.	Controle absoluto dos colonos na ilha sobre os escravos
1685	Publicação do Código Negro.	Uma série de regulamentações com o objetivo de organizar o comércio de escravos e os métodos coloniais de produção.
1697	O Tratado de <i>Ryswick</i>	A confirmação da soberania da França sobre a parte ocidental da ilha Espanhola, com o nome de Saint Domingue

1749	Fundação de Port-au-Prince	Hoje capital do Haiti.
1770-1790	<i>Saint Domingue</i> , conhecido, na época, como “La Petite France” (A Pequena França).	É responsável por 2/3 do comércio exterior da França. A população é formada por 40 mil colonos brancos, 28 mil mulatos e 450 mil escravos negros.
1791	Revolta geral dos escravos	Incêndio nas plantações de cana-de-açúcar e nas usinas.
1793	A abolição da escravidão em <i>Saint-Domingue</i> .	Início da organização dos escravos.
1795 I	Tratado de Base	A Espanha cede a parte oriental da ilha à França, porém a guerra na Europa impede a transferência da posse.
1801	Toussaint Louverture, ex-escravo, estabelece a autonomia da ilha sob a soberania da França.	A organização dos escravos se intensifica.
1802.	Napoleão Bonaparte manda uma expedição punitiva para restabelecer o poder colonial e restabelecer a escravidão. Guerra de Independência	Toussaint L. é capturado e exilado em junho de 1802. Morre em uma prisão na França, no dia 7 de abril de 1803
1804 1º de janeiro:	Jean-Jacques Dessalines proclama a independência de toda a ilha.	O país adota novamente seu nome indígena original: Haiti /Ayiti (terra montanhosa).
1806	J..J Dessalines é assassinado.	Henry Christophe toma o poder.
1807-1818	Alexandre Petion governa uma república separada, no oeste	Revolta dos camponeses no Sul.
1807-1820	Henri Christophe governa a parte norte do País e se proclama rei.	Tirania absoluta no Norte do país.
1808	Com a ajuda da Inglaterra, a Espanha recupera a parte leste da ilha, com o nome de Santo Domingo.	Volta da escravatura na parte ocidental da ilha.
1820	O Haiti é reunificado pelo sucessor de Petion, Jean Pierre Boyer	O país volta a crescer financeiramente.
1822	O Haiti ocupa Santo Domingo sob o comando de J.P Boyer.	Tal ocupação levou a anexar Santo Domingo por 22 anos ao Haiti
1825	Reconhecimento da independência haitiana pela França.	Em troca de uma indenização de 150 milhões de francos-ouro, o equivalente ao orçamento anual da França na época
1844	Os haitianos são expulsos de Santo Domingo.	A volta da liberdade na parte ocidental da Ilha.

1844-1908	Grande instabilidade política e comercial no País.	Sucessivas revoltas de camponeses contra latifundiários e a burguesia
1862	Fim da Guerra de Sucessão	Os Estados Unidos reconhecem a independência do Haiti, 58 anos depois.
1908-1915	Inúmeras rebeliões contra o poder em Porto Príncipe, dirigidas principalmente por Latifundiários do norte do país.	Aumenta a instabilidade política, por trás da qual, há uma violenta crise econômica
1915-1934	Ocupação do Haiti por fuzileiros navais norte-americanos.	Os Estados Unidos afirmam que é necessária a ocupação “para serem restabelecidos a ordem e os interesses norte-americanos”.
1915-1919	Resistência de guerrilheiros camponeses, liderados por Charlemagne Peralte	Luta dos camponeses contra a ocupação norte-americana.
1957	François Duvalier “Papa Doc” é eleito presidente, com apoio dos Estados Unidos.	Início da ditadura.
1958	F. Duvalier organiza os “Tonton Macoutes” Espécie de milícia, espião (bicho-papão).	O crescimento da onda de temores, violência e crimes no País.
1964	F. Duvalier se proclama presidente vitalício.	Interdição em qualquer tipo de organização, movimentos etc.
1971	Morte de François Duvalier, proclamação imediata do seu filho Jean Claude Duvalier “Baby Doc” como sucessor, com 19 anos, como presidente vitalício.	A intensificação da ditadura do regime duvalierista.
1986	Fim da ditadura Jean- Claude “Baby Doc”	Duvalier é obrigado a deixar o poder e abandonar o país. Foi exilado na França.

Fonte: Prospere (2011, pp 26; 27 apud ROCHA, 1995).

Diante da abreviada retrospectiva exposta, fica evidente que os acontecimentos históricos do Haiti são permeados por rupturas drásticas e significativas em períodos curtos que interferem circunstancialmente no curso dos acontecimentos políticos e sociais do país. Esse passado de má-gestão, intervenções militares e políticas, somados aos acontecimentos mais recentes de catástrofes naturais direciona o Haiti para uma atual crise social que afeta diversos setores tanto econômicos, educacionais, agrícolas, de relações exteriores, como de saúde pública.

Seguy” (2009, p. 18) lastima o fato de que atualmente no Haiti “na área da saúde a taxa é de um médico por 10.000 habitantes. Esses médicos jamais aceitam ir ao interior”. Essa quase ausência de profissionais atuando no mercado de saúde reflete muito negativamente no quadro de saúde pública haitiano.

Com relação ao problema específico do atendimento à saúde coletiva de mulheres haitianas, a médica pesquisadora Jacques (2015, p. 6) considera que *“en Haïti le problème se pose surtout dans l'accès aux services de santé et de la qualité des soins donnés d'une manière générale aux femmes pauvres qui vivent dans les zones rurales ou dans les montagnes”*. Assim, autora também aponta o problema principal da má gestão da saúde coletiva no Haiti que seria a falta de acesso aos serviços de saúde e a pouca qualidade dos atendimentos que geralmente são prestados às mulheres pobres que vivem nas áreas rurais. Além disso, a autora reconhece que esse problema também pode ser analisado do ponto de vista socioeconômico, assim como a partir da quase ausência de autonomia dessas mulheres.

Ainda falando sobre a não disponibilidade de médicos para o atendimento local, Seguy (2009) afirma que “em Montreal encontram-se mais médicos haitianos do que no Haiti”. Isso nas palavras de Seguy (p.18) “faz parte do visível plano canadense de roubar (sic) a força viva e o cérebro do Haiti, pelo processo de migração seletiva como política de Estado”. Nesse sentido, o autor faz uma crítica muito contundente também ao sistema de gestão haitiano e à falta de atrativos a partir de uma política nacional baseada num plano de valorização de carreira para esses profissionais atuarem no próprio Haiti.

Para Jn Charles (2020, p.49) “a migração haitiana não é algo que acontece somente agora, ela teve seu início no século XX quando as tropas armadas americanas ocuparam o país em (1915- 1943)”. Diante disso, o autor menciona que “o ditador François Duvalier, durante seu regime, fazia com que as pessoas que não estavam a favor do seu governo, para sobreviver, “optassem” por ir para o exílio” numa espécie de emigração forçada.

Em diálogo com Handerson (2015) e outros autores, Jn Charles (2020) elaborou o quadro seguinte para resumir o que ele chama de “fases mais marcantes da migração haitiana”, a saber.

Tabela 2: “Fases marcantes da migração haitiana”

AS QUATRO FASES MAIS MARCANTES DA MIGRAÇÃO HAITIANA	
1ª Fase	O primeiro fluxo da migração haitiana se deu nos anos (1915-1943), no referente período Haiti era ocupado pelas forças armadas americanas e na mesma época o país vizinho a República Dominicana em 1912 a 1924 viveu também uma ocupação americana. Naquele período estimava-se aproximadamente —30. 000 a 40. 000 haitianos [...] migravam temporariamente todos os anos para Cuba (WOODING E MOSELEY-WILLIAMS, 2009, p. 36), em busca de uma vida digna. Enquanto outros lutavam para forçar as forças armadas americanas a deixar o país. Muitos desses haitianos foram trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar e de café.
2ª Fase	O segundo fluxo de migração haitiana pode ser entendido por meio de duas realidades: a) devido ao longo tempo de permanência dos Estados Unidos no Haiti, a elite do país enviou seus filhos para realizar seus estudos universitários fora do país; b) com a ditadura de François Duvalier (1957-1971), os intelectuais e uma grande parte da classe média foram para o exílio. O Ditador François Duvalier causou muito medo em qualquer pessoa ou grupo social que se opunha à sua maneira de governar. A tal ponto para ter o controle completo do país criou os — <i>Tontons Macoutes</i> (Bicho Papão), grupo de milícia fiel ao ditador capaz de fazer qualquer coisa para proteger o poder do presidente François Duvalier. Como resultado o direito das pessoas se degradou cada vez mais (AUDEBERT, 2012; HANDERSON, 2015).
3ª Fase	Um terceiro fluxo da migração haitiana aconteceu em 1990. Com golpe de Estado a Jean-Bertrand Aristide, o primeiro presidente da nação eleito democraticamente. Entre 1990 a 1991 mais de 100.000 haitianos emigraram para outros países. Com o destino à República Dominicana, Cuba, Guantânamo e os Estados Unidos (HANDERSON, 2015).
4ª Fase	O quarto fluxo registou-se a partir do terremoto de 2010, tragédia que aumentou a pobreza do país caribenho. Diante da impossibilidade do governo haitiano de acompanhar a população e ajuda-los na sua luta de

	solucionar os seus problemas básicos tais como: ter acesso à educação, alimentação, saúde, moradia, emprego e sobre tudo garantir-lhes uma segurança adequada. Por esse último, a migração haitiana ganhou um aspecto mais significativo a nível internacional. E também os países onde os imigrantes haitianos almejavam ir se aumentaram, entre eles o Brasil e o Chile que até a década de 2010 não faziam parte da lista dos países que os haitianos viajavam em grande número (idem, 2015).
--	--

Fonte: Jn Charles (2020, pp 49-50).

Seguy (2009, p. 30) estima que “cerca de dois milhões³⁵ de haitianos/haitianas vivem fora do país, num total populacional ao redor de 9 milhões que vivem no Haiti.” De acordo com o autor, “esse número de emigrados injeta anualmente mais de um bilhão de dólares na economia haitiana apenas em transferência de dinheiro entre famílias”.

Essa transferência de dinheiro entre famílias que é mencionada pelos autores deste tópico, além de parte importante da economia do país haitiano, segue também uma lógica própria que envolve cooperação mútua baseada em códigos morais e místico religiosos, conforme explica Handerson (2015, p. 95).

Há uma dimensão de reciprocidade: quando o viajante chegar ao destino, deve continuar cumprindo as obrigações. Além de enviar remessas aos que permaneceram, os praticantes devem continuar servindo os lwa aletranje: ao mesmo tempo, mandar-lhes dinheiro para fazer os serviços dos lwa, (okipe lwa yo, literalmente ocuparem os loas, dando manutenção material a eles) assim cumprindo as obrigações na bitasyon da família, isto é, na propriedade na qual já viveram os ancestrais da família, ou então fazendo manje lwa (comida de loa) eventualmente ou ainda mantendo a qualidade da relação com os de lá considerados como pitit lwa (filhos dos loas). Uma expressão utilizada para isso, é bay lwa yo manje (dar comida aos loas).

Seguy (2009, p. 30) elucida que além de ter uma expressiva força econômica, a diáspora haitiana também “busca se pronunciar no que tange à vida política do país”. A título de exemplo, o autor cita a realização congressos políticos que se propõem a definir “estratégias de desenvolvimento para o Haiti”. Nesse contexto, como “um hífen, um traço-de-união, entre o Haiti e sua diáspora,

³⁵ Dados referentes ao ano de 2009 que foi o ano de publicação do trabalho citado.

as mídias não demoram a invadir a internet a fim de criar uma dinâmica de comunicação entre os que migraram e os que permaneceram no país”.

“Aujourd’hui, on est en plein de ce que nous pouvons appeler le système d’exploitation mise en place par d’autre pays sur le marché national avec la complicité des gouvernements”, afirma Nadege Jacques (2015, p. 6) ao refletir sobre a situação mais contemporânea do Haiti no contexto internacional. A autora sintetiza que as mais variadas formas de exploração pelas quais passa o Haiti nos dias de hoje foram implantadas por outros países no mercado nacional em um sistema de cumplicidade envolvendo o governo do próprio Haiti em parceria com o estrangeiro. Diante disso, Nadege Jacques afirma que há um ciclo de controle do desenvolvimento nacional haitiano pelos capitalistas estrangeiros, se tornando quase impossível “sair deste labirinto”, pois até mesmo as necessidades mais básicas dependem, de acordo com a autora, quase que exclusivamente de estrangeiros.

Para além disso, Nadege Jacques (2015) considera também outros fatores que servem como problemáticas para o bem-estar nacional haitiano nos dias de hoje, como por exemplo, a erosão do solo causada pelo desmatamento massivo, a má política agrícola nacional, bem como a falta de tecnologia e estrutura que permita grande produção. Esses fatores reduzem e limitam o trabalho agrícola a tal ponto que os produtores locais não conseguem produzir alimentos suficientes para atender a demanda da população em termos de consumo.

Outro agravante nesse cenário seria o fato de os negócios familiares ligados à agricultura não receberem o tratamento e incentivo adequado na gestão da política interna. Além disso, a centralização de quase todo o setor industrial na capital do país não promove o desenvolvimento econômico esperado nos demais Departamentos (estados) da nação haitiana. Como consequência direta de todas essas situações elencadas está o êxodo rural que gera as favelas das grandes cidades e a imigração maciça de camponeses para os países vizinhos ou mesmo mais distantes em busca de uma vida melhor (JACQUES, 2015, p.13).

Em face do que já foi dialogado até aqui, é possível perceber que a vinda de imigrantes haitianos em quantidades expressivas para o Brasil não é

aleatória, muito menos desconexa, antes é reflexo de todo um sistema construído a partir de rupturas e movimentos políticos que impulsionam os haitianos a tomarem decisões de viver fora do país. Assim, encerramos nossa “mesa redonda” introdutória e panorâmica sobre a atual conjuntura de migração haitiana e passamos ao próximo tópico desta Tese.

2.2 O HAITI DOS HAITIS

Imagem 26: Foto de obra de arte. Óleo sobre tela, autoria do artista plástico Dady Simon.



Fonte: Compartilhada³⁶ em modo público na página oficial de divulgação do pintor na rede social Facebook.

³⁶https://scontent.fpvh21.fna.fbcdn.net/v/t1.09/36915622_10204636151701909_6859089598077730816_o.jpg?_nc_cat=101&ccb=2&_nc_sid=730e14&_nc_ohc=KzYmLIAXo

A imagem que abre este tópico é uma foto da tela do artista plástico Dady Simon, o artista optou por escrever um texto poético autoral para falar sobre as sensações que ele capta na tela e cuja impactante legenda apresentaremos mais adiante como parte do corpus de dados etnográficos que analisamos ao longo do texto.

Na tela, o artista retrata em primeiro plano dois rostos femininos ilustrados em cores simbólicas representativas da bandeira haitiana; um deles, aquele que está disposto como figura centralizada na tela com longos cabelos azuis, chora expressivas lágrimas frente ao que seria aparentemente um útero com reflexos impressos de um avião estampando as bandeiras francesa, brasileira e estadunidense; o avião em nossa análise representa as viagens empreendidas pelos imigrantes, a mulher pode estar associada à pátria, enquanto as bandeiras estão evidentemente relacionadas com os países de destino.

Ao lado da figura central, há uma segunda cabeça possivelmente de mulher com rosto disposto em perfil apoiado em uma folha verde que pode estar associada à esperança, à natureza ou a ambas, direcionado para o lado esquerdo da tela cujo plano de fundo é tomado pelas reluzentes águas do mar sob o sol. Esse rosto descrito parece soltar uma flor pelos lábios e mais adiante, representando ter sido proferida uma canção sob as águas, há uma pentagrama com as sete figuras musicais dispostas entre tons e semitons numa escala harmônica de dó maior que pode estar simbolicamente representando a harmonia, a sonoridade, a poesia.

Completando a tríade humana central nesta tela, há um terceiro rosto com traços masculinos e grilhão representativo da escravização atado ao pescoço e que faz com que o rosto esteja disposto levemente inclinado para baixo, sobre o alto dessa cabeça o útero com o avião refletido, descrito anteriormente. Esse rosto é representado no próprio ato de vomitar fórmulas

químicas, físicas, equações matemáticas, códigos moleculares da biologia, a balança da justiça, instrumentos musicais e dois outros símbolos que escapam aos domínios inteligíveis da autora desta Tese. Em nossa leitura da obra analisada, compreendemos serem os símbolos supracitados uma alusão aos profissionais, estudantes das mais variadas áreas do conhecimento, músicos e pintores que deixam o país em busca de oportunidades no exterior.

De cabeça para baixo, tendo como um extremo e outro, a lama e a escuridão, há uma representação minúscula e colorida do que seria o Haiti em seu aspecto “virginal” com águas límpidas e vegetação verde. Esse Haiti, idealizado e colorido, está apoiado de cabeça para baixo à figura de um tambor ritualístico do vodu cuja baqueta³⁷ tem um pano vermelho atado na parte superior.

Para uma melhor compreensão dos símbolos ritualísticos do vodu, buscamos as contribuições compiladas na Tese da antropóloga Goyatá (2019) que, lançando mão das ciências antropológicas e arqueológicas, realiza uma etnografia documental sobre a cultura tradutível do Haiti em objetos, formas e imagens a partir de uma rede de circulação de pessoas intelectuais, artistas, políticos e gestores haitianos encarregados dessa produção.

No excerto a seguir, a autora faz a descrição de um dos objetos ritualísticos na cosmologia vodu, a saber o tambor assotor:

De formato alongado, com uma superfície em madeira pintada, cobertura em couro de boi e os característicos sete dentes que se localizam ao longo da circunferência, ajudando a fixar a cobertura, o **tambor assotor** (grifo nosso) é um objeto ímpar na cosmologia vodu. Instrumento ativo de mediação entre os loas e seus devotos, ele é também um agente espiritual, tendo uma vida própria e rituais únicos que preparam sua entrada e saída das cerimônias e festas religiosas (GOYATÁ, 2019, p. 55).

³⁷ A baqueta é um objeto em forma de pequeno bastão, geralmente, com uma das extremidades arredondadas, para percutir diversos instrumentos musicais, como o tambor e a bateria por exemplo.

Imagem 27: Exposição de tambores no museu do Bureau



Fonte: Goyatá (2019, p.57)

Enfim, realizada a nossa descrição densa do que está representado artisticamente na obra em análise, apresentamos a seguir a composição poética usada pelo autor como legenda para a tela:

“H aiti, une femme, une beauté déchiquetée, violée, mutilée et abandonnée comme une vieille chienne avec as cébille quémandant des centimes pour subsister. Elle chante sa litanie de Miserere. La perle précieuse s’est plongée dans une boue puante, vêtue de haillon’une salleté repoussante et que son odeur empeste la nature. La guenille frappant de porte en port, demandant secours, personne ne l’a regardé. Haïti danse sa contredance au goût de fiel sur deux jambes de bois, dans une déhanchée insipide. Du miel en fiel! De la perle en immondice! Lla mère la liberté mondiale en dépravation Haïti veut donner son dernier soupir dans un silence mortuaire, pendant que les belles cravates jouant l’aveuglette, et le peuple se végétant dans la crasse. Un centime suffit pour faire pêter le feu, dont la flamme sert de parfum pour embaumer les malendrins et détériorer la santé des innocents en quête d’un lendemain en question. Haïti s’est transformée en une pute, se livrant gratuitement à tous sans la moindre pudeur et de honte. Sa prroduction nationale a été détruite pendant que sa force est en congé, la jeunesse avec leur bagage

intelectuel part en masse vert le Brésil, l'Argentine, la Guyane française, la République dominicaine, le Chili, à la recherche de nouvelles opportunités, du pain codidien et de la civilisation. Haïti pleurant ses 9 gouttes de larmes, qui constituent les fléaux qui la rongent jusqu'aux os... L'inconscience; l'hypocrisie; le gaspillage; la démagogie; l'égoïsme; la méchanceté; la sorcellerie; la corruption; la division.

Haït, un tambour à l'envers, l'homme qu'il faut n'est pas à la place qu'il faut, "un vrai débacle". Le fameux hochet, < tchyatchya > qui représente un instrument important dans la musique haïtienne et du troubadour s'est tu en faisant place aux bouteilles, assiettes, gobelets en plastique qui gambardent dans les égouts et jongent les rues sans la moindre permission et d'excuse. Haïti déboisée, dénudée pour en faire du charbon de bois. Encore en stade préhistorique avec la petite lampe "TÈT GRIDAP" qui se fraie un chemin dans le "black out" le plus épais! Le nouvel horizon possible dans une autre mentalité entonnant les sept notes de musique dans une mélodie variée pour arriver à une symphonie, soufflant: L'amour; le respect mutuel; la tolérance; l'union; le dévouement; la paix et la réconciliation."

-Dady Simon

Tradução livre:

Haiti, uma mulher, uma beldade despedaçada, estuprada, mutilada e abandonada como uma velha cadela com sua cébille implorando por centavos para subsistir. Ela canta sua ladainha de Miserere. A preciosa pérola mergulhou em uma lama fedorenta, vestida com trapos de salleté repulsiva e seu cheiro fede à natureza. O pano batendo de porta em porta, pedindo ajuda, ninguém olhou para ele. O Haiti dança sua contraparte ao sabor do fel em duas pernas de madeira, em um balanço insípido. Mel em fe! Pérola na sujeira! A liberdade do mundo mãe na depravação. O Haiti quer dar o seu último suspiro no silêncio mortuário, enquanto as belas gravatas brincam às cegas e as pessoas vegetam na sujeira. Basta um centavo para fazer bicar o fogo, cuja chama serve de perfume para embalsamar os mal-comportados e deteriorar a saúde dos inocentes em busca de um amanhã em questão. O Haiti se tornou uma prostituta, dando-se a todos sem a menor vergonha e vergonha. Sua produção nacional foi destruída enquanto sua força está de licença, a juventude com sua bagagem intelectual parte em massa para o Brasil, Argentina, Guiana Francesa, República Dominicana, Chile, em busca de novas oportunidades, do Pão Codidiano e civilização. Haiti chorando suas 9 gotas de lágrimas, que constituem as pragas que a devoram até os ossos: inconsciência; hipocrisia; desperdício; demagogia; egocentrismo; maldade; bruxaria; corrupção e a divisão. Haiti, um tambor de cabeça para baixo, o homem certo não está no lugar certo, a verdadeira debacle. O famoso chocalho, tchyatchya que representa um importante instrumento da música haitiana e o trovador cala-se dando lugar às garrafas, pratos, copos de plástico que saltam nos esgotos e fazem malabarismos nas ruas sem a menor permissão e com licença. Haiti desmatado, despojado para fazer carvão. Ainda no estágio pré-histórico com a pequena lâmpada TÈT GRIDAP que abre caminho através do black out mais espesso! o novo horizonte possível em outra mentalidade cantando as sete notas musicais

em uma melodia variada para chegar a uma sinfonia soprando: amor; respeito mútuo; tolerância; união; dedicação; paz e reconciliação.

- Dady Simon

Sair de casa implica, entre muitas outras coisas, deixar um local confortável no sentido de ambiente conhecido para aventurar-se por ambientes desconfortavelmente desconhecidos que apenas foram previamente imaginados, o estrangeiro. Esse processo é permeado por decisões práticas tais como providências com a documentação necessária, compra de malas e passagens, decisão prévia sobre o local de destino, enfim. Mas, para além disso, há também os conflitos, a ansiedade, o medo e, sobretudo, a coragem necessária para partir. Partir implica necessariamente em seguir em frente independentemente do que ficou para trás, e o que ficou para trás importa muito, a família, os amigos, o lar.

Nesse curso, “a emigração é realizada e vivida necessariamente na dor, uma dor compartilhada entre os que partem e os que ficam” (SAYAD, 2000. p. 14).

Por essas razões, o vínculo afetivo emocional dos imigrantes com o Haiti se mantém mesmo à distância. Falar sobre o Haiti é algo caro e relevante para os nossos interlocutores e essa fala é permeada por discursos emocionados, críticos, teóricos no caso dos imigrantes pesquisadores com os quais dialogamos no tópico anterior, artísticos, poéticos como esses com os quais estamos dialogando neste tópico, enfim. Discursos emotivos que expressam inquietações quanto ao cenário político, econômico e revelam um saudosismo evidente sobre a natureza e a família.

Sayad (2000, p. 12) considera que a valorização da terra natal é uma tarefa a qual o imigrante se empenha “apaixonadamente, investindo todo o seu ser social”. Essa valorização também é, por conseguinte, “dotada de um forte poder de mobilização, pois ela engaja toda a identidade social e cultural da pessoa”. Esse exercício nostálgico está além de ser uma reação individual, é também um reflexo coletivo verossímil, pois retoma elementos do plano político.

A legenda poética escrita por Dady Simon para a obra de arte que serviu de abertura para esta parte do texto, assim como os demais textos poéticos que

seguem, são exemplos concretos desse tipo de manifestação de sentimentos abstratos, contraditórios, antitéticos e metafóricos sobre o “Haiti dos Haitis”.

Os Haitis

*O Haiti da liberdade
Da resistência
Da dor e da opressão
O Haiti da batalha
Das trevas
Da luz e da revolução
O Haiti da Perla das Antilhas
Das praias
Do mar e da devoção
O Haiti do Djondjon
Do lalo
Do soup jounou e da exibição
O Haiti da bandeira
Do azul
Do vermelho e da inspiração
O Haiti dos Haitis
Dos Haitis do Haiti
Da ocupação, da intervenção
Da divisão, da comunhão
Da resistência, da abundância
Da negritude, da vicissitude
O Haiti dos Haitis
Dos Haitis do Haiti.*

Handerson Joseph, 19 de maio de 2020, via Facebook,

No poema supracitado, Haiti é singular ao mesmo tempo em que é plural. O eu-lírico descreve esses “Haitis” a partir de um jogo metafórico comparativo onde o poeta lança mão de recursos que vão desde alusão aos acontecimentos históricos, tais como resistência, batalha, Perla das Antilhas, revolução, ocupação, intervenção; perpassando por características da cultura popular ao

citar pratos e ingredientes culinários locais como *djon djon*³⁸, *lalo*, *soup joumon*³⁹; até os recursos estilísticos da linguagem, como por exemplo o uso de semelhanças sonoras entre as palavras devoção e exibição.

³⁸ De acordo com informações encontradas no Grupo “Haitianos em Campo Grande - MS – Brasil”, o Djon djon é o nome comum para um tipo de cogumelo preto comestível encontrado no norte do Haiti e usado como uma iguaria em alguns pratos haitianos, como Diri ak djon djon. Quando cozidos, os cogumelos djon djon dão ao prato que eles estão em uma cor, sabor e aroma requintados. Antes de cozinhar, as hastes não comestíveis são removidas e os chapéus são usados. Djon djon são frequentemente servidos com arroz e uma carne como carne de porco, ou peixe. Fervendo os cogumelos libera uma cor acinzentada-preta na água, que pode então ser usada para flavor e para colorir o arroz que são servidos. Os pratos que utilizam o cogumelo são servidos frequentemente no Haiti em ocasiões especiais, tais como aniversários, casamentos, ou no Natal.

³⁹ Soup Joumou ou sopa de abóbora é um dos símbolos da Independência do Haiti, tradicionalmente consumida no dia de Ano Novo, uma vez que a Independência do Haiti ocorreu a 1 de Janeiro de 1804. “Soup Joumou” é crioulo haitiano para “sopa de abóbora”: as abóboras são indígenas daquela região e o seu nome local, numa língua tupi, seria próximo de “jerimu” ou “jerimun”, palavras ainda hoje utilizadas no Brasil para estas espécies.

Imagem 28: Comentário feito por Diegrand, direcionado a responder minha dúvida sobre o que seria *lalo*



Diegrand Philippe

Roziane Jordão ! Vou tentar te explicar um pouco sobre esse legume.

Ele é conhecido no Haiti como "Légume Lalo". Pesquisei um pouco sobre maniçoba e percebi que o preparo do lalo não é muito diferente do "Maniçoba do Pará", mas é feito com folhas diferentes. A folha de "Lalo" tem a mesma aparência com a "Juta indiana", ela é cultivada em região húmida, por isso a colheita dela é bem sucedida em momento chuvoso. Na culinária haitiana o lalo é um dos meus pratos favoritos. O modo de preparo desse legume varia com as regiões no Haiti. No meu caso que vem do departamento "Artibonite", numa pequena região chamada "La croix", esta região é conhecida como o melhor lugar para se plantar o "lalo", pois cresce rápido e sem auxílio de produtos químicos. Nesta mesma região o preparo do prato pode ser feito tanto com folha fresca quanto ela seca. Porém a secagem da folha não leva tanto tempo quanto a do "Maniçoba", porque não contém veneno. A preparação pode parecer complicada, mas nem tanto assim, basta se organizar bem para cada etapa (Até agora não sei fazer kkkkkk). Em Artibonite eles utilizam carne de porco, carne bovina, caranguejos e alguns frutos do mar. pode ser feito com apenas uma dessas carne também. Não sei a tradução correta de "Lalo" em português, alguns dos brasileiros que eu conheço que provaram o prato, logo plantam a semente (importada do Haiti) para não perder a oportunidade de saboreá-lo novamente

Amei · Responder · 2 sem · Editado



Fonte: Print screen de diálogo no Facebook

Haiti, da maneira como é colocado no título, bem como nos penúltimo e último versos do poema, no patamar de substantivo variável no plural, abre um caminho amplo de trajetos possíveis para se chegar às definições do que seria o Haiti. Nesta Tese, percorrer esses caminhos de entendimento tem sido ora fascinante, ora cansativo. O cansaço é apenas físico pela infinidade de olhares possíveis e pela quase obrigatoriedade que temos para com a academia e os

padrões científicos de estabelecer uma rota mais ou menos direta a fim de não se perder no caminho.

E o caminho é montanhoso, o próprio nome Haiti vem da palavra *Ayiti*, que significa terra das montanhas na língua dos Tainos que habitavam a ilha antes da chegada de Cristóvão Colombo e, como diz o ditado kreyòl “*Dèyè mòn gen mòn*”, atrás das montanhas há mais montanhas (MASCHIO, 2018, p.163).

A escalada dessas montanhas de significados e pluralidades tornam o terreno analítico complexo demais para se observar apenas a base dos montes e perigoso demais para escalar até o cume. O perigo metafórico aqui colocado é correr o risco de cair no jogo de armadilhas dicotômicas e abstratas que os próprios acontecimentos históricos do país podem nos apresentar. Durante todos esses anos olhando para “os Haitis”/ *Da liberdade e resistência/ Da dor e da opressão*/ não consegui ainda avistar a planície e é exatamente isso que torna o trajeto interessante.

Em 15 de julho de 2020, Johnny Le Majeste⁴⁰ divulgou em modo público na sua página no *Facebook* seu mais novo poema autoral que acabava de ser publicado no *Canal M’aji Santa-Kaya an Aksyon*, como nota introdutória, Jhonny escreveu “Ayibobo é o título de este poema nele faço uma crítica ao respeito ao Haiti enquanto ao chamado a Peróla das Antilhas. Eu acho que precisamos um momento de reflexão profunda antes de falar”.

Johnny Le Majeste é ativista da cultura haitiana e criou um canal no YouTube para divulgar suas produções autorais, tais como aulas de história da África, poemas e peças teatrais. A descrição do canal é a seguinte:

M’aji Santa-Kaya an Aksyon, se yon kanal de divilgasyon, kreye nan objektif pou bay valè e pou voye monte kilti ansestral orijin afrikèn, apati de yon ansanm de deba syantifik e de ilustrasyon metafizik_ se yon kanal de deba akonpanye de revyi akademik e prodiksyon literè. donk nap jwenn lekti , analiz sosyopolitik, et pèfomans poetik osi byen teyatral.

Numa tradução livre para a língua portuguesa, a descrição do canal de Johnny Le Majeste seria a que transcrevemos abaixo. No entanto, é importante destacar que a maioria dos trabalhos autorais de Majeste é produzida em idioma

⁴⁰ https://www.youtube.com/watch?v=ILA9_...

Kreyòl ayisyen e disponibilizada ao público brasileiro com legendas em português nos videocliques. De acordo com Seguy (2014, p.240) há no próprio Haiti, a partir de um sistema intrínseco e enraizado “um tipo de guerra cultural na qual tudo que vem das raízes do povo- e que lembra a África- é negado, até a sua própria língua. ” Nessa via de interlocução, entendemos que essa opção do artista é uma opção política de resistência, valorização e afetividade para com o idioma materno.

M´aji Santa-Kaya em Ação, é um canal de divulgação, criado com o objetivo de valorizar e fomentar a cultura ancestral de origem africana, a partir de um conjunto de debates científicos e ilustrações metafísicas_ é um canal de debate acompanhado de resenhas acadêmicas e produção literária. Assim, encontramos leitura, análise sociopolítica e performances poéticas e teatrais.

O videoclipe de Johnny Le Majeste com o poema autoral *Ayibobo* mais que um simbolismo da resistência negra cultural, é um grito de protesto. Não, um grito por causa da intensidade do som com que é declamado, mas um grito pelo impacto das palavras pronunciadas pelo eu-lírico.

Imagem 29: Johnny Le Majeste, o autor do poema “Ayibobo”



Fonte: arquivo pessoal de Johnny Le Majeste, cedido para esta Tese

*Ayibobo*⁴¹

*Dizer que o Haiti era Pérola das Antilhas não me traz nenhum orgulho
 Minha única referência cultural é o vodu
 Entre o sangue do porco e o do cordeiro eu não vou esquecer os nomes dos meus
 ancestrais
 Os fortes gigantes forjados da Liberdade
 Eu não acredito em uma beleza feita sobre os estratos do chicote da escravidão
 Matando-se pela glória da Metrópole não tem nada para ser honrar
 Lembre-se desse provérbio, irmão, “não faça da vergonha uma raiva”
 Lembre-se quantos milhões morreram de fome de sede de todos os tipos de tortura
 Está errada minha irmã se você nunca teve conhecimento disso
 Mas nós perdemos isso porque é caso de Nacional Educação
 Na escola nos ensinaram e nos esconderam a nossa história
 São mentiras que nos contaram sobre a África Negra
 Ayibobo!*

Vestido com camiseta branca causando um efeito visual impactante em contraste com sua pele negra e tendo como plano de fundo painéis artísticos em desfoque com pinturas coloridas, Le majeste declama o poema acima transcrito sob a trilha sonora da música “Ayibobo⁴²” dos *Freedom* com a qual o poema estabelece relação de intertextualidade.

De acordo com César (2017, p. 17), no período em que o Haiti era território colonial da França a característica mais marcante foi a alta produtividade agrícola, esse fato lhe rendeu o apelido de “Pérola das Antilhas”, a região foi a mais próspera da França na América por ocasião da exploração de açúcar, café e cacau. No poema, o eu-lírico abre o primeiro verso manifestando aversão ao “elogio” histórico recebido pelo Haiti e reforçando a admiração pela memória dos ancestrais “/Dizer que o Haiti era Pérola das Antilhas não me traz nenhum orgulho/ Minha única referência cultural é o vodu/”.

⁴¹https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=2634951120093810&id=1000073684383

58

⁴² <https://www.musixmatch.com/>

Manifestando orgulho pela religião vodu, que era praticada pelos ancestrais e permanece viva entre seguidores contemporâneos, o eu-lírico do poema *Ayibobo* em análise, menciona também, como motivo de orgulho e resistência, eventos ritualísticos da religião vodu nos versos “/Entre o sangue do porco e o do cordeiro/ eu não vou esquecer os nomes dos meus ancestrais/ Os fortes gigantes forjados da Liberdade/”.

Nos versos descritos acima, há menção ao sangue de dois animais icônicos representativos de duas religiões que se constituem historicamente como antagonistas a partir de uma série de eventos de perseguição e resistências, a saber o sangue de porco alusivo à cerimônia de imolação no vodu e o sangue do cordeiro alusivo à cerimônia de imolação no cristianismo.

No poema, “entre um sangue e outro”, o eu-lírico manifesta a escolha de “/não esquecer os nomes dos ancestrais/ Os fortes gigantes forjados da Liberdade/” que, nesse contexto seriam os líderes organizadores da conhecida e histórica *Cérémonie Du Bois Caïman* que deu origem a Primeira Revolução Negra das Américas, a revolução haitiana.

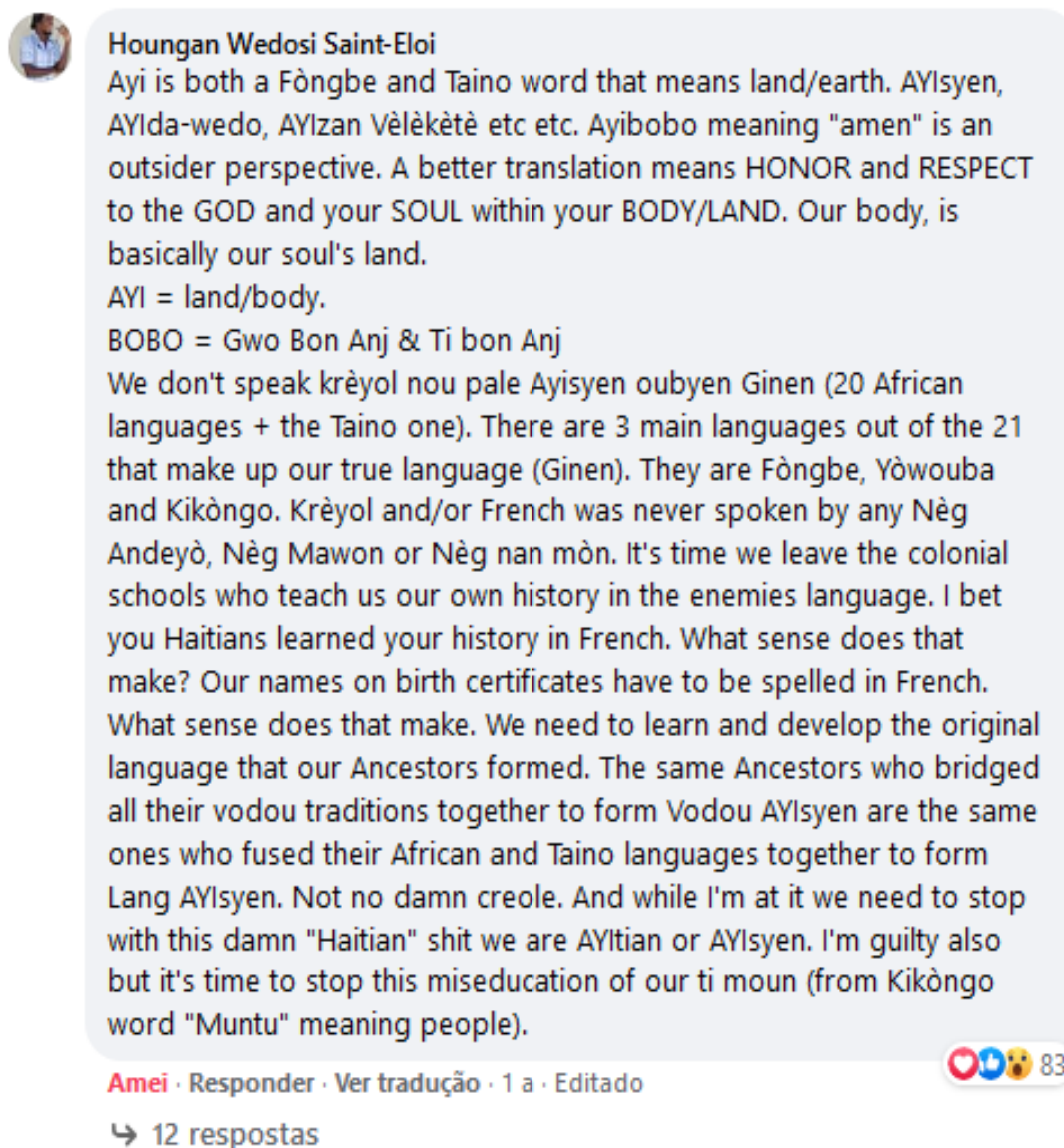
Handerson (2010) afirma que “o papel desempenhado pelo Vodou durante a libertação dos ex-escravos, na independência do Haiti, e atualmente na política interna do país” faz com que o Vodou se constitua como “um elemento irredutível na construção do país haitiano”.

No poema *Ayibobo*, já nos últimos versos, após exaltar a necessidade de pôr em descrédito e desonra “/uma beleza feita sobre os estratos do chicote da escravidão/” que é a beleza relativa ao produtivismo no ciclo de exploração e escravização, resultante do período colonial, o eu-lírico atesta a deturpação dos conteúdos históricos que são ensinados nas escolas haitianas a partir de um sistema elitizado de ensino com base essencialmente francesa, a começar pela língua, “/Na escola nos ensinaram e nos esconderam a nossa história/ São mentiras que nos contaram/.”

Na perspectiva de compreender o sentido do título do poema *Ayibobo* a primeira referência que temos tanto nos sites de busca como conversando com os imigrantes é que se trata de uma expressão utilizada no idioma *Krèyol Ayisyen* para expressar o que seria “amém”, “felicidades” ou “aleluia”, por exemplo.

Todavia, conforme constatei em campo, a expressão “*Ayibobo*” é polissêmica e tem origem na língua africana nianja (taino), cuja formação etmológica seria *Ayi*-terra / corpo e *bobo*- bom anjo, conforme consta no comentário do imigrante haitiano Houngan Wedosi Saint-Eloi, a seguir.

Imagem 30: Comentário do internauta imigrante haitiano Houngan Wedosi Saint-Eloi numa problematização sobre “*Ayibobo*”



Fonte⁴³: print screen de comentário público no Facebook

⁴³ Acesso em <https://www.facebook.com/Imhaitian/posts/did-you-know-using-the-word-ayibobo-as-it-is-more-commonly-used-among-vodou-prac/669468669769519/>, acesso em 15 de janeiro de 2021

De acordo com Saint-Eloi, seria “hora de deixarmos as escolas coloniais que nos ensinam nossa própria história na língua do inimigo”. Assim como o eu-lírico do poema que analisamos, Saint-Eloi também critica de forma contundente o ensino de história haitiana a partir do sistema de ensino de base francesa implementado no Haiti. Assim, ele faz uma indagação reflexiva, “aposto que vocês, haitianos, aprenderam sua história em francês. Que sentido isso faz? Nossos nomes nas certidões de nascimento devem ser escritos em francês. Que sentido isso faz? ”. E conclui o comentário chamando atenção para a necessidade de valorização da língua ancestral, que além de comunicação é símbolo também de resitência e poder.

De acordo com Alexis (1970, s/ p.) “frequentemente, minimizamos o aporte taíno na cultura haitiana: é um erro. O primeiro campo cultural onde podemos ver o aporte taíno *chèmes* para a cultura haitiana é o da técnica”. Essas manifestações culturais taino *chèmes*, segundo o autor, são evidentemente notadas no habitat rural haitiano, pois há o mesmo estilo do *ajoupa chemès*; bem como a técnica de fabricação da cerâmica, o preparo de bolos de mandioca (*cassaves*), além da tessitura das redes de algodão, da construção das pirogas (*boumbas*), entre outras coisas, tais como a produção de cerveja mabi.

O segundo campo onde encontramos a influência indígena é a religião vudu. É do conhecimento de todos o fato de que inúmeros instrumentos do culto desta religião, as pedras consagradas, os atributos dos Loas, certos cântaros ritualísticos (os *govis*) são muitas vezes de origem indígena; estátuas de *zémès*, deuses indígenas são, às vezes, escondidas sob altares consagrados a certos deuses vudus. Mais que isso, parece que o sincretismo se exerceu até mesmo sobre estes próprios deuses (ALEXIS, 1970, s/ p.).

Para finalizar esse momento de sarau poético- antropológico- interpretativo com os haitianos, apresentamos o poema de Kenderly Kleef, compartilhado ao público, via *Facebook*, em 02 de dezembro de 2015.

Haiti mwen ta renmen wè'w
Mwen ta renmen reve ou
Tankou lê dlo ap koule nan bèl sous rivyè
Kote tout moun ap ka dòmi ak yon somèy siwo myèl.
Haiti mwen ta renmen wè'w
Poum dòmi reve ke fèt nwèl la ap yon mèvèy

*La kay tout malere kap dòmi sèlman reve sèkèy.
 Haiti mwen ta renmen wè'w
 La pèl dè zanti kote tout fanmi te konn reyini
 Tout moun te konn mache an souriyan
 Paske ou te flè la nati.
 Haiti crioulo bèl ti po kalipso
 Bon jan plaj ak bèl fanm kouché sou do
 Bon ti dlo kokoye ak bèl fwi woz tankou mango
 Haiti mwen ta renmen wè'w
 Sila kite gentan konnen ou di ou toujou ret sou paj
 Haiti te yon dous makòs mangonmen ak bon pistach
 Haiti se te kote ki gen pi bèl flè kite konn fèn anbeli ak la nati.*

Abaixo, apresentamos uma tradução improvisada para língua portuguesa, consciente dos riscos de equívocos semânticos que esse tipo de tradução pode apresentar para as construções poéticas.

*Haiti eu gostaria de ver você
 Eu adoraria sonhar com você
 Como quando a água flui de belas nascentes de rio
 Onde todos poderão dormir com um sono de mel.
 Haiti eu gostaria de ver você
 Sonhar que o natal é uma maravilha
 Em casa, todos os pobres dorminhocos sonham apenas com caixões.
 Haiti eu gostaria de ver você
 Existem muitas famílias onde as famílias se reúnem
 Todos caminharam com um sorriso
 Porque você era a flor da natureza.
 Haiti crioulo linda pele de calipso
 Boa praia e lindas mulheres deitadas de costas
 Boa água de coco e lindas frutas rosa como manga
 Haiti eu gostaria de ver voce
 Diga a ela que você ainda está na página
 O Haiti era uma arara doce que se preocupava com amendoins bons
 O Haiti foi o lugar com as flores mais lindas que sobraram para embelezar com a
 natureza.*

Como nos demais poemas que compõem este tópico, este também é narrado por um eu-lírico que evoca lembranças do Haiti a partir de laços afetivos. A partir de uma descrição adjetiva evidenciando características belas e

agradáveis da natureza, principalmente, o poeta expressa, entre outras abstrações, a saudade sentida da terra natal.

SEÇÃO 3:

BONJOU, PLEZI, MWEN SE AYISYEN⁴⁴!

“Olá, prazer em conhecê-la(o), eu sou haitiano(a)!” Seria uma tradução aproximada para a frase em *Krèyol* que abre esta seção e que também é parte substancial do título escolhido para dar nome à Tese. Conquanto as demais seções sejam cruciais para o desenvolvimento das ideias aqui defendidas, como autora, considero ser a seção 3 o próprio coração desta Tese. No sentido de que as informações contidas a seguir são vitais para se pensar em trajetórias de imigração qualificada e para qualificação de talentos artísticos e acadêmicos, bem como projetos artísticos e protagonismos culturais de haitianos no Brasil.

Como invólucro para a análise dos dados etnográficos, elaboramos no subítên a seguir um panorâma das principais reflexões teóricas que surgem em torno do conceito de trajetórias que acionamos. Na sequência, pensamos em “Trajetos e trajetórias” transitando pelos caminhos e descaminhos dos nossos próprios dados etnográficos numa via de operacionalizar teoria e prática, verificando os limites e alcances dos conceitos.

Além do que, nos movemos em busca de mapear os percursos migratórios dos nossos interlocutores, sem esquecermos de realizar pausas circunstanciais no movimento de ir e vir para observar e pensar as múltiplas formas de agência e agenciamentos vivenciados por nossos interlocutores no afã de protagonizar eventos artísticos culturais. Para tanto, trabalhamos com a análise interpretativa das letras das músicas *Quando eu cheguei aqui*, de Guerby Cherry; e *Eu gosto do Brasil*, de Alix Georges; considerando que essas canções fazem parte do quantitativo geral do aporte reunido ao longo da Tese, como as telas de Dady Simon, as poesias de Le Mageste, o projeto social de Jac-Ssone Alerte (ver seção 4) e as próprias teses e dissertações escritas por nossos interlocutores (ver tópico 2.1).

Nessa aceleração constante em direção às rotas projéteis dos nossos interlocutores, sofremos o atrito do racismo no meio do percurso. Considerando que nas leis da física, a força de atrito surge em sentido contrário ao movimento

⁴⁴ “Olá, prazer em conhecê-la(o), eu sou haitiano!”

de um objeto, usamos a metáfora para pensar o racismo (ver tópico 3.3.1) como uma força que impacta os corpos negros dos nossos interlocutores em sentido contrário ao movimento que vêm sendo realizado por eles ao longo de suas trajetórias.

Percorrendo ainda por esta rota, nos resvalamos também em questões simbólicas mais macroestruturadas como os pontos de intersecção entre raça, classe social e país de origem dos imigrantes. Reiteramos que a própria noção de trajetória, tal como a acolhemos aqui, é atravessada não só pelas interconexões entre eventos, pessoas, processos e lugares, mas também pelas intersecções entre raça, etnia, nacionalidade, classe e, até mesmo, gênero.

3.1 ALGUNS PONTOS TEÓRICOS SOBRE A IDEIA DE TRAJETÓRIAS

Pati pas di ou rivé pou ça⁴⁵.
-Dany Laferrière, in: Pay sans Chapeau

Cotinguiba (2019) mostra, em sua Tese, que o Brasil se tornou uma “*baz aletranje*” para as famílias haitianas. O autor parte da hipótese principal de que a família haitiana “é uma instituição social central na tomada de decisão sobre os itinerários dos indivíduos no processo de mobilidade transnacional”. Para chegar a esse entendimento, Cotinguiba analisa a mobilidade haitiana sob o enfoque de que a mobilidade é um elemento estruturante da sociedade haitiana, sendo a família um elemento estrutural dessa mobilidade. Nesse contexto, migração seria um processo polissêmico que envolve, entre outras coisas, o indivíduo, a família e a sociedade de origem.

O autor (2019, p. 23) considera, e estamos de acordo com isso, que há nesse tripé indivíduo-família-sociedade um princípio baseado em regras morais no qual “os indivíduos prestam ajuda aos membros da família de maneira moralmente compulsória, ao mesmo tempo que recebem ajuda e, conseqüentemente, retribuem aos membros da família o suporte que receberam”, esse é o “**princípio da ajuda mútua**”. Princípio esse que, conforme

⁴⁵ Partir não quer dizer que você chegou.

consta na seção dois desta Tese, já fora anteriormente identificado e citado por Seguy (2009, p. 30) como “**transferência de dinheiro entre famílias**” e Handerson (2015, p. 95) a partir de uma “**dimensão de reciprocidade**” envolvendo família e religião.

Para além dos autores já mencionados, e entre outros, a antropóloga Karen Richman (2005) também observou esse sistema de reciprocidade entre os imigrantes haitianos e a família. Segundo a autora,

antes que os migrantes possam “garantir” a eles mesmos por meio de investimentos na terra natal, entretanto, eles têm que satisfazer obrigações mais urgentes lá. Os migrantes são cobrados a pagar a educação (taxas, uniformes, materiais escolares) de crianças que eles deixaram para trás sob o cuidado de outros e, muitas vezes, a escolarização de seus consanguíneos também – irmãos, sobrinhas e sobrinhos. Com resultado das remessas dos migrantes para a educação, quase todas as crianças em idade escolar de Hamlet frequentam as escolas, que estão se proliferando na área. A educação é um meio de preparar (ou produzir) um parente para a migração futura, e o financiamento de suas passagens é, ainda, outra responsabilidade dos migrantes (RICHMAN, 2005, p. 76).

Nas trajetórias que foram compartilhadas conosco em campo, pudemos observar o quanto a família influencia e é influenciada nas/pelas ações dos nossos interlocutores no contexto da migração internacional para o Brasil. Essas influências da família repercutem muito pontualmente nas decisões sobre destino, trajeto, retorno e projeto migratório.

Todavia, “**projeto migratório**” como algo delimitado, com objetivos e metas definidos é uma categoria a ser problematizada nesse contexto. Haja vista a transitoriedade e imprevisibilidade dos acontecimentos em tempo corrente. Nas próximas seções, apresentamos dados analíticos dessa problemática a partir da atualização constante do projeto migratório de Jacsone Alerte e outros interlocutores com os quais dialogamos e que com frequência realizam ajustes e redefinição dos objetivos e até mesmo do destino inicialmente previsto.

Gilberto Velho (1997, p. 25) chama atenção para o fato de que o poder individual de escolha é “a base, o ponto de partida para se pensar em projeto”. Todavia, o mesmo autor (p. 27) elucida que “a possibilidade da existência de projetos individuais está vinculada a como, em contextos sócio-culturais específicos, se lida com a ambigüidade fragmentação-totalização”. Para Velho

(1997, p.27), é preciso relativizar a noção de projeto individual uma vez que, do ponto de vista das teorias antropológicas, “o indivíduo é percebido como tendo uma dimensão fabricada culturalmente, que é acrescentada ao agente empírico (unidade biológica) ”.

Levando em consideração essas rupturas, descontinuidades, ambiguidades, fragmentação/totalização e acontecimentos fortuitos que podem vir a ser, a metodologia da história de vida não seria suficientemente flexível para nos ajudar a compreender os processos pelos quais passam os nossos interlocutores em suas experiências migratórias. Pois, como enfatiza Bourdieu (2006, p. 185) “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica”. De acordo com o autor, um dos riscos possíveis dessa ilusão retórica é uma criação artificial de sentido.

E, sendo a vida também influenciada por fatores externos, os objetivos podem sofrer alterações constantes. De modo que aquilo que se pensou ser o objetivo no ponto de partida, dadas as alterações ocorridas, podem não fazer mais nenhum sentido lógico e coerente no término. Assim, Bourdieu (2006) critica a pretensão de analisar as vidas como uma história. Para o autor (pp. 189-190), “tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos (...) é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. ”

Ao apontar os limites e incoerências da história de vida, Bourdieu (2006, pp. 189-190) propõe a “construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”. Neste sentido, o autor chama atenção para o fato de que “não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”.

Há também, entre outros, os trabalhos da Florence Boyer (2005) que, embora não se disponham a tratar o projeto numa perspectiva teórica, utilizam a noção de projeto migratório a partir de análises práticas em contextos específicos

de aplicação. Isto posto, embora estejamos de acordo com Boyer (2005) no tocante à autonomia do imigrante, reafirmamos que o projeto migratório dos nossos interlocutores é flexível, adaptável aos acontecimentos imprevistos de suas trajetórias de vida no contexto de imigração internacional para o Brasil e, como a própria vida, não obedece um cronograma fixo e definido.

Nessa via de interlocução, o projeto migratório é um planejamento estratégico, mais ou menos consciente que está totalmente atrelado à realidade prática e ao contexto em que foi idealizado e será executado. Ma Mung (2009, p. 33) explica que o projeto migratório é uma projeção sobre o futuro, uma projeção em “em redéfinition constante en fonction de l’histoire, des parcours et de l’expérience migratoire”. Que seriam as constantes redefinições sofridas pelos projetos iniciais em função da história, dos percursos e da própria experiência migratória.

Assim, o projeto migratório acontece a partir da capacidade individual de agência dos imigrantes, colocando em funcionamento o “saber-fazer” e o “poder-fazer” frente aos acontecimentos macroestruturais (políticos/econômicos) (MA MUNG, 2009).

Destarte, o projeto migratório evidencia a capacidade de agência dos imigrantes em “poder-fazer”. Embora esse saber fazer esteja condicionado em muitos aspectos às questões macro, elas não anulam a capacidade individual de agência desses imigrantes e isso pode ser colocado à prova quando consideramos, por exemplo, “porque alguém migra de um local para outro, ou mesmo porque permanece se poderia migrar”, demanda o reconhecimento de um nível de agência (ALMEIDA, 2018, p.06).

Por conseguinte, estamos de acordo com a antropóloga Montinard (2019, p.67) para a qual “estudar a mobilidade haitiana é compreender as relações entre as pessoas, as redes e os Estados, nas quais o documento pode ser o motor da *rezo*⁴⁶ e facilitar ou restringir a mobilidade dos indivíduos”. Ainda de acordo com a autora (2019, p.67),

se faz necessário destacar a importância da centralidade da política nacional e internacional, assim como da estabilidade e do crescimento ou ainda da recessão econômica que marcou o

⁴⁶Redes em Krèyol.

Brasil nos últimos anos, como fatores importantes na consolidação dos fluxos migratórios dos haitianos em direção ao Brasil.

Nesta tese, utilizamos essas ideias anteriormente citadas para pensar e analisar os protagonismos culturais dos imigrantes haitianos no Brasil, bem como para pensar os projetos artísticos por eles desenvolvidos no contexto da passagem (e/ou permanência) pelo Brasil. Nos reconhecemos e tratamos analiticamente os nossos interlocutores como seres culturais dotados de agência- aqui entendida como a capacidade de poder e saber fazer- apesar das constantes interferências dos agentes externos no interior dos projetos individuais.

A concretização, ou não, das idealizações almejadas para si e para o grupo familiar está associada ao capital social que esses imigrantes adquirem a partir de suas relações entre familiares, apoio recebido dos amigos, bem como de outras instituições sociais civis ou governamentais que lhes facilitam acesso a recursos e informações, colaborando para redução de riscos e maximização de ganhos.

Yolanda Alfaro (2021, p. 21), ao analisar as trajetórias de suas interlocutoras imigrantes, deposita uma certa centralidade na ideia de retorno como um ponto de congruência. Nesse contexto, a autora também utiliza o conceito de trajetória de vida para pensar categorias de análise. Uma das estratégias adotadas por Alfaro foi dividir as trajetórias de vida das imigrantes em três dimensões de análise, a saber, 1 trajetória acadêmica, 2 trajetória de trabalho e 3 trajetória migratória. De acordo com a autora (p. 21)

Las dimensiones de análisis abordan aspectos de orden objetivo que se refieren a las condiciones políticas y económicas del país de origen y destino (las opciones de mejor desarrollo profesional, la oferta laboral acorde a sus acreditaciones profesionales, las políticas de promoción de retorno, la experiencia migratoria en relación a la actividad laboral actual y a las opciones de desarrollo profesional a futuro) y aspectos de orden subjetivo marcados por motivaciones personales o familiares construidas en la estructura de los roles de género.

Assim como Alfaro (2021), também percebemos como cruciais para o direcionamento das trajetórias dos nossos interlocutores as condições políticas e econômicas do país de origem e de destino (ou de trânsito). Pois são essas

condições que indicam as possibilidades (ou não) de desenvolvimento profissional, acadêmico, artístico e, entre outras coisas, laboral.

Pedone (2021) se empenhou na reconstrução das trajetórias migratórias/acadêmicas de nove pesquisadores venezuelanos. Em suas análises, a autora constata o quanto/como as políticas públicas de atração de pessoal altamente qualificado afetam o curso de vida e promovem transições e reviravoltas nas trajetórias individuais e familiares que norteiam os projetos de migração.

Com isso, Pedone (2021, p.65) se propõe a *“romper con la visión homogénea que, en numerosas ocasiones, se presenta cuando se abordan las movilidades académicas”*, sem deixar de perceber também que estas mesmas políticas públicas voltadas para a atração de imigrantes altamente qualificados/em processo de formação agem na base da formação de grupos específicos, ao delimitar os critérios dos editais condicionando ofertas de vagas à condição migratória cruzada por idade, gênero e pertencimento à classe social.

Conjecturando essas questões, identificamos em nossa amostra etnográfica vários pontos de bifurcação comum nas trajetórias dos nossos interlocutores imigrantes que vieram para o Brasil a fim de cursar nível superior de ensino atraídos por políticas públicas específicas que visam garantir aos imigrantes a possibilidade de realizar estudos universitários gratuitos. Identificamos também que, no caso dos estudantes haitianos no Brasil, não estão sendo atraídos exclusivamente pelo Governo, mas também por ações das igrejas e Ongs em parceria com o Ministério da Educação e as Universidades. Na introdução do Livro “Conversas etnográficas haitianas” o autor Neiburg (2019, p. 20) descreve a participação da universidade nesses acordos de cooperação

Tivemos a alegria e a responsabilidade de acolher, em fevereiro de 2010, no Rio de Janeiro, o primeiro contingente formado por dez estudantes no contexto de um acordo negociado entre o INURED, a nossa equipe, a Embaixada Brasileira no Haiti e o Ministério da Educação (MEC). Os jovens foram selecionados no âmbito dos projetos desenvolvidos pelo INURED, sendo oriundos de Cité Soleil, um dos maiores bairros populares (katye popilè) da grande Porto Príncipe. 8 Meses antes de viajar, receberam aulas de português ministradas por José Renato Carvalho Baptista no Centro Cultural Brasil-Haiti, localizado em Pétiyon Ville, em frente à Place Boyer, transformada em um dos tantos campos para desabrigados após a tragédia. Viajaram de

graça em um avião da Força Aérea Brasileira que fazia voos regulares entre ambas as cidades. Foram recebidos por nós na base militar do Galeão, no Rio de Janeiro. Alguns ficaram na cidade (na UFRJ e na UERJ), outros foram acolhidos por universidades federais em Belo Horizonte, Recife e João Pessoa. Todos contavam com um auxílio do INURED e recebiam bolsas “PEC-G” do governo brasileiro para alunos de graduação.

Para além disso, nesta seção também consideramos e analisamos a partir da ideia de integração e sociabilidade (ver item 3.4) as redes de cooperação criadas, mantidas e acionadas pelos nossos próprios interlocutores.

3.1.1 Trajetos e trajetórias

Muito embora, tenhamos percebido a partir da nossa observação que as redes sociais estejam abundadas de perfis de artistas, pesquisadores, ativistas todos eles de fácil acesso nas ferramentas de busca do Facebook, declaradamente seria impossível fazer uma etnografia minuciosa com todos os protagonistas haitianos que integram o ciberespaço.

Para fins de alcançar uma descrição densa das trajetórias de vida e de mobilidade, uma vez que partimos de uma abordagem de pesquisa qualitativa, tivemos a difícil missão de selecionar apenas alguns interlocutores primários com os quais dialogamos por mais tempo ao longo da pesquisa. Os demais foram tomados como interlocutores secundários, são aqueles com os quais conversamos poucas vezes, coletamos dados relevantes para a etnografia, todavia não houve uma interlocução muito detalhada.

A seguir, temos algumas informações públicas sobre o perfil dos nossos interlocutores. Com relação à identidade, só revelaremos os nomes originais quando estivermos tratando sobre os dados informados publicamente no ciberespaço ou em matérias jornalística e/ou livros publicados. Uma vez que as análises forem sobre experiências mais individuais das trajetórias dos imigrantes, nossa postura ética frente a esses dados foi a de usar nomes fictícios.

Claude Hyppolite, engenheiro de Computação, cantor e compositor, nascido no dia 24 de dezembro de 1981, em Marchand Dessalines, Haiti; reside

atualmente no Brasil em Curitiba e, pela sua trajetória de protagonismos culturais e relevantes serviços prestados à comunidade, recebeu o título de Cidadão honorário da Cidade de Curitiba⁴⁷.

Ainda no Haiti, Claude Hyppolite mudou-se de Marchand Dessalines para Porto Príncipe a fins de concluir estudos equivalentes ao Ensino Fundamental e Ensino Médio. Após a conclusão dessa etapa de estudos, ele participou de uma seleção do IPA- Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista - que oferecia bolsas de estudos para cursar graduação no Brasil. Sendo selecionado com boas notas, em 2006, Claude Hyppolite veio para Porto Alegre a fim de cursar Engenharia de Computação. Em 2011, após cinco anos no Brasil, concluiu o curso superior. Em 2013, desenvolveu um projeto de criação da “Festa Latina em Curitiba”. De acordo com ele, “essas festas aconteciam nas principais casas noturnas da cidade”.

Com 37 anos de idade, após 12 anos residindo no Brasil, Claude Hyppolite casou com Maria com quem tem sua filha, a Joana. Seu primeiro disco com músicas autorais foi lançado em novembro de 2017 no Bar Brasil. Em sua página pública no *Facebook*, Claude Hyppolite conta que participou como compositor, cantor, intérprete e colaborador do Projeto “Imigrante”, da Universidade X, com uma música autoral. De acordo com ele, em dezembro de 2018, a música foi regravada e lançada em fevereiro de 2020 com a participação da Banda Y.

Contrariando às teses experimentais popularmente conhecidas no Brasil de que os haitianos estariam vindo para o Brasil “fugindo” de acontecimentos catastróficos, a maioria dos nossos interlocutores além de estarem no Brasil antes do terremoto de 2010 que ficou mundialmente conhecido pela devastação causada no Haiti, também vieram por outros motivos que não são unicamente econômicos.

Como exemplo desses estudos que num primeiro momento, sob a novidade do aumento considerável de imigrantes haitianos atravessando as fronteiras do Brasil em 2010, olharam para a imigração dos haitianos para o Brasil tendo como ponto inicial de partida o terremoto, Duval Fernandes (2014)

⁴⁷ Aqui o nome da cidade também é fictício para fins de não identificação pessoal do interlocutor.

no relatório da pesquisa conjunta entre a Organização Internacional para a Migração (OIM) e o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (TEM), aponta já nas primeiras linhas do resumo que “a migração dos haitianos para o Brasil é um processo que **teve início em 2010** (grifo nosso) e avançou até formar um fluxo que vem se transformando em permanente”. Todavia, a despeito disso, enfatizamos que o estudo mencionado apresenta, entre outras coisas, dados relevantes para a formação de políticas públicas para inserção de haitianos no Brasil naquele momento.

Dentre os múltiplos exemplos de trajetórias de haitianos que já estavam em curso no Brasil quando ocorreu o terremoto fatídico de 2010 que funciona como divisor de águas do fenômeno migratório haitiano para o Brasil, citamos aqui um relato de Renel Prospere que estava literalmente em curso

Assim, durante o processo de elaboração da escrita desta Dissertação deparei-me com varias dificuldades, como por exemplo o esforço constante em escrever da melhor forma possível o idioma português, que não é minha língua materna, e o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010. Esse acontecimento me deixou por um bom tempo paralisado, tanto fisica como emocionalmente. Obviamente, após uma catástrofe como essa, que chocou o mundo inteiro e virou alvo de notícia no mundo por um bom tempo, a pesquisa tomou outro rumo, com a necessidade de falar acerca do terremoto, das problemáticas ambientais do Haiti pós-terremoto e da questão de desmatamento na região, entre outras questões (PROSPERE, 2012, p 12).

Outro interlocutor cujas trajetórias foram essenciais para as ideias que desenvolvemos neste trabalho é Lebrun Richard, artista plástico, nascido no dia 09 de julho de 1983, em Gonaives, Haiti; reside atualmente no Brasil em Foz do Iguaçu; estudou na UNILA Universidade Federal de Integração Latino-Americana e na Faculdade Zumbi dos Palmares.

Lebrun Richard, assim como Claude Hyppolite, Alerte e outros tantos imigrantes que tivemos o privilégio de conhecer por ocasião desta Tese, mantém atualizado um perfil virtual nas redes sociais a fim de divulgar os trabalhos e projetos realizados.

Além de Claude Hyppolite e Lebrun Richard outros imigrantes que exercem protagonismos culturais no Brasil forneceram dados para esta Tese, ao

longo do texto utilizaremos os relatos coletados em campo com recortes da nossa amostra etnográfica para as análises que propomos.

Dentre os interlocutores mencionados no parágrafo anterior, citamos a título de listagem, Fedeme Guerisma que também é artista plástico, nascido no dia 05 de novembro, no Haiti, residia no Brasil na cidade de Porto Velho e atualmente reside na Flórida; Jean Judh, empreendedor social e engenheiro civil, nascido em Don de L´amitie, Haiti, graduado no Brasil em engenharia, estudante de Pós-Graduação e atualmente realiza conexões entre o Brasil e o Haiti através de um projeto social autoral.

Entre os imigrantes haitianos que estão no Brasil e compõem o perfil focalizado por esta Tese, destacamos também Pierre Adon Guipson, cantor e compositor; nascido no Haiti, reside atualmente na cidade de Campinas, Brasil, realiza shows particulares e ficou conhecido nacionalmente a partir de sua participação no *The Voice Brasil*.

Conforme já mencionado, no ambiente virtual, os nossos interlocutores criaram perfis para divulgarem suas produções e estabelecerem contato com os fãs e com o público em geral. Dentre as informações que estão em modo público e que podem ser acessadas por qualquer usuário do Facebook, por exemplo, percebemos que é uma prática recorrente entre muitos imigrantes a criação de perfis onde eles se autodenominam como “artistas”.

Vejamos a seguir um dos grupos da rede social Facebook que reúne artistas haitianos no Brasil:

Imagem 31: Capa do Grupo Público “Artistas Haitianos no Brasil”



Fonte: Print screen Facebook

Imagem 32: das Informações sobre o Grupo Público “Artistas Haitianos no Brasil”



Fonte: Print screen das informações sobre o Grupo “Artistas Haitianos no Brasil”, Facebook

Criado em 04 de março de 2018, com a finalidade de reunir os artistas haitianos que estão residindo no Brasil e pretendem divulgar os trabalhos artísticos, o Grupo Público “Artistas Haitianos no Brasil” contava no dia 05/06/2019 com a participação de 1692 membros⁴⁸, dentre artistas, amigos e aqueles que são simpáticos ao fenômeno da imigração internacional haitiana.

⁴⁸ As informações sobre a quantidade de membros do grupo pode sofrer alterações se verificadas em data posterior a 05/06/2019, tendo em vista a possibilidade de alguns membros saírem do grupo, bem como a possibilidade de outras pessoas entrarem no grupo.

Tendo a plataforma virtual como uma aliada, após verificar algumas informações públicas sobre os membros que se autodenominavam artistas, enviei mensagens de texto apresentando as minhas intenções de pesquisadora e, a partir de então, estabelecemos contato presencial com os donos dos perfis virtuais para procedermos à coleta de dados. Todos aqueles que buscamos contato, sem exceção, se mostraram dispostos a falarem sobre si, sobre seus desafios, suas perspectivas e, sobretudo, mostraram especial interesse por falar sobre as suas produções culturais.

A seguir, dentre os muitos perfis de imigrantes haitianos no Brasil que são artistas e que integram o ciberespaço, selecionamos dois perfis públicos para exemplificar quais são os “dados tornados públicos pelos próprios artistas” de que falamos no parágrafo anterior.

Imagem 33: Página virtual “Dady Simon- Artista Haitiano”



Imagem 34: Página virtual “Eli Alceo Artista Plástico”



Fonte: Print screen Facebook

Não raras vezes precisei, ao falar em público sobre minha proposta de tese, elucidar o que estou tomando como “artista” ao falar sobre os meus interlocutores imigrantes haitianos. Por ser a indagação de cunho muito mais conceitual do que prático ou metodológico, neste exercício etnográfico deixamos guiar pelo próprio campo de pesquisa. Buscamos seguir as “pistas” deixadas pelos nossos interlocutores, a saber, com quem se associam, o que dizem sobre si mesmos, o que estão produzindo, quais são seus projetos. As pessoas se recusam a acreditar que é possível encontrar imigrantes do Haiti que se encaixa nas definições elitizadas que elas têm do que significa ser um artista. “Mas o que significa ser um artista imigrante do Haiti no Brasil?”.

Jean Baptiste (2018, p. 171) chama atenção para o fato de que há uma “homogeneização dessa imigração haitiana no Brasil que coloca todos no mesmo patamar em uma forma de crença no mito que fundamenta o racismo brasileiro contra a população negra”. O autor, que também é haitiano residente no Brasil, comenta

no meu cotidiano dentro ou fora da Universidade as pessoas me perguntam sempre “tem outros imigrantes que estudam com você? Ou é só você?”. Nesse caso, a pessoa quer saber se tem outro haitiano que está estudando na universidade e significa que migrante é igual exclusivamente a haitiano; enquanto os outros imigrantes no sentido largo são identificados como estrangeiros (JEAN BAPTISTE, 2018, p. 171).

Para além das definições conceituais, nos atentamos para os significados de ser artista integrante do fenômeno migratório internacional haitiano, daí emanam as implicações de nacionalidade, cor da pele, poder aquisitivo, entre outras relacionadas ao perfil dos imigrantes. Com isso, adentramos um campo de discussões mais específicas sobre quem detém as credenciais para ocupar socialmente a posição destinada ao artista em um determinado grupo. Todavia, quando ajustamos o olhar para o perfil de imigrantes haitianos desta etnografia, longe de procurar um caminho teórico, estamos, na verdade, perfazendo as rotas do conceito que eles operacionalizam sobre si mesmos. O que propomos está mais próximo de focalizar um perfil específico de imigrantes haitianos, um perfil invisibilizado, entre outros fatores, por estar entre uma minoria que não atinge proporções relevantes nos quantitativos censitários.

Quando usamos a expressão “um perfil” e não “o perfil”, nós o fazemos conscientes de que, embora com o auxílio das teorias antropológicas, nós estamos construindo em nossas análises um perfil de imigrantes, um dos perfis possíveis. Aqui realizamos uma pausa proposital em nossa miragem sobre o perfil de imigrantes haitianos que estamos “inventando” para conversar com Roy Wagner (2010, p.30). O autor afirma que “de fato, poderíamos dizer que um antropólogo “inventa” a cultura que ele acredita estar estudando, que a relação - por consistir em seus próprios atos e experiências - é mais “real” do que as coisas que ela “relaciona””. Todavia, o próprio Wagner chama atenção para o fato de que “essa explicação somente se justifica se compreendemos a invenção como um processo que ocorre de forma objetiva, por meio de observação e aprendizado, e não como uma espécie de livre fantasia”.

Ademais, é evidente que, mesmo procurando até às últimas consequências adotar uma postura científica, objetiva, analítica e imparcial diante do nosso objeto de pesquisa; não existe imparcialidade no nível da argumentação, em muitos momentos precisamos posicionar argumentos que revelam nossas filiações políticas, interpretativas e discursivas.

Em nossa amostra etnográfica, está também a trajetória de Paul Saint que tem 38 anos, nasceu em Marchand- Dessalines, Haiti, e está no Brasil desde 2006, quatro anos antes da ocorrência do terremoto que recolocou o Haiti em evidência no cenário midiático internacional. Além das atividades artísticas que desenvolve, Paul Saint é arquiteto graduado, e, embora não tenha defendido a dissertação por motivos pessoais/institucionais, também cursou Mestrado em Administração em uma das universidades federais brasileiras que ele prefere não mencionar o nome sob o risco de ser identificado e, de acordo com ele, sofrer retaliações ou interdições da banca de professores no caso de tentar cursar um novo mestrado.

Eu não defendi a minha Dissertação porque houve problemas de divergência de ideias políticas entre eu e a minha orientadora. Como você é pesquisadora também, você sabe que as nossas ideias em campo estão muito norteadas pela concepção política que adotamos. A pesquisa científica tem roupa de neutralidade, mas não é totalmente isenta dessas questões. Estou certo? (Excerto de diálogo com Paul Saint, Diário de campo desta pesquisa, agosto de 2019).

Paul Saint, assim como parte dos imigrantes já mencionado no item 3.1 deste trabalho, faz parte de uma geração de imigrantes haitianos que vêm na tentativa de projeto migratório uma alternativa para a ascensão econômica e social. Contrariamente à tese de que os haitianos migraram para o Brasil fugindo do terremoto, o músico e cantor é um dos muitos imigrantes haitianos que já estava fora do seu país natal quando ocorreu a catástrofe.

Embora particular, a trajetória de Paul é em muitos aspectos similar às trajetórias de muitos outros haitianos imigrantes com os quais tivemos contato, como por exemplo o imigrante Wylli Ludge que quando chegou ao Brasil já havia definido o seu objetivo, qual seja, ampliar a formação acadêmica. Recém intitulado Mestre retornou ao Haiti para fins de se restabelecer em sua comunidade de origem.

Para aqueles imigrantes haitianos que, assim como Paul Saint, Wylli Ludge e tantos outros, visam ingressar nos programas de graduação e pós-graduação das universidades brasileiras, o processo é permeado de burocracias e exigências formais. Os editais que prevêm o ingresso de imigrantes, além do processo seletivo e proficiência em português, especifica uma grande lista de documentos comprobatórios.

Os prazos para entrega dos documentos exigidos são muito específicos e a providência dos documentos exige tempo (para traduções e validações), além de ser dispendiosa o que dificulta sobremaneira o acesso desses imigrantes. Foi o que aconteceu com a imigrante haitiana, Laurence, 18 anos, após ser aprovada no Exame Nacional do Enem de 2016, a imigrante conquistou uma vaga pelo SISU, para cursar licenciatura na Universidade Federal de Rondônia, mas perdeu o prazo da matrícula porque não foi possível providenciar em tempo hábil todos os itens do rol de documentos comprobatórios exigidos. Ela, que se inscreveu novamente no exame de 2018, segue matriculada em uma faculdade particular na cidade de Porto Velho, Rondônia.

Imagem 35: Haitianos comunicando sobre os precedentes históricos da Bandeira Haitiana. No plano de fundo, obras de um artista plástico haitiano



Fonte: Crédito nosso (Universidade Federal de Rondônia- PROCEA), abril de 2015, Porto Velho, Rondônia

Em 2017, outros dois imigrantes haitianos, Dieugrand Philippe e Valner Diedus, também foram aprovados no ENEM, obtiveram êxito no processo de matrícula e entraram para a história da Universidade Federal de Rondônia por serem os dois primeiros imigrantes haitianos matriculados na instituição. No mesmo ano de 2017, o imigrante haitiano e pesquisador, Charlot Charles, foi aprovado no processo seletivo do programa de Pós-graduação em Geografia da UNIR e já iniciou os estudos de mestrado e defendeu a Dissertação nesse período de pandemia com pesquisa voltada para a temática da mobilidade internacional haitiana.

Além dos nossos interlocutores, cujos trechos de suas trajetórias são mencionados nesta Tese, há no final deste texto, compreendendo os anexos A, B, C e D, uma seleção especial de pequenas reportagens jornalísticas com entrevistas de imigrantes haitianos residentes no Brasil que têm o mesmo perfil de interesse para a nossa amostra etnográfica. Com a finalidade de complementar a nossa amostra original coletada em campo, acrescentamos os quatro textos jornalísticos mencionados para fins de tecer comparações analíticas e observações complementares.

É imprescindível pensar esses imigrantes como atuantes de vários papéis, ora artistas em ascensão a procura de estabelecimento e divulgação para suas criações, ora trabalhadores da construção civil, estudantes de pós-graduação, empreendedores, enfim. Estamos diante de um caleidoscópio, metáfora para as diversas combinações possíveis dos papéis sociais desempenhados pelos nossos interlocutores. Para dar conta da multiplicidade de papéis, contínuos ou descontínuos no sentido cronológico recorreremos teoricamente, conforme já mencionamos, à noção de trajetórias de vida proposta por Pierre Bourdieu (2006).

O mesmo grupo de imigrantes que uma parcela significativa da mídia televisiva focaliza nos momentos de dor, infortúnios e catástrofes é também parte integrante de um arsenal grandioso de teses e dissertações nas mais diversas áreas do conhecimento, de maneira intensa nos últimos dez anos. Assim como na metáfora do caleidoscópio, as imagens projetadas dependem muito do ângulo de observação e da proximidade estabelecida com o objeto de análise. Nesse

sentido, o que se pode ver, ouvir e tomar para análise diz bastante sobre o olhar interpretativo do próprio etnógrafo, nesta tese em especial, etnógrafa.

3.2 MAPEAMENTO DOS PERCURSOS MIGRATÓRIOS A PARTIR DA IDEIA DE TRAJETÓRIAS

Não se pode escrever sobre migração sem se indagar sobre o que é ser migrante, em outras palavras, sobre o estatuto social do migrante. Nesse sentido, foca-se a atenção nos sujeitos que migram, mais do que nos Estados nacionais de instalação. Esta abordagem da condição do sujeito migratório revela duas dimensões do fenômeno, o direito de migrar que se caracteriza como um direito humano, e o ser humano que se desdobra através da mobilidade espacial e temporal (JOSEPH, 2018).

Nessa parte do trabalho intentamos percorrer o mapeamento dos trajetos que foram realizados e dos desafios enfrentados por nossos interlocutores no percurso Haiti-Brasil. Reitero que aprendi com meus interlocutores sobre a existência de várias rotas possíveis para chegar ao mesmo destino, a maioria deles saiu do Haiti e estava no Brasil quando conversou comigo, mas nem todos eles seguiram o mesmo trajeto para chegar aqui. Nas trajetórias dos interlocutores desta Tese, quando o destino inicial não é satisfatório, ou quando acontecem barreiras legislativas de impedimento nas fronteiras físicas e políticas, os imigrantes adaptam e mudam as rotas de direção.

Cotinguiba & Pimentel (2014, p.80) mapearam as rotas percorridas pelos imigrantes haitianos que saíram do Haiti com destino ao Brasil e constataram que “a principal rota percorrida pelos haitianos para entrada no Brasil compreende um ponto comum até uma determinada parte da viagem e, noutro se distingue em dois para a entrada no país”. De acordo com eles “os dois pontos de entrada são Tabatinga, no estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia e o segundo, em outro ponto semelhante, entre Brasil, Peru e Bolívia”.

A principal rota dos haitianos para o Brasil é a seguinte: parte desses migrantes saiu do Haiti, de diferentes cidades ou de Santo Domingo, na República Dominicana, com escala na Cidade do Panamá, de onde seguiram para Quito, capital do Equador e, de lá, até Lima, no Peru (COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014, p.80).

Para realização deste tópico, aplicamos um questionário semiaberto entre os principais interlocutores desta Tese. Participaram desta etapa dezessete imigrantes, sendo dezesseis homens e uma mulher com perfis de interesse para esse estudo. Nos parágrafos que seguem apresentamos um recorte dessa amostra que serviu de base para as análises empreendidas.

Jean Paul nasceu em Porto Príncipe, tinha 28 anos quando respondeu o formulário, está no Brasil desde 2012, solteiro, não tem filhos sexo masculino e reside atualmente em Campinas São Paulo. Paul cursa graduação no Brasil e nunca morou em outros países antes. Sobre a decisão de vir para o Brasil, Jean Paul comenta em uma das perguntas abertas:

Vir para aqui, não foi nada planejado, simplesmente aconteceu com apoio da minha família e os principais desafios que encontrei no começo foi aprender falar o Português. O principal desafio atual que tenho é levar minhas músicas autorais pelo Brasil todo, levar parte da minha arte para o Brasil todo.

Paul ainda não conseguiu retornar para o Haiti e, desde que chegou no Brasil em 2012, não pôde visitar a família que ficou além-mar. De acordo com ele, uma das principais aspirações para 2021 seria a de conseguir visitar o Haiti, empreendendo logo em seguida o retorno para o Brasil a fim de continuar divulgando suas músicas.

A principal fonte de renda de Paul é a música, recebe pequenos cachês pelos shows particulares que realiza nas casas noturnas da grande São Paulo. O cantor diz que não tem nenhum salário fixo no momento porque está desempregado do ponto de vista da carteira assinada, mas mesmo assim envia parte dos lucros recebidos nos shows para o Haiti. Além disso, Paul tem projetos de mudar para outros países tais como o Estados Unidos, por exemplo, porque ele ouvira dizer que por lá a música latina e caribenha é valorizada nos shows noturnos.

O trajeto que Jean Paul perfaz para chegar ao Brasil no início de março de 2012 pela tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Perú é permeado de acontecimentos desafiadores que provocaram medo e insegurança em nosso interlocutor. Como é o caso por exemplo das condições degradantes pelas quais passou nos abrigos improvisados em Brasileia no Acre.

Silva (2015) faz uma análise antropológica dessa passagem de haitianos pelas fronteiras do Amazonas em Tabatinga, no final de 2011, e depois no Acre, em Brasília, no início de 2013. De acordo com o autor,

Em Tabatinga a situação ficou insustentável depois da publicação da Resolução normativa 97, no dia 13 de janeiro de 2012, a qual proibia a entrada de haitianos sem o visto expedido na Embaixada Brasileira de Porto Príncipe, além de estabelecer o regime de cotas, limitando os vistos em até mil e duzentos por ano.

No caso da Fronteira acreana que é por onde Jean Paul chegou ao Brasil, os reflexos da Resolução Normativa 97, como analisa Silva (2015, p 121) tornaram as coisas “ainda mais desastrosas para os imigrantes que lá estavam, já que com o fechamento daquela Fronteira um grupo de 245 haitianos ficou retido por três meses na pequena cidade peruana de *Iñapari*, enfrentando diferentes tipos de privações, entre elas a fome”, uma vez que somente no dia 26 de abril de 2013, após muitas críticas negativas de diferentes setores da sociedade civil e dos próprios imigrantes, o governo brasileiro revogou o regime de cotas através da Resolução Normativa N. 102.

A partir das trajetórias que compõem esta amostra etnográfica, percebemos o quanto as legislações atuam diretamente sobre o curso dos projetos. Legislações intempestivas, tais como a Resolução 97 de 13 de janeiro de 2012, podem inclusive mudar a rota de direção inicialmente projetada pelos imigrantes.

Cesar Monfleuri nasceu no norte do Haiti, em Cabo haitiano é evangélico Adventista do Sétimo Dia e está residindo no Brasil desde 16 de dezembro de 2013, Cesar atualmente está solteiro e não tem filhos. Residente na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, Cesar não morou em outras cidades do Brasil, mas tendo entrado no Brasil pelo Amazonas, precisou atravessar vários estados para chegar até Cuiabá. Graduado em Ciência da Computação, Monfleuri realizou também outros cursos técnicos com o objetivo de inserir mais rapidamente na lógica do mercado de trabalho local do Mato Grosso, tais como o curso técnico em secretaria e eletricista de distribuição.

Quando questionado sobre suas aspirações e projetos aqui no Brasil, Cesar Monfleuri escreveu

Meu sonho é ter uma empresa de tecnologia ou trabalhar em uma grande empresa de tecnologia, para isso eu estou investindo nessa área, sou estudante de pós-graduação. Ainda não voltei ao Haiti depois de ter chegado ao Brasil, quero visitar minha família, pretendo ficar definitivamente no Brasil pois vai depender se consigo chegar no lugar que eu quero chegar na minha carreira. Atualmente eu custeio minhas despesas e sobrar um pouco eu invisto aqui no Brasil eu envio a cada 4 meses minhas despesas não me permite enviar dinheiro para o Haiti todo mês.

Para além dos sonhos e metas, Monfleuri também relata ter sido vítima de vários episódios de preconceito e discriminação racial, um dos episódios mais marcantes, de acordo com ele, foi “numa concorrência de emprego. Concorri várias vezes a vagas de emprego e por ser preto e estrangeiro não consegui a vaga concorrida. Eles não valorizam o meu desempenho de trabalho. ” Nos próximos sub-títulos (3.3.1/ 3.3.1.1), tensionamos a ideia de racismo que perpassa as trajetórias acessadas.

Dando continuidade a nossa amostra etnográfica para as questões que seguem nesta seção, apresentamos trechos da trajetória de Ludge Jean. Nascido em Cap-haitien, atualmente com 32 anos, evangélico da Igreja Adventista e residente no Brasil desde 2016, Jean está solteiro. De acordo com ele a última esposa era brasileira com a qual teve uma filha nascida no Brasil. A filha de Ludge Jean que mora com a mãe em Sorocaba, enquanto ele estava morando em São Paulo quando nos concedeu os dados para análise.

O relacionamento entre Ludge Jean e Maria, mulher brasileira, não é um fato isolado. Embora não estejamos diretamente olhando para essas relações de namoro e casamento entre haitianos/as e brasileiras/os resultando filhos dessas relações, percebemos que acontecem de forma bastante recorrente entre os imigrantes que encontramos em campo. No ambiente virtual, por exemplo, que é onde coletamos boa parte dos dados etnográficos para a pesquisa, há vários grupos de interação cujo propósito específico é a troca de fotos e mensagens entre pessoas solteiras das duas nacionalidades Haiti/Brasil.

Outro imigrante que nos forneceu dados para esta amostra é Jerry Dian. Ele nasceu em Gonaíves, 33 anos, evangélico da Igreja Metodista, está no Brasil desde 2010. Atualmente Jerry Dian está casado com uma brasileira, antes desse relacionamento Jerry era casado com uma mulher haitiana com quem, inclusive,

ele veio junto para o Brasil, com ela, ele tem dois filhos. Jerry Dian é músico e compositor, sua experiência migratória no Brasil foi nas cidades de Manaus e Porto Velho. No momento em que nos concedeu os relatos Jerry estava residindo na Flórida com sua atual esposa brasileira e os dois filhos do casamento anterior. Jerry tem formação em Assistência à Administração e Comunicação, mas afirma

eu não consigo trabalho na minha área de formação (grifo nosso) então trabalhava como assistente de técnico em segurança do trabalho, depois como chefia e encarregado de equipe. Já morei em Guadalupe na França, eu decidi ir para o Brasil porque eu estava indo para Guiana Francesa o Brasil era o meu, minha, rota de passagem, meu caminho, aí eu acabei ficando na cidade de Porto Velho por causa de um amigo que se chama Barbosa e me convidou para ficar e depois eu seguiria para Guiana o que acabou não acontecendo. Depois de um tempo em Porto Velho, decidi me mudar para a Flórida. Eu consegui realizar algumas coisas importantes no Brasil como por exemplo ter minha filha, meus amigos, e as pessoas do bem que eu conheci. Eu também participo de uma associação de haitianos que tem sede em Porto Velho, Brasil.

O que aconteceu com Jerry, em relação ao destino Brasil, acontece com bastante frequência nas trajetórias que tivemos acesso para elaboração desta Tese. O Brasil não estava no imaginário do imigrante, era apenas uma rota de passagem para chegada em Guiana Francesa onde Jerry realmente gostaria de chegar. Todavia por vários fatores, como a influência e apoio recebido do amigo “Barbosa” por exemplo, ele acabou ficando e protagonizando uma série de eventos culturais, tais como a realização de shows musicais nos quais, inclusive, estivemos presente.

Jerry afirma, como muitos outros dessa amostra, que também envia parte do salário para o Haiti para ajudar na manutenção da vida dos familiares que lá permaneceram, bem como para construir sua própria *Kay diáspora*. Ele pretende retornar para o Haiti tão logo tenha conseguido alcançar os objetivos no exterior.

Já Clarêncio Judy, nasceu em Leogane, 26 anos, está no Brasil desde 2017, viúvo de uma brasileira, tem uma filha que nasceu no Brasil e mora atualmente em Barueri São Paulo. Enquanto Charlot Jn Charles, cuja trajetória acadêmica já foi anteriormente citada na segunda seção deste trabalho, é pós-graduado com mestrado em Geografia, licenciatura em filosofia. Antes de vir

para o Brasil, Charlot residiu na República Dominicana. No excerto abaixo, Charles (2020) fala um pouco sobre sua trajetória.

morei aqui no período de setembro de 2011 a Dezembro de 2015 como o frei em uma missão da Igreja Católica, depois de voltar ao Haiti, em dezembro de 2015, retornei para o Brasil em maio de 2017 por minha conta própria com objetivo de fazer mais estudos. Quando cheguei aqui os principais desafios foram encontrar emprego para suprir as minhas necessidades básicas, trabalhar na minha profissão e seguir com meus estudos e planos. Consegui conquistar coisas importantes no Brasil como, por exemplo, o título de Mestre, uma graduação plena em Filosofia além da publicação de diversos trabalhos científicos também ajudei meus compatriotas haitianos e haitianas e isso é algo que sempre eu gostaria de fazer o meu principal projeto para o futuro é fazer Doutorado e ter um bom emprego. Mas antes de voltar para o meu país também quero visitar mais estados aqui no Brasil, as praias, por exemplo. Eu sou secretário e membro fundador da Associação de Haitianos em Porto Velho.

Caminhando para o final desta amostra, apresentamos relatos de Jerry Félix que nasceu em Porto Príncipe, tem 35 anos, está no Brasil há 2 anos, solteiro, não tem filhos e mora atualmente em Foz do Iguaçu, mas já morou também na cidade de Manaus. Jerry Félix possui uma graduação pela Universidade do Estado do Haiti, no curso de Filosofia, é professor e trabalha como professor de francês, inglês e espanhol aqui no Brasil.

Ainda não morei em outros países o Brasil tinha um programa especial de visto humanitário para haitianos eu queria sair da minha zona de conforto e estudar no país estrangeiro principal dificuldade Desafio Foi a língua as comidas amazonenses também eram difíceis de ser ingeridas o meu propósito é fazer um mestrado entrar numa universidade federal para cursar antropologia entrei na Universidade Federal para cursar antropologia Sou estudante de pós-graduação Ainda não voltei a whiter mas pretendo retornar para o meu país assim que eu conseguir conquistar os meus objetivos aqui na minha principal renda atualmente é do auxílio estudantil que recebo na pós-graduação Eu gostaria de enviar algo para os meus familiares Mas não recebo o suficiente para isso tenho projetos de mudar para o Canadá (Fala de Jerry Félix em março de 2020, Diário de Campo).

Jerry, como já mencionado, ajuda, em suas aulas particulares, os brasileiros a aprenderem os idiomas inglês, francês e espanhol, mas não se sente seguro no Brasil o suficiente para falar o seu próprio idioma materno. De acordo com ele, numa tarde qualquer de janeiro de 2020, ele estava no terminal rodoviário com um amigo haitiano falando crioulo quando, de repente, foram

abordados por um homem que bradava em alto e bom som que eles eram “obrigados a falar português porque aqui é o Brasil. Se não tem nada para fazer nesse país, voltem pra casa de vocês!” Jerry lastima com um certo pesar que essa não foi a primeira vez em que sentiu desconforto por estar ocupando um espaço que “não era o seu”. De acordo com ele, “uma outra vez no ônibus lotado a senhora falou: enquanto os brasileiros ficam de pé... Olha só os estrangeiros sentados!”.

Sayad (2000, p. 19) constata que “de um lado e de outro a emigração e a imigração são suspeitas de subversão e mais ou menos abertamente acusadas de alterações culturais”. Nesse sentido, para os nativos a presença dos imigrantes está suscetível “de perturbar a homogeneidade cultural do povo e prejudicar sua autenticidade fundadora”. O autor considera que quanto maior percebida como potencial “ameaça”, maior a acusação.

Stefhany Dior, nasceu em Porto Príncipe, é evangélica da Igreja Batista e está no Brasil há cinco anos e seis meses, namora um haitiano que estuda na mesma universidade e, do relacionamento anterior, tem um filho que está morando no Haiti com a família dela. Dior mora atualmente em Foz do Iguaçu, mas já morou em Porto Alegre. Cursa atualmente graduação pela UNILA em ciências biológicas Ecologia e Biodiversidade e veio sozinha em busca de melhores condições. Stefany Dior relata

Meus Primeiros e principais desafios foram falar a língua portuguesa agora o desafio grande é terminar o curso. Pretendo montar um bom negócio futuramente! Eu artificio da associação haitianos na unila e tenho projetos de empreender, mas ainda não pude colocar em prática pretendo trabalhar na área Imobiliária. Já voltei para o Haiti a fim de visitar minha família e ver meu filho que ficou lá. Eu pretendo ir para outro país fazer uma pós-graduação e depois voltar para ficar no Brasil. Atualmente minha principal renda é o auxílio estudantil mensal no valor de 600 reais e o auxílio transporte. Essa é a minha renda atual eu não envio parte do meu salário para o Haiti porque não sobra o suficiente, mas quando eu concluir meus projetos vou compensar a minha família por todo apoio recebido.

Por fim, para encerrar este tópico, apresentamos trechos da trajetória do Mc Lobo, como pediu para ser identificado. Ele nasceu no Haiti, tem 25 anos, está no Brasil desde 2013, solteiro, não tem filhos e mora atualmente em Caxias

do Sul, mas já morou na cidade de Manaus. Mc Lobo nos concedeu em março de 2020 o seguinte relato:

A minha formação é audiovisual fiz vários cursos técnicos nunca morei em outros países mas já estive de visita na República Dominicana. Eu quise vir aqui para o Brasil porque tenho uns primos meus que já moram aqui, quando eu morava no Haiti era um sonho conhecer o Brasil porque eu era fã do time do Brasil. Meus primeiros desafios aqui no Brasil foi ajeitar os documentos na PF e ver onde tem estúdio para gravar música, agora eu penso mais na minha carreira artística e também no trabalho. Voltei para visitar a minha família depois de 4 anos e aprendi muito na minha carreira de música. Onde que fui realizar meus shows, a maioria curtiu o meu trabalho é meu interesse brilhar como estrela, ficar famoso, viver da arte! Estou percorrendo esse caminho.

3.3 PROTAGONISMOS ARTÍSTICOS CULTURAIS COMO INSERÇÃO SOCIAL E PROJETO MIGRATÓRIO

Pintura em tela, composição e execução de músicas autorais, empreendimentos na área gastronômica voltados para os pratos haitianos, confecções de moda caribenha, salões de beleza tocados por tracistas haitianas e outras ações de protagonismo cultural envolvendo nossos interlocutores foram constatadas em campo. Essas ações de protagonismos culturais são mobilizadas pelos imigrantes haitianos no Brasil como agência nos processos de inserção social para fins de executar o projeto migratório.

Neste tópico, procuramos nos ater mais especificamente nas formas de inserção social protagonizadas pelos imigrantes a partir de ações e eventos artísticos culturais como parte dos projetos pessoais que reverberam nas conquistas coletivas. Constatamos que esses protagonismos são direcionados por características transculturais, trans-étnicas e transnacionais que estão presentes, sobretudo, nas pinturas de telas e produções musicais analisadas por nós.

Embora não estejamos diretamente voltados para esse processo do fazer musical haitiano em termos de partitura e composição das trilhas sonoras,

consideramos essencial ressaltar que essa ação acontece num processo plural capaz de colocar em conjunção múltiplos universos.

Blacking (2007, p. 201) nos alerta para o fato de que “o discurso musical é essencialmente não-verbal, embora obviamente as palavras influenciem suas estruturas em vários casos, e, ao analisar linguagens não-verbais através da linguagem verbal, corre-se o risco de distorcer a evidência”. Nesse sentido, a “música” seria, nos termos do autor, “uma verdade indecifrável e o discurso sobre ela pertence ao domínio da metafísica”.

No que pese, o nosso olhar recai mais atentamente para o discurso colocado em funcionamento a partir das letras verbais da composição produzida pelos nossos interlocutores para ser cantada, a letra das músicas autorais, e reconhecemos ser a “linguagem verbal aproximativa e a objetividade impossível, pois construída subjetivamente no interior do modelo de investigação” (BLACKING, 2007).

A seguir, nos próximos subtópicos desta seção, analisamos os desafios primários e os primeiros contatos dos nossos interlocutores no Brasil no processo de inserção social. Essa análise está pautada no conteúdo verbal da criação musical de Guerby Cherry e Alix Georges com as composições *Quando eu cheguei aqui* e *Eu gosto do Brasil*, respectivamente.

À medida em que esses imigrantes vão se inserindo nos espaços sociais do Brasil, eles transitam numa direção que aponta para a dimensão protagonista do ser migrante, sendo ator de ações afirmativas diante do outro/nacional e também diante do estado e demais instituições sociais.

3.3.1 “Me diz uma coisa: qual a pessoa negra, pobre e imigrante que não sofre racismo?”

Baptiste Lucke nascido em Porto Príncipe, 28 anos, residente no Brasil há sete anos, solteiro, morando atualmente em Florianópolis, já morou em São Paulo, Rio Grande do Sul e Ceará onde cursou uma graduação pela Universidade Federal do Ceará, curso de Letras Francês e literatura. Antes de

vir para o Brasil, Baptiste Lucke já morou nos países Equador e República Dominicana. Ao responder questões formuladas pela autora desta Tese, num questionário semiaberto, Lucke escreveu

Recebi apoio do meu pai para vir ao Brasil. Quando cheguei aqui o principal desafio foi falar a língua portuguesa, atualmente meu principal desafio é encontrar uma forma de receber uma renda melhor e retribuir a ajuda que meu pai me deu. Mas eu já consegui conquistar coisas importantes no Brasil, como por exemplo, os meus estudos. Eu também pretendo contribuir para uma revolução e transformação social sou estudante ativista que apoia a causa das minorias e luta pela justiça social para que os imigrantes possam ser representados como sujeitos de direitos.

Embora com uma trajetória marcada por desafios, Baptiste Lucke demonstra, em seu relato, consciência de que suas conquistas e realizações individuais repercutem também no coletivo, contribuindo para o que ele chama de “revolução e transformação social”. Para responder nossa pergunta sobre episódios de racismo em sua trajetória, Baptiste Lucke nos devolve uma pergunta, a saber,

“Me diz uma coisa: qual a pessoa negra, pobre e imigrante que não sofre racismo?”

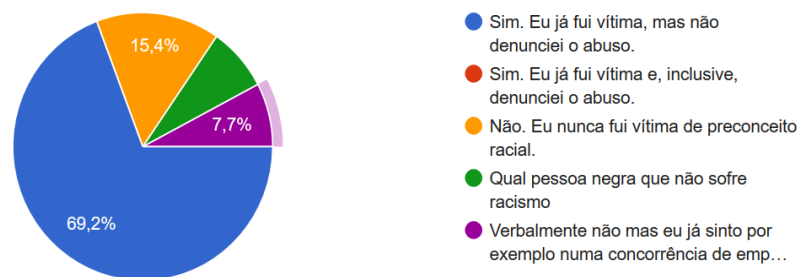
Como resposta à pergunta digressiva formulada por Lucke, percebemos que dentre os participantes do nosso formulário semiestruturado, apenas dois imigrantes disseram nunca ter sido participante de episódios racistas aqui no Brasil, enquanto os demais foram incisivos ao relatar episódios de abuso, de preconceitos e demais formas aviltantes de racismo. Um dado que desperta a nossa atenção analítica é o fato da maioria desses imigrantes ter afirmado que, embora tivesse sido submetida a tais situações, preferiu não denunciar o abuso tanto por estar “fora de casa” quanto por sentir insegurança quanto à eficácia das leis.

No gráfico e esquema seguinte, ilustramos esses dados:

Gráfico 2: Dados sobre ocorrência de discriminação racial para com os interlocutores da pesquisa

Você já foi vítima de discriminação racial no Brasil?

13 respostas



Verbalmente não mas eu já sinto por exemplo numa concorrência de emprego, no ônibus.

Fonte: gráfico gerado automaticamente pelo Google Forms a partir dos dados etnográficos coletados pela autora.

Quadro 3: Dados sobre ocorrência de discriminação racial para com os interlocutores da pesquisa

Se a sua resposta para a questão anterior foi sim. Você gostaria de relatar de forma anônima sobre isso?

6 respostas

Uma amiga deixou um currículo meu num hotel em Copacabana, me ligaram para uma entrevista. Estava animado para a entrevista já que tenho trabalhado os últimos 8 anos nesse setor. 30 minutos depois recebi outra ligação para me informar que a entrevista estava cancelada, o motivo que foi apresentada é que não empregavam estrangeiros na recepção do hotel.

Não importa, já passou. Até porque é o sistema todo que é ruim...

Então, o racismo existir no mundo inteiro, assim que fui vítima de racial e tantas outras isso me deixou às vezes muito triste mas, com a força do SENHOR JESUS eu resisti

Não

Eu estava no Terminal com um amigo Haitiano falando crioulo. Um senhor chegou e falou que nós somos obrigados a falar Português porque aqui é o Brasil se não nós temos nada para fazer nesse país! Uma outra vez num ônibus lotado. Uma senhora falou que Brasileiros ficam de pé e olha estrangeiros sentados.

Concorri várias vezes vagas de emprego por ser preto e estrangeiro não consegui a vaga concorrida, Não valorizar meu desempenho de trabalho.

Fonte: print screen de página gerada automaticamente no Google Forms para os dados da nossa pesquisa de campo.

Outros dados relevantes para a compreensão das análises e ideias desta Tese foram coletados com Noel Moise. Ele nasceu em Porto Príncipe, Delmas, é evangélico da Igreja Adventista do Sétimo Dia e está no Brasil desde 2015.

Noel Moise é solteiro, não tem filhos e morava em Navegantes, Santa Catarina, quando nos concedeu entrevista. Todavia, já morou em outras cidades do Brasil, como por exemplo São Roque e São Paulo. Moise cursou Mecânica e, de acordo com ele, realizou estágio em Itajaí, Santa Catarina no Instituto Federal de Santa Catarina. A frustração atual de Noel Moise é não ter conseguido emprego na mesma área de formação. Antes de vir para o Brasil, Noel Moise, morou nos países República Dominicana e Equador. Perfazendo um trajeto Haiti-República Dominicana-Haiti- Equador-Brasil.

Conforme elucidaremos mais adiante na discussão teórica que sucede esta amostra etnográfica, a frustração de Noel Moise não é um fato isolado, encontra eco e recorrências em muitas outras trajetórias de imigrantes haitianos qualificados no Brasil.

Ao relatar sobre os fatores que influenciaram na sua decisão de vir para o Brasil, Moise afirma:

Decidi vir para o Brasil porque lá a gente sempre ter um amor por a seleção da brasileira por isso faz parte. E também depois de muitas catástrofes naturais e crises políticos algumas cidades de guerra a gente escolhe o Brasil para morar.

Com relação às redes de apoio acessadas para chegar ao Brasil, Moise diz “não recebi ajuda de ninguém a não ser da minha mãe”. E continua o seu relato “quando cheguei aqui os principais desafios foi a língua depois as dificuldades para acostumar com algumas coisas, tais como “tipos de zoeira brincadeira feia, xingamento, alguns preconceitos com meu modo de falar”. As hostilidades enfrentadas por Moise são muitas e estão muito similares em vários pontos com as dificuldades encontradas pelos demais interlocutores.

Quando questionado sobre as dificuldades e os projetos de médio e longo prazo no contexto de sua imigração, Noel Moise confirma nossas reflexões teóricas sobre a ideia de trajetórias adotada nesta Tese, além de inserir também elementos religiosos como prospecção para o futuro incerto, a saber:

E sempre depende do que vai acontecer porque a gente não é dono próprio porque ninguém não sabe pela manhã, senão Deus e também eu nunca pensei nisso. Para voltar ou ficar essencial é buscar meios para estar acostumado com as coisas e procurar entender. Eu já fui vítima de preconceito e discriminação no Brasil, os racistas existem e isso me deixou às vezes muito triste,

mas com a força do Senhor Jesus eu resisti prefiro não falar mais sobre o que aconteceu.

O silenciamento do interlocutor acima representado sob o nome fictício de Noel Moise, é interpretado analiticamente em nosso tópico seguinte, entre outras coisas, como autopreservação, no sentido de não se expor para não sofrer as possíveis e subentendidas interdições do público (leis e processos burocráticos) em sua vida privada (com documentos nem sempre atualizados).

3.3.1.1 Interpretação teórica e analítica sobre raça e racismo

Partindo de um contexto global, dialogamos com o advogado e antropólogo haitiano, Antenor Firmin, que, em 1885, publicou um extenso livro sobre a igualdade das raças humanas. Publicado em francês, o livro recebeu o título *De l'égalité des races humaines*. Na obra, o autor se posiciona contra toda a forma de preconceito que era recorrente no campo da Antropologia do século XIX. É lamentável que o discurso sobre a inferioridade dos negros e negras ainda fosse legítimo, legalizado e consagrado dentro das universidades em pleno 1885!

Firmin (1885) foi um dos antropólogos precursores a sair em defesa da igualdade das raças humanas, em rebate à tese do racista francês Joseph Arthur de Gobineau que publicou em 1853 o ensaio sobre as desigualdades das raças humanas, originalmente *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Gobineau, entre muitos outros pares, procuravam argumentos biológicos para inferiorizar a capacidade moral, intelectual e política da raça negra. É triste a constatação de que, ainda hoje, perduram essas ideias infames. Já não mais formalizadas e legalizadas como outrora, porém vivas e recorrentes nos silenciamentos, nos discursos com roupagem de controle fronteiriço e, sobretudo, nos ambientes tidos como da elite.

Na célebre obra de Firmin (1885), o autor é bastante eclético ao refutar a tese racista não apenas com argumentos científicos antropológicos, mas também buscando dados de outras disciplinas, tais como a filosofia e a

psicologia, para embasar seu posicionamento sobre a igualdade moral e intelectual das raças humanas. A seguir, citamos um trecho conclusivo das ideias de Firmin (1885, p. 662):

Revenus a la verite, ils reconnaîtront que les hommes sont partout doués des memes qualites et des memes défauts, sans distinction de couleur ni de forme anatomique. Les races sont egales; e Hes sont toutes capables de s'elever aux plus nobles vertus, a.u plus haut developpement intelleictuel, comme de tomber dans la plu, li' complete degeneration.

Em síntese, o autor afirma que os homens em toda parte são dotados com as mesmas qualidades e os mesmos defeitos, sem distinção de cor ou forma anatômica. As raças são iguais e todos são capazes de nobres virtudes e manifestações inteligentes, uma vez que a única diferença que existe é o privilégio obtido historicamente a partir de sistemas coloniais de uns com relação aos outros. Essa é, atualmente, uma constatação básica e elementar para qualquer tipo de relação humana, mas, em 1885, Antenor Firmin, precisou de mais de 600 laudas para poder afirmar que as raças humanas são iguais e ainda assim foi ridicularizado por uma grande parcela dos seus pares.

Já Lévi-Strauss (2012) partindo de uma perspectiva mais estruturalista antropológica, centraliza a discussão sobre o debate racial, em seu texto *Raça e História*, a partir de distinções analíticas entre raça e cultura, projetando relações centradas em premissas mais ou menos dicotômicas, tais como “culturas arcaicas” versus “culturas primitivas” (pp. 240-243), “história estacionária” versus “história cumulativa” (pp. 246-252).

De acordo com o autor, há uma diversidade de culturas humanas e essas diversidades devem ser consideradas nessa análise sobre raça e racismo

Enfim e principalmente devemos nos perguntar em que consiste essa diversidade, com o risco de ver os preconceitos racistas, apenas arrancados de sua base ideológica, renascem em novo terreno. Isto porque seria inútil conseguir que o homem do povo renuncie a atribuir um significado intelectual ou moral ao fato de ter a pele negra ou branca, o cabelo liso ou crespo, para ficar em silêncio diante de outra questão à qual a experiência prova que ele se agarra imediatamente (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 233).

A questão sobre a qual o autor afirma, no excerto acima, que o “homem do povo” se agarra imediatamente é toda ela um devaneio racista explícito, a saber,

se não existe aptidões raciais inatas, como explicar que a civilização desenvolvida pelo homem branco (sic) tenha cumprido os imensos progressos que conhecemos ao passo que as dos povos de cor (sic) tenham ficado para trás, umas a meio caminho, outras atingidas por um atraso que se conta em milhares ou dezenas de anos? (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 233).

Por conseguinte, e felizmente, desde a questão postulada acima até a contemporaneidade, ao menos no campo teórico, temos um considerável avanço no sentido de que aquelas ideias já foram superadas e as questões que se colocam em tempos vigentes são outras e estão norteadas por análises pontuais das relações de poder que foram estabelecidas ao longo da história racial.

Para citar aqui mais um dos autores clássicos da disciplina, trazemos para esta análise as postulações de Franz Boas, que é considerado por Celso Castro⁴⁹, como “um dos fundadores da moderna antropologia”. Boas (2005, p. 67) já no início do seu texto sobre *Raça e Progresso*, chama atenção para o fato de que “se desejamos adotar uma atitude sensata” frente ao tema que abrange raça e racismo, “é necessário separar (...) os aspectos biológicos e psicológicos das implicações sociais e econômicas da questão”. O autor (p.85) afirma ainda que a “antipatia racial” não é “implantada pela natureza”, como sustentava Arthur Keith (com o qual Boas estabelece diálogo antitético no próprio texto aqui citado), e, sim, é resultante do “efeito de causas sociais atuantes em todo grupo social fechado, não importando se ele seja racialmente heterogêneo ou homogêneo”.

Considerando os debates acima levantados e a importância deles para que os estudos sobre raça e racismo ganhassem consistência dentro do campo antropológico, passamos adiante para as ideias defendidas por autores mais contemporâneos e com os quais esta Tese estabelece importantes pontos de conexão.

⁴⁹ Na apresentação do livro *Antropologia Cultural*, de Franz Boas (2005).

Assim, no tensionamento das ideias sobre raça e racismo, de acordo com as ideias proferidas⁵⁰ por Kabengele Munanga, observamos que o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, “nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação”. É relevante perceber que a raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno-semântica, no sentido de que conceitos como negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, no Haiti e etc. Por isso, o autor considera que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não apenas biológico. Mais adiante, neste tópico, voltaremos às ideias explanadas por Munanga (1990).

Nesse cenário panorâmico e polifônico sobre as múltiplas formas e formações racistas, partindo para encontrar uma voz mais contemporânea, também consideramos de suma importância as ideias defendidas por Silvio Almeida (2019). Em seu livro *Racismo Estrutural*, o autor defende que o racismo estrutural não é um tipo específico de racismo, para ele, “a tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”.

Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo (ALMEIDA, 2019, s/p.).

Por conseguinte, direcionando o debate para os sujeitos focalizados por esta Tese no local geográfico de onde estamos partindo, haitianos no Brasil, citamos Guimarães (2017, p. 382) para chamar atenção ao fato de que “silenciar a questão racial é omitir a formação da nação brasileira, pois o conceito de raça é categoria essencial para interpretar a história do pensamento social brasileiro”. De acordo com a autora “a vinda de migrantes haitianos (...) coloca em

⁵⁰ Palestra proferida no 3º Seminário Nacional sobre “Relações Raciais e Educação”. PENESB-RJ, em 05/11/03.

sobressalto a sociedade embranquecida do Brasil e, por conseguinte, ameaça a soberania nacional". Nesse contexto, "a esperança dos haitianos de se ter uma vida digna no Brasil tornou-se pesadelo" em muitos aspectos, tais como os relatados no quadro do tópico anterior.

Em sua Dissertação, o haitiano Jean Baptiste (2018, p. 164) aponta que os preconceitos constatados nos relatos dos imigrantes haitianos, sujeitos entrevistados por ele, "se manifestam sobre a forma étnico-racial (haitiano/preto) e do estatuto social (ser imigrante)". O autor entende que esses tipos de preconceitos sobre essa categoria se manifestam como

resultado do contexto global da problemática racial do Brasil, do contexto pontual da migração haitiana pelo Brasil sobre resolução da razão humanitária e da construção estereotipada do ser haitiano como ser sem educação associado como pertencente a uma população que vive na extrema pobreza no seu país. Essa última construção faz parte da tendência estereotipada veiculada pelas organizações internacionais e as ONGs para as campanhas de sensibilização internacional no objetivo de justificar as intervenções sociais, militares, econômicas e políticas nesse país ao longo da história (JEAN BAPTISTE, 2018, p. 164).

A análise realizada por Jean Baptiste é bastante pertinente para o nosso olhar. Partilhamos também da ideia de que o Haiti, além de ter sido empobrecido ao longo dos anos por forças coloniais estrangeiras; é, atualmente, focalizado por essas mesmas forças, acrescidas de ONGS humanitárias, que ajudam na propagação a nível internacional de uma imagem miserável sobre o Haiti e, consequentemente, sobre os próprios haitianos.

Ademais, o discurso midiático tem uma grande parcela de contribuição nessa empreitada de evidenciar o Haiti como um problema internacional. Estamos de acordo com Daniela Samora (2015) quando ela diz que

A intencionalidade discursiva da mídia pareceu clara, quando confundiu e povoou no imaginário coletivo, que os haitianos geraram um problema humanitário, custos aos cofres públicos e uma ameaça à comunidade local. Imagem criada, primeiro, a partir da polifonia estabelecida entre os representantes dos órgãos públicos e não refutada pelos blogs e sites que a noticiaram; segundo, pela singularidade dos discursos apresentados a partir das regularidades encontradas no arquivo textual. Afinal, a voz que falou/enunciou foi de grandes, médias e pequenas imprensas, portanto, a força da locução marcada pelo lugar que elas ocupam, sustentaram as relações de força discursiva. O que gerou um efeito de verdade daquilo que foi

publicado. Portanto, a posição que ocuparam os diversos locutores/enunciadores, a qual as notícias foram apresentadas, marcou as relações de poder do discurso e conferiu confiabilidade aos interlocutores/leitores dos textos (SAMORA, 2015, p. 51).

Entre outras coisas, esse imaginário coletivo, reforçado constantemente pelo discurso político humanitário, propaga inferioridade econômica. Sob esse prisma, Munanga (1990, p.116) chama atenção para o fato de que “os que pensam que a situação do negro no Brasil é apenas uma questão econômica e não racista, não fazem um esforço para entender como as práticas racistas impendem ao negro o acesso na participação econômica”. O que acaba se tornando um ciclo vicioso. O autor partilha ainda do pensamento de que ao separar “raça” e “classe” numa sociedade capitalista, comete-se um erro metodológico que dificulta as análises e influi numa rasa explicação puramente economicista.

Em contrapartida, nesse universo de informações sobre o Haiti em suas variadas facetas, há também abordagens bastantes comprometidas com a ciência e a alteridade, entre muitas outras produções de qualidade com as quais dialogamos, destacamos aqui a Tese *Haiti Popular: saberes antropológicos e artísticos em circulação* da antropóloga Júlia Vilaça Goyatá (2019) que escapa dessa corrente essencialista sobre o Haiti e seus habitantes, a saber:

O recorte temporal da pesquisa, que traz de volta à cena os alvoroçados anos 1940, dá a ver um momento riquíssimo da história política haitiana, marcado pela abundância de propostas educacionais, científicas e culturais. ao contrário da renitente imagem da escassez, do caos e do fracasso associados à região caribenha, alardeada após o terremoto, **mostra-se aqui um Haiti muito diferente daquele difundido pelo senso comum midiático** (grifo nosso), (GOYATÁ, 2019, p. 207).

Outro material que consideramos relevante destacar nesse panorama de abordagens acadêmicas coerentes sobre o Haiti e os haitiano é o livro *Conversas etnográficas* organizado por Neiburg (2019). De acordo com o autor (p.22), é interesse coletivo do seu grupo de pesquisa “afastar radicalmente de qualquer narrativa colonial, estigmatizante ou miserabilista sobre “o Haiti” ou sobre os haitianos”. O que não os impede de reconhecer, também, “a penúria das vidas sobre as quais falamos e a alegria de viver dos nossos interlocutores e amigos”.

Com relação as variadas formas pelas quais o racismo é operacionalizado na prática, citamos, em seguida, um dado levantando em campo por Allasia (2021, p. 93). A autora coloca em evidência o fato de que, no tocante à inserção laboral, a aquisição de credenciais acadêmicas não é suficiente, por si só, para a garantia do imigrante ser efetivado como profissional na sociedade de acolhida. De acordo com a autora, uma de suas entrevistadas

Durante dos años ella continúa trabajando en tareas de limpieza. Es decir, se encuentra sobrecalificada para el puesto que ocupa. Además de estudiar, construye otro tipo de estrategias como emplearse en otro puesto en un hospital o trabajar por un largo periodo en el desempeño de tareas profesionales pero sin remuneración. En síntesis, su condición de migrante peruana, su género femenino y su pertenencia de clase marcaron su inserción en destino como empleada de limpieza –un nicho laboral típico de mujeres migrantes–, aun teniendo títulos universitarios. Por otro lado, también podemos observar cómo el acceso a titulaciones superiores produce un ascenso en términos sociales, en tanto deja de ser discriminada y es “vista con otros ojos”. Asimismo, implica mejoras en sus condiciones materiales, debido a que comienza a trabajar menos horas y a percibir un sueldo mayor.

Ademais, Allasia (2021) pondera que, mesmo diante desse contexto de estigmas, por outro lado, o acesso dos imigrantes ao ensino superior produz o que a autora chama de “un proceso de ascenso social en términos materiales y simbólicos” onde o imigrante, mesmo que não seja contratado para realizar as funções de sua profissão, passa a ser “visto com outros olhos”.

Jean Baptiste (2018) também reflete sobre esse aspecto. Para ele (p.171), “a tendência da migração é uma mão de obra desqualificada e a existência dos imigrantes qualificados dentro da tendência geral reflete uma situação controversa” porque foge da lógica imaginada pelo senso comum. Assim, o autor elucida que “a educação, que deveria ser um meio de mobilidade social, para essa categoria qualificada torna-se uma barreira”.

Reiterando a constatação da autora Allasia (2021) de que os imigrantes qualificados “passam a ser vistos com outros olhos”, damos conta de que os nossos interlocutores haitianos estão integrando um paradoxo, conforme já prenunciamos na introdução desta Tese, eles estão no limiar entre o cultuado (por serem artistas e estudantes) e o indesejado pela origem e pela cor da pele em um país de base colonialista.

Ao tecer uma análise sobre os “silêncios ruidosos” que atravessam o racismo, a antropóloga Lilia Schwarcz (2012, p. 79) aponta que dentre as muitas possibilidades que implica o pensamento analítico sobre raça e racismo “em comum persiste, porém, um certo silêncio, parte de um pacto igualmente silencioso e ambíguo. Melhor não dizer, melhor calar”. Nesse contexto, convidamos Orlandi (2007, p.69) para enfatizar que “não é do silêncio em sua qualidade física que falamos aqui, mas do silêncio como sentido, como história (silêncio humano), como matéria significante”. Aquele silêncio que instala o limiar do sentido.

Como é possível constatar em nossa amostra etnográfica, constante no gráfico 2 supratranscrito (ver tópico 3.3.1), 69,2% dos participantes afirmaram não ter tomado uma atitude oficial ante o crime de racismo. Isso porque a condição de negro e imigrante estabelece uma gama de liminaridade e interdição. Os nossos interlocutores silenciam para não se expor, uma vez que essa exposição pode acarretar em retaliações, investigação sobre a validade de seus documentos, enfim, uma série de burocracias com agência de censura e interdição.

Nessa perspectiva, conforme elucida Orlandi (2012, p.104) “censura não é um fato da consciência individual do sujeito, mas (...) trata-se de um processo de identificação, e diz respeito às relações do sujeito com o dizível”. Apontando a direção daquilo que é permitido dizer e daquilo que é preferível silenciar.

Ademais, é crucial perceber que a interpretação teórico-analítica sobre raça e racismo que empreendemos aqui está passível de maiores aprofundamentos; pois, tamanha a relevância e complexidade do tema, não seria possível abordá-lo suficientemente em apenas um sub-tópico. A autora Guimarães (2017), por exemplo, dedicou toda a sua Tese para focalizar a temática e, ainda assim, reconhece que não fora possível esgotar as problemáticas que circundam o tema das relações raciais, no contexto da imigração haitiana no/para o Brasil.

De antemão, pontuamos que, embora não faça parte dos nossos objetivos específicos, a temática das relações raciais é muito cara para as ideias desenvolvidas aqui e todo o nosso olhar sobre os processos migratórios que

analisamos é atravessado por consciência analítica de raça, racismos, e relações de poder.

E, embora ainda tenhamos muito que avançar no sentido de respeito à dignidade da pessoa humana, no campo das relações raciais, reconhecemos que há progressos significativos tanto por intermédio dos movimentos negros de representações populares quanto no campo da legislação, como é o caso do Projeto de Lei 141/21 que está em análise na Câmara dos Deputados e considera a injúria racial como crime de racismo, tornando-a imprescritível.

3.3.2 “Quando⁵¹ eu cheguei aqui/ pra mim falar/ pra mim ligar eu não sei pra quem”

Lançado em 2016, o clipe *Quando eu cheguei aqui* do compositor e cantor Guerby Cherry foi recebido com muita deferência por parte dos imigrantes haitianos em Porto Velho, Rondônia. Desde então, o artista fez diversas apresentações em eventos organizados pelo Grupo de Pesquisa MIMCAB (Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira). Destacamos as apresentações artísticas realizadas pelo cantor no *I Seminário Internacional do Observatório das Migrações em Rondônia* e na *Oficina temática Marchando Unidos: Pró-Haiti* na Universidade Federal de Rondônia.

Nós viemos de muito longe

*Quando eu cheguei aqui, na madrugada, não conhece ninguém, /
pra mim falar, pra mim ligar, eu não sei pra quem (bis)/ Ajuda,
quem precisa, ajuda, tem que tá chorando, chorando (bis)/
[Trecho em crioulo e em francês].*

*Quando eu cheguei aqui, na madrugada, não conhece ninguém, /
pra mim falar, pra mim ligar, eu não sei pra quem (bis)/ Nós vem
de tão lonju, nós vem de tão lonjuu (bis) / Quando eu cheguei
aqui, na madrugada, não conhece ninguém, / pra mim falar, pra*

⁵¹ Esse subtítulo é alusivo a uma das músicas do compositor haitiano Guerby Cherry.

*mim ligar, eu não sei pra quem (bis) / Ajuda, quem precisa, ajuda,
tem que tá chorando, chorando (bis)*
[Trecho em crioulo e em francês].

*Nós vem de tão lonju (tris) / [Trecho em crioulo e em francês].
/ Somos um, nos somos um (bis) (Cherry, 2016).*

Nos versos “quem precisa de ajuda, tem que tá chorando, chorando”, o cantor denuncia as condições degradantes pelas quais passam os imigrantes haitianos no primeiro momento pós-chegada ao Brasil. O desamparo que a letra expressa está relacionado tanto com a escassez de políticas públicas voltadas para a acolhida de imigrantes, quanto com as práticas xenofóbicas de membros da sociedade brasileira, tais como aquelas que foram vivenciadas pelos interlocutores da amostra etnográfica constante nos tópicos anteriores.

Já nos versos “pra mim falar, pra mim ligar, eu não sei pra quem”, está expressa a reação confusa do imigrante frente ao novo desafio de comunicação com os brasileiros, essa situação ocorre porque o imigrante encontra-se diante de uma nova situação linguística e tendo como interlocutores sujeitos que utilizam um idioma ainda desconhecido pelo imigrante, o português. Quando diz “prá mim ligar, eu não sei prá quem”, o artista/ eu-lírico, colocando-se na primeira pessoa do discurso, expõe a inexistência de um canal de comunicação e informação que seja acessível aos imigrantes no momento em que chegam ao Brasil.

Há, em “Quando Cheguei aqui”, alguns trechos onde o cantor opta por cantar em seu idioma materno, esses trechos funcionam como uma metáfora para o hibridismo linguístico que é vivenciado pelo imigrante, assim, o artista exhibe uma performance mais adaptada à nova realidade linguística em que se encontra inserido e se mostra flexível quanto a utilização dos idiomas de origem e de destino. A mensagem central dos trechos em crioulo tem correlação com a mensagem expressa nos versos que estão em português, a saber, os desafios e dificuldades que estão imbricados no processo de adaptação pós-chegada ao Brasil.

Para análise desse fenômeno de hibridismo linguístico cultural identificado na letra da referida canção, nos baseamos no conceito de hibridismo que foi delineado por Canclini (2012), conforme consta no excerto abaixo,

Parto de una primeira definición: entiendo por hibridación procesos socioculturales en los que estructuras o prácticas discretas, que existían en forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas.

Assim, quando o artista menciona (trecho em crioulo) a migração de pessoas de outras nacionalidades, tais como africanos e palestinos, e finaliza estabelecendo uma relação de unicidade entre esses imigrantes, como se observa nos versos “Nós vem de tão lonju (tris) ... Somos um”. Há uma nítida amostra de “hibridación”. Esse processo também é verificável na próxima canção que analisamos, conforme pontuamos mais abaixo sob a perspectiva de Babha (1998).

3.3.3 “Eu gosto do Brasil, Brasil gosta de mim”: inserção social na música de Alix Georges;

Eu gosto do Brasil

Eu gosto do Brasil, Brasil gosta de mim (bis)/ Com licença, cheguei na tua casa, / Obrigado, por ter me recebido/ Não importa quem quer seja, não importa eu sou de lá, / O que importa veio pra cá pra estudar buscando uma vida/ Sou haitiano, tu é brasileiro, somos amigos, parceiros, guerreiros/ Somos guerreiros latino-americano, africano, meu irmão/ Eu gosto de ti, tu gosta de mim, vamos fazer conexão/

Eu gosto do Brasil, Brasil, Brasil gosta de mim, Haiti (bis)/ Não importa quem quer seja, não importa eu sou de lá/ O que importa veio pra cá trabalhar toda a minha vida/ Sou haitiano, tu é brasileiro, somos amigos, parceiros, guerreiros/ Somos guerreiros, latino-americano, africano, meu irmão/ Eu gosto de ti, tu gosta de mim, vamos fazer conexão/

Eu gosto do Brasil, Brasil, Brasil gosta de mim, Haiti (bis)/ Se alguém perguntar se sou vagabundo, diga no, no, no/ Se alguém perguntar se eu sou coitado, diga no, no, no/ Se alguém perguntar

se sou guerreiro, diga sim, sim, sim/ Se alguém perguntar se sou vencedor, diga sim, sim, sim/

Eu gosto do Brasil, Brasil, Brasil gosta de mim, Haiti/ Eu gosto de você, Brasil, você gosta de mim, Haiti (bis)/ Eu gosto de você, você gosta de mim (bis)/ Quero agradecer a esse povo que me recebeu/ Quero agradecer tão linda alegria de viver/ valeu!/ (George, 2017).

O fazer musical de Alix, dado o contexto de sua criação, está impermeado de relações de alteridade entre o sujeito imigrante haitiano e os nativos brasileiros o que se evidencia nos versos “Obrigado, por ter me recebido” e “Eu gosto de ti/ tu gosta de mim/ vamos fazer conexão”. É a partir desse lugar híbrido do valor cultural que o eu-lírico filia sua poética. Nossa análise está pautada nas postulações de Bhabha (1998, p. 20) no sentido de que “a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”.

Para além da mensagem otimista que a música expressa, nos versos “Não importa quem quer seja, /não importa eu sou de lá” é possível verificar que o eu-lírico está consciente de que nas relações com os brasileiros a sua nacionalidade (local de origem e classe social do imigrante) implica preconceitos e pré-julgamentos valorativos. O mesmo ocorre nos versos “Sou haitiano, tu é brasileiro”, que mostram as relações políticas que também são estabelecidas entre o imigrante e a sociedade brasileira.

Se alguém perguntar se sou vagabundo, diga no, no, no/ Se alguém perguntar se eu sou coitado, diga no, no, no/ Se alguém perguntar se sou guerreiro, diga sim, sim, sim/ Se alguém perguntar se sou vencedor, diga sim, sim, sim/ (Georges, 2017).

Em contrapartida ao que as mídias televisivas brasileira e internacional apresentaram sobre os imigrantes haitianos, a saber, a imagem de um imigrante pobre e defasado política e economicamente, o eu-lírico mostra-se atento ao julgamento que a sociedade faz sobre o imigrante haitiano “se alguém perguntar se sou vagabundo, diga no, no, no/ Se alguém perguntar se eu sou coitado, diga

no, no, no”. Assim, fica explícita a autoafirmação do imigrante “se alguém perguntar se sou vencedor, diga sim, sim, sim”.

Em sequência aos versos “Eu sou haitiano/ tu é brasileiro”, o eu-lírico introduz um consenso entre haitianos e brasileiros “somos amigos, parceiros, guerreiros” e mostra, a partir de uma relação macro entre os continentes, que existe uma “irmandade” o que aparece nos versos “Somos guerreiros, latino-americano, africano, meu irmão/ Eu gosto de ti, tu gosta de mim, vamos fazer conexão”. Essa mesma relação de unicidade entre os imigrantes é visível também na música “Quando eu cheguei aqui” (ver último parágrafo do título anterior).

Em processos de deslocamentos, Bhabha (1998, p. 30) afirma que “as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro”. Essa intersecção entre o público e o privado está presente na música “Eu gosto de Brasil”, os versos “Com licença, cheguei na tua casa, / Obrigado, por ter me recebido” funcionam como uma metáfora para a chegada dos imigrantes no país brasileiro. Na poesia em análise, o eu-lírico (imigrante haitiano) pede licença ao brasileiro para fixar-se no Brasil, assim como pediria licença alguém que chega em uma casa alheia.

Os versos “o que importa veio pra cá pra estudar buscando uma vida/” e “o que importa veio pra cá trabalhar toda a minha vida/” diz muito sobre o projeto migratório que o artista estabeleceu para si no Brasil. Esse “novo” perfil de imigrantes acrescenta o objetivo de estudar no Brasil como uma prioridade na tentativa de projeto migratório.

Além de outros eventos de destaque em sua trajetória, Alix Georges também participou como codiretor/coprodutor e ator do filme *Fè Mye Talè* com sua música autoral *Ayisyen kite lakay* a qual colocamos na epígrafe desta Tese. O referido filme é um dos trabalhos mais conhecidos do artista e, inclusive, ganhou o prêmio de melhor direção de curtas gaúchos no *Festival de Cinema de Gramado*, realizado no ano de 2018.

Imagem 36: página inicial de divulgação e campanha política contendo informações sobre o candidato a vereador de Porto Alegre, Alix Georges



Fonte: Print screen da página inicial de divulgação e campanha política, via Facebook

Alix Georges, como elencado nos parágrafos anteriores é protagonista de uma série de eventos culturais. Para além disso, ele é um cidadão com ideais políticos e chegou, inclusive, a se candidatar como Vereador de Porto Alegre em 2020. A campanha ocorreu durante o período da pandemia de coronavírus o que condicionou e limitou bastante as formas presenciais de divulgação, reuniões e comícios. Dessa maneira, Alix Georges investiu bastante em divulgação nas redes sociais, chegando inclusive a criar um perfil específico no Facebook para esta finalidade, onde postava lives com uma certa frequência e obtinha várias visualizações.

Embora não tenha sido eleito, o Alix candidato alcançou votos suficientes para vereador suplente do partido Solidariedade. Em 16 de novembro de 2020, escreveu em sua página pública:

Quero parabenizar e agradecer a minha equipe pelo lindo trabalho (orgânico, com carinho e muito amor envolvido), agradecer ao partido Solidariedade pela oportunidade e a todos pelos votos de confiança. Apesar das limitações e das dificuldades, fiquei como vereador SUPLENTE. Foi uma experiência muito rica! Quero também dar um parabéns a todos (as) os (as) vereadores(as) eleitos(as) e desejar bom trabalho na construção de uma cidade mais comprometida com a qualidade de vida para todos (as). Gratidão!!!

Maiores informações analíticas sobre o trabalho artístico de Alix Georges, numa perspectiva etnomusicológica, podem ser encontradas na Dissertação de Maschio (2018), uma vez que o Alix artista é um dos interlocutores centrais do trabalho citado. Além disso, por estar diretamente relacionada com as ideias expressas nesta Tese, anexamos após os apêndices deste trabalho uma entrevista integral concedida pelo artista (ver anexo A).

3.3.4 Relato etnográfico sobre a Trajetória de Rebecca Bernard

Em novembro de 2019, no seminário *Brasil e Haiti- Racismo e Ciência: lutas históricas, dramas atuais* que foi organizado pela Professora Pâmela Marconatto Marques (UFRGS), a imigrante haitiana Rebecca Bernard fez um extenso relato sobre os seus principais desafios e perspectivas no que tange à realização do curso de Mestrado em Sociologia no qual está matriculada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rebecca conta que já chegou ao Brasil portando diploma de Pedagoga pela *École Normale des Professeurs Saint Louis de Gonzague*, Haiti e, mesmo tendo enfrentado toda a burocracia necessária para a validação do seu diploma, não se inseriu no mercado de trabalho da sua área de atuação. Os maiores desafios pessoais enfrentados de início por Rebecca fora a comunicação. Mesmo falando com fluência o *Krèyol*, o Francês e o Espanhol, ela não era compreendida pelos colegas de trabalho.

Quando entrei no Brasil, em janeiro de 2013, tudo parecia estranho ao meu redor: o idioma, a cultura, a comida, etc. No lugar de trabalho, só o patrão podia comunicar-se comigo, porque só ele entendia o idioma espanhol. A interação no ambiente do trabalho não era favorável, os colegas não conseguiam entender o que eu dizia, porque não falam nenhuma das línguas que eu falo e tampouco espanhol (BERNARD, 2019, p. 38).

Assim, Rebecca abraçou o exercício de aprender a língua portuguesa como uma prioridade básica e dedicava-se a isso todos os dias em tempo integral. De acordo com ela, “os primeiros meses foram mais difíceis no processo

de adaptação. Eu me sentia constrangida por não poder expressar os meus sentimentos e minhas necessidades”.

Por conta disso, pensando em ajudar os compatriotas haitianos que ainda não aprenderam o Português com fluência, Rebecca hoje se tornou professora voluntária em um projeto de ensino de línguas idealizado pelo *Centro Humanístico Vida*, no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Ao falar sobre esse protagonismo realizado, Rebecca demonstra muito orgulho pelas ações desenvolvidas no Centro Humanístico.

Foi com muita alegria que eu aceitei o convite, porque essa tarefa relaciona-se a minha experiência de múltiplas e complexas formas. Como professora voluntária, cada vez que estou ministrando as aulas, famílias inteiras se fazem presentes, ansiosas para aprender o idioma português. Porque têm a urgência de interagir com os demais da comunidade. O grupo tem 30 a 35 alunos de diferentes profissões, incluindo as crianças. Muitas dessas crianças já falam o idioma francês, além do crioulo haitiano e algumas delas falam também o espanhol (BERNARD, 2019, p. 39).

A professora Rebecca Bernard, destaca ainda a importância da socialização nas dependências escolares como parte do potencial antirracista que a educação pode ter no acolhimento de imigrantes. Nesse diálogo, é posto em reflexão ainda o fato de a maioria dos professores/as das escolas da rede Municipal não terem aptidão para se comunicar com as crianças haitianas em francês, *Krèyol*, ou até mesmo em Espanhol e como essa situação gera bloqueios no processo de inserção escolar, fato que intensifica a importância da atuação de Rebecca (e de outros tantos imigrantes e professores brasileiros que atuam no ensino de português para os haitianos e haitianas recém-chegados).

O constrangimento sentido por Rebecca nos primeiros meses da chegada ao Brasil era tão intenso que lhe arrancava lágrimas em diversos momentos. No limiar dessa adaptação, foi percebendo que sua presença, sua corporalidade, sua entonação de voz, seu tom de pele, tudo, parecia gritar ecoando naquelas situações embaraçosas. Além da dedicação para aprender falar português, ela precisou desenvolver também uma resiliência aguçada para continuar seguindo em frente com suas projeções pessoais.

O comportamento de alguém pode me colocar em um constrangimento que exige às vezes deixar rolar lágrimas para aliviar a dor da minha alma. Não tem como segurá-las... eu deixo caírem! Porque isso também me leva a tomar uma decisão. Mais

adiante, posso ver nesse embaraço uma saída para um caminho ainda melhor do que o que havia antes (BERNARD, 2019, p. 35).

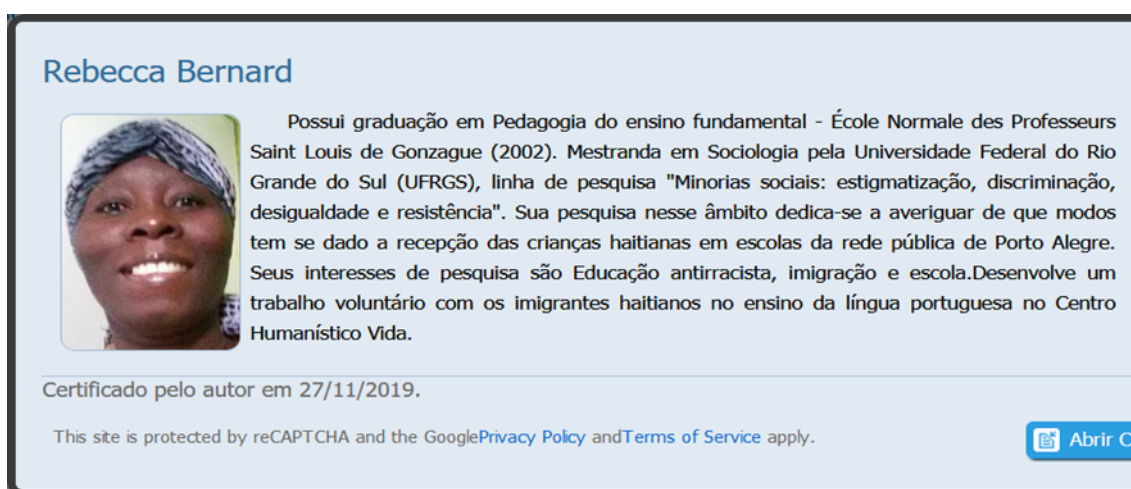
Rebecca também chama atenção para o fato de que existe uma grande lacuna entre o discurso oficial do Brasil no cenário internacional e a efetividade prática desse discurso para os imigrantes haitianos.

O Brasil vem se dizendo um país que acolhe o imigrante e refugiado haitiano, dando-o uma nova oportunidade de fazer sua vida. Entretanto, há uma grande diferença entre o discurso de que os imigrantes haitianos seriam bem-vindos e a maneira com que essa política foi de fato implementada no Brasil. Essa contradição se manifesta no fato do Brasil exigir visto dos haitianos para sua entrada no país. O fato de não concedê-lo inicialmente no consulado haitiano, fez com que 90% dos imigrantes haitianos tivessem de entrar no país pela “porta dos fundos” (BERNARD, 2019, p. 36).

Por conseguinte, de acordo com Rebecca Bernard (2019, p. 37) “A presença de haitianos torna a situação da igualdade com os nacionais cada vez mais complexa”. Há, de fato, um discurso político embasado nos Direitos Humanos reforçando, de acordo com ela “o retrato de um país aberto e acolhedor”, porém o trabalho de acolhimento é deixado nas mãos das organizações filantrópicas e instituições religiosas, como já constatamos desde a introdução desta tese em Silva (2003; 2017; 2015).

A pesquisadora Rebecca Bernard, no âmago de compreender essa dinâmica excludente e constrangedora para com os imigrantes haitianos, buscou se inserir na Linha de pesquisa *Minorias Sociais: Estigmatização, discriminação, desigualdades e resistência*, no Mestrado em Sociologia (UFRGRS) no qual está matriculada. De acordo com ela, o título provisório da pesquisa que está realizando desde 2019 é *Superando estigmas, construindo resistências: Inserção e Permanência de estudantes haitianos/as nos anos iniciais do ensino Fundamental em Porto Alegre*.

Imagem 37: Texto informado pela autora no Currículo Lattes de Rebecca Bernard



Fonte: Currículo Lattes⁵²

Com relação às projeções para o futuro, Rebecca diz que, embora sinta preocupações e esteja trabalhando agora como pesquisadora acadêmica para angariar uma possível estabilidade financeira, não deposita todas as suas energias em esperar pelo que há de vir. Usando as palavras dela, “estou vivendo e aproveitando a cada dia o que o Senhor da minha vida me traz”.

Agora, procuro aceitar a mim e conviver com as minhas diferenças, porque elas fazem parte de mim. Há coisas que não posso mudar no que sou, é impossível reverter a minha situação de imigrante refugiada e mudar minha imagem, a cor da minha pele, meus gostos, costumes, sotaque, entre outras coisas que me são pessoais (BERNARD, 2019, p.40).

O fato constatado por Rebecca, no emocionante relato de sua trajetória, coloca em evidência uma ideia que a sociedade brasileira tem da imigração haitiana e, conseqüentemente, dos haitianos e haitianas como um todo, vislumbrando-os como uma massa anônima, necessitada da caridade de instituições religiosas e demais entidades filantrópicas; quando, o poder público, a quem cabe chamar para si a elaboração de políticas públicas que contemplem cada perfil desse grupo (que é heterogêneo e diversificado), acaba saindo isento dessa responsabilidade.

Sobre isso, Marques (2019, pp. 18-19) constata uma situação muito recorrente nas relações que os brasileiros estabelecem com as pessoas vindas do Haiti. De acordo com a autora “sendo assim, sigamos com tanta “pena” dos

⁵²Disponível em <http://lattes.cnpq.br/1833214643123591>

imigrantes haitianos que aqui chegam, ocupando com seus corpos negros um centro histórico que já foi colônia africana” que, mais ou menos consciente, acabamos “estabelecendo com esses imigrantes relações fraquíssimas, que não vão além da piedade”. Padilha também lança a inquietante retórica digressiva: não seria o caso de refletir sobre “o modo como nos acostumamos a docilizá-los para suportar sua diferença? Para suportar o que nos falam de nossas feridas históricas?”.

A consternação do colonizador, o constrangimento que esse encontro inesperado com a produção intelectual haitiana lhe causa – nos causa – por suas intensidades desorganizadoras, segue atualizando-se (...) Afinal, como é possível? **A pergunta infame e jamais verbalizada é “como é possível que escravizados, negros, tenham produzido algo?”** Que essa produção porte tanto conhecimento sobre o Ocidente e se disponha a dialogar com ele? Que sendo assim, sigamos falando do Haiti somente como país destituído? Que sendo assim, sigamos nos relacionando com ele apenas por sua carência? (grifo nosso) (MARQUES, 2019, pp. 18-19).

Imagem 38: Registro da participação de Rebecca Bernard no seminário Brasil e Haiti .



Fonte: Arquivo OAB-RS

Estamos de acordo com Marques (2019) no sentido de que, ao tornar invisíveis os mais variados perfis de imigrantes haitianos que aqui chegam, oferecendo a eles pouca coisa além da caridade, a sociedade brasileira perde a oportunidade de importantes conexões e trocas culturais, sociais, financeiras, de aprendizado, enfim. Dispomos de um contingente de artistas, mestres, doutores, fluentes em mais de dois idiomas e continuamos a olhar para eles como homogêneos, necessitados de caridade para se apoiar nos próprios pés, por assim dizer.

3.4 REDES DE INTEGRAÇÃO E SOCIABILIDADE PARA INSERÇÃO NO BRASIL

Já prenunciamos na introdução que as redes de acolhimento, apoio e integração tanto os meios institucionalizados quanto as redes informais que são constituídas pelos próprios imigrantes, são agentes facilitadores fundamentais nesse processo de entrada, permanência e saída dos imigrantes haitianos no Brasil (SILVA, 2017; JESUS & GOETTERT, 2017).

Partindo do entendimento de que a imigração é um jogo de forças políticas (SAYAD, 2000) e que apesar de subjugado às condicionantes macroestruturais, os imigrantes são seres dotados da capacidade de “saber fazer” e “poder fazer” a partir da agência que mantêm em suas trajetórias (MA MUNG, 2009), quando mapeamos os percursos migratórios e acessamos trechos das trajetórias dos nossos interlocutores, pudemos perceber que as redes de acolhida, improvisadas ou oficiais, que são organizadas pela sociedade civil e/ou Estado são de suma importância no momento liminar da chegada desses imigrantes à sociedade de destino (SILVA, 2017).

Todavia, a partir desse momento de liminaridade entre a partida do Haiti e a chegada ao Brasil, os nossos interlocutores constroem, acionam, mobilizam e colocam em funcionamento redes outras formadas por eles mesmos e cuja tessitura inclui cooperação mútua. Assim tensionamos a própria ideia de acolhimento nesse segundo momento mais voltado para a inserção propriamente dita do imigrante no Brasil. Essa dimensão da acolhida no

momento de liminaridade dá margem também para que esses acolhidos possam transitar, estar em mobilidade, buscar a inserção social e também sair.

Montinard (2019) se propõe a analisar, em sua Tese, as dinâmicas da mobilidade e das redes haitianas constitutivas do universo social haitiano. De acordo com a autora (2019, p. 46), esse universo social haitiano está “em perpétuo movimento por *chache lavi*⁵³, em busca de *lavi miyò*⁵⁴, no centro do qual se articulam diferentes *wout*⁵⁵ empreendidas por haitianos, especificamente a partir do Brasil”. Por conseguinte, Montinard aborda as diferentes rotas que são empreendidas pelos haitianos, no sentido de buscar uma compreensão das configurações e as dinâmicas da mobilidade e das redes haitianas que, conforme enfatiza a autora, estão em contínuo movimento. Assim, ao explorar essas rotas de mobilidade, a autora também perpassa pelas diferentes estratégias e mecanismos que são **“desenvolvidos e sempre reinventados entre redes (rezo) e espaços onde criatividade, esperanças e incertezas convivem, por vezes de maneira a criar fortes tensões** (grifo nosso)”.

Já Cotinguiba (2018, p. 63), em sua “pesquisa intinerante” pelo Brasil, percebeu que as redes familiares haitianas realizam interconexões. De acordo com o autor, “nessas interconexões encontram-se os indivíduos, os quais se estabelecem em diferentes realidades sociais, por elas transitam, trabalham, desenvolvem suas práticas socioculturais e circulam pelo espaço e fazem coisas e informações circularem”. Essa característica denota que a prática de mobilidade haitiana para o Brasil não é apenas origem-destino, mas também trânsito e circulação de haitianos entre os estados e cidades brasileiras.

Considerando a forma não estática como as redes se constituem, Agier (2011) chama atenção para o fato de que “o antropólogo urbano fica totalmente móvel quando se apóia sobre as diferentes situações para ver e seguir as redes sociais que operam, *in situ*”.

Com relação ao nosso campo específico, a partir do olhar da Antropologia urbana, a circulação de haitianos pelo Brasil pode ser observada empiricamente nos dados que apresentamos nos itens anteriores desta seção, como é o caso,

⁵³ Numa tradução literal do Krèyol para o português, a expressão “chache lavi seria “buscar a vida”.

⁵⁴ Uma vida melhor.

⁵⁵ Rotas.

por exemplo, de Noel Moise que, conforme consta em nosso mapeamento, está no Brasil desde 2015, mora atualmente em Navegantes, Santa Catarina, mas já morou em outras cidades do Brasil, como por exemplo, São Roque e São Paulo.

Ao circular pelos estados e cidades do Brasil os haitianos o fazem a partir da mobilização dessas redes de apoio e sociabilidade constituídas por eles mesmos e os bens acessados seriam praticamente a troca de informações concernentes às vagas de trabalho disponíveis, a partilha do local de moradia temporariamente até que o outro se estabeleça, entre outras ações de integração para inserção.

Dentre os agenciamentos dos haitianos no Brasil, destacamos o papel representativo das associações fundadas e mantidas por eles. Como bem observa Jn Charles (2020, p. 60) “os haitianos na diáspora para resolver as dificuldades que se apresentam como legalização de documentos, busca de emprego, questões da língua do país onde vivem, entre outras, eles criam associações”.

Como exemplo acessado em nosso trabalho de campo, citamos a ASSHAPO- Associação dos Haitianos em Porto Velho, Rondônia- fundada em 2018 com uma proposta de acolher, orientar e reunir haitianos que estão em Porto Velho. Desta Associação de Haitianos em Porto Velho surgiu também o *grupo dos Pensadores Haitianos em Porto Velho* que, de acordo com Jn Chales (2020) tem como objetivo “incentivar as pessoas sobre a importância da educação e os caminhos a serem tomados para entrar nas Universidades brasileiras, sobretudo as públicas por não terem condições de pagar uma faculdade privada”. Tal iniciativa, de acordo com o autor e conforme constatamos em campo, foi tomada por Philippe Dieugrand acadêmico de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Rondônia.

O Philippe, atual Vice-Presidente da Associação dos Haitianos em Porto Velho- ASSHAPO, é conhecido pelo papel desenvolvido na comunidade haitiana principalmente em orientações na legalização dos documentos tais como: protocolo, CPF, Carteira de Trabalho, traduzir documentos, na obtenção do documento SUS – Sistema Único de Saúde, orientações de como fazer para estudar nas escolas Ensino Fundamental e Médio, enfim, os serviços oferecidos por este jovem universitário são amplos (JN CHRLES, 2020, p.129).

As redes construídas pelos haitianos, conforme observamos, visam não apenas facilitar a resolução de situações práticas tais como os processos burocráticos envolvendo documentação, mas também criar e manter laços afetivos entre a própria comunidade imaginada, propiciar momentos de interação e comemoração, reuniões informais apenas para diálogo e trocas de experiências, lazer, enfim.

Imagem 39: “Os Pensadores Haitianos em Porto Velho. Clube dos Correios. Em Porto Velho RO”



Fonte: Jn Charles (2020, p. 74)

“Em 16 de fevereiro de 2020 o grupo dos Pensadores Haitianos em Porto Velho se reúne com o objetivo de comemorar a aprovação de dois haitianos e uma haitiana na UNIR, dois no Curso de Biblioteconomia e o outro na Química” anuncia Jn Charles (2020, p. 75). De acordo com o autor, que também é membro do grupo e esteve presente no evento, “foi um momento de grande alegria para

estes aprovados, as famílias, amigos e amigas e os que almejam entrar futuramente e também para os demais que já estão estudando na UNIR”.

Muita carne e peixes assados, bebidas eram tomadas. Aplaudir quem se esforça para ter uma condição de vida melhor e partilhar a sua felicidade e sua conquista. Quanto mais encorajamos as pessoas a tomarem bom caminho, aí está também a nossa contribuição para um mundo melhor. Para os haitianos a força de superação das dificuldades presentes na vida é muita mais forte que as próprias dificuldades (JN CHRLES, 2020, p.75).

Os dados que acessamos em campo sobre as redes de integração e sociabilidade construídas pelos haitianos no Brasil nos permitem comprovar e estabelecer pontes de diálogo com as ideias de Ma Mung (2009) sobre o poder de agência desses imigrantes dentro da macroestrutura política brasileira nesse contexto de imigração internacional do Haiti para o Brasil.

SEÇÃO 4:

“(RE)CONSTRUINDO UM SONHO⁵⁶”

Imagem 40: “Haïti, a querida mãe do caribe, espera a chegada de uma nova geração! ”



Fonte: Óleo sobre tela. Artista: Dady Simon

⁵⁶ Alusivo ao título do livro autobiográfico de Jac-Ssone Alerte que servirá de base empírica para esta seção.

Ao abrir esta seção com a imagem da obra “Haiti, a querida mãe do caribe, espera a chegada de uma nova geração” queremos produzir os efeitos e sentidos pensados para essa parte do texto, a saber, efeitos e sentidos de esperança, fecundidade, devir. Esses sentidos estão muito correlacionados com o projeto social de Jac-Ssone Alerte que é descrito e analisado nos tópicos que seguem.

Um projeto social que foi gestado no Brasil para nascer no Haiti. Enquanto escrevemos esta Tese o projeto acontece! Estamos acompanhando os relatórios enviados pelo autor para o público e os colaboradores na página oficial.

Imagem 41: Arte de divulgação do Projeto “Village Marie”



Fonte⁵⁷: Capa da página virtual Village Marie, Facebook

Os imigrantes contemporâneos não podem ser caracterizados como “desenraizados”. Numa metáfora florística, crescem e espalham suas frondosas copas em outros países, mas mantêm as raízes fixadas no solo natal ou vice-versa. “Muitos são transmigrantes se tornando firmemente enraizados em seu novo país, mas mantendo múltiplos vínculos com a terra natal” (SCHILLER; BASCH & BLANC, 2019).

A singular trajetória de Jac-Ssone Alerte é um exemplo evidente de que a migração pode se constituir num importante processo transnacional que reflete e contribui para as atuais configurações políticas que os autores

⁵⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/villagemarie/photos/a.1614121138886520/2530592990572659>

supramencionados chamam de “emergente economia global”. No sentido de que, como afirmam Schiller; Basch & Blanc (2019, p. 353), “os transmigrantes são Imigrantes cujas vidas diárias dependem de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais cujas identidades públicas estão configuradas em relação a mais do que um estado-nação”.

Esses transmigrantes não são hóspedes temporários ou residentes de curta permanência, porque se estabelecem e vêm a incorporar a economia e as instituições políticas, as localidades e os padrões da vida diária do país em que residem. Contudo, ao mesmo tempo eles estão comprometidos com outros lugares no sentido de que mantêm conexões constroem instituições conduzem transações influenciam eventos locais e nacionais nos países dos quais emigraram (SCHILLER; BASCH & BLANC, 2019).

Além de chamar para o debate as ideias difundidas por uma teoria da transmigração, nesta seção também olhamos para as trajetórias sob o ponto de vista da ideia do retorno para verificar como isso se configura nos projetos e protagonismos culturais exercidos pelos nossos interlocutores.

Desde o título desta Tese explicitamos nosso interesse temático sobre os protagonismos culturais dos nossos interlocutores e entendemos como protagonismos a capacidade de agência em pleno exercício do “saber fazer” e “poder fazer” que são mobilizadas pelos interlocutores em suas trajetórias individuais e que contribuem também para os projetos coletivos (MA MUNG, 2009).

Isso sem deixar de considerar os apontamentos de Sayad (2000) para o qual a migração internacional “ é o produto de uma relação de forças”. Negar esse jogo de forças ou tentar ocultar essas forças é vantajoso apenas para o lado dominante da força. Não há nenhuma vantagem para os imigrantes quando são colocados analiticamente como indivíduos dotados de agência plena e livre arbítrio. Isso seria despolitizar o fenômeno.

Destarte tem sido nosso interesse observar as múltiplas formas agenciadas pelos nossos interlocutores nesses entre-lugares e a partir desses entremeios. Sayad (2000, p. 19) considera esses imigrantes como “homens (sic) do entre-dois entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades.

São também, e principalmente, homens entre-duas-maneiras-de-ser e entre-duas-culturas.

5.1 ENGAJAMENTO SOCIAL E (RE)TORNO NO LIVRO AUTOBIOGRÁFICO DE JAC-SSONE ALERTE

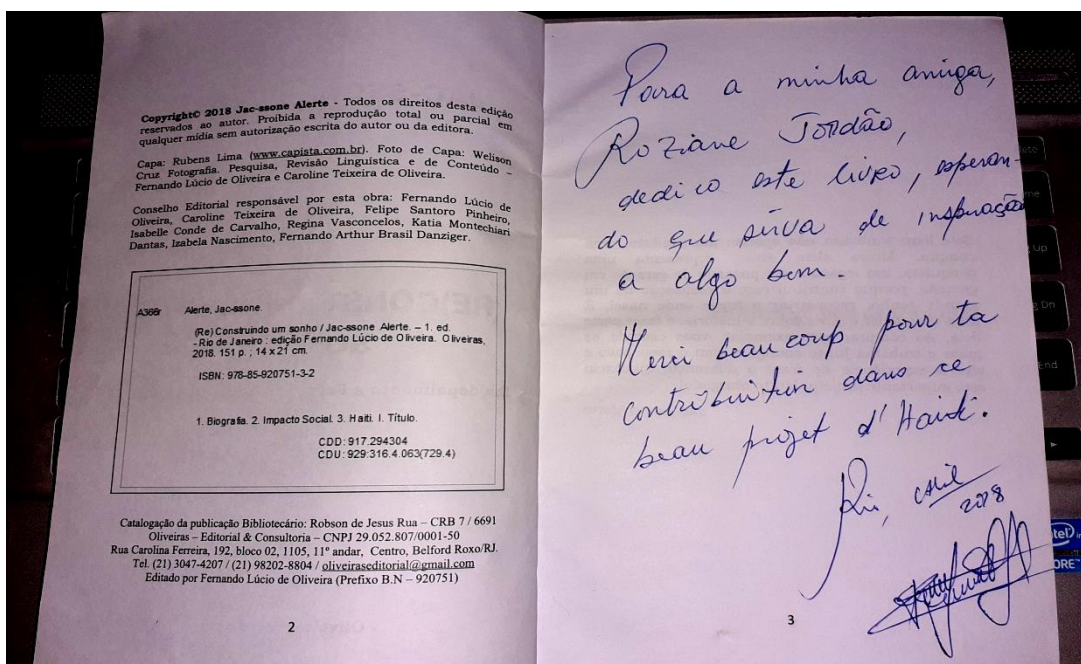
Jac-Ssone Alerte⁵⁸ veio do Haiti para o Brasil no dia 09 de março de 2008 com a finalidade de cursar graduação na UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro- pelo Programa de Estudantes/Convênio de graduação PEC-G, e depois de formado em engenharia civil publicou recentemente (2018) um livro⁵⁹ autobiográfico sobre sua experiência migratória.

Em diálogo com Jac-Ssnone Alerte para estabelecer nosso acordo de pesquisa, ele fez um extenso relato sobre sua trajetória de estudos no Brasil e me disse “se você pretende saber sobre minha vida aqui no Brasil, então o meu livro autobiográfico pode ser útil para a sua pesquisa. Além de você contribuir para divulgação do meu Projeto *Village Marie*”.

⁵⁸ Ressaltamos aqui que o nome Jac-Ssone Alerte não é fictício como os nomes dos demais interlocutores as Tese, porque os dados pessoais constantes nessa seção foram expressamente publicados pelo próprio Alerte em seu livro autobiográfico.

⁵⁹ ALERTE, Jac-Ssone. (Re)Construindo um Sonho. Rio de Janeiro: Oliveiras, 2018.

Imagem 42: Dedicatória manuscrita do Livro de Jac-Ssnone Alerte para Roziane Jordão



Fonte: arquivo pessoal da autora

No livro de Alerte (2018), embora organizado pelo autor de forma linear com a intenção clara e objetiva de fornecer aos leitores uma retrospectiva cronológica mais ou menos coerente sobre os caminhos percorridos até chegar ao desfecho final que é o projeto de reconstruir a Vila *Don De L'Amitié*, no Haiti, os acontecimentos vividos pelo estudante não obedecem a sequência que fora prevista inicialmente. O projeto inicial era chegar ao Brasil e cursar graduação em Odontologia, a carta de recomendação que ele recebera na embaixada do Brasil no Haiti explicitava o curso de Odontologia e foi neste que Jac-Ssone alerte se matriculou de imediato chegando a cursar quase dois anos com bom desempenho. Mas,

Eu vou contar, seja forte: era uma manhã no dia 12 de janeiro de 2010. (dois anos após a chegada de Jac-Ssone no Brasil, grifo nosso). Mais um dia normal no alojamento da UFRJ (...) Sem mais nem menos recebo a notícia de que um terremoto de grandes proporções atingiu em cheio o meu país. Um turbilhão de ideias começou a passar pela minha cabeça em uma velocidade perturbadora. Medo, culpa, tristeza, vários sentimentos mexeram comigo (...) Eu só pensava nos meus pais, nos meus irmãos, enquanto o mundo desabava a minha volta. Sem conseguir me comunicar com eles e vendo fotos chocantes circulando pela internet, minha dor aumentava cada vez mais (ALERTE, 2018, pp. 51-52).

O projeto migratório inicial de Jac-Ssone era redondinho e previa sua formação em Odontologia, bem como um possível retorno para seu lar depois de formado. Entretanto, como bem elucida Bourdieu (2006) “o real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, imprevisto, fora de propósito, aleatório”. Nem todas as situações obedecem ao controle das pessoas. Há situações como a ocorrida com os imigrantes haitianos que estavam no Brasil quando ocorreu o terremoto que são totalmente imprevisíveis no momento de formular um projeto de partida do Haiti. Tais acontecimentos mudam radicalmente a posição inicial do imigrante e os obrigam a reformular e repensar suas intenções primárias.

Falo sobre a catástrofe geográfica porque é uma constante nas narrativas de todos os nossos interlocutores, em algum momento o abalo sísmico aparece nos diálogos que estabelecemos com os imigrantes. Uns falam abertamente sobre o ocorrido, outros abrem reticências, pausas, longos suspiros, o fato é que a partir de então os projetos mudam de perspectivas.

Todavia, há muitos outros fatores imprevisíveis que podem alterar o curso inicial projetado pelos imigrantes, como é o caso, por exemplo, de uma separação civil, um casamento ou união estável, o nascimento de uma criança não planejada, a morte de um ente querido, a mudança de presidente da nação implicando em alteração nas leis vigentes, a própria pandemia que está em curso no Brasil enquanto escrevemos esta Tese, enfim, uma série de descontinuidades justapostas sem razão.

Voltando à trajetória de Jac-Ssone, os relatos que seguem após a narrativa do terremoto evidenciam uma ruptura radical nos propósitos do então estudante de Odontologia. Alerte (2018, p. 54) “eu me sentia como se estivesse nu, perdido, como se o meu corpo estivesse no Brasil, mas a minha alma no Haiti”. Foi então que, nesse momento descontínuo de sua trajetória, o propósito de cursar engenharia surgiu com bastante intensidade. É o que ele relata nas páginas 54-55.

Decidi concorrer a algumas bolsas disponíveis para estudar Engenharia Civil. Agora eu tinha uma motivação maior ainda: reconstruir, com o que eu poderia aprender na Engenharia Civil, aquilo que a natureza derrubou. (...) Eu sempre quis estudar Engenharia Civil. Agora estavam diante de mim a oportunidade

e o motivo para eu perseguir esse objetivo com todas as minhas forças.

Bourdieu adverte que para analisar trajetórias é preciso levar em consideração o conjunto das relações estabelecidas por nossos interlocutores, além de tentar perceber quais são os outros agentes envolvidos no mesmo campo de relações e que, conseqüentemente, são confrontados com o mesmo espaço dos processos possíveis. É imprescindível para este tipo de análise, perceber (p. 190)

o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos.

Voltando a falar sobre a trajetória de Jac-Ssone Alerte, uma série de acontecimentos externos que inicialmente não estavam diretamente relacionados aos propósitos da migração passam a exercer fortes influências sobre o poder de agência do nosso interlocutor. Decidido a se tornar um engenheiro, ele inicia um novo processo de graduação e agora os planos são novamente configurados: concluir o curso; voltar para casa, em sua comunidade, com sua mãe, o pai e os irmãos; exercer a profissão, enfim.

Destarte, os acontecimentos não são estáticos, são fluídos, correntes. Em 2016, quando Alerte estava próximo de chegar aos últimos períodos da graduação em Engenharia Civil, a mãe dele, Marie Celiane Alexis, que já estava enferma há algum tempo, vem a óbito no dia 14 de junho. No mesmo ano de 2016, no dia 04 de outubro, antes que Jac-Ssone concluísse a graduação, o Furacão Matthew passou pela sua comunidade em Don de L'Amitié e causou muitos danos materiais, além das perdas irreparáveis.

Esses acontecimentos não eram previsíveis, diante deles fora preciso reorganizar novamente as prioridades, os objetivos, tudo. O próprio orçamento sofreu muitos reajustes, diante da urgente necessidade de participar do velório da mãe empreendendo uma viagem não planejada para o Haiti, bem como a necessidade de enviar alguma ajuda para a família nos momentos de infortúnio que sucederam ao furacão.

Diante dessas circunstâncias, o projeto inicial de Alerte que era vir ao Brasil para se graduar em Odontologia, adquirir alguma experiência na área e retornar para sua família, fora totalmente reformulado. Isso nos leva a tomar como plausível nesta análise a proposição de Gilberto Velho (1997, p. 29) de que “o “mundo” dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas”.

O projeto migratório individual, nesse sentido, não se sustenta. Para que a migração de qualificação pudesse fazer novamente algum sentido na trajetória de Jac-Ssone Alerte, nosso interlocutor sentiu a necessidade de relacionar seus objetivos pessoais, no Brasil, às necessidades ora surgidas no âmbito dos círculos sociais de que ele participava em seu país Haiti. A afirmação de Gilberto Velho (1997, p. 28) de que não existe um “projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social” faz muito sentido na trajetória do nosso interlocutor. O problema, para o autor, é “se o resultado obtido corresponde ao que os indivíduos, em pauta, realmente projetaram”.

Diante disso, a vontade que eu tinha era de estar perto da minha família. Se eu fizesse isso, mataria a saudade por algum tempo, mas, e depois? Logo viria um sentimento de frustração e impotência: voltar sozinho a um lugar destruído, o lugar onde eu nasci, sem a formação e os recursos necessários para reconstruí-lo. Não! Eu precisava pensar adiante em como ajudar efetivamente o meu povo (ALERTE, 2018, p. 61).

É nesse momento do relato do nosso interlocutor que percebemos o quanto seu projeto individual, migrar para se qualificar, precisou estreitar laços com os interesses sociais da sua comunidade de origem. Em meio ao caos vivenciado pela morte da mãe e a passagem do furacão *Matthew*, a natureza individual e biológica que também fora cultural e socialmente instituída precisou ordenar razões para prosseguir com o projeto de formação acadêmica, razões que coubessem dentro da lógica moral e social internalizada pelo sistema cultural do qual nosso interlocutor é pertencente.

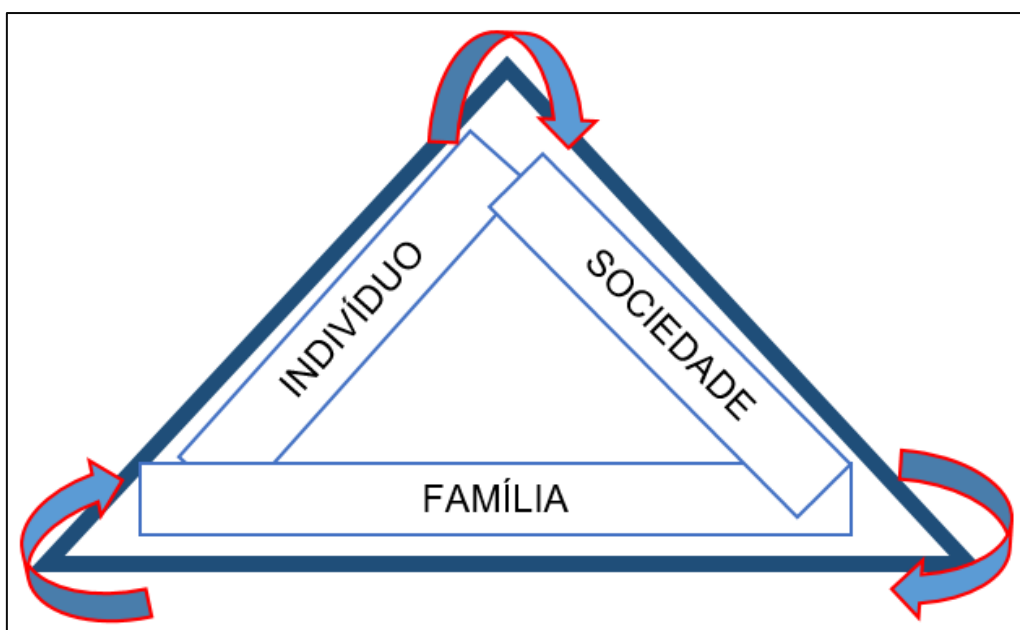
Daí para frente, relata Jac-Ssone Alerte, “reconstruir Don de L’Amitié passou a ser meu principal objetivo”. Um objetivo que vêm a calhar neste contexto porque permite ao nosso interlocutor relacionar seus objetivos pessoais, elaborar um projeto de TCC- Trabalho de Conclusão de Curso- de

graduação em Engenharia Civil, aos novos interesses sociais de sua comunidade, reconstruir as moradias devastadas pelo furacão *Matthew*.

Uma decisão firme que tomei neste contexto foi empreender. Fundamos (eu e mais três amigos brasileiros) uma empresa de impacto social no ramo de construção civil, utilizando nossos conhecimentos de engenharia e as parcerias que eu tinha feito desde então (Alerte, 2018).

Nos relatos do nosso interlocutor, podemos perceber que há um terceiro interesse em jogo, para além dos interesses individuais do próprio Alerte e os interesses da comunidade social de Don de L'Amitie, os interesses da família de Jac-Ssone também ecoam no momento de tomada de decisões. Diz ele, "Meu maior desafio de início foi o de convencer a minha família a respeito da ideia, eles esperavam que eu arrumasse um emprego "tradicional", que eu fosse trabalhar nas empresas por aí, suprimindo demandas imediatistas". Conseguir o apoio da família para colocar em prática as ideias empreendedoras é um acontecimento que merece ser comemorado, para o nosso interlocutor, porque é desejável para ele partilhar seus processos com a família e receber o apoio desta. Há no esquema abaixo uma ilustração imagética desse tripé fundamental para o desenvolvimento do Projeto Village Marie.

Esquema 1: Tripé ilustrativo com as bases fundamentais do projeto social de Jac-Ssone Alerte, indivíduo, família e sociedade.



Fonte: elaboração própria

O tríplice apoio para o desenvolvimento do Projeto Social de Jac-Ssone Alerte encontra pontos de congruência e ajuda mútua entre o indivíduo idealizador do projeto, a família que o apoiou durante o processo de formação na sociedade brasileira e o apoia também durante a execução, bem como o apoio recebido na própria comunidade que fornece mão-de-obra para construção das casas que posteriormente serão ocupadas por eles mesmos. Outro apoio fundamental recebido para execução do projeto é o apoio financeiro e multiassistencial de brasileiros que se solidarizam com a causa e contribuem tanto na compra dos livros autorais de Jac-Ssone quanto com quantias em dinheiro ou produtos materiais.

A seguir, para fins de concluir este tópico e desvelar o sentido metafórico constante na imagem da mulher gestante que abre a seção, apresentamos o antes e depois da primeira casa construída na *Village Marie*.

Imagem 43: Primeira casa do Village Marie. O antes e depois



Fonte: Página oficial Village Marie⁶⁰

⁶⁰<https://www.facebook.com/villagemarie/photos/a.1614141512217816/2627102937588330>

Primeira casa do village !

Quando você vê essa imagem, o que você imagina? "Meu Deus, nunca sonhei esse sonho, pois não sabia se um milagre desses poderia acontecer na minha existência antes de morrer. Deus, você é grande. Desde que minha casa foi destruída em 2016 no furacão Matthew, vivo na minha barraca sem esperanças de sair dela. Hoje, vou começar a reviver dignamente!" Essa foi a reação da Teresa ao descobrir que seria a primeira beneficiária do Village, ela e seus filhos são uma das 15 famílias com maior pontuação nos critérios de vulnerabilidade e também a que possui o maior número de horas trabalhadas nas obras da vila (135 horas). A Teresa vai ter uma casa para chamar de sua, para proteger seus filhos dos animais peçonhentos, do sol e da chuva, uma cama para repousar a cabeça e dormir tranquilamente. É uma casa construída por ela mesma e com apoio dos seus vizinhos em regime de mutirão. Mas antes de começar a morar nela a Teresa precisa ajudar seus vizinhos também a construir suas próprias casas porque a corrente do bem precisa passar para frente. Vocês nos ajudaram a construir sonho da Teresa e queremos contar novamente com vocês para construirmos os sonhos de outras Teresas! Nossa campanha recorrente está aberta, acesse o link⁶¹ da bio e nos ajude a construir mais sonhos! (ALERTE, via Facebook).

Ao mesmo tempo em que está realizando as obras decorrentes do seu projeto social, Jac-Ssone Alerte mantém conexões com o Brasil para o qual retorna em tempos oportunos a fim de mobilizar redes de apoio e dar continuidades ao seu empreendimento.

Sayad (2000, p.20) atesta a incapacidade de ubiquidade- “estar presente em dois lugares diferentes ao mesmo tempo”- do migrante. Do ponto de vista físico e material concordamos com o autor no sentido de que “não faz parte da condição humana essa capacidade”. Todavia, em diálogo com as teorias da transmigração, sabemos ser esse imigrante capaz de atuar socialmente (MAMUNG, 2009) nos dois contextos fazendo assim com que sua presença seja notada, sentida e amplamente realizada tanto aqui quanto lá (SCHILLER; BASCH & BLANC, 2019).

⁶¹ <http://www.villagemarie.com/> contato@villagemarie.com

Nesse contexto, Jac-Ssone Alerte, dadas as condições em que desenrolam suas trajetórias, é a própria personificação do migrante transnacional teorizado por Schiller; Basch & Blanc (2019), para os quais a migração transnacional é o processo onde os imigrantes “formam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas que une sociedade de origem e de adoção”.

5.2 “(NÃO) SOU DAQUI E (NEM) VIM PRA FICAR”:

Imagem 44: Garçon Behman. “Estou aqui e vou ficar”



Fonte: matéria jornalística de Daniela Batista Fernandes Campinas, Terra de haitianas⁶²

⁶² Disponível em <https://campinashaiti.wixsite.com/site/post/today-in-entertainment-history-2?fbclid=IwAR33m7K93DibP5Zh4rt->

Embora estabeleçam um jogo de ambiguidades e contradições, o título deste item e o título da imagem que está supratranscrita formam um complexo paradoxo que paira sobre os projetos dos transmigrantes que dialogam conosco nesta Tese. No sentido de que tanto um trocadilho como o outro se aplicam em cada trajetória particular que podemos acessar, a saber,

1. Numa perspectiva mais coletiva “não são daqui e não vieram para ficar”;
2. Numa perspectiva mais individual, em abordagens temporais centradas no próprio indivíduo, “estão aqui e vão ficar”, mesmo que por tempo incerto, imprevisível ou imaginado.

A dicotomia que ilustramos acima é, como enfatiza Silva (2015, p. 130), “um elemento presente nas trajetórias dos migrantes, que vivem a ambiguidade de uma dupla pertença: não ser daqui, nem ser de lá”. E, de acordo com Sayad (2000), a ambiguidade presente na condição do migrante é justamente essa, a de “ser ignorada enquanto provisória e, ao mesmo tempo, não se confessar enquanto transplante definitivo”.

Mesmo que um processo migratório, como o dos haitianos por exemplo, tenha características universais e estruturalmente semelhantes a outros processos migratórios, ele apresenta sua singularidade a partir da sua própria história e sociedade.

Do ponto de vista teórico também já **não é mais possível analisá-la na perspectiva da permanência ou do retorno definitivo** (grifo nosso), supondo uma origem e um destino definidos para este fluxo, com seus fatores de atração e de expulsão. Desse ponto de vista, as categorias de emigrante e imigrante também já não dão conta da complexidade da realidade migratória no mundo contemporâneo, considerando a emergência de processos sociais que vão além dos limites geográficos, culturais e políticos das sociedades neles envolvidos (SILVA, 2015 p.130).

Ao percebermos esses limites da categoria imigrante, analisamos as trajetórias sob o enfoque da transmigração, colocando em funcionamento a categoria transmigrante, como anteriormente citado. O tempo de permanência

dos nossos interlocutores no Brasil está acima da média observada em outros perfis do mesmo grupo, isso porque a projeção estimada por eles, conforme se constata nas trajetórias que descrevemos ao longo do trabalho, demanda tempo e persistência.

Para além da expectativa de levar do Brasil para o Haiti bens físicos e economias em dinheiro, o perfil transmigrante que contornamos nesta Tese aciona outras somas à bagagem de retorno e/ou permanência, tais como bens culturais, contatos sociais e uma grande experiência de vida.

Diante do exposto, estamos de acordo com Staudt (2018, p.120) quando a autora afirma que “é essencial pensar a presença haitiana no Brasil a partir do Haiti e dos haitianos, e não ao contrário”. Após investigar a vinda de haitianos para o Brasil “através da inversão”, Staudt considera que “a mobilidade está historicamente ancorada na identidade cultural haitiana e que ela se coloca como necessidade estrutural dentro de uma realidade de subalternizações acumuladas”.

Mesmo dando conta de que os processos não são rígidos e nem engessados, mas estão em trânsito assim como os próprios transmigrantes o estão, sabemos que as análises do processo migratório encontram sempre um ponto de congruência na ideia do retorno. Para que esse retorno aconteça ou seja postergado, como já mencionamos, a importância da família e das redes familiares é crucial.

Jean Baptiste (2018, p. 175) verifica que dentro desse processo migratório haitiano há “quatro categorias de imigrantes”. De acordo com o autor, a primeira categoria já veio do Haiti “com objetivo claro de converter o Brasil como território de passagem, em outras palavras como ponto para chegar no Canadá e nos Estados Unidos”, fato que também pudemos verificar em campo a partir do mapeamento dos percursos migratórios (seção 3 desta Tese). Há ainda na análise de Jean Baptiste, “uma segunda categoria de pessoas influenciadas pelo mito de viajar, a terceira categoria que se desloca por causa das dificuldades encontradas no Brasil ou que passou por uma decepção”; essas pessoas esperavam mais do Brasil porque “ouviram falar do país como a terra de novas oportunidades e, por fim, a última categoria são os imigrantes que decidem permanecer no Brasil”.

Embora não temos a pretensão de quantificar as categorias de imigrantes em quatro, cinco ou mais, estamos de acordo com Jean Baptiste no sentido de que, no perfil focalizado por esta Tese, existe uma parcela que vai para outros países fazendo do Brasil uma rota de passagem e outra que fica.

Além dos determinantes econômicos políticos e sociais que explicaram as saídas haitianas há também os culturais viajar é um elemento incontornável na representação cultural haitiana é difícil encontrar uma família haitiana que não tem um ou dois membros nos países estrangeiros (JEAN BAPTISTE, 2012, p. 176).

Ademais a inserção no mercado de trabalho é transversal nas trajetórias. Mesmo que esses haitianos vislumbrem divulgação e reconhecimento dos seus trabalhos artísticos e protagonizem uma série de eventos culturais, necessitam ainda de uma garantia para as despesas pessoais fixas, porque, conforme relatam, tanto a venda de telas quanto o cachê recebido pelos shows realizados não fazem parte de um orçamento fixo com o qual eles podem contar. Isso sem mencionar o fato de que a maioria dos trabalhos iniciais são gratuitos apenas pela oportunidade de divulgação.

E o trabalho, é por excelência, “ a razão de ser do imigrante, ele dá conta da sua presença, que na falta deste motivo, estaria confinado ao absurdo aos olhos da razão nacional, da razão do Estado Nacional” (SAYAD, 2000, p. 21).

Ao contextualizar a imigração haitiana para o Brasil, Cotinguiba (2019, p. 178) enfatiza que “o Brasil se tornou uma *baz* para milhares de famílias que, por sua vez, vem ampliando o espaço social transnacional haitiano”. Essa base funciona como um ponto de interconexão entre o Haiti e os demais países do mundo a partir do atravessamento de fronteiras nacionais nesse contexto internacional.

Em suas reflexões teóricas sobre fronteiras nacionais, Silva (2015, p.120) afirma que elas são “lugar de passagem de pessoas e de troca de bens materiais e simbólicos”. O autor chama atenção para o fato de que “fronteiras nacionais podem ter diferentes significados, dependendo da perspectiva de quem a cruza”. Do ponto de vista da geopolítica, as fronteiras nacionais “se transformam num lugar, não só de defesa de um possível inimigo, mas também de ataque, onde os interesses nacionais passam a ser uma questão de “Segurança Nacional”.

Destarte, fronteira, entre outras significâncias, se constitui como um lugar de passagem de pessoas e como tal “as fronteiras são lugares de controle de transeuntes e de migrantes pelos estados nacionais, que estabelecem uma hierarquia daqueles que são desejáveis ou não em seus territórios” (SILVA, 2015, p. 120).

Em virtude da nossa coleta de dados no ciberespaço, identificamos a seguinte narrativa sobre a experiência individual do transmigrante ao cruzar fronteiras.

“Realizei um sonho, um sonho histórico, emocionante, impactante, talvez seja também um dos sonhos de boa parte dos migrantes do mundo. Cruzei a fronteira entre Estados Unidos e México via terrestre, passando por San Diego para ir a Tijuana, aliás concretizei o sonho ao inverso, pois fiz o caminho inverso, sai do Norte em direção ao Sul.

Na medida em que chegava num dos maiores muros que dividem o norte do Sul, comecei a sentir uma dor no peito, uma tristeza profunda, era o inexplicável. Já cruzei muitas fronteiras na/da vida, fronteiras geográficas, culturais, linguísticas, étnicorraciais, religiosas, profissionais/acadêmicas, entre outras, mas nunca me senti tão afetado pela fronteira, nunca me senti tão enfeitiçado pela fronteira, parecia estar em coma, em estado de letargia no sentido mais radical e voduísta do termo.

Uma das fronteiras mais emblemáticas e dramáticas da história da humanidade, da história das diásporas negras, judaicas, chinesas, haitianas, latino-americanas, caribenhas.

A fronteira do orgulho de poder-cruzar e da mágoa, da frustração por não poder-cruzar

A fronteira do sucesso e do fracasso

A fronteira do sonho, do imaginário e do mundo vivido

A fronteira do obstáculo, da guerra

A fronteira do (des)encontro com o outro

A fronteira da (dis)córdia com o outro

A fronteira da (mise)ricórdia pelo outro

A fronteira da (com)paixão diante do outro

A fronteira (des)encantadora

A fronteira, onde a carne do e da migrante é a mais barata do mercado

A fronteira da caverna platônica, onde a luz é para poucos

A fronteira onde muitos são os decididos, os aventureiros, mas poucos os convidados, poucos os acolhidos

A fronteira mais vigiada do mundo, onde os migrantes se encontram no panóptico

Que fronteira é essa? Se o migrante não tem voz e vez, se a migrante não pode falar, sentir, sorrir, pensar e (ex)istir ao seu modo... Nunca vi tamanho de muro igual, foi duplicado recentemente. O mesmo sentimento de profunda tristeza que tive visitando o muro de Berlim, na Alemanha, em 2014, também tive na fronteira dos Estados Unidos com o México. De que adianta dizer que a fronteira não existe, se poucos conseguem cruzá-la? De que adianta dizer que somos modernos, se nem o homo sapiens construiu esses muros e essas cercas? De que adianta rezar pelos mortos, se nem a alma dos vivos estão salvos na/pela fronteira?

Talvez na história da humanidade, nunca houve tantas mortes em nome da fronteira e tantas lutas pelas fronteiras. Talvez na história da humanidade nunca houve tantos corpos mortos nas fronteiras, tanta degradação do outro pelo outro na fronteira

Vivemos tempos da fronteira da desumanização do humano

Se pudesse, tiraria a palavra fronteira da linguagem estatal

Se pudesse, proibiria o uso da palavra fronteira no vocabulário

Se pudesse, baniria o conceito de fronteira no mundo científico e acadêmico. Qual é a pertinência do termo fronteira se para as pessoas ela é um mal-estar da globalização, da mundialização? Qual é o sentido da fronteira, se a fronteira tira o sentido da vida dos e das migrantes, tira o seu direito de migrar, de circular, de ser-no-mundo e para o mundo?

Se pudesse, em vez de falar em fronteira, falaria de outra coisa;

Para nunca mais lembrar as vidas desaparecidas, torturadas nas fronteiras;

Para nunca mais lembrar que em Tijuana deixei pessoas que simplesmente querem cruzar a fronteira, mas não podem e talvez morram sem cruzá-la um dia;

Para nunca mais lembrar que conheci pessoas em Tijuana que doaram suas vidas para que outras pessoas pudessem chegar à fronteira;

Para nunca mais lembrar que a fronteira é um lugar também de zombificação, nela as pessoas estão ao mesmo tempo mortas e vivas.

-Handerson Joseph, Califórnia, 9 de fevereiro de 2020

A narrativa de Handerson Joseph sobre fronteira, como podemos perceber, é permeada de elementos sensíveis, relatos de sua experiência individual que encontram ressonância em acontecimentos e interesses coletivos. Haja vista a atuação coercitiva do Estado numa lógica mediada por forças macroestruturais, num jogo políticoeconômico de poder.

De acordo com Sayad (2000, p. 20) “pensar a imigração (ou emigração) é pensar o Estado” numa perspectiva de que o próprio estado enuncia nesse

contexto “da maneira mais evidente as regras de seu funcionamento e revela as bases de sua instituição”.

Isso é manifesto no caso das migrações internacionais, pois tudo se joga através dessa linha de separação- em si mesma mínima, mas cujos efeitos são de uma importância capital- **que é a fronteira entre o nacional e o não-nacional, distinção que está no princípio mesmo da constituição do Estado Nacional** (grifo nosso), (SAYAD, 2000, p.20).

Outrossim, por ser uma presença “não-natural”, ela é, “no melhor dos casos, uma presença naturalizada”, mas “nunca uma presença intrínseca e fundamentalmente legítima”; “toda presença estrangeira é pensada como presença necessariamente provisória, mesmo quando esse provisório possa ser indefinido, possa prolongar-se indefinidamente, criando dessa forma, uma presença (...) durável, mas adequada aos olhos de todos por intenso sentimento do provisório” (SAYAD, 2000).

BRASIL, DESTINO, LAR OU PASSAGEM?

CONSIDERAÇÕES FINAIS A TÍTULO DE CONCLUSÃO DA TESE

Desde a introdução até as últimas linhas deste estudo, trabalhamos para a compreensão de que a imigração haitiana para o Brasil é multifacetada e integra um processo mais amplo de imigração de haitianos e haitianas para os diversos países do mundo. Fica evidente nesta Tese que há várias motivações para o ato de partir do Haiti. Essas motivações, embora muitas vezes impulsionadas por expectativas individuais, refletem e são refletidas no coletivo família e sociedade.

A presente Tese contribui para se pensar a imigração haitiana para o Brasil a partir de um olhar menos homogeneizado, no sentido de que para refletir sobre esse fenômeno migratório que está em evidência no cenário brasileiro, sobretudo na última década (2010-2020), mas não restrito apenas a esse período temporal, é necessário vislumbrar que existem perfis diferenciados de imigrantes haitianos e não apenas uma “massa anônima” e emergente formada por sujeitos idênticos que padecem a mesmas dores e gozam dos mesmos privilégios.

Da busca insensante por compreender a mobilidade haitiana nasceu esta Tese, sendo a mesma o fechamento de uma trilogia construída a partir de uma longa trajetória de estudos que teve início na Graduação (2015), perpassando pelo Mestrado (2017) e culminando neste Doutorado (2022). Estive voltada para a mesma temática nos três momentos da minha formação, sob diferentes recortes e teorias, porém olhando para o mesmo fenômeno migratório internacional.

Todavia, mesmo tendo seguido uma ordem cronológica, é importante observar, como lembra Peirano (1995, p.89), que “a obra de um antropólogo não se desenvolve linearmente; ela revela nuances etnográfico-teóricas” que são influenciadas não só pela experiência em campo, mas também pelo “momento específico da carreira de um pesquisador, em determinado contexto histórico e a partir de peculiaridades biográficas”.

Sendo esta Tese o fechamento de uma tríade analítica, caso estivéssemos olhando para um objeto estático no tempo e no espaço, ao final

desta etapa se não tivéssemos esgotado todas as questões, pelo menos estaríamos perto de compreender as respostas acessadas. Nesse campo não é assim, pessoas entram e saem o tempo todo e é preciso muita coerência para não tecer afirmações genéricas e similaridades vazias.

Observar um fenômeno móvel e flutuante como é a imigração de haitianos tem desses desafios, é preciso se movimentar também entre teorias e perspectivas para acompanhar a velocidade e a intensidade com que os acontecimentos se desenrolam: pessoas chegando, enquanto outras querem partir, legislação entrando em vigor, nascimentos de crianças brasileiras com pais e mães haitianos, velórios, casamentos, cerimônias festivas ou religiosas, uma infinidade de acontecimentos em trânsito acontecendo simultaneamente e que não passaram despercebidos sob o olhar da etnógrafa que há em mim. Fazer um recorte desse tecido gigante foi, sem dúvidas, a mais difícil tarefa.

Dessa empreitada, peço licença poética para, numa adaptação improvisada de Shakespeare, dizer que “há mais mistérios entre” a entrada, permanência e saída dos haitianos no Brasil “do que sonha a nossa vã filosofia”.

Num primeiro momento, lá em 2015, a barreira linguística era tão imensa que se formou uma fronteira intransponível por mim para acessar as “poesias, contos populares e narrativas poéticas haitianas” que eu me propunha a analisar a partir da história oral num exercício de memórias afetivas; ingressei no Mestrado com a proposta muito bem formulada de dar seguimento a essa malgrada empreitada, me voluntariei ao ensino de língua portuguesa para os imigrantes na perspectiva de acessar esses contos, mas as mulheres haitianas estavam lá, tão visíveis e marcantes, mas ao mesmo tempo tão invisibilizadas que era emergente captar aquelas trajetórias; agora, enfim, pude voltar meu olhar para as manifestações culturais haitianas no Brasil e perceber que essas narrativas (músicas, poesias, pinturas, projetos sociais...) importam e significam, mas mais importantes e significantes são as trajetórias percorridas pelos próprios narradores, os protagonismos exercidos por eles, as dificuldades superadas, as reformulações.

Diante disso, durante a nossa atuação em campo, tencionamos praticar o exercício de ver os haitianos que estão ou estiveram no Brasil em suas próprias heterogeneidades. Avançamos para além das fronteiras do senso comum que

os engessa e nos permitimos olhar para eles em suas trajetórias como seres dotados de agência com objetivos e metas particulares que influem direta ou indiretamente nas conquistas coletivas. Isso, sem deixar de perceber que o fenômeno é político e cultural, a despeito de que mesmo capazes de agir por si mesmos e traçar metas individuais, essas ações são possíveis apenas dentro do quadro de possibilidades e códigos acessados política e culturalmente.

A partir das trajetórias que acessamos, trabalhamos na intenção de traçar linhas mais ou menos fluidas em torno de um perfil pouco observado pelos estudos precedentes sobre imigração haitiana para o Brasil, o perfil de haitianos que exercem protagonismos culturais no Brasil e, muito além de buscar apenas trabalho, vieram em busca de divulgação e estabelecimento para os seus trabalhos artístico-culturais.

Essas linhas que delimitam o perfil observado são fluidas no sentido de que, ao olhar para as trajetórias dos nossos interlocutores artistas, percebemos que alguns deles estavam cursando nível superior de ensino no Brasil em cursos de graduação ou pós-graduação; enveredados por esse caminho percebemos também uma quantidade expressiva de outros haitianos que ocupam esses espaços de formação superior no Brasil; diante disso, não esteve ao nosso alcance traçar blocos fixos e estabelecer limites sobre onde começa e onde termina essa linha tênue que os unem ao mesmo tempo em que os distingue.

Como estávamos diretamente interessados nas trajetórias de vida e de mobilidade dos nossos interlocutores, a partir delas investigamos os caminhos acessados por eles para integração e inserção no Brasil. Perfazendo as rotas e pistas teóricas deixadas pelos trabalhos que nos antecedem, constatamos em campo que os nossos interlocutores se organizam a partir de redes de integração e sociabilidade formadas e mantidas por eles mesmos em formatos variados, tanto na criação de associações quanto na formação de grupos mais ou menos informais regidos por suporte mútuo que visam maximizar os ganhos e diminuir as perdas nesse contexto de mobilidade.

Outrossim, é notória como estratégia de integração e inserção adotada pelos nossos interlocutores a prática de lecionar línguas para os brasileiros, sobretudo, a língua francesa e a língua inglesa, bem como a atuação como tradutores *freelancer* de documentos oficiais que não precisam de tradução

juramentada, como é o caso dos resumos para trabalhos científicos⁶³. Com isso, conquistam cada vez mais espaço em seus locais de residência.

Observamos nesse íterim que há uma centralidade emblemática nas temáticas abordadas tanto nos trabalhos artísticos quanto nos trabalhos científicos dos haitianos que estão no Brasil, a saber, o Haiti em sua pluralidade. Ao nosso olhar, parece propósito coletivo, mais ou menos consciente, que o Haiti seja percebido como múltiplo e não apenas como singular. Para além de explorar o sonoro, o belo e o agradável, esses autores também colocam sob tensão a ideia de exótico e desconhecido para achar lugar num panorama crítico e social.

Ademais, esta Tese é um diálogo com deferentes linguagens. Em campo, notadamente, outras linguagens para além da linguagem verbal foram acionadas e colocadas em funcionamento. Nesse contexto, constatamos que o Haiti está presente no Brasil sob diversas manifestações; nos sabores dos pratos haitianos que são vendidos por eles nos restaurantes; no som das músicas criadas e cantadas por eles nos shows particulares em ascensão; nas liturgias místico-religiosas; no som do *krèyol* que é falado quando eles estão em grupos; nas telas artísticas expostas nos muros, galerias e *shoppings*; nos TCCs, Dissertações e Teses escritas por/sobre eles, enfim. E, seguindo nessa linha de interpretação, o Brasil também se faz presente no Haiti, para além das formas oficiais, nas remessas do salário e dos saberes conquistado no Brasil e compartilhados para o Haiti, nas fotografias compartilhadas e, sobretudo, na saudade dos entes queridos.

Os nossos principais resultados apontam para a direção de que as realizações dos projetos individuais do perfil focalizado nesta Tese estão associadas às conquistas coletivas, como por exemplo, acesso à educação superior no nível de graduação e pós-graduação, moradia própria e saneamento básico no caso específico do projeto social desenvolvido por Jac-Ssone Alerte e aumento da qualidade de vida dos familiares a partir do envio de remessas físicas e simbólicas.

Destarte, os nossos interlocutores não mais se encaixam nas definições teóricas de imigrante convencional. Uma vez que atuam e interferem no contexto

⁶³ Destacamos aqui que o próprio resumo desta Tese foi traduzido por esses referidos profissionais.

político-econômico-social tanto do Haiti, quanto do país de residência (ou trânsito para muitos deles que vão do Brasil para outros países antes de retornar ao Haiti), nos os analisamos e interpretamos antropológicamente sob o olhar da transmigração.

Quanto ao tempo de duração da passagem ou permanência no Brasil, os interlocutores desta Tese não são meros passageiros, os projetos idealizados e imaginados por eles demandam tempo e persistência. Por conseguinte, concluir uma graduação ou pós-graduação; preparar, criar e colocar em atividade uma banda; organizar exposições de sucesso; escrever livros, enfim; são atividades que não é possível realizar estando apenas de passagem, é preciso fazer parte para ser reconhecido como parte do grupo a que se destinam o produto final desses empreendimentos.

No tocante as considerações do parágrafo anterior, embora tenhamos encontrado em campo muitos interlocutores cujos projetos imaginados obtiveram êxito ou estão próximos disso (acompanhá-los por um tempo relativamente longo permitiu a satisfação de ver cada etapa sendo concluída e ser, em vários momentos convidada também para os rituais de passagem, tais como casamento, sepultamento e formatura); isso não significa que a totalidade deles alcançaram os resultados almejados com tamanha linearidade e culminância. Lamentamos o fato de termos acompanhado muitas trajetórias sendo encerradas pelo falecimento dos imigrantes e, por esse motivo, há nesta Tese um tópico inteiro sobre os rituais de passagem entre a vida e a morte, *in memoriam* dos interlocutores que partiram e não lerão o resultado final da pesquisa.

Ademais, não é apenas a passagem para a morte que interfere no curso e finitude dos projetos dos nossos interlocutores, a própria vida é permeada de intempestividades capazes de alterar o curso de toda uma trajetória. E foi nesse campo intempestivo e desafortunado que surgiu a pandemia mundial de coronavírus, remanejando rotas inteiras, readaptando trajetórias, ceifando uns e adoecendo outros.

E cá estamos nós, o jornal ligado no noticiário, como trilha sonora em plano de fundo, comunicando o aumento vertiginoso dos óbitos e novos casos confirmados para o coronavírus.... Enquanto escrevo o último parágrafo desta

Tese, é impossível não deixar cair uma lágrima espessa e cheia de significados,
in memoriam dos que partiram e em louvor dos que ainda estão por aqui!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011 [2009], 213 p.

ALEXIS, Jacques Stéphen. *Prolégomènes à un manifeste du réalisme merveilleux des Haïtiens*. Dérives. Montréal, n.12, 1970. p.245-271. Do realismo maravilhoso dos haitianos. Tradução: Zilá Bernd (UFRGS).

ALFARO, Yolanda. *Una nunca vuelve al mismo lugar". El retorno en la trayectoria de vida de migrantes altamente cualificadas*. In: Los rostros de la migración cualificada: estudios interseccionales en América Latina. PEDONE, Claudia et al. (orgs.), 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

ALLASIA, Antonella Delmonte. MÁS ALLÁ DEL "MIGRANTE CALIFICADO" Tensiones entre el trabajo no calificado y la formación educativa superior. In: Los rostros de la migración cualificada: estudios interseccionales en América Latina. PEDONE, Claudia et al. (orgs.), 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. Identidade e projeto de imigrantes brasileiros/as na França. Trabalho apresentado no XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Poços de Caldas/MG – Brasil, de 25 a 28 de setembro de 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos Plurais, Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo, Sueli Carneiro / Pólen, 2019.

BLACKING, John. *Música, cultura e experiência*. Tradução: André-Kees de Moraes Schouten. Cadernos de campo (São Paulo, online) n. 16, p. 201-218. USP, 2007

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BERNARD, Rebecca. Imigração haitiana no Brasil: Considerações a partir do relato de experiência de uma pesquisadora haitiana. In: *Brasil e Haiti: Racismo, Ciência, lutas históricas e dramas atuais* [recurso eletrônico]. PADILHA, Letícia; MARQUES, Pâmela Marconatto (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOAS, Franz. Raça e progresso, 1931. _____. *Antropologia cultural*, v. 2. *Antropologia cultural*. Zahar, 2005.

BOELLSTORFF, Tom; NARDI, Bonnie; PEARCE, Celia; TAYLOR, T.L. *Ethnography and Virtual Worlds: a Handbook of Method*. Princeton University: New Jersey, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOYER, F. Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de Bankilaré: la pauvreté désavouée. Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien, n.8, p.47-67, 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Debolsillo, 2012.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.

CARVALHO, José Jorge de; SEGATO, Rita Laura. *Sistemas abertos e territórios fechados: para uma nova compreensão das interfaces entre música e identidades sociais*. Conselho Internacional para a Música Tradicional e a Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, dezembro de 1990.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo. Paz e Terra: 1999.

CÉSAR, Itamar Ferreira. *Heróis do Brasil no Haiti*. Rio de Janeiro: edição do autor, 2017.

COGO, Denise. *Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais*. Chasqui N. 125, março 2014.

COGO, Denise. *Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração*. *Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração*. Revista Novos Olhares - Vol.4 N.1, 2015.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Aletranje - a pertinência da família na ampliação do espaço social transnacional haitiano: o Brasil como uma nova baz*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA), UNIR: Porto Velho, RO, 2019.

_____; PIMENTEL, Marília Lima. *Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè1: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil*. Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 12, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2014.

COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; JORDÃO, Roziane da Silva; FURTADO, Maquizeia Suzane. *A pandemia da covid-19 e os desafios e perspectivas para a mobilidade de haitianos e venezuelanos em Rondônia*. In: Estudos transdisciplinares em regiões de fronteira: migração, violência e direitos humanos em tempos de pandemia/Francilene dos Santos Rodrigues... [et al.]. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2020.

_____, Marília Lima Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro; JORDÃO, Roziane da Silva. *Imigrantes internacionais no estado de Rondônia e a pandemia da covid-19*. In: impactos da Pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil. Rosana Baeninger [et al.]. – Campinas, SP: NEPO, Unicamp, 2020.

DEL VECCHIO DE LIMA, Myrian; ROSENDON, Andrea; ÁVILA, Otávio Cezarini. *Aspectos da representação dos imigrantes haitianos no Jornal Gazeta do Povo, de Curitiba/PR*. In Texto (UFRGS. Online), p. 51, 2016.

DOMENICONI, Joice de Oliveira Santos. *Migrações qualificadas*. Campinas, Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”- Nepo/Unicamp, 2021.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1968. (Tradução de José Laurênio de Melo).

_____, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Duval (coord). *Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”*. Parceria entre CMig, Oim, vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (TEM),. Fevereiro de 2014. Disponível em:
https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwixspDd1aDuAhWbLLkGHWImBcEQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fobs.org.br%2Fcooperacao%2Fdownload%2F34_7a099729afe2d4aaf109503e6daf3908&usg=AOvVaw3rlXVX9noi048swjBaISWo . Acesso em 16 de janeiro de 2021.

FIRMIN, Anténor, *De l'égalité des races humaines*, Lib. Cotillon, Paris, 1885.

FRAZER, Sir James George. **O ramo de ouro**. Tradução Waltensir Dutra; Zahar Editores, 1982.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005

GAVAZZO, Natalia. Música y danza como espacios de participación de los jóvenes hijos de migrantes bolivianos y paraguayos en buenos aires (argentina). *Revista del Museo de Anropologia, Córdoba*, v. 9, n. 1, p.83-94, jun. 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC: (1973) 2008.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade e etc*; tradução de Mariano Ferreira. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOYATÁ, Júlia Vilaça. *Haiti Popular: saberes antropológicos e artísticos em circulação (1940-1950)*. Tese de Doutorado, sob orientação da Dra. Fernanda Arêas Peixoto, apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 2019.

GUIMARÃES, Maristela Abadia. *O “eu” confronta o “outro”: o que (re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e redes sociais digitais*. 428 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017.

HANDERSON, Joseph. *Vaudou en Haiti Candomblé au Brésil: identités iulturelles et systèmes religieuses comme conceptions du monde afro-latine-americaine..* 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

_____, Joseph. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. Orientador: Dr. Federico Guillermo Neiburg.

HINE, Cristine. *Etnografía virtual*. Tradução do inglês de Crtuen P. Hormazabal para versão em espanhol. Barcelona: Ed. UOC, 2004. (Coleção Nuevas Tecnologías y Sociedad).

JACQUES, Nadège. *Equidade de Gênero nos Serviços de Saúde no Haiti*. orient. Stela Nazareth Meneghel. -2015. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Porto Alegre. BR. RS, 2015.

JEAN BAPTISTE, Marc Donald. *O Haiti está aqui: uma análise da compreensão dos imigrantes haitianos sobre a política social no Brasil*. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social)- Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2018.

JESUS, Alex Dias de; GOETTERT, Jones Dari. *Redes da migração haitiana no mato grosso do sul*. ENANPEGE. Geografia, Ciência e Política: do pensamento à ação da ação ao pensamento. Porto Alegre, 12-15 de outubro de 2017.

CHARLES, Charlot Jn. *O haitiano e a procura do lugar na diáspora para a Amazônia: língua, religião e representações*. Dissertação de Mestrado apresentada à Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO: 2020.Orientador(a): Prof. Dr. Josué da Costa Silva.

JORDÃO, Roziane da Silva. *Narrativas Orais Populares dos imigrantes haitianos residentes em Porto Velho: depoimentos que sobrevivem aos escombros*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Letras da Faculdade Metropolitana de Porto Velho, sob orientação da Profa. Ma. Maria da Graça Martins. Porto Velho, 2015.

_____, Roziane da Silva. *A Mulher Haitiana em Porto Velho, Rondônia: imigração e gênero*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, sob orientação da Profa. Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba. Porto Velho, 2017.

_____, Roziane da Silva; SILVA, Sidney Antônio da. *Coronavírus e interdição da mobilidade em tempos de crise: impactos da Covid-19 para os projetos migratórios de haitianos no Brasil*. Cadernos de Campo (São Paulo, online) | vol.29, (suplemento), p.75-84. USP, 2020.

JOSEPH, Handerson. Prólogo. In: MEJÍA, Rosa Gaviria (Org.). *Migrações e direitos humanos: problemática socioambiental*. 207p. Lajeado : Ed. da Univates, 2018.

KLUCKHOHN, Florance R. *O Método de “Observação Participante” no Estudo de Pequenas Comunidades*. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v2, n5, p. 29-38, julho de 2018. ISSN 2526-4702.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. 2012;

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. A imigração Haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2017. Supervisor/Orientador: Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger

MA MUNG, E. *Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: "penser de l'intérieur" les phénomènes de mobilité*. In: Dureau, F. & Hily, M. A. (dirs). *Les mondes de la mobilité*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009, pp. 25-38.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Anténor Firmin: o legado antirracista do emblemático jurista e antropólogo haitiano. In: *Brasil e Haiti: Racismo, Ciência, lutas históricas e dramas atuais* [recurso eletrônico]. PADILHA, Letícia; MARQUES, Pâmela Marconatto (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.
Disponível em: <http://www.editorafi.org>

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTINARD, Melanie Veronique Leger. *Pran Wout La: dinâmicas da mobilidade e das redes haitianas*. Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, no Museu Nacional, da UFRJ, sob orientação do Dr. Federico Guillermo Neiburg. Rio de Janeiro, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude AFRO-BRASILEIRA: PERSPECTIVAS E DIFICULDADES*. Revista de Antropologia, (33), 1990.

NEIBURG, Federico (org.). 2019. *Conversas etnográficas haitianas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens. 344 pp

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PEIRANO, Mariza. Os antropólogos e suas linhagens. Relume-Dumará: Rio de Janeiro, 1995.

_____. *A favor da etnografia*. Série Antropologia 130: Brasília, 1992.

PEDONE, Claudia. *Seis años después de la Beca Prometeo (Ecuador). Análisis longitudinal de la migración cualificada venezolana en América del Sur*. In: Los rostros de la migración cualificada: estudios interseccionales en América Latina. PEDONE, Claudia et al. (orgs.), 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

PINHEIRO, Maria Lúcia Prestes. *Discursos: marcas de dialogismo e alteridade em sujeitos autores no facebook – faces de identidade*. Porto Velho, Rondônia, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Beltrão Macieira .

PROSPERE, Renel. *A Educação Ambiental em tempos de crise: desafios e propostas após a catástrofe haitiana*. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande -Mestrado em Educação Ambiental.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RICHMAN, Karen. *Migration and Vodou*. Florida: *University Press of Florida*, 2005.

ROQUE, Eliane Delamar. *A morte e seus trânsitos*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva. Manaus, 2020;

SAMORA, Daniela Teresa. *Um recorte do discurso midiático sobre o processo de imigração Haitiana na Amazônia: uma análise das regularidades discursivas*. Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Fundação Universidade Federal de Rondônia-UNIR, 110 f. Porto Velho, 2015.

SANTOS, Caetano Maschio. *Ayisyen kite lakay (Haitianos deixam suas casas): um estudo etnomusicológico do musicar de artistas imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes.Porto. Orientador: Reginaldo Gil Braga. Porto Alegre, RS, 2018

SAYAD, Abdelmalek. *O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante*. In: Travessia Revista do Migrante. Publicação do CEM- Ano XII, número especial, janeiro/2000.

SCHILLER, N. G., BASCH, L., & BLANC, C. S. (2019). De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. *Cadernos CERU*, 30(1), 349-394. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158717>

_____, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-S ZANTON, Cristina. *Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration*. Nova York: Annals New York Academy Of Sciences, 1992.

_____; FOURON, Georges Eugene. *“Laços de Sangue”: os fundamentos raciais do Estado-nação transnacional*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça (org.). *Identities*. São Paulo: Ucitec, 2000.

SEGUY, Franck. *Globalização neoliberal e lutas populares no Haiti: crítica à modernidade, sociedade civil e movimentos sociais no estado de crise social haitiano*. 2009. 219p. Dissertação de Mestrado em Serviço Social- Universidade Federal do Pernambuco, CCSA:2009.

_____. *A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti*. Tese. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de Doutorado em Sociologia. 2014.

_____. *A catástrofe de janeiro de 2010, a "Internacional Comunitária" e a recolonização do Haiti*. 2014. 389 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281247>>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

_____. (2012). O som do silêncio: sobre interditos e não ditos nos arquivos quando o tema é escravidão ou escorre para o racismo. *Cadernos AEL*, 17(29). Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2597>

SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade*. In. *Estudos Avançados*. v. 20, nº 57, 2006. pp. 157-170.

_____. Aqui começa o Brasil. Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In. SILVA, Sidney Antonio da. (Org). *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. Manaus: Fapeam, 2012.

_____. *Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil*. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1, p.99-117, jan./abr. 2017

_____. *Fronteira Amazônica: Passagem Obrigatória para Haitianos?* REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 119-134, jan./jun. 2015

_____. *Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole*. Editora Hucitec, 2003.

SCHWARTZMAN, Luisa Farah; SCHWARTZMAN, Simon. *Migrations des personnes hautement qualifiées au Brésil: De L'isolement à l'insertion internationale?* In: Sciences humaines et sociales, 2015.

STAUDT, Taíse. *Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil*. Trabalho de conclusão de curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado. Chapecó, 2018.

STRARHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*; André Villalobos, tradutor. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

THORNTON, Sara. *O que é um Artista? Nos bastidores da Arte Contemporânea com Ai Weiwei, Marina Abramović, Jeff Koons, Maurizio Cattelan e outros*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu*. Tradução Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *The odd and the ordinary: Haiti, the Caribbean and the world*. Cimarrón, v.2, n. 3, 1990, pp. 3-12.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, SP : 2010.

ZELAYA, Silvia Cristina. *Da invisibilidade ao protagonismo: uma etnografia em espaços de luta, participação e criação de políticas públicas para imigrantes e refugiados no Brasil*. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2017. Orientadora: Denise Fagundes Jardim.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS, PROJETOS ARTÍSTICOS E PROTAGONISMOS CULTURAIS DE HAITIANOS NO BRASIL

Pesquisadora: Roziane da Silva Jordão

Orientador: Sidney Antônio da Silva

Co-orientadora: Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Amazonas – Doutorado em Antropologia Social

Contato: (69) 9 99148179/ rozianejordao@gmail.com

Local da coleta de dados: Brasil

Olá!

Temos a honra de convidá-lo(a) para participar desta pesquisa antropológica. Caso aceite nosso convite, sua participação será a de responder perguntas elaboradas em questionário aberto ou semiestruturado, bem como participar de entrevistas informais com a autora que serão gravadas em áudio de forma totalmente voluntária. Abaixo constam informações detalhadas sobre o objetivo e finalidade do estudo. A pesquisadora se coloca a disposição para responder todas as suas dúvidas antes de você tomar a decisão de participar ou não desta pesquisa. E mesmo que tenha aceitado participar da pesquisa, caso desista durante o processo de coleta de dados, informe a pesquisadora e interromperemos o processo de entrevistas e formulários, desde que solicitado.

Objetivo principal da pesquisa: analisar trajetórias de imigrantes haitianos que se fazem representar como artistas ou que exercem protagonismos culturais no Brasil.

Objetivos mais específicos: dialogar sobre a criação artístico-cultural desses imigrantes, bem como verificar os desafios enfrentados nas ações de protagonismos culturais durante o processo de inserção desses imigrantes nos mais variados espaços sociais brasileiros.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento de um questionário, gravação de áudio, filmagem ou captação de imagem, ou

perguntas verbais. Você deve ser informado(a) pelo pesquisador. Pedimos sua autorização para observação e registro.

Benefícios. A pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento do questionário ou a resposta das perguntas não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você. Caso se sinta constrangido com alguma pergunta elaborada pela pesquisadora, avise e imediatamente interrompemos o procedimento.

Sigilo. Salvo quando se tratar de identificação referente ao trabalho artístico autoral, as informações coletadas referentes às suas trajetórias terão sua privacidade garantida mediante o uso de nomes fictícios na narrativa final que será elaborada pela pesquisadora responsável, sob pena da lei se violada, a menos que você expressamente autorize e queira ser identificado.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Local e data

Assinatura do participante

Roziane da Silva Jordão

Pesquisadora responsável

Sidney da Silva

Orientador

APÊNDICE 2: Questionário Semiestruturado para coleta⁶⁴ de dados

TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS, PROJETOS ARTÍSTICOS E PROTAGONISMOS CULTURAIS DE HAITIANOS NO BRASIL

Os dados coletados neste formulário serão utilizados em uma Tese Científica de Doutorado em antropologia Social. Portanto, responda às perguntas da forma mais realística possível.

1.Qual é o seu nome? Ou seu nome artístico, caso prefira ser chamado assim.

2.Você nasceu em que lugar do Haiti?

3.Qual é a sua idade?

4.Você é adepto de alguma religião?

() Sim. Sou evangélico.

() Sim. Sou católico.

() Sim. Pratico o Vodou haitiano.

() Outros

Outro: _____

5.Qual é o nome da igreja?

6.Você está no Brasil desde quando?

7.Qual é o seu estado civil?

() solteiro(a)

⁶⁴ via Formulários do Google

https://docs.google.com/forms/u/2/d/1lx9Vhfc7NCIZObJISpG_089al...

☐ casado(a)

☐ Outro: _____

8.A sua/seu esposa(o) é brasileira ou haitiana?

9.Você tem filhos(as)? Quantos? Eles moram aqui com você ou moram com outra pessoa?

10.Qual é o seu sexo

☐ masculino

☐ feminino

☐ outro

11.Em que cidade você mora atualmente?

12.Você já morou em outras cidades do Brasil? Quais cidades?

13.Qual é o seu nível de escolaridade?

☐ Nível médio completo incompleto.

☐ Nível médio completo.

☐ Graduação incompleta

☐ Graduação completa

☐ Pós-graduação mestrado

☐ Pós-graduação Doutorado

☐ Outro: _____

14.Em quais instituições de Ensino você cursou o nível superior de ensino?
Qual/ quais curso você fez?

15.Qual é a sua profissão de formação?

16.Você trabalha na mesma profissão para a qual se formou ou não? Por que?

17.Antes de vir para o Brasil, além do Haiti, você já morou em outros países?
Se sim, quais países você já morou?

18.Por que você decidiu vir para o Brasil? Você recebeu apoio de alguém para vir ao Brasil ou não? Comente sobre isso...

19.Quando você chegou aqui... Quais foram os seus principais desafios de imediato?

20.Agora, quais são os seus principais desafios?

21.Você conseguiu realizar algumas coisas importantes no Brasil, certo? Quais foram suas principais conquistas?

22.Há algo que você pretende realizar aqui no Brasil, mas ainda não aconteceu?

23.Você participa de alguma associação de haitianos no Brasil? Qual é o nome dessa associação?

24.Ser associado pode te ajudar de que maneira?

25. Se você foi selecionado para participar dessa pesquisa é porque você exerce algum protagonismo cultural, intelectual ou até mesmo de empreendedorismo... Comente sobre esses projetos:

26. Você tem foto representativa de suas atividades culturais ou intelectuais ou de empreendedorismo? Eu poderia utilizar essa foto em minha tese? Se sim envie:

Arquivos enviados:

27. Você é empreendedor ou gostaria de montar algum micronegócio no Brasil?

☐ Sim. Eu já iniciei um empreendimento no Brasil. Sou idealizador de um micronegócio.

☐ Não. Eu não tenho projetos para empreender no Brasil.

☐ Eu tenho projetos, mas ainda não pude colocar em prática

☐

Outro: _____

28. Caso sua resposta anterior tenha sido afirmativa. Qual é a sua área de negócio? Comente sobre a situação atual do seu empreendimento.

29. Você exerce que tipo de protagonismo aqui no Brasil?

☐ Eu sou cantor, compositor e/ou músico.

☐ Eu sou artista plástico.

☐ Eu sou estudante de pós-graduação.

☐ Eu sou empreendedor.

Outro: _____

30. Você já voltou ao Haiti depois que veio para o Brasil? Se sim, comente essa experiência.

31.Sobre o retorno para o Haiti:

☐ Pretendo retornar para o meu país assim que eu conseguir conquistar meus objetivos aqui.

☐ Eu vim para o Brasil e pretendo ficar aqui definitivamente, porque aqui eu tenho muitas conquistas importantes.

☐ O Brasil é apenas uma passagem, pretendo ir para outros países antes de voltar para o Haiti.

☐ Outro: _____

32.Qual/quais suas principais fontes de renda?

33.Sobre o seu salário:

☐ Eu não tenho nenhum salário fixo no momento, porque estou desempregado.

☐ Eu recebo um salário mensal e utilizo para custear minhas despesas pessoais.

☐ Custeio minhas despesas e, se sobrar um pouco, eu invisto no Haiti.

☐ Custeio minhas despesas e, se sobrar um pouco, eu invisto aqui no Brasil.

☐ Outro: _____

34.Você envia dinheiro para manter/ajudar algum familiar que ficou no Haiti

☐ Sim. Eu envio parte do meu salário para o Haiti.

☐ Não. Eu não envio parte do meu salário para o Haiti.

☐ Talvez. Eu gostaria de enviar algo para meus familiares, mas não recebo o suficiente para isso.

☐
Outro: _____

35.Você tem projetos de mudar para outros países? Quais países?

36.Você já foi vítima de discriminação racial no Brasil?

- ☐ Sim. Eu já fui vítima, mas não denunciei o abuso.
- ☐ Sim. Eu já fui vítima e, inclusive, denunciei o abuso.
- ☐ Não. Eu nunca fui vítima de preconceito racial.

☐ Outro: _____

37. Se a sua resposta para a questão anterior foi sim. Você gostaria de relatar de forma anônima sobre isso?

38. Você quer falar sobre algo que eu não perguntei ainda? O que você quer falar?

39. Gostaria de fazer algum questionamento ou sugestão sobre esta pesquisa?

40. Obrigada por me ajudar com a minha pesquisa!!! Eu posso utilizar as suas respostas para analisar na tese?

- ☐ Sim, você pode utilizar as repostas mas não cite o meu nome.
- ☐ Sim, você pode usar as respostas e pode citar o meu nome.
- ☐ Não, você não pode usar essas repostas em sua tese.

APÊNDICE 3: Excertos do diário de campo

Manaus, Amazonas, 25 de julho de 2018

*Parte da mídia brasileira, em vários contextos, é tão mesquinha e sem noção. Um artista haitiano (lindo, talentoso, dono de uma voz incrível...) sobe ao palco do The Voice e usa nada menos que três línguas para se comunicar em sua apresentação (música em inglês, agradecimentos em francês e interação com a banca em português), ou seja, o cara é F*** (!!!) capaz de falar sobre uma porção de coisas incríveis, e o que a banca pergunta para ele em rede nacional??? O que???*

A primeira coisa, depois de saber que Guipson veio do Haiti e que está no Brasil desde 2013, perguntam sobre o Terremoto, o fatídico Terremoto. Ah, me poupe, se poupe, nos poupe!!! Queriam ver o moço chorar, não aceitam o cantor sem tirar lágrimas oprimidas da vítima, querem extrair uma vítima chorosa para comover a plateia sensacionalista.... Asco disso, quanta indelicadeza! Mas Guipson é tão profissional que não perdeu a postura. Arrasou literalmente em todos os sentidos! Voz incrível.

Manaus, Amazonas, 07 de outubro de 2018

Desde que comecei a pensar sobre a mobilidade internacional haitiana para o Brasil, o Haiti já passou por momentos muito difíceis, tais como o terremoto de 2010, o Furacão Matthew em 2017 e hoje, há poucas horas, acaba de enfrentar mais um terremoto... É difícil manter o distanciamento necessário! Estou com o coração apertado, a minha áurea está repleta dor, os amigos haitianos que conquistei ao longo da pesquisa pedem orações e suplicam para que a natureza dê uma trégua ao Haiti!

Aqui dentro do meu coração tá tudo tão embaraçado...

As primeiras notícias sobre o ocorrido mais uma vez se apropriam da técnica de reprodução dos estereótipos, as páginas sensacionalistas adjetivam a dor alheia o máximo possível para conquistar os leitores ávidos do sangue das feridas negras...

E todo o meu arsenal de teorias ocidentais mesclado às minhas vivências de mundo se mostram tão mesquinhos e rasos diante de tudo que vejo. Queria não sentir, mas eu sinto e dói muito.



Força_Haiti

Porto Velho, Rondônia, 06 de setembro de 2019

Imagem 45: A autora em seu escritório num momento de escrita antropológica. No plano de fundo, canto superior direito, recortes e colagens autorais inspiradas nas obras do artista plástico haitiano Dady Simon



Fonte: arquivo pessoal.

Para mim, dentro das minhas vivências e nos espaços aos quais eu estou circunscrita, no momento de tomar uma decisão importante ser adulta não é o suficiente... E ser uma mulher adulta deveria ser mais do que suficiente para dar prerrogativas de liberdade para tomada de decisões. A vida me ensinou, às duras penas, que os espaços que escolhi para mim não estão socialmente acessíveis e nem foram criados para o meu perfil, é preciso que eu conquiste cada centímetro desse espaço negado. E ao ocupar meu lugar, eu o ocupo com toda a amplitude do meu ser! Do meu ser em construção e desconstrução... Para sair do meu lar de infância, precisei acessar como ferramenta emancipatória o casamento civil. Felizmente, um casamento útil tanto social quanto é útil afetivamente. Depois, fui manejando outras "ferramentas", trabalho diurno x estudo noturno, enfim... Nesse meio termo a maternidade! Condição que restringe e liberta, amplia e limita, mas não estou escrevendo sobre isso, não primariamente.

O relato de hoje é sobre ter autonomia para tomar uma decisão.

Nos últimos meses do ano estive apreensiva com a possibilidade de ir ao Haiti participar de uma missão de pesquisa por um período de 4-6 meses, no máximo 1 ano. Foi um ano de expectativas boas, vibrei bastante com cada resquício que apontava ser possível a realização de um sonho antigo. Afinal, tenho trabalhado para isso nos últimos sete anos! Estava tudo certo, tudo combinado para a ida (ao menos informalmente)...No início do mês que passou recebi a resposta definitiva de que NÃO seria possível eu ir (nada de novidade nesse cenário restritivo que vivemos para a educação e para a pesquisa).

Não escrevi esse texto porque não deu certo a ida para o Haiti, escrevi esse texto para liberar um sentimento de impotência que vivi durante o momento de comunicar minha decisão de estudar fora para os familiares e amigos. Essa situação vivida me despertou para o fato de que, mesmo que o Brasil não fosse- estivesse politicamente contra a pesquisa, ainda assim eu não poderia, não sem romper relações importantes (ou pelo menos ferir o ego) com e de pessoas que amo sobremaneira.

Quando falava para alguém que talvez eu fosse para o Haiti, tinha que responder perguntas que jamais teria que responder se eu fosse, o meu esposo, por exemplo! Tipo "mas e as crianças? O que você vai fazer com eles?"; "Mas para o Haiti? Tem certeza que é um lugar seguro para mulheres?"; "Bom, e o seu marido? Ele concorda com isso?"; "A bolsa vale a pena?" (...) essas são as que me lembro. Teve algumas pessoas que me apoiaram, poucas, pouquíssimas, dá pra contar nos dedos. A maioria da minha rede de apoio achou absurda a ideia. Outra parte, nem sequer queria me ouvir falar sobre o assunto.

"Você não faria isso comigo! Sei que se eu disser pra você não ir você não vai, mesmo sabendo que tem o direito de ir... Eu me preocupo com você e por você!" Essas foram as palavras de uma das pessoas que mais amo na vida, minha mãe.

Ela sempre exerce sobre mim uma influência significativa, mas eu me questiono quais são os motivos que a fazem pensar assim. Ela tem razão, aos montes! Elenca inúmeros casos de mulheres que foram abandonadas, aviltadas, ultrajadas quando ousaram ir e vir livremente. Eu não quero virar estatística, nenhuma de nós queremos.

Queremos ser a exceção da regra.

Ivan, como sempre foi meu principal incentivador, meu ombro amigo nesse momento de impotência. Prometeu ir comigo até o fim do mundo caso preciso, ficaria também se não houvesse outra forma...

Encontrar nele esse apoio é bom, ainda mais tendo consciência de que muitas outras mulheres são sufocadas em relacionamentos amorosos abusivos. Seria melhor ainda se todas as pessoas tivessem igualdade de condições em situações de decisão como essa.

"Você não teria coragem de levar seus filhos para tão longe, a troco de nada. Eles não têm culpa de ser filhos de uma aventureira (...) Até porque deixar está fora de cogitação né?"

Diante das pressões, percebi que é estrutural nas instituições sociais (família, principalmente) a ideia de um macho provedor e uma fêmea provida e subserviente. Tudo que escapa desse padrão é posto à prova, é desacreditado...

As pressões foram tantas que quando recebi a confirmação de que eu NÃO poderia ir por questões burocráticas, fiquei mais aliviada, na verdade, do que frustrada.

Sei que estou à frente do meu tempo, em um futuro próximo espero que ser mulher, ser mãe e ser casada não se configure empecilho para nada. São responsabilidades que assumimos para manejar e não algemas simbólicas.

Tenho provado pra mim mesma todos os dias que ser mãe não me impede de realizar pesquisa de qualidade. Ser esposa não me impede de realizar pesquisa de qualidade. Ser filha... Ser mulher!

APÊNDICE 4: Receitas da culinária haitiana acessadas em campo

Tabela 3: Preparando *Pikliz*

	Conforme me advertiram as interlocutoras haitianas, selecionar bem o repolho, as cebolas roxas, as pimentas e as cenouras é elementar. Sendo de suma importância que os legumes e verduras estejam frescos e com uma aparência saudável.
O <i>Pikliz</i> é uma salada típica composta de repolho picado em fatias bem finas, cenoura ralada, cebola roxa em fatias, e pimenta malagueta bem picante. Essa salada é essencial como acompanhamento de assados e frituras, tais como a <i>bannan pèze</i> e o <i>fritay</i>.	
Ingredientes • 2 xícaras de cenouras raladas; • 1 colher de sopa de azeite; • 1 cebola picadinha; • 4 xícaras de folhas de repolho picadas; • 1 colher rasa de chá de sal; • 1 colher de chá de pimenta em pó; • 1 dente de alho amassado; • 5 pimentas picantes frescas, cortadas ao meio e um pimentão verde; • Vinagre branco ou limão.	Modo de preparar Rale, ou corte em fatias bem finas, o repolho, a cebola e a cenoura e pique o pimentão. Misture, em um recipiente separado, o azeite e o vinagre ou limão, o alho e as pimentas. Em seguida despeje essa mistura à salada e deixe marinar por várias horas, ou mesmo durante a noite para servir no dia seguinte.

Fonte: elaboração própria com imagens de arquivo pessoal, acervo da pesquisa.

Imagem 46: Receita do confiture.



Fonte: Print screen de postagem realizada em minha página no Facebook.

Imagem 47: Partilha de confiture com o Dr. Handerson Joseph



Fonte: imagem capturada pelas lentes da jornalista e repórter da TV Rondônia, Iule Vargas.

Tabela 4: *Bannan pèze ou bannan fri, em dez passos*

	Primeiro passo: Lave a banana e retire as pontas com uma faca Segundo passo: coloque óleo para aquecer em uma panela funda. Óleo suficiente para cobrir as porções
Terceiro passo: retire a casca da banana com auxílio de uma faca de mesa. Conforme, minhas interlocutoras apontam, os movimentos devem ser delicados para garantir que a casca fique inteira. Reserve a casca.	
	Quarto passo: corte a banana em pedaços médios (cada banana grande rende quatro pedaços mais ou menos).
Quinto passo: Frite a banana em óleo quente até dourar levemente. Sexto passo: retire a banana do óleo.	

	Sétimo passo: Com auxílio da casca, amasse a banana frita e forme "bolinhos'.
Oitavo passo: Passe os bolinhos no tempero. Água, sal e alho amassados, adicione pimenta, se preferir picante. Nono passo: Frite a banana novamente em óleo quente até dourar.	
	Décimo passo: Retire a banana do óleo e coloque sobre papel absorvente. Sirva em seguida. Para uma melhor experiência gustativa, use o pikliz como acompanhamento.

Fonte: elaboração própria com imagens de arquivo pessoal

Tabela 5: Kremas

	Ingredientes do Kremas: 1 lata de leite fervido; 2 latas de leite condensado; 1 lata de leite de coco; 1 colher de chá de noz-moscada ralada; 1 colher de chá de canela; 1 colher de chá de extrato de estrela de anis; 1 colher de chá de extrato de amêndoa; 1 colher de chá de extrato de baunilha; 1 colher de chá de suco de limão; 1 xícara de rum (de preferência Barbancourt).
Modo de preparo Em um recipiente grande, adicione o leite e o leite condensado; leite de coco e misture bem. Em seguida, adicione baunilha, amêndoa, estrela de anis, canela e noz-moscada à mistura. A próxima etapa é adicionar o suco de limão à mistura para engrossar levemente; por fim, deve ser inserido e dissolvido o rum escuro na mistura; deixando descansar por alguns minutos. Depois despejar a mistura em garrafas. Para uma maior consistência, a bebida pode ser armazenada na geladeira por uns dois dias antes do consumo. De acordo com os interlocutores, algumas pessoas usam ferver o leite já misturado com o anis estrelado para extrair a essência com mais facilidade.	 Jules Joseph Eu quero Tenho mais de 5 anos desde que não achei isso Amei · Responder · 31 sem 1  Roziane Jordão Jules Joseph, eu não conhecia ainda. Um amigo haitiano faz por encomenda aqui em Porto Velho! Gostei bastante do sabor. Curtir · Responder · 31 sem 1  Roziane Jordão  1

Fonte: elaboração própria com imagens de arquivo pessoal, acervo da pesquisa e print screen de postagem pública no Facebook.

Entre outras coisas, conhecemos também em campo o prato típico Tchaka, que é basicamente, uma refeição salgada com grãos de feijão preto e milho, cuja imagem capturada em campo segue abaixo representada.

Imagem 48: O *Tchaka* haitiano



Fonte: acervo da pesquisa

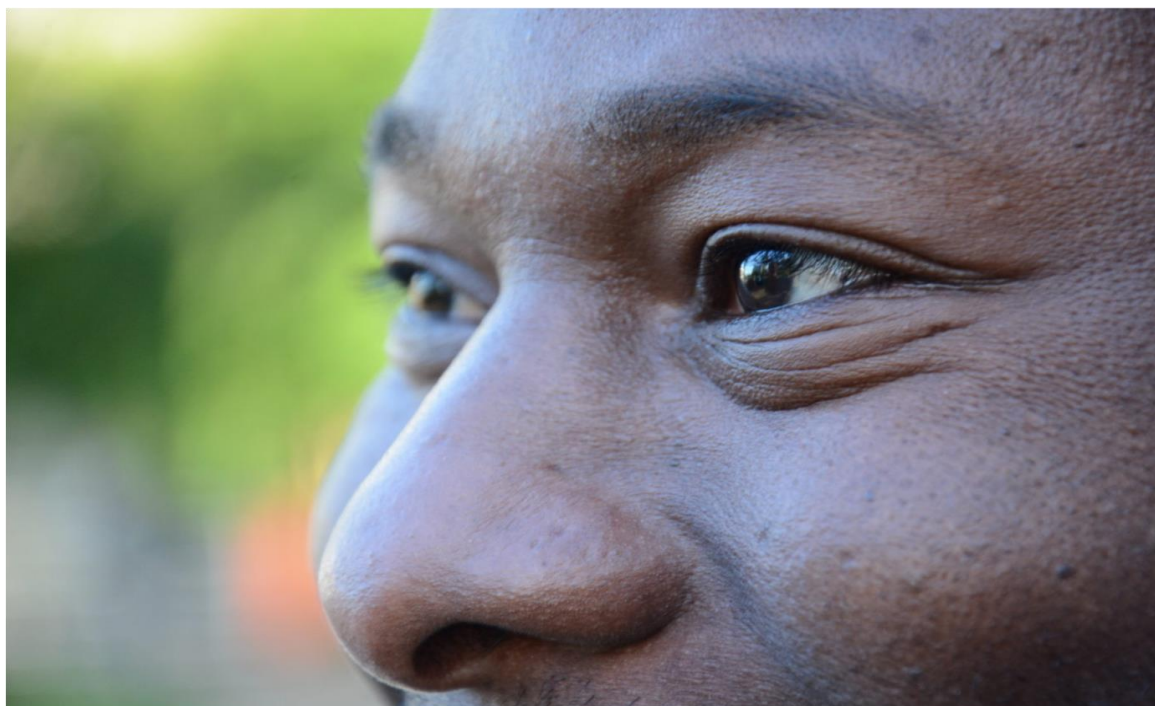
ANEXOS

ANEXO A: ENTREVISTA COM ALIX GEORGES

Entrevista com Alix Georges - Receba a Matinal News:
<https://matinal.news/entrevista-com-alix-georges/>

Entrevista com Alix Georges

Dezembro 13, 2019



Parêntese saiu em busca de um haitiano que nos explicasse de perto o que está acontecendo naquele país de tanta história. Foi lá, por exemplo, que ocorreu uma das primeiras rebeliões massivas de escravizados, como um alerta para os escravagistas e um alento para os que lutavam pela igualdade e a liberdade. Lá ocorreu uma independência socialmente inédita, com expulsão dos colonizadores e a tomada do poder por ex-escravos. Foi lá também que se

instalou uma Missão da ONU, liderada pelo Exército brasileiro, por catorze anos – período em que, por motivos diversos, se destacaram muitos dos generais que hoje ocupam cargos importantes no governo federal. Uma conversa com Gabrielle Toson, jornalista e professora de Francês que fez estágio de um semestre na Martinica, vizinha do Haiti, nos levou a Alix Georges.

A conversa foi feita por whatsapp, entre 31 de outubro e 6 de novembro. Esse meio de conversas impõe uma série de restrições, mas por outro lado tem grande agilidade e, mediante mensagens gravadas, torna a interlocução confortável, na medida em que oferece aos que estão envolvidos ingressarem nela, para perguntar ou responder, apenas em hora de sua conveniência. Se há algum truncamento e postergação, coisas que uma entrevista cara a cara evita, há por outro lado o aspecto portátil e ajustado ao horário de cada um. Coisa nova, que talvez aponte para um dos futuros da entrevista, essa modalidade tão interessante de texto.

Alix é poliglota, e seu português é fluente e muito competente. Casado aqui no Brasil, teve filho há pouco tempo, o que lhe impõe restrições severas de disponibilidade. Mas produziu respostas como as que se verá a seguir, de grande qualidade e profundidade. É um cidadão do mundo, interessado em esclarecimento. Aqui se verá quanto.

– *Luis Augusto Fischer*

para reproduzir um tanto do calor da conversa ao vivo. Sempre que aparecerem colchetes, [], o editor resolveu acrescentar algum esclarecimento que julgou interessante para o leitor. As fotos que ilustram a entrevista, de Carlos Edler, foram feitas depois da conversa via whatsapp, num encontro ao vivo.

Parêntese – Tudo bem, Alix? Eu pensei em fazer as perguntas aqui, eu gravando a voz e tu respondendo, pode ser uma por uma e aí a gente vai conversando. A ideia geral é fazer uma entrevista pra saber do Haiti atual. Mas queremos saber antes de ti, da tua vida. Eu vi uma página tua no Facebook em que a tua preocupação é falar de coisas boas do Haiti (“O que a mídia não mostra do Haiti”), em vez de ficar falando só das dificuldades e das tragédias, e me pareceu muito legal. Queria saber um pouco da tua vinda pra cá. Então: qual a tua história pessoal, tua formação escolar? E e da tua vinda pra cá: quando

foi e por que que foi e se tu estudaste aqui (não sei se chegaste a fazer curso superior)?

Alix Georges – Eu tenho 37 anos, fiz colégio no Haiti e fiz faculdade de Engenharia de Computação no Brasil. Sou engenheiro de computação e agora estou trabalhando em uma das grandes empresas de tecnologia do Brasil que fica num grande centro tecnológico do país, no Tecnopucrs.

Parêntese – Como foi a tua adaptação no Brasil?

Alix Georges – A minha adaptação eu diria que foi tranquila porque eu cheguei para estudar numa universidade privada, que tinha uma estrutura muito boa para nos receber, então foi um privilégio, foi uma coisa única. Eu diria que aconteceu só conosco, chegamos 12 haitianos, e tinha casa, comida, roupa lavada, isto tudo de graça. E a gente conseguiu estudar e se formar e agora estamos no mercado de trabalho. Eu diria que foi uma adaptação bem tranquila. Eu sou casado com uma brasileira, uma gaúcha, e agora recém temos um bebê.

P – A terceira pergunta é a respeito da situação atual do Haiti. Aqui no Brasil a gente acompanha muito pouco, o noticiário internacional é muito ruim, em geral, no Brasil, e o Haiti só aparece como um lugar em que está havendo problema. Mas há uma série de aspectos que tem a ver diretamente conosco., como participação do exército brasileiro lá durante um longo tempo, numa missão da ONU. O que está acontecendo lá? Tu tens parentes, amigos, lá?

AG – Então, o que está acontecendo no Haiti? Está acontecendo protesto, um protesto que começou em setembro de 2017. Estão pedindo a renúncia imediata do atual presidente (Jovenel Moïse). Deixa eu te contar um pouco o cenário pra você poder se situar. Esse presidente foi eleito democraticamente, depois que ele foi apresentado pelo ex-presidente que estava no poder, Michel Martelly, um ex-cantor que virou presidente. Então, ele apresentou esse candidato como aquele que poderia substituí-lo. Com esse apoio, ele conseguiu se eleger. Ele é da direita lá do Haiti, e desde que se elegeu, lógico, a oposição sempre foi meio hostil em relação a ele. A partir de 2017, com um ano e meio de mandato, começou a haver muitos protestos pedindo que ele renunciasse. Esses protestos são organizados por vários setores do Haiti, tem a oposição da esquerda, da centro-esquerda, está tendo

uma grande proporção de estudantes que se coloca contra ele, e tem ultimamente a Igreja Católica também. E tem também o setor privado – no Haiti, quando se fala em setor privado se fala em burguesia, no caso as pessoas mais ricas do Haiti, os grandes empresários, e eles também estão pedindo a renúncia dele. E tem os artistas também, os haitianos cantores, tem grupo de cantores que se uniram ao povo pra pedir que ele simplesmente renuncie. Cada um desses setores apresenta a sua justificativa: o povo diz que se sentiu traído por ele, depois de um tempo se viu que nada disso aconteceu. Por outro lado, segundo o presidente, nas entrevistas e nos discursos dele, todos esses protestos estão acontecendo por causa de uma reforma que ele pretendia fazer, uma reforma na política do Haiti, que é marcado por muita corrupção, o sistema político haitiano é muito corrupto. Então ele começou a mexer em alguns aspectos muito importantes, por isso também ele está sofrendo todos esses protestos – segundo ele, né? Eu estou dizendo “segundo ele” porque eu só estou dando os dois lados da moeda. Dentro dessas reformas, tem algumas empresas privadas com contratos com o governo haitiano – por exemplo, a empresa de energia elétrica estava recebendo o valor de 12 milhões de dólares por mês do governo, e ele cortou esse contrato. E tem vários outros, este é só um exemplo. Tem vários outros, outras empresas, outros grandes empresários que perderam contratos milionários com o governo do Haiti, porque é uma corrupção generalizada, é uma forma em que muito dinheiro público vai para o setor privado, que por sua vez não faz nada praticamente. Então ele começou a mexer alguns pauzinhos pra mudar isso, e quando toca na corrupção e envolve muito dinheiro então isso acaba causando muito problema para ele. Então, o país está sofrendo uma onda de protestos, e é exatamente o que está acontecendo no Chile, mas com uma diferença que talvez seja o número de mortos, porque no Haiti tu não ouve falar em mortos. Eu não quero dizer que seja manifestação pacífica, mas eu acho que nos protestos tem mais pessoas mortas no Chile do que no Haiti.

P – Muito obrigado pelas respostas. Eu vou fazer mais algumas, tá? Quando tu vieste pra cá já tinha a presença do exército brasileiro lá? Essa presença teve alguma repercussão na vida cotidiana? Porque hoje em dia até isso virou, por outros motivos, uma coisa importante – naturalmente não quero

que tu te incomode com uma resposta dessas, que tu tenha qualquer problema. Vários dos generais que estão no governo federal agora, em importantes cargos, são pessoas que passaram por essas ações, por essa Missão da ONU, de forma que seria muito interessante ter o depoimento de um cidadão haitiano. Aliás, tu tem amigos lá agora?

AG – Bom dia, desculpa a demora pra responder, eu estou meio na correria, estou com um bebê de um mês e daí fica meio complicado, além de trabalho e outras coisas. Eu vou tentar responder brevemente. Bom, atualmente não tenho ninguém, todo mundo que se formou comigo ou ficou no Brasil, ou foi pra outros países, Estados Unidos, Canadá e tal. Não voltaram para o Haiti. Sim, teve a Missão de Paz da ONU, que ficou em torno de 15 anos no Haiti, com a missão de fortalecer as instituições haitianas mas, na prática, depois de 15 anos de dominação, essa missão só deixou o país mais enfraquecido ainda, mais frágil, e as instituições mais fracas, porque eles não investiram para fortalecer as instituições. Quando eu digo as instituições falo da polícia haitiana e da instituição judicial, principalmente no combate à corrupção, no combate ao crime organizado, à insegurança. Depois que eles foram embora se viu que nada disso aconteceu porque, na minha visão, o dinheiro que eles gastaram no Haiti foi de volta para os países que mandaram esse dinheiro. Como eu explico isso? 99% das pessoas que trabalharam nessa Missão eram estrangeiros, então essas pessoas não estavam lá de graça. O dinheiro que essa Missão se dispôs a gastar foi todo destinado a pagar os custos para manter esses 99% dessas pessoas estrangeiras que fizeram parte dela. 1% de haitianos foram contratados para trabalhar nessa missão; então, quando acabou, 99% das pessoas, os estrangeiros, foram embora, o que deixou o país mais enfraquecido ainda. Eles poderiam ter investido esse dinheiro trazendo alguns profissionais para formar os jovens haitianos, deveriam dar formação aos jovens haitianos, profissionalizar ainda mais a polícia, que aí sim não precisaria trazer polícia de fora para fazerem o trabalho que os haitianos poderiam fazer. Por isso foi um fracasso total, segundo a minha visão. E, também segundo eu penso, essa missão não foi para estabilizar nada, foi para alguma outra coisa que eu não sei qual é.

Eenvolver muito. Mas de certa forma sempre acaba acontecendo, eu me encontro em situações de ter que falar sobre essas questões. Como cidadão haitiano eu sempre vou falar o que realmente acontece, sem tomar partido nenhum. Eu não tenho nada com política, principalmente com o que está acontecendo agora no cenário internacional, inclusive no Brasil. Eu tento me distanciar cada vez mais da parte política, então tudo que eu vou falar é a minha visão como haitiano, como intelectual, como cidadão sobre o que aconteceu.

Primeiramente um pouco a história dessa Missão, como ela foi parar no Haiti. Essa Missão foi para o meu país em 2004, depois que o presidente da esquerda, Jean-Bertrand Aristide, foi eleito para governar o país – este já era o segundo mandato dele e ele era bem radical em relação à direita. Ele foi o primeiro presidente socialista haitiano eleito democraticamente e sempre teve uma posição muito radical em relação ao imperialismo norte-americano e europeu. Ele é um expadre católico que sempre teve, desde que era padre, essa posição radical. Então a primeira vez que ele se elegeu, em 1991, veio com um discurso de potencializar o povo, a democracia. Ele foi o primeiro presidente eleito democraticamente no Haiti e foi uma eleição histórica, porque ele apareceu como uma figura do povo mesmo, de alguém que veio do povo, da miséria do povo, e que queria aliviar o sofrimento do povo e diminuir um pouco a desigualdade social, trabalhando na questão do analfabetismo, que era bem forte no Haiti, enfim, essas questões, diminuir a pobreza, etc.

Ele sempre se opôs à elite haitiana. Tomou posse em fevereiro e em setembro foi deposto por um golpe militar. Foi exilado para os Estados Unidos. Depois de três anos de negociação e protestos e de muita criminalidade e repressão no Haiti, ele conseguiu retornar. Tinha perdido três anos do mandato e voltou para continuar um ano, porque no Haiti o mandato é de cinco anos. Depois, ele fez seu sucessor, René Préval, com a mesma visão de política, da esquerda, e este conseguiu completar os cinco anos. Não era tão radical quanto Aristide. Depois disso, Aristide voltou a ser candidato e se elegeu novamente em 2001, com o mesmo discurso contra a França, contra o Canadá, contra os Estados Unidos, contra o mundo ocidental que reprime os países mais pobres. Era o início do mandato também do Hugo Chávez, na Venezuela, e os dois tinham um discurso meio parecido. Ele tinha uma tese que era que a França

devia retribuir para o Haiti o dinheiro que foi pago na Independência do Haiti. Você sabe, quando o Haiti se tornou independente, depois de ganhar a luta da independência, a França cobrou um valor de aproximadamente 22 bilhões de dólares, em valor atualizado, de indenização. Depois da Guerra da Independência a gente teve que pagar esse valor para eles. Esse valor foi pago em 1826 para que a França reconhecesse a Independência. Então, quando Aristide voltou, em 2004, disse: “Já que vamos celebrar 200 anos de Independência (porque a independência foi em 1804), a França tem que devolver esse dinheiro vivo, que pegou da gente”. Começou a fazer até propaganda na tevê dessa ideia, para conscientizar todos os haitianos, para cobrarem da França esta dívida histórica. Outro detalhe é que, naquele início de 2000, as Nações Unidas, a ONU, reconheceu a escravidão como crime contra a humanidade. Então eles pediram para todos os países colonizadores que de certa forma retribuíssem, recuperassem os danos que causaram aos países colonizados. Dentre eles, Portugal se propôs a ajudar o Timor Leste, onde eles investiram na educação, assim como vários outros países tomaram atitudes nessa direção. Então o presidente haitiano pediu que a França... não precisaria devolver toda a riqueza que pegou do país, mas que esse valor bruto pago pelo reconhecimento da Independência fosse devolvido.

Desde este momento começou uma onda de protestos contra ele. Ele foi acusado de corrupção, de um monte de coisas, até que ele foi deposto novamente. Tinha um monte de gente contra ele, contra essa celebração dos duzentos anos da Independência. Na noite de 7 de fevereiro de 2004, e resolução das Nações Unidas, eles estabeleceram uma Missão de Estabilização no Haiti [sigla MINUSTAH], que deveria durar um mês. Depois desse mês, depois de tudo estabilizado, eles devolveriam o poder aos haitianos. Mas não foi isso que aconteceu, a Missão acabou ficando 15 anos no poder – essa missão saiu acho que este ano, né? No final do ano passado negociaram e saíram no início deste ano, mas deixaram outra missão meio reduzida [a Missão das Nações Unidas para o Apoio à Justiça no Haiti, sigla MINUSJUSTH). Foi por isso que quando cheguei no

Brasil eu me surpreendi vendo as pessoas falarem em “Missão da Paz”. Essa ideia, essa expressão “missão de paz” é o que eles venderam para o povo



brasileiro, mas para o povo haitiano eles falaram em “missão de estabilização”, para manter o país estável [depois da turbulência dos governos de Aristide]. E para ajudar a fortalecer as instituições e tal, o que acabou não acontecendo. A Minustah tinha gente de vários países, inicialmente comandada pelo Brasil.

Eu vou te falar uma coisa bem sincera, o Haiti não é um país violento, o povo haitiano em si não é violento, se pensar que o país tem uma polícia de 14 mil policiais, não tem exército e tem uma população de 11 milhões de habitantes. O Haiti é o país que está com taxa de violência mais baixa, eu diria, na América. Se você for comparar a taxa de violência, de segurança, em relação ao nosso vizinho, República Dominicana, você vai ver taxas muito mais elevadas. Nem se compara a Caracas, nem se compara ao Panamá, nem aos Estados Unidos e muito menos ao Brasil. O povo do Haiti é um povo da paz. O que dói no Haiti é a questão da miséria mesmo, as pessoas são muito pobres, e apesar da pobreza, o haitiano não é muito... Eu estou aqui no Brasil há 13 anos e eu vejo muitas coisas que acontecem no Brasil que só aqui é que acontecem, e não preciso entrar em detalhes.

Voltando ao tema político, o atual presidente do Haiti, que entrou há mais ou menos dois anos e meio, está querendo fazer uma reforma no sistema,

porque ele diz que esse está muito corrupto, o mesmo discurso político de antes. E ele começou a atacar os interesses de algumas pessoas poderosas, principalmente os grandes empresários, os mesmos empresários que o ajudaram a se eleger, porque ele é da direita, foi totalmente apoiado pelos grandes. E quando ele entrou, falou em cortar alguns contratos que o governo tem com os grandes empresários, que ele considera um absurdo. Então esses empresários se sentiram traídos por ele e todos viraram contra ele. E a população haitiana também, porque estava esperando que ele fizesse uma reforma muito mais rápida. Ele acabou se colocando numa situação em que o povo já não acredita mais nele – ele p

também a vida do povo, que são duas coisas inviáveis – ou você faz um, ou você faz outro, segundo a minha visão. Então esses dois lados se sentem traídos por ele, porque ele não conseguiu cumprir a parte de zerar a miséria no Haiti, e quer cortar contratos dos empresários, então isso o colocou numa situação bem delicada. O povo está pedindo para ele sair porque ele não cumpriu o que prometeu, falou que ia gerar mais distribuição de renda, gerar renda para os pobres; por outro lado os empresários estão pedindo para ele sair porque ele está querendo tirar a mamata deles. E agora ele está isolado. E a oposição política se aproveitou de tudo isso para pedir que ele renunciasse. Acho que é mais ou menos assim.

Ah, tem uma outra coisa importante que eu esqueci de te falar sobre esse governo, sobre os protestos também, que é o caso de um processo do Petrocaribe, que é um acordo entre o governo da Venezuela e os países do Caribe: o governo da Venezuela vende petróleo aos países a um preço favorável, e esses governos vendem o petróleo dentro do país e com o dinheiro podem investir em infraestrutura para seus países. Os governos iam devolver o dinheiro para a Venezuela a longo prazo. Mas esse dinheiro do Petrocaribe chegou no Haiti e sumiu. Sumiu no outro governo. (O atual governo é uma continuação do outro, da direita, o antigo músico.) Quando os estudantes, a juventude haitiana descobriu essa questão do Petrocaribe, então se levantaram todos contra o governo, pedindo uma explicação sobre o que foi feito com esse dinheiro. Eles não vão aceitar que os filhos deles tenham que pagar esse dinheiro para a Venezuela, quando foi roubado por um grupo de pessoas. Então

o Ministério da Fazenda do Haiti fez um relatório sobre a movimentação desse dinheiro, tem lá o nome de várias pessoas envolvidas no desvio desse dinheiro, inclusive o nome do atual presidente. Eu não estou aqui para te dizer se ele participou ou não, mas essa é uma das coisas que mais pesam contra ele, porque tem vários ministros dele cujos nomes foram citados. Então tem um lado, o dos jovens intelectuais e dos estudantes, que quer uma explicação formal, por isso estavam fazendo manifestações em todo país: todos querem que as pessoas que estão implicadas no desvio desse dinheiro sejam condenadas e devolvam esse dinheiro.

P – Muito obrigado pelas respostas, muito esclarecedor. Vou te propor só mais duas questões. Sobre o cotidiano atual lá: tu tens notícia de como está o cotidiano lá hoje em dia? Tem problema de abastecimento, de transporte, as pessoas têm dificuldades de viver a sua vida?

AG – Sobre o cotidiano, eu vou ser bem direto, vou falar a palavra certa: é caos total, está tudo parado, todas as produções, tudo parado mesmo, escola não funciona, as pessoas não podem ir nas atividades, tudo parado. E isso vai causar um problema humanitário muito grande, porque quando para a toda a produção nacional de um país, acontece uma consequência humanitária bem grave. Como o presidente haitiano tem olhado os Estados Unidos, ele já pediu para que os Estados Unidos deem uma ajuda com alimentos, para que seja distribuída comida para o povo haitiano. Eu acho péssimo, né? Eles deveriam trabalhar para essa crise acabar logo e investir na produção local. E mais um ponto: ele perdeu também a confiança de um outro grupo da população pela tomada de posição dele em relação à Venezuela. Explico: quando o Maduro se elegeu [na Venezuela, em 2013], vários países se posicionaram contra, não reconheceram o governo dele, e o governo do Haiti, não sei se por pressão, acho que para conservar a amizade com o Trump, com o governo americano, o Haiti também se posicionou contra Maduro, o que foi considerado como uma traição por vários setores da vida nacional. O Haiti sempre foi considerado um dos aliados fieis da Venezuela. Assim como a Venezuela, Cuba também sempre manteve uma relação de proximidade muito forte com o Haiti pela questão histórica. Não sei se você lembra quando, para começar a questão da revolução da libertação dos escravos na América, Simón Bolívar [1783-1830, o grande

líder das independências na América, nascido na Venezuela] foi ao Haiti pedir apoio psicológico, moral e financeiro, e o Haiti cedeu 500 homens. Foi quando a bandeira da Venezuela foi criada n

Haiti, com uma parte amarela em cima, que significaria a riqueza. E por toda essa questão histórica, o Haiti sempre teve uma relação diplomática muito forte com a Venezuela. E tem também Cuba e a questão com José Martí [intelectual de referência para a independência de Cuba, 1853-1895], que teve uma relação muito forte [com o Haiti] antes de começar a luta pela libertação da escravidão e pela independência da América Latina – eles se inspiraram na luta da independência do Haiti. Por todas essas questões quando eles viram que o governo do Haiti deu as costas para o governo da Venezuela, muitos intelectuais começaram a questionar o presidente, e ele acabou ficando numa situação bem complicada e não sei se ele vai resistir muito tempo.

Tomara que as decisões sejam favoráveis ao povo, porque sempre quem sofre é o povo.

P – A história do Haiti está bem presente no teu raciocínio, desde o tempo da independência. E ela faz parte da história da Independência do Brasil – quando houve a independência do Haiti, naquela revolução de 1803, os proprietários de escravos aqui no Brasil se mobilizaram de uma maneira muito forte pelo lado oposto, temendo que aqui houvesse uma rebelião parecida. E isso era dito explicitamente. Os conservadores daqui, os que queriam manter o Brasil como colônia, usavam o Haiti como exemplo negativo, como ameaça, vamos conceder alguma coisa porque senão pode acontecer uma revolução.

Mas eu queria perguntar ainda outra coisa, mais subjetiva. Tu disseste que tu e os teus colegas que se formaram juntos se dispersaram, uns ficaram aqui, outros foram pra outros lugares, Estados Unidos, Canadá e tal. Imagino que crescer no Haiti faz o sujeito ouvir falar muito de emigração, porque muita gente já saiu de lá, foi para outros lugares, conseguiu desenvolver a vida. Existe isso mesmo? As pessoas crescem ouvindo falar que várias gerações conheceram esse drama da emigração? E se existe isso mesmo, como é para um menino crescer ouvindo isso? Será que comigo também vai acontecer? Será que é uma coisa boa?

AG – Cara, essa pergunta é muito boa. Sim, existe sim a questão da emigração. Pra você ter uma noção, a escola do Haiti te forma pra você viver fora do país. Eu diria que é um neocolonialismo: desde que você entra na escola, você sabe que, se você quer se dar bem, você tem que sair fora do país. Isso desde criança. E é por isso que o haitiano que se forma na escola tem noção de vários idiomas. Nós haitianos falamos crioulo [créole: uma língua que se torna nativa, em determinada sociedade, mas que se origina de um pidgin, uma forma simplificada de uma língua que vem de fora, a língua do colonizador, como é o caso do francês no Haiti] em casa, na escola se aprende francês, que é uma língua internacional para você se comunicar, e você vai aprender também inglês, é obrigado a aprender inglês e espanhol. Na escola em si, você fala uma



língua e estuda outra língua, sabe? Então isso já constrói na cabeça das crianças... Você está no Haiti, você está aprendendo sobre a história da França, por exemplo, você está aprendendo a história de países que, muitas vezes, não têm nada a ver com o Haiti. E se você for ver, muitos haitianos sabem muito mais sobre o resto do mundo do que sobre o próprio Haiti. Então a cabeça do haitiano é construída para ele estudar no Haiti e ir se dar bem fora.

Se você ouvir o discurso entre os jovens haitianos, infelizmente eles não estudam para desenvolver o país. É por isso que se vê que quase 90% dos formados, dos haitianos intelectuais, haitianos com diploma, estão vivendo fora do país. Esse número, para ser específico, é de 84% – eles estão vivendo no Canadá, Estados Unidos, França e em outros países. Você é formado para ir servir outro país. Esse é um dos pontos da pobreza do Haiti – a pessoa é formada para ter um bom emprego lá nos Estados Unidos. Porque a escola do Haiti não forma a cabeça do haitiano para desenvolver o país. Isso explica essas coisas que estão acontecendo, esse momento que a gente está vivendo. Eu diria que o Haiti está vivendo uma explosão social, porque a população haitiana é, na sua maioria, jovem, e a maioria dos formados está vivendo fora do país. E os que não são formados, que não têm uma possibilidade de aprender como se desenvolver como pessoa, acabam ficando meio desorientados, eu diria, mal orientados pelos políticos. Os jovens estão sendo usados como instrumento para esses políticos se elegerem – os filhos dos políticos não vivem no Haiti. A família deles, se tu for ver, quase 100% dos políticos, a família deles está ou nos Estados Unidos, ou Canadá ou na França. O Haiti é uma fonte de riqueza para a elite política, para sustentar a família deles fora do país. E não só os políticos, também os grandes empresários não mantêm a família deles no país, os líderes religiosos. Chegou um ponto em que se o cara tem dinheiro suficiente para pagar escola e sustentar a família dele nos Estados Unidos, ele vai trabalhar no Haiti e sustentar a família dele lá fora, porque eles não veem o país como um país. O cara não se identifica de fato com o Haiti e por isso, infelizmente, quando você é formado no Haiti, as pessoas perguntam: por que você não vai para os Estados Unidos, por que você não vai para o Canadá? Porque lá eles precisam de gente. Até eu, até no próprio Brasil, eu tive oportunidade de trabalhar numa agência de imigração, que está ajudando brasileiro que está querendo ir morar no Canadá, fui professor deles, eu já tive muitos alunos de francês, e escuto isso todo dia: “Professor, por que você não vai morar no Canadá? Você é formado na área de tecnologia e Canadá quer pessoas na área de tecnologia, você fala francês, por que você não vai?” É muito bem colocada essa questão e é bem complicado ver isso. A escola do Haiti te forma para você sair do país, que é um pouco diferente do que eu vejo na universidade brasileira, onde as pesquisas são baseadas na realidade do Brasil

e muitos trabalham para achar a solução para desenvolver o país. Isso é uma grande diferença.

E eu diria que essa questão da emigração aparece mesmo desde o início. Já no início da independência do Haiti era a mesma coisa. Quando o Haiti se tornou independente, os grandes g J

era uma pessoa iletrada, ele não tinha o conhecimento ocidental, digamos, ele tinha mais conhecimento empírico, conhecimentos africanos. Foi o primeiro presidente do Haiti, foi o cara que conduziu a guerra da independência do Haiti. Depois, ele queria que todo mundo fosse livre e que se distribuísse a terra, todas as coisas, para os escravos libertados. Do outro lado, tinha um grupo no exército que eram os filhos de brancos misturados com escravos, que eram os privilegiados – eu não sei muito bem a palavra em português, mas em francês se chamava os “affranchis” [um tipo de liberto ou alforriado, no Brasil escravagista], os que nasceram livres por terem nascido de pai branco. Então muitos deles fizeram parte do exército haitiano, estudaram na França e ajudaram também na Independência do Haiti, mas queriam manter a escravidão, queriam manter a grande produção, as grandes plantações. E do outro lado tinha um grupo que era contra isso, por isso que começou a questão de direita e esquerda no Haiti. Começaram com essa questão do “vamos governar com o povo”, e os outros, “vamos governar só com os que são capazes”. Que é o mesmo discurso que continua até agora. Eu ouvi recentemente no Brasil: “Tem que dar o poder à meritocracia”, outros falam de democracia... Enfim, são essas questões que começaram há muito tempo, que estão sendo discutidas há muito tempo, desde o início da independência do Haiti.

A questão da emigração do Haiti começou bem forte a partir da invasão americana. Como você sabe, os Estados Unidos ocuparam o Haiti. A ocupação americana foi de 1915 até 1935 mais ou menos. Quando eles entraram, vieram com essa ideia de plantação de cana de açúcar em Cuba, na República Dominicana, mandaram os haitianos para trabalhar nos campos em Cuba e na República Dominicana, e as gerações passaram a reproduzir isso. Essa ocupação americana acabou deixando uma herança venenosa no Haiti, porque o exército foi treinado pelos americanos para reprimir o povo haitiano. A partir

do momento em que os militares americanos foram embora, deixaram o exército haitiano com a mente de reprimir, de manter o povo sob repressão. E depois governos militares começaram a fazer acordos com República Dominicana e Cuba para mandar haitianos para trabalhar nos campos de cana de açúcar como escravos. Eu estou falando umas coisas bem profundas, tomara que... [silêncio longo]

A imigração começa a tomar uma outra forma a partir dos anos 1960 com o Papa Doc [François Duvalier, dito Papa Doc, 1907-1971, médico e presidente do Haiti entre 1957 e 1964, em cujo governo prosperou uma milícia famosa, os “Tontons Macoutes”], quando ele pegou o poder e começou a perseguir os intelectuais – aí que começou a fuga dos cérebros. Tem até uma música que eu fiz sobre isso, Fuga dos cérebros. Os intelectuais haitianos foram todos para o Canadá, especialmente o Quebec, e por isso tem uma comunidade haitiana intelectual bem forte no Quebec. Muitos também foram para a França, outros para os Estados Unidos. Inclusive tem um haitiano que faz parte da Academia Francesa, que entrou agora há pouco, um haitiano que vive em Quebec [Dani Laferrière, romancista que trabalhava à noite como zelador no Quebec e ingressou na vetusta Academia Francesa em 2015, sendo o primeiro cidadão não-francês a realizar a proeza]. Então a parte da fuga de cérebros haitianos começou assim, com intelectuais sendo perseguidos, reprimidos. Eu acho que naquela época estava tendo também no Brasil o tropicalismo, essas questões [Alix se refere ao movimento de vanguarda dos anos 1960 no Brasil].

Então essa fuga de cérebros do Haiti começou nesses anos 60 e continuou. São coisas que estão sendo reproduzidas nas escolas, as pessoas pensam “Eu vou me formar para poder ir trabalhar no Canadá”, “Vou me formar para poder ir trabalhar nos Estados Unidos”. Isso faz também com que a cabeça do haitiano seja mais aberta, para viver em qualquer lugar do mundo, mas por outro lado o Haiti está perdendo um quadro muito importante que poderia ser usado para desenvolver o país.

Então eu acho que você deveria perguntar: “Por que você, Alix, não volta, já que você é consciente assim?” Então, sim, a minha ideia inicial era vir para o Brasil estudar, me formar e levar para o Haiti, ajudar o país, para levantar o país o tal. A ideia inicial era esta e tentei voltar em 2013, mas por questões familiares

estava muito complicado. Quando você é um no meio de um milhão, é difícil. Por isso que eu voltei para o Brasil, decidi permanecer no Brasil, fazendo a minha vida aqui, mas continuo contribuindo para o Haiti do jeito que eu posso, seja dando palestra, ajudando os jovens haitianos, dando conselhos e orientando do jeito que eu puder.

P – Alix, me ocorreu a possibilidade de a gente não te identificar na entrevista, não botar nome, nem foto. Digo isso porque vejo a tua cautela ao tratar de temas delicados, e é claro que é preciso respeitar essa posição. E claro que a gente vai divulgar a tua página do Facebook, que fala de coisas positivas do Haiti.

Alix – Não, não tem problema, porque tudo que eu falo é sempre a minha posição mesmo. A minha maior preocupação é não me meter na questão política do Brasil, aqui eu não falo nada sobre o Brasil, tudo o que eu falo é sobre o Haiti. Quem me conhece sabe exatamente a minha posição, então fica tranquilo, não tem problema de me identificar.

Queria ainda falar sobre as crises de hoje. Esta explosão social não acontece só no Haiti, acontece muito em países africanos onde o acesso à educação é limitado para os jovens. O que acaba acontecendo é que muitos jovens, muitas pessoas, a maioria da população quando jovem, os caras não têm recursos para saber o que fazer, aí ficam desesperados, e em muitos países africanos os governos encorajam os jovens a deixarem o país, para evitarem eventuais protestos. Tem até presidente que diz isso, que quando o cara é jovem o cara tem que deixar o país, porque pensam, “Daqui a pouco esses caras vão ficar aqui incomodando, fazendo protesto”, essas coisas. Porque quando o cara é jovem e vê que não está conseguindo fazer nada, já vai começar a cobrar dos políticos. Então eles encorajam os jovens a deixarem o país. Isso também acabou acontecendo no Haiti, os jovens acabam deixando o país, e muitos estavam vindo para o Brasil e para o Chile, para os países da América Latina. Mas quando eles descobrem que esses países da América Latina, principalmente Brasil e Chile, têm muitos problemas sociais, muitos jovens acabaram optando por voltar para o Haiti e começar a cobrar do governo para assumir as suas responsabilidades, para investir na educação para que este país seja um lugar digno para viver.



AG – Sim eu componho e canto. Tenho uma música minha que é “Fuga de Cérebros”, onde eu retrato a emigração haitiana para o Brasil. E eu tenho outras músicas também, se você quiser dar uma olhada na internet, pode ficar à vontade. Tem umas coisas bem legais também.

ANEXO B:
A ARTE DO RECOMEÇO

Imigrante vende quadros em Florianópolis para ajudar a família no Haiti

Elie expõe obras próprias, de amigos e de familiares em parques, calçadas e muros da cidade

10/07/2019 - 16h17 - Atualizada em: 11/07/2019 - 14h14
Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/imigrante-vende-quadros-em-florianopolis-para-ajudar-a-familia-no-haiti>

Por Ângela Bastos
angela.bastos@somosnsc.com.br



Artista Haitiano, Elie Alceo, sobrevive em Floripa com a arte através da venda dos quadros (Foto: *Diorgenes Pandini*)

O haitiano Elie Alceo, 39 anos, faz arte para se sustentar. Não só a ele, mas também para a esposa e as filhas com sete e dez anos que ficaram em Petit-Goâve, município costeiro a 70 quilômetros da capital Porto Príncipe. Desde que desembarcou em Florianópolis, no começo do ano, o imigrante tem estendido telas coloridas em parques, calçadas, muros. As pinturas em óleo e acrílico retratam o cotidiano do Haiti, como feiras livres, mercados, paisagens, religião.

Ainda que descreva um cenário de tragédia social e pessoal, o traço também significa resistência. Quem observa o trabalho encontra um quê de Pablo Picasso. Não pela valorização das cores, mas pela presença do estilo cubista. Pessoas e animais em formas geométricas povoam o trabalho de quem deu as primeiras pinceladas nos tempos de criança, mas só a partir dos 18 anos quando começou a estudar artes plásticas passou a desenvolver a técnica.

O artista diz que se inspirou no pai, também pintor e que mantém um pequeno atelier no Haiti.

— Lá está muito difícil para vender, pois todos são muito pobres. Eu ajudo trazendo algumas peças deles para vender por aqui – explica.

Elie mora numa quitinete no Morro da Caixa, área continental de Florianópolis. No lugar vivem outros imigrantes que dividem as incertezas sobre emprego e esperança de mandar ajuda para os familiares. É o que a venda das telas tem permitido a Elie. Uma vez por mês ele deposita dinheiro para a mulher, uma enfermeira que está desempregada.

— Não é muito. É o que dá – responde.

O pintor fala francês, crioulo e se empenha no português. Elie chegou ao Brasil em 2016. Estimulado por amigos e atraído por emprego foi para Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. Não demorou muito para que o lado artístico aflorasse. Coordenador da Comunidade Haitiana na cidade organizou com outro imigrante e apoio da prefeitura uma exposição com 65 telas feitas no Haiti. Na sequência vieram outros eventos onde expôs a produção própria.

Em Santa Catarina Elie participa de eventos relacionados aos imigrantes, como o Pedal Humanitário, em 29 de junho, que culminou com uma Feira Multicultural no Parque de Coqueiros. Ali ele montou um varal com as telas e fez

algumas vendas. Apesar das dificuldades para manter-se num país diferente, Elie diz que tem sido bem acolhido pelos brasileiros. Conta que tem recebido convites para expor em órgãos públicos e atualmente está com algumas peças num muro de uma escola junto ao Tribunal de Contas do Estado.



Artista Haitiano, Elie Alceo, sobrevive em Floripa com a arte através da venda dos quadros(Foto: Diorgenes Pandini)

Depois do terremoto, presença estrangeira estimulou o recomeço das pinturas

A pintura haitiana se tornou conhecida no mundo a partir de 1947, quando o pintor Hector Hyppolite expôs suas obras em Paris, além de levá-la também para museus de diferentes países. Hyppolite é uma espécie de Pelé das telas, uma referência para jovens artistas haitianos. O pai de Elie foi um desses influenciados e acabou por ensinar os filhos.

Mas em 2010 o terremoto catastrófico que atingiu o país fez com que as galerias ruíssem. Muitos artistas perderam ateliês. Por outro lado, a presença estrangeira para ajudar a reerguer o Haiti fez com que a arte escondida nos escombros despertasse o interesse de quem viajou para prestar ajuda

humanitária. Aos poucos, galerias tradicionais retomam as atividades, como faz o pai de Elie e alguns amigos.

Como são raros os compradores, Elie propôs ao pai, ao irmão e amigos também pintores que podia trazer algumas telas para vender no Brasil. Em dezembro ele deve retornar para ver a família e trazer novas telas, que custam entre R\$ 250 e R\$ 700.

Anexo C:**HAITIANO RETOMA SONHO DE SER CANTOR E LANÇA CLIPE COM
MÚSICA EM PORTUGUÊS EM JOINVILLE**

31/03/2019 - 15h37 - Atualizada em: 31/03/2019 - 18h08

Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/haitiano-retoma-sonho-de-ser-cantor-e-lanca-clipe-com-musica-em-portugues-em-joinville>

Por Patrícia Della Justina

patricia.justina@somosnsc.com.br



Jean Davidson Dorlus é apaixonado por música desde o nove anos de idade (Foto: *Salmo Duarte, A Notícia*)

Ele não chegou a conhecer o pai, mas, pelo o que contam, o dom artístico pode ter sido herdado de família.

- Dizem que ele era maestro de coral. Acho que o puxei um pouco - conta Jean Davidson Dorlus.

O jovem de 24 anos nasceu no Oeste do Haiti, em uma cidade chamada Fond Parisien. Em setembro de 2016 ele veio morar em Joinville junto à mãe e duas irmãs mais novas, no bairro Itaum. Uma terceira irmã ficou no Haiti. Dentre os três idiomas dominados por ele, agora está o português, fato que o motivou a lançar sua primeira música no idioma.

Desde cedo, aos nove anos, Jean se dedica à canção. Ao Hip-Hop, mais precisamente.

- Eu não sei o porquê de eu ter começado a gostar de música. Acho que até hoje não sei responder a essa pergunta - considera. Segundo ele, no Haiti o Rap é definido como movimento e, a partir disso, compõe diversos outros subgêneros, como o Hip-Hop e o Reggaeton, ritmos apreciados por Jean.

Lá ele passou por dois grupos de Hip-Hop. Quando chegou ao terceiro, chamado Energy Boys, Jean mudou-se de país, o que não foi empecilho para continuar trilhando seu sonho.

-Hoje somos quatro aqui. Todos vieram ao Brasil, apenas um ficou no Haiti - reforça.

A situação enfrentada no Haiti não era tão fácil. Jean e a família viviam bem até a morte do padrasto dele e pai das três irmãs. A instabilidade econômica obrigava a mãe a viajar a Cuba para tentar vender produtos. Diante deste cenário, não viram alternativas que não fosse a mudança. A mãe foi a primeira a desembarcar no Brasil, em 2014.

Foi necessário paciência e dedicação para dominar o português. Quando chegou às terras sul-americanas, Jean - ou David Lover, seu nome artístico - dedicou seis meses inteiros para entender e pronunciar corretamente as palavras. Tudo isso sozinho. Ele queria se aperfeiçoar antes de dar continuidade à carreira artística.

- Depois comecei a ir a Batalhas de Hip-Hop em Joinville - conta.

Em 2017, David participou de um festival de canção promovido por uma multinacional da cidade, onde ele atualmente trabalha. David conseguiu a segunda colocação.

- Esse dia foi grandioso para mim. As pessoas gostaram da minha apresentação - lembra.

Idioma era desafio a ser superado

Foi a nova realidade que o fez mudar de planos a respeito do que cantaria. O sonho inicial do haitiano era compor músicas em inglês, já que possuía mais domínio desse idioma comparado ao português.

- Eu pensei: eu consigo entrar no mercado americano. Mas aí pensei novamente e vi que o problema é que eu não estou nos Estados Unidos. Eu estou no Brasil - destaca.



O jovem sonha em seguir carreira no mundo da música(Foto: Salmo Duarte, A Notícia)

Mesmo sabendo que teria público para as canções em inglês, David abriu espaço a uma diferente perspectiva compatível à nova vivência no país: cantar no idioma local se tornara sua nova ambição.

- Acho que não deve ter muita gente que venha de fora e tenha conseguido fazer arte com a cultura daqui diretamente. E se realmente não tiver, por que não inventar? - questiona.

Foi a partir disso que David lançou neste mês seu primeiro clipe, intitulado “O que você quer”. As cenas foram gravadas em diversos pontos de Joinville, como a fachada no Centreventos Cau Hansen, no bairro América, e o Parque da Cidade, no Guanabara. O videoclipe foi dirigido por Maçaneiro e está disponível no YouTube.

Para ele, a música tem o poder de ultrapassar gerações, como ocorreu entre ele e seu pai. Música é sinônimo de força, já que o motiva a não desistir. Música é a inspiração que o faz levantar todos os dias. Música representa laços e cria parcerias.

- É o que te faz se sentir bem. É o que tem o poder para mudar seu humor - ressalta.

Agora, o que o haitiano espera ver é o salto em sua carreira. E o que espera ouvir? Que sua música transcenda as fronteiras latinas em idioma nacional.

Confira o videoclipe em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6ySMWV0vJKE>

Anexo D:**GUIPSON PIERRE NO THE VOICE BRASIL**

Guipson Pierre
PARTICIPANTE EM THE VOICE BRASIL
Disponível em: <https://gshow.globo.com/artistas/guipson-pierre/>



Natural do Haiti, Guipson Pierre deixou seu país após o grande terremoto de 2010. Quando veio para o Brasil, em 2013, deixou para trás o desejo de ser médico e passou a investir na carreira de cantor. Enquanto não realiza o sonho de viver de música, ele trabalha na produção de papelão em São Paulo.

HAITIANO DEIXA O PROGRAMA E REVELA QUE FINALMENTE TEVE A APROVAÇÃO DO PAI PARA CANTAR

Por Gshow — Rio de Janeiro

22/08/2018 16h06 Atualizado há 2 anos



'The Voice Brasil': Brown aplaude de pé batalha entre David Nascimento e Guipson Pierre. Foto:Isabella Pinheiro/Gshow

David Nascimento e **Guipson Pierre** arrancaram aplausos do técnico **Carlinhos Brown** após se apresentarem no ringue do The Voice Brasil. O clima de amizade entre os dois imperava ainda nos bastidores: entre risadas e trocando elogios, eles deixaram o primeiro ensaio.

David prometeu um bom número e brincou com o adversário:

“Esse cara é bom! Não queria pegar ele não”, brincou David sobre Guipson.

Sem mais "peguei" disponíveis, Brown escolheu seguir com David e Guipson deixou o programa. Nos agradecimentos, o haitiano revelou que finalmente recebeu a aprovação do pai para seguir na carreira artística.

